

DEUS E CHURCHILL

COMO OS PROPÓSITOS DIVINOS MARCARAM A VIDA DESSE GRANDE LÍDER E A HISTÓRIA

Jonathan Sandys
Bisneto de Sir Winston Churchill

Wallace Henley
Ex-funcionário da Casa Branca

novo século®

DEUS E CHURCHILL

COMO OS PROPÓSITOS DIVINOS MARCARAM A VIDA DESSE GRANDE LÍDER E A HISTÓRIA

Jonathan Sandys

Wallace Henley

Tradução: Tássia Carvalho

novo século®

SÃO PAULO, 2018

Deus e Churchill: como os propósitos divinos marcaram a vida desse grande líder e a História
God & Churchill
Originally published in English in the U.S.A. under the title: God & Churchill, by Jonathan Sandys & Wallace Henley
Copyright © 2015 by Jonathan Sandys & Wallace Henley
Portuguese edition © 2018 by Novo Século Editora e Distribuidora with permission of Tyndale House Publishers, Inc. All rights reserved.
Edição brasileira © 2018 by Novo Século Editora e Distribuidora com permissão de Tyndale House Publishers, Inc. Todos os direitos reservados.

Coordenação editorial: Rebeca Lacerda
Tradução: Tássia Carvalho
Preparação de texto: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Editorando Birô
Proj. gráfico e adaptação de capa: Jacob Paes
Imagem de capa: Yousuf Karsh©
Imagens de miolo: neftali / Shutterstock.com
Assistente de produção: Bruna Casaroti
Coordenação de eBook: Jacob Paes
Desenvolvimento de eBook: Loope Editora | www.loope.com.br

Editorial
Jacob Paes • João Paulo Putini • Nair Ferraz • Rebeca Lacerda • Renata de Mello do Vale • Vitor Donofrio

Aquisição: Renata de Mello do Vale

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sandys, Jonathan

Deus e Churchill: como os propósitos divinos marcaram a vida desse grande líder e a História / Jonathan Sandys e Wallace Henley ; tradução de Tássia Carvalho. Barueri, SP : Novo Século, 2018.

Título original: *God & Churchill*

ISBN: 9788542815351

1. Churchill, Winston, 1874-1965 - Religião 2. Primeiro ministro - Grã Bretanha - Biografia 3. Guerra Mundial, 1914-1918 - Aspectos religiosos I. Título II. Henley, Wallace III. Carvalho, Tássia

18 1955 CDD 941.084092

Índice para catálogo sistemático:
1. Primeiro ministro - Grã Bretanha - Biografia 941.084092



Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
cep 06455 000 – Alphaville Industrial, Barueri – sp – Brasil

Tel.: (11) 3699 7107 | Fax: (11) 3699 7323
www.gruponovoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

Soli Deo Gloria[1]

DE JONATHAN SANDYS

À minha querida esposa, Sara, sem cuja incansável ajuda e encorajamento durante o meu tempo de "*Black Dog*"[2] este projeto não seria possível.
Para o nosso lindo filho, Jesse, que, apesar de espernear e gritar durante todo o processo de edição, deu sorrisos e arrulhos que trouxeram humor e bem-vindo descanso.
Para *Sir* Martin Gilbert, biógrafo oficial do meu bisavô, cujo incrível trabalho sobre a vida de Churchill sempre me forneceu um mapa preciso e detalhado a seguir.

DE WALLACE HENLEY

Para Irene, depois de 53 anos, ainda princesa de ouro e parceira de destino.
Para a nossa família, dinâmica, envolvente, aventureira, sempre agitada e em constante expansão.
Aos pastores e professores que, há muitos anos, ajudaram-me a apreciar a história e a procurar a mão de Deus, guiando-a para Seu propósito.

Somente a Deus a glória. (N.T.)

Um *Black Dog* (cachorro preto) é uma entidade espectral ou demoníaca encontrada principalmente no folclore das Ilhas Britânicas. (N.T.)

SUMÁRIO

PREFÁCIO DE JAMES A. BAKER III

PREFÁCIO DE CAL THOMAS

INTRODUÇÃO

PARTE I: A EXTRAORDINÁRIA PREPARAÇÃO

1: Uma visão de propósito
2: Sobrevivendo aos caminhos perigosos do destino
3: Do Almirantado para as trincheiras

PARTE II: DESTINO

4: A visão de Hitler
5: Finalmente primeiro-ministro

PARTE III: SALVANDO A "CIVILIZAÇÃO CRISTÃ"

6: Churchill e o Sermão da Montanha
7: Preservando um "determinado estilo de vida"
8: Hitler e a "ciência pervertida"
9: Hitler e a corrupção da igreja
10: O nazismo e o desastre alemão
11: A urgente preocupação de Churchill – e a nossa

PARTE IV: ESPERANÇA PARA NOSSA ÉPOCA

12: Como Churchill manteve a calma e seguiu em frente
13: Churchill e a natureza da liderança
14: Ajuda e esperança para nossa época

AGRADECIMENTOS

SOBRE OS AUTORES

Mas tu sabes que é difícil, com pressões em todos os sentidos, acreditar ser invisível o poder deles de advertir que de fora eles vêm, que, de onde conseguimos avistar, não há direção, um desejo, mais próximo do que qualquer influência, movendo-se de dentro, levando-os a cumprir sua palavra.

George MacDonald, *Unspoken Sermons*
[*Sermões não pronunciados*]

PREFÁCIO

DE JAMES A. BAKER III

Em 22 de setembro de 2010, tive a honra de ministrar uma palestra no Westminster College, em Fulton, Missouri, onde 64 anos antes Winston Churchill proferiu o discurso "Cortina de Ferro", que tanto fez para definir a diplomacia americana na maior parte da segunda metade do século XX. A grande questão da época de Churchill se concentrou em como a Guerra Fria, bem como a sinistra corrida armamentista entre o Ocidente e o bloco comunista, terminaria.

Em Fulton, em 1946, Churchill relatou os perigos à frente. "De Stettin no Báltico a Trieste no Adriático, uma cortina de ferro desceu em todo o continente [europeu]", disse ele. Ao contemplar as novas ameaças militares e os regimes comunistas opressivos, Churchill lamentou: "certamente, essa não é a Europa liberta pela qual lutamos [durante a Segunda Guerra Mundial] para construir".

A história, como sabemos, costuma se repetir. Enquanto escrevo este prefácio em 2015, estamos novamente no precipício da crise em virtude de o terror internacional ameaçar a civilização. Mais uma vez nos perguntamos: *Como tudo isso vai acabar?* Conforme Jonathan Sandys e Wallace Henley detalham nestas páginas, temos muito a aprender com a liderança de Churchill naquele período caótico.

Como observei em meu discurso de Westminster em 2010, a Guerra Fria terminou – depois de 44 anos de tensão, estresse e aterrorizantes momentos na iminência de um desastre – com um gemido em vez da explosão nuclear que tantos temiam. Eu era adolescente em 1946, e não podia imaginar na época que eu estaria diretamente envolvido no processo que levou à resolução do conflito.

Quando as discussões entre o presidente George H. W. Bush – a quem, na época, servi como secretário de Estado –, o líder soviético Mikhail Gorbachev e o chanceler alemão Helmut Kohl concentraram-se nos acertos sobre a nova Alemanha unificada, houve discordâncias aparentemente intransponíveis, mesmo parecendo que um acordo estava bem próximo.

Anos depois, em setembro de 2009, relatei a situação para a revista alemã *Der Spiegel*. Contei a seus dois repórteres como Kohl, Bush e eu nos encontramos em Camp David[3] em fevereiro de 1990 para falar especificamente sobre a unificação alemã e as implicações para a Otan.

"A Alemanha não quer neutralidade de forma alguma", disse-nos o chanceler Kohl. "Uma Alemanha unida será um membro da Otan." Com isso, ele nos colocou um compromisso vinculativo.

A preocupação de muitos era que Gorbachev insistiria na neutralidade alemã, não querendo que a nova Alemanha se alinhasse com o Ocidente, principalmente em uma aliança militar. Já os britânicos e franceses estavam preocupados com a unificação da Alemanha Oriental (República Democrática Alemã, ou RDA) comunista com a Alemanha Ocidental livre, e a neutralidade poderia entravar as negociações. No entanto, desde o início, Gorbachev havia se empenhado

muito em não usar a força militar. Como a população da Alemanha Oriental não teria aceitado a sobrevivência da RDA, Gorbachev só poderia deter o curso dos acontecimentos pela força das armas. Dessa forma, restava-lhe pouca opção.

Quando relatei essa situação ao *Der Spiegel*, um dos entrevistadores disse: "Esse recuo dos soviéticos, que por décadas tentaram manter o Ocidente em xeque com guerras por procuração[4] e retórica afiada, mesmo agora parece um milagre".

Um milagre? Na mente do repórter provavelmente não ocorreram implicações espirituais ao escolher esse termo. No entanto, talvez tenha sido mais intuitivo do que imaginou. Recordei uma visita de Gorbachev à Casa Branca em maio de 1990. Estávamos na Sala do Gabinete quando ele reconheceu que qualquer país deveria ter o direito de escolher a aliança a qual quisesse se unir.

Quando ele disse isso, assim aconteceu.

Sentado ali, pensei: *Uau! O que parecia impossível tornou-se uma realidade com as palavras de Gorbachev.*

Embora Winston Churchill não estivesse vivo para vê-lo, ele não teria ficado surpreso que a Guerra Fria terminasse, como alguns considerariam, de forma milagrosa. Afinal, conforme Sandys e Henley observam neste livro, toda a vida e o destino de Churchill pareceram milagrosos. Ainda que não fosse um homem religioso, tinha um senso de propósito divino. Como você vai ler em *Deus e Churchill*, a própria sobrevivência dele às vezes foi nada menos que milagrosa. Da mesma forma, a sobrevivência da Grã-Bretanha durante a terrível Blitz[5] do verão de 1940 e a evacuação quase impossível em Dunquerque foram denominadas por alguns como milagrosas.

No entanto, seriam esses resultados maravilhosos consequências da intervenção divina? Os autores e eu deixamos a conclusão para o leitor. Entretanto, tal questão levanta a possibilidade da intervenção de Deus na história e na interação entre os reinos espiritual e material.

Houve um tempo em minha vida em que a espiritualidade não parecia necessária. Eu imaginava que um profissional de sucesso nunca admitia sentir dor ou enfrentar problemas. Então, passei por uma crise pessoal. Minha esposa, Susan, ajudou-me a orar e a entender que, na verdade, eu precisava parar de tentar ser Deus. Em vez disso, precisava entregar a Ele meus problemas.

Todos enfrentamos momentos de crise em que somos tentados a clamar ao Senhor, ou, na verdade, fazemos como Churchill em uma noite na África do Sul, quando se escondeu em uma vala enquanto estava sendo perseguido pelo inimigo. Como será lido, embora estivesse em conflito com a própria fé, ele orou sinceramente naquele momento pela ajuda de Deus.

Durante meus anos em Washington, a oração tornou-se uma importante parte da minha rotina. Às quartas-feiras me encontrava, para orar, com um pequeno grupo de sujeitos muito normais. No entanto, eles estavam em funções de poder e influência, como os defini em um discurso no National Prayer Breakfast em 1990. Meus parceiros de oração vinham dos dois principais partidos políticos e de diferentes tradições religiosas, mas todos compartilhamos uma ideia que vim a aceitar: segurança interior e realização verdadeira vêm pela fé, não por brandir poder em uma cidade onde o poder é rei. Tal realização e segurança interior surgem somente pelo desenvolvimento de uma relação pessoal com Deus, o que para mim se tornou possível por meio de Jesus Cristo.

Na verdade, três foram os motivos que me mantiveram com os pés no chão durante meus anos sob os holofotes nacionais: minha família, meus amigos e minha fé. Muitas pessoas

acreditam que a fé é mais difícil para aqueles que estão na vida pública. Pelo menos para mim, e aparentemente para Winston Churchill, acontecia o oposto: viver no turbilhão da política incentivava, e até exigia, evolução espiritual.

Concordo com as palavras de Lech Wałesa, o grande líder polonês que desempenhou um papel vital na ajuda para acabar com a Guerra Fria: “Cedo ou tarde teremos de voltar aos nossos valores fundamentais, voltar a Deus, à verdade, à verdade que está em Deus”.

Winston Churchill enxergou isso em sua época, e essa visão o impeliu à sua grande preocupação com o que repetidamente chamou de "civilização cristã". Espero que *Deus e Churchill* inspire tal perspectiva e premência em todos que o lerem.

James A. Baker III *foi chefe de gabinete da Casa Branca e secretário do Tesouro na gestão do presidente Ronald Reagan, chefe de gabinete da Casa Branca e secretário de Estado no governo do presidente George H. W. Bush. Ele é agora presidente honorário do James A. Baker III Institute for Public Policy at Rice University.*

Camp David é uma base militar e casa de campo localizada no Condado de Frederick (Maryland), que serve ao presidente dos Estados Unidos e a sua família, para descanso e mesmo trabalho. (N.T.)

Uma guerra por procuração (em inglês, *proxy war*) é um conflito armado no qual dois países se utilizam de terceiros – os proxies – como intermediários ou substitutos, de forma a não lutarem diretamente entre si. (N.T.)

A Blitz (relâmpago, em alemão) foi a campanha de bombardeamentos estratégicos realizada na Segunda Guerra Mundial pela Luftwaffe, a aviação alemã, contra o Reino Unido, entre setembro de 1940 e maio de 1941. (N.T.)

PREFÁCIO

DE CAL THOMAS

O que Winston Churchill fez?

Tanto o bisneto de Churchill, Jonathan Sandys, quanto Wallace Henley, um veterano da política, do jornalismo e da igreja, pesquisaram profundamente para encontrar as respostas menos exploradas a essa questão. De certa maneira, fornecem o que pode ser a primeira "biografia espiritual" de Winston Churchill.

A busca para entender a vida e os motivos daquelas pessoas que afetam nossos tempos geralmente depende de um antigo questionamento: as épocas fazem os homens, ou os homens fazem as épocas?

Certamente, a época em que Winston Churchill viveu e trabalhou teve muito a ver com a formação de sua imagem como um todo. Seu serviço na Primeira Guerra Mundial como comandante de batalhão – depois que saiu da liderança do Almirantado de uma maneira que alguns considerariam constrangedora – mostrou sua coragem e seu compromisso com o dever. E Churchill, claro, foi indispensável para a Grã-Bretanha e para a vitória da América na Segunda Guerra Mundial.

Pelo padrão que ele estabeleceu, desde então todos os líderes políticos têm sido meros pigmeus, com a possível exceção de Margaret Thatcher e Ronald Reagan. No entanto, até eles empalidecem sob a sombra de Churchill. Mais ninguém consegue alcançá-lo devido a visão, liderança e determinação que teve.

Churchill nos lembra de Babe Ruth, o fantástico jogador de beisebol do século XX. Babe não só foi um grande arremessador, mas também fez muitos *home runs*[6]. Também Churchill, como Sandys e Henley nos lembram, experimentou muitos fracassos, mas a história se recorda dele principalmente pelos fantásticos sucessos. Churchill não apenas fez história; também a moldou à sua vontade, incorporando até hoje a definição clássica de um líder.

Churchill teve muitos inimigos contemporâneos, e ainda há aqueles na Grã-Bretanha que acreditam que ele era muito prepotente e que muitas de suas ideias foram mal concebidas. Ainda assim, com feitos tão memoráveis, essas vozes recebem pouca atenção fora de círculos acadêmicos ou de críticos cujas filosofias são desencorajadas pelas crenças de Churchill.

Memorável é uma palavra digna de Churchill. Sua premonição, ainda adolescente, sobre o futuro papel de liderança que assumiria na nação e suas experiências e os relacionamentos precoces seriam parte do que o preparou para a missão de sua vida. Quando se tornou primeiro-ministro, em 10 de maio de 1940, declarou ser esse o destino para o qual sua vida anterior fora a base.

Quanto aos relacionamentos, Churchill teve uma formação muito inferior à ideal. Seu pai, lorde Randolph, o rejeitou e não lhe deu amor, mas críticas; sua mãe, Jennie, o apoiou, mas estava frequentemente envolvida com uma série de homens. Churchill tinha porte pequeno e muitas vezes foi objeto de *bullying*, porém superou tudo por meio da intensidade do seu ego, força de vontade e persistência.

Tais dificuldades moldaram em Churchill a atitude que um dia o faria expressar:

> Nunca desistir, nunca desistir, nunca, nunca, nunca – em nada, seja grande ou pequeno, importante ou irrelevante –, nunca desistir a não ser diante das convicções da honra e do bom senso. Nunca ceder à força; nunca ceder ao aparente poder excepcional do inimigo.

No entanto, quem colocou essa moral de aço em seu coração e em sua coluna vertebral? Se seus pais não foram guias espirituais fortes e éticos, quem deu a Churchill tais princípios? Embora ele não tivesse pais comprometidos, houve um relacionamento muito pouco considerado e sobre o qual quase não se escreveu. Elizabeth Everest, a jovem babá de Winston, muito mais que uma simples cuidadora, foi uma mentora espiritual cuja fé simples e resoluta ancoraria um menino que poderia ser um encrenqueiro e uma decepção para os professores. A influência dela seria permanente.

Um dos excelentes serviços que Sandys e Henley nos prestaram foi destacar a senhora Everest. Entre os fatores peculiares que tornaram Churchill quem foi, Everest revelou-se o mais importante. Sandys e Henley não dizem que ela o tornou um homem profundamente religioso. No entanto, deu a Churchill amor pela Bíblia do Rei James e compreensão das maneiras pelas quais o cristianismo criava um "certo estilo de vida" (nas palavras do próprio Churchill), que mencionava repetidamente como "civilização cristã". Ele foi apaixonado pela defesa dessa civilização, como demonstram as muitas referências em seus discursos.

Não foi apenas a época que fez Churchill, mas, de muitas maneiras, ele moldou sua geração. Sandys e Henley terminam este livro em tom de esperança. Eles discutem como Churchill "manteve a calma e seguiu em frente", demonstrando pessoalmente que os tempos, embora difíceis, eram toleráveis. Os autores mostram também a sinceridade de Churchill ao falar em "sangue, labuta, lágrimas e suor" que viriam pela frente, ainda que sempre levando sua nação e seus aliados a manter uma perspectiva positiva durante a árdua tarefa de derrotar Hitler e os nazistas.

Sandys e Henley destacam a opinião de lorde Moran, médico pessoal de Churchill, que afirmava ser o "dinamismo" o segredo da saúde e do poder dele. É claro, até poderia cair em depressões profundas, às quais se referia como seu "*black dog*", mas sempre voltava para a luz – e para a esperança.

Mais que psicologia, isso resultava de uma fé profunda. Escritores recentes tentaram apresentar Churchill como agnóstico ou até mesmo ateu. No entanto, procuram congelá-lo para sempre nas dúvidas da juventude quando servia na Índia. Churchill não frequentava a igreja, mas, como Sandys e Henley mostram, era uma pessoa de fé profunda e de conhecimento bíblico que se expandiu muito além do ceticismo de seus dias de juventude.

Deus e Churchill é uma obra profundamente relevante para os nossos dias. Crenças, visões de mundo, religião e espiritualidade estão no centro dos conflitos contemporâneos. Ignorar isso é entender mal a natureza do nosso tempo. Pior, é estar mal preparado para as batalhas que ardem em todo o mundo. Assim se faz necessário conhecer o mundo de Churchill. Sandys e Henley revelam aqui as raízes do nazismo, com sua mistura de "ciência pervertida" e misticismo ariano. Ainda que os rótulos sejam diferentes, as semelhanças entre a época de Churchill e a nossa são notáveis.

Churchill, mais que um líder em seu tempo, foi "um homem para a eternidade", recorrendo ao título da peça de Robert Bolt sobre *Sir* Thomas More. "Não houve ninguém remotamente

parecido com ele, antes ou depois", escreve Boris Johnson, prefeito de Londres.[7]

O mundo é o pior para isso.

Churchill, como homem para a eternidade, constitui um modelo de liderança para nossos tempos. Era um ser humano completo, e agora Sandys e Henley nos mostram a espiritualidade e também a humanidade dele, apresentando a relação fundamental entre ambas. Os autores respondem não apenas as questões do passado, mas também as do presente, ao discutirem a liderança de que precisamos agora para o bem do futuro.

A questão mais intrigante que Sandys e Henley exploram – da qual a maioria dos autores que escreve sobre Churchill se esquiva – é o papel de Deus na construção de Winston Churchill. Isso provoca várias outras questões: Deus tem um plano para a história humana? Ele intervém no curso dos acontecimentos da humanidade? Faz surgirem líderes em conjunturas críticas para salvar a civilização? Se é assim, foi Winston Churchill um dos muitos "libertadores" que apareceram na arena da história no momento e no local certos?

À luz das questões contemporâneas, estas podem ser as dúvidas mais importantes de todas a respeito da criação de um líder. Não é simplesmente a criação de Winston Churchill que está em foco aqui, mas também as importantes questões da sobrevivência da civilização e da qualidade da liderança necessária em nossos tempos para esse conflito.

No beisebol, *home run* (HR) é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida (junto com uma corrida anotada por cada corredor que já estava em base), com nenhum erro cometido pelo time defensivo na jogada que resultou no batedor-corredor avançando bases extras. (N.T.)

Prefeito de Londres de 5 de maio de 2008 a 8 de maio de 2016. (N.T.)

INTRODUÇÃO

JONATHAN SANDYS

Quando eu era criança, meu senso de identidade em parte se configurava pelo conhecimento de que descendia de um dos grandes heróis da história: *Sir* Winston Churchill, que, como primeiro-ministro da Grã-Bretanha, inspirou a nação e seus aliados durante a época sombria da Segunda Guerra Mundial. Minha avó, Diana, era a filha mais velha de Churchill, e seu filho, Julian, é meu pai. Cresci ouvindo histórias de familiares e de amigos que conheciam profundamente *Sir* Winston, ou meu "bisavovô", como sempre o conheci.

Uma das minhas preciosas lembranças da juventude foi o dia em que encontrei *Sir* Martin Gilbert, biógrafo oficial de Churchill. No lançamento de um livro de *Sir* Martin, em Londres, aproximei-me do grande historiador para um autógrafo. Ele deu uma olhada para mim e disse: "Você é um dos filhos de Julian, não é?". Uma experiência emocionante para um adolescente ser reconhecido por um homem de tal envergadura, e isso me impressionou positivamente.

Embora durante a minha infância eu estivesse imerso em enriquecedores relacionamentos com minha família e também na igreja, sofri alguns reveses ao longo do caminho que destruíram minha inocência sobre o mundo, devastaram minha autoimagem cheia de alegria e me colocaram em uma espiral descendente que persistiu por quase duas décadas.

Quando me aproximava dos trinta anos, ficou evidente para mim que algo precisava mudar para colocar minha vida de volta nos trilhos. Essa mudança começou, surpreendentemente, quando "conheci" Winston Spencer Churchill, que era para mim um herói e um mistério. Desenvolver conhecimento do espírito e da alma do "bisavovô", embora ele tenha morrido dez anos antes de eu nascer, foi um fator crucial na minha recuperação de um senso de identidade e um propósito. Mal sabia, naquela época, o que um poderoso carvalho Churchill tinha sido, lançando uma tremenda sombra sobre todos nós, bolotas[8].

Eu sonhava em incorporar o legado do meu bisavô e surpreender a todos, tornando-me um membro do Parlamento. Então, algum dia seria primeiro-ministro, e o DNA de Churchill mais uma vez ocuparia o número 10 da Downing Street[9].

Partindo da vaga noção que eu tinha do meu bisavô como uma figura heroica que salvou o mundo de alguma coisa terrivelmente ruim, estudei tudo o que pude sobre ele. Sondei as lembranças de membros da família, como minha tia-avó Mary Soames, a última filha sobrevivente de Churchill. Junto com meu pai e outros que conheceram Churchill, ela forneceu uma conexão vital por meio da qual consegui aprender muito.

Apesar da dislexia e das dificuldades que enfrentei na escola, tornei-me um historiador autodidata, consumindo todos os livros que encontrei sobre Churchill e sua época.

Logo descobri que, embora ele fosse indiscutivelmente o maior líder do século XX, era também apenas um homem, não um deus – nem melhor nem pior do que qualquer um de nós.

Na verdade, trazer meu bisavô para a Terra foi uma experiência libertadora para mim. Quando percebi que não podia basear minha identidade em alguém tão frágil como eu, decidi sair da sua sombra e aceitar a minha própria identidade.

Ainda assim, queria fazer algo na vida que honrasse o legado de Churchill, o qual julgava importante compartilhar com as novas gerações que estavam perdendo a esperança ou que já a haviam perdido.

O principal livro que me ajudou a ver meu bisavô com a maior clareza foi um que ele mesmo havia escrito: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. Fiquei impressionado com seus relatos de arrogância, heroísmo e quase acidentes, e, acima de tudo, por sua honestidade sobre si mesmo.

Ao ler sobre seus conflitos juvenis, eu me senti encorajado a descobrir que alguém tão importante quanto Winston Churchill havia enfrentado desafios pessoais semelhantes aos meus: dificuldade na escola, rejeição e uma reputação inicial de fracasso. Foi nesse contexto que comecei a me relacionar com meu bisavô e a entender sua humanidade, repleta de falhas e limitações de que todos compartilhamos. Também encontrei dentro de mim o tipo de determinação incorporada em uma das maiores falas dele, proferida em 1941 aos rapazes de sua antiga escola, Harrow. Como o destino da nação estava pendurado por um fio tênue sob as ofensivas da guerra, ele havia aconselhado os jovens: “Nunca desistam, nunca, nunca, nunca…”.

Ao reler suas palavras, senti uma renovada determinação. Aprender que os jovens professores de Winston queriam às vezes desistir dele, e que havia escrito muitas cartas infelizes aos pais, ajudou-me a superar minhas próprias dúvidas. Então, incorporei uma nova visão: se a história e as palavras de Winston Churchill me inspiraram esperança e confiança, elas poderiam ajudar as pessoas em todos os lugares. Assim, decidi me dedicar a manter seu legado vivo, falando e escrevendo sobre meu bisavô.

Como ocorre em muitas “grandes resoluções”, imediatamente encontrei um obstáculo: tanto já se havia sido escrito e falado sobre Churchill… por onde, então, eu começaria? Que faceta única e impactante de sua vida poderia apreender e revelar aos outros? Como era a essência do caráter e do trabalho de Churchill que os outros minimizaram ou ignoraram por completo?

A resposta começou a tomar forma em uma viagem em 2005 aos Estados Unidos, onde um amigo havia marcado para eu falar sobre meu bisavô em duas escolas em Macon, na Geórgia. Embora eu estivesse surpreso e exultante com o grande nível de interesse em Churchill e na Segunda Guerra Mundial, desanimei ao descobrir que uma vasta população de estudantes americanos, e até mesmo britânicos, não sabia quem era Winston Churchill e o que ele havia feito.

Hoje, as nações do mundo necessitam desesperadamente de encorajamento e liderança firme e decisiva. Tendo estudado com profundidade a vida e os trabalhos de meu bisavô, e compreendendo o espírito de sua época e a personalidade dele por meio dos membros de minha família que o conheceram diretamente, vi a oportunidade de compartilhar algo sobre a vida de Churchill que melhoraria a dos outros. Vi em meu bisavô, em suas palavras e ações, em seus erros e seus maiores sucessos, a única coisa necessária para muitos no século XXI: esperança.

O que, contudo, havia tornado Winston Churchill a imagem da esperança naquela época? Eu não sabia, mas queria descobrir.

Próximo às Casas do Parlamento[10] em Londres está uma das grandes estátuas de Churchill. Mostra-o resoluto e firme diante do sofrimento e do perigo. Observando-se sua mandíbula e seu olhar inabalável, tem-se a sensação de que ele vai avançar para a vitória. No entanto, o que lhe deu essa intensidade de caráter? O que o levou para a liderança e lhe deu forças para continuar?

Àquela altura, eu já estava tentando escrever livros e discursos sobre Churchill, mas quanto mais pesquisava, mais percebia que a história de meu bisavô estava incompleta, apesar de tudo

que já havia sido escrito sobre ele. A sensação de que alguma coisa importante faltava me atingia com força.

Quando voltei ao livro *My Early Life*, não muito tempo depois dessa percepção, chamou minha atenção a série de fugas quase milagrosas que caracterizaram a vida adulta de Churchill. Mais ainda, meu olhar foi atraído pelo aparente senso de propósito divino de Churchill, até mesmo em sua adolescência. Então decidi que precisava explorar mais profundamente a fé pessoal do meu bisavô. Em que ele acreditava sobre Deus? Eu havia presumido que suas referências à deidade e ao Cristianismo eram simples chavões políticos. No entanto, seriam mais profundas que isso? Mais importante, seria possível que Deus tivesse desempenhado um papel fazendo de Winston Churchill o homem que ele se tornou? Como alguém que deixara sua fé pelo caminho sem abandonar a crença em Deus, fiquei intrigado com essas questões. A fé de Churchill fora ignorada ou negligenciada por outros historiadores?

Quando falei com *Sir* Martin Gilbert sobre meus pensamentos, ele me encorajou a prosseguir em busca da ligação entre Deus e Churchill. Na verdade, ele disse, havia "muita informação" sobre o tema que outros não tinham considerado em profundidade, e pediu-me que trouxesse os dados da realidade à luz se estivesse mesmo tão disposto.

O incentivo de *Sir* Martin foi um elemento excepcionalmente motivador. Quando mergulhei na pesquisa e desenvolvi as ideias, fiquei cada vez mais consciente da presença e do poder de Deus, embora ainda me sentisse distante Dele. Então, em 2012, passei por uma crise que me levou novamente a uma encruzilhada de fé.

Na época, eu havia casado com Sara, uma texana nativa, e morávamos em Houston. Certa noite, um amigo e eu conversávamos sobre Moisés, e nosso diálogo se aprofundou bastante. No final da noite, meu amigo sugeriu que fôssemos à igreja na manhã seguinte, uma coisa que eu não fazia havia anos.

Quando o pastor se levantou para pregar naquele domingo, o tema foi exatamente o mesmo que meu amigo e eu havíamos discutido na noite anterior, as mesmas passagens da Bíblia e os mesmos pontos de foco. Nem meu amigo nem eu tínhamos a menor ideia de qual seria o tema abordado pelo pastor, e lembro-me de pensar que aquilo não poderia ser apenas coincidência. Foi tudo muito específico. Conforme o pastor continuava, tive a intensa impressão de que deveria ler a Bíblia a sério.

Não muito tempo depois, enquanto viajava pela Inglaterra, comecei a ler o Novo Testamento. Quando abri o Evangelho de Mateus, parecia que Deus estava falando comigo em cada página. Versículo por versículo, redigi copiosas anotações, parando frequentemente para orar enquanto sentia meu coração atraído de volta para Deus, enquanto sentia que se iniciava o processo de cura da dor devido a experiências passadas. Voltei para a América com a minha fé restaurada e com a determinação de mais uma vez estar aberto ao que Deus queria que eu fizesse com a minha vida.

Ao perceber que minha ligação com o Senhor estava restaurada, eu me senti pronto para escrever sobre a notável relação que havia descoberto entre Deus e Churchill.

Estava confiante de que poderia apresentar uma história consistente de meu bisavô, mas senti que precisava de ajuda para articular a conexão entre o senso divino de Churchill e os acontecimentos de sua vida. Sabia que seria necessária uma pessoa singular, que não só entendesse as complexidades da liderança nacional, e assim conseguisse apreciar Churchill, o estadista, mas que também compreendesse a importância dos princípios bíblicos no contexto de acontecimentos históricos. Além disso, esse indivíduo teria de entender a Segunda Guerra

Mundial, seus fundamentos espirituais e os desafios ocultos que Churchill enfrentou. Por fim, precisava de alguém que não fizesse tentativas inúteis, tentando encaixar Deus nos fatos ou colocando palavras na boca de Churchill. Como meu bisavô disse certa vez:

> As palavras que, em ocasiões apropriadas, são as máquinas mais poderosas, perdem peso, poder e valores quando não são respaldadas por fatos ou aladas pela verdade, quando são, obviamente, a expressão de um sentimento forte e não estão relacionadas de forma alguma com os fatos da situação.[1]
> 1

Essas palavras se tornaram minha referência, e, quando conheci Wallace Henley, percebi rapidamente que ele atendia a todas as minhas qualificações.

WALLACE HENLEY

Como Jonathan, passei por um período da minha vida em que minha fé fraquejou e perdi a trajetória da identidade que assumira fervorosamente quando adolescente. Minha crise ocorreu em Nuremberg, na Alemanha, uma cidade que desempenhou um papel fundamental na era nazista.

Nasci em 5 de dezembro de 1941, dois dias antes de os japoneses atacarem Pearl Harbor e trazerem os Estados Unidos para a Segunda Guerra Mundial. Passei a infância imerso na guerra e em suas consequências. Quase todos os meus professores de escola dominical e líderes de escoteiros estavam retornando veteranos, e eles eram heróis para mim.

Outra lembrança relevante se referia ao semblante de Winston Churchill. Seu rosto confiante estampava-se nos noticiários em preto e branco do teatro, e sua voz ressoava em nossos rádios. Na mente de um garoto, havia alguma coisa quase mística na Segunda Guerra Mundial, a qual Churchill parecia incorporar. Essa acepção de valor e coragem durante os ataques permaneceu comigo e até se intensificou ao longo das décadas. Isso faz parte do que me levou a me unir a Jonathan Sandys na escrita deste livro.

Em 1964, comecei a me preparar para uma carreira como pregador, matriculando-me no seminário e servindo como pastor na Travis Avenue Baptist Church, em Fort Worth, no Texas. No entanto, não demorou muito tempo para que deslocasse meu foco para me tornar professor de Teologia. Decidi que precisava de um diploma em uma faculdade europeia, assim como muitos dos grandes teólogos com quem estudei, e comecei a tentar descobrir um jeito de chegar à Europa com minha esposa, Irene, e nosso bebê.

Certo dia, enquanto atravessava o prédio da administração do seminário, notei um quadro de avisos destacando uma igreja batista em língua inglesa em Nuremberg, para prioritariamente atender ao grande contingente militar americano de lá. Nuremberg fica perto de Erlangen, o local de uma universidade com um excelente curso de teologia. Eu havia estudado alemão durante dois anos no colégio e me senti confiante de que poderia ter sucesso por ali. Ser pastor da igreja de Nuremberg ajudaria minha família enquanto eu estaria conquistando meu diploma europeu. Enviei minha inscrição, mas nunca recebi resposta.

Decorrido quase um ano, no outono de 1965, muito depois de eu ter eliminado o assunto da mente, chegou uma carta de Nuremberg chamando-me como pastor da Igreja Batista de Antioquia. Duas semanas antes do Natal de 1965, Irene, nossa filha de um ano e eu voamos até Nova York para embarcar no navio da Holland America Line, *Princess Margriet*.

Enquanto viajávamos para Nuremberg, muitos dos soldados e suas famílias da pequena igreja a qual íamos servir estavam se preparando para sair, os homens para o Vietnã, e suas esposas e filhos de volta para os Estados Unidos. Quatro meses depois da nossa chegada à Alemanha, a igreja informou-me que em breve não mais haveria dinheiro para o meu salário. Alguns dos soldados se dispunham a nos fornecer produtos alimentícios e gasolina da PX, mas, com o mercado negro ainda prosperando na Alemanha vinte anos depois da guerra, eu sabia que eles arriscariam encarar uma corte marcial se revendessem suprimentos da PX. Portanto, comecei uma busca inútil por trabalho fora da igreja: ensino escolar, embalagem de mantimentos, qualquer coisa que me permitisse sustentar minha família e continuar servindo como pastor à pequena congregação. Meu sonho de estudar na Universidade de Erlangen, porém, virou fumaça.

Certo dia, vi que nossa conta bancária ainda dispunha de quinhentos dólares, uma quantia insignificante para os padrões de hoje, mas em 1966 ainda era suficiente para nos alimentar e nos abrigar por alguns meses, ou, então, levar-nos de volta à América. A decisão, evidentemente, implicou meu pedido de demissão da igreja no domingo seguinte.

Deixamos a Alemanha em 1º de abril de 1966 e, depois de uma breve parada nas temperaturas gélidas do Ártico da Islândia, chegamos ao Alabama em uma agradável primavera sulista e um cômodo na casa dos meus sogros. Sentindo-me humilhado pelo nosso retorno súbito e prematuro da Alemanha e desiludido com o meu chamado como pastor depois de ter tanta certeza de que Deus havia direcionado nossa mudança para Nuremberg, comecei a procurar emprego de novo, aceitando fazer qualquer coisa.

Candidatei-me em três ou quatro empresas naquele primeiro dia, e na minha parada final, uma fábrica de caixas, disseram-me que eu poderia começar na manhã seguinte. Agarrei a oportunidade e logo estava aprendendo o valor do trabalho bom e pesado, enquanto procurava um emprego melhor. Finalmente, em agosto, entrei no *Birmingham News*; disse ao entrevistador que adorava redigir, escrevi alguma coisa como amostra e acabei no jornalismo, uma profissão que passei a amar. Comecei como editor de religião, tornei-me um repórter geral e, por fim, fui promovido para a equipe do editorial.

À medida que meus trabalhos se expandiam, comecei a contemplar o mundo de um modo mais amplo. Na época, Birmingham ainda fervia com protestos pelos direitos civis, apenas três anos depois do bombardeio na igreja de Birmingham, e, nos dois anos seguintes, tive a oportunidade de observar a crescente influência do Dr. Martin Luther King Jr. Tal fato marcou o início de meu pensamento na natureza da liderança, sobretudo em como ela afeta as sociedades.

Em agosto de 1970, em meio a circunstâncias muito complexas para serem relatadas aqui, tornei-me diretor-assistente de uma força-tarefa da Casa Branca que trabalhava na implementação da dessegregação escolar ordenada pelo tribunal em onze estados do sul. Após completar essa missão, mudei-me diretamente para um emprego na Casa Branca e passei os próximos dois anos e meio unido a Harry S. Dent Sr., conselheiro especial do presidente Richard Nixon.

A partir dessa nova posição estratégica, iniciei uma observação séria dos estilos de liderança e dos contrastes entre o poder bruto e a verdadeira autoridade. No entanto, o que fiz de mais importante enquanto trabalhava na Casa Branca foi participar de um café da manhã de oração todas as quintas-feiras na Ala Oeste. Esses encontros me colocaram em contato com pessoas que acreditavam que Deus atua por meio dos acontecimentos da história. Nunca havia pensado muito sobre isso, mas fiquei intrigado. Quando Provérbios 21:1 diz: “O coração do rei é como um rio

controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer", isso significava mais do que simplesmente uma bela poesia? Deus levanta líderes e os derrota, como diz o profeta Daniel?[12]

Tais questões permaneceram em minha mente nos anos vindouros, mesmo quando mais uma vez senti vontade de me tornar um pregador e retomei meu chamado – um chamado que exerci nos 25 anos que se seguiram antes de "me aposentar" e reentrar no mundo da política. Depois de dois anos como diretor distrital e chefe de Gabinete interino de um congressista dos Estados Unidos, voltei mais uma vez ao ministério da igreja. Nos últimos treze anos, tenho servido como pastor de ensino e pastor associado sênior na Segunda Igreja Batista de Houston.

Em 1990, logo após o colapso da União Soviética e do comunismo do Leste Europeu, ajudei uma agência britânica a responder a numerosos e urgentes pedidos de nações do antigo bloco soviético para conferências sobre a preparação de líderes. Entendo que o comunismo havia devorado a infraestrutura de liderança das nações que controlava – em famílias, igrejas, escolas, governos e empresas. A igreja desempenhara um papel fundamental na derrubada do comunismo, e muitas pessoas buscavam ajuda da própria instituição que um dia servira a todos, mas fora banida na maioria de suas nações. Participei inclusive de uma conferência realizada em um prédio que já abrigou a KGB.[13]

Quando Jonathan Sandys me convidou para trabalhar com ele neste projeto, explorando a vida de seu famoso bisavô, senti como se toda a minha vida tivesse sido uma preparação para essa tarefa. Como mencionei, sempre fui fascinado por Churchill, cuja trajetória estudei com alguma profundidade. Durante o início dos anos 1970, Churchill virou quase uma obsessão para mim. Minhas experiências na Casa Branca haviam me despertado para a enorme responsabilidade de liderar uma nação e causar impacto no mundo. Ao observar os líderes mundiais mais de perto, percebi que havia outra dimensão para Churchill, o que fez dele um ser historicamente excepcional, uma dimensão que não conseguia descrever por completo, mas desejava explorar. Reuni todos os livros que encontrei sobre a vida e a liderança de Churchill. Como inspiração, pendurei fotos do excepcional homem em casa, em um local que chamei de "Sala Churchill".

Quando ouvi o ponto de vista de Jonathan para estas páginas, percebi que, apesar de termos origens e pontos de vista diferentes, parecia inevitável que nossos caminhos convergissem. Nós dois passamos muitos anos de nossa vida procurando Deus, e ambos vimos Winston Churchill, de muitas maneiras, como um deus assombrado pelo homem. *Deus e Churchill* representa nossos esforços para entender esse grande líder no contexto da obra de Deus no mundo.

Fruto do carvalho. (N.E.)

Número 10 Downing Street é a residência oficial e o escritório do primeiro-ministro do Reino Unido enquanto sede do governo de Sua Majestade. Situa-se na Downing Street, na Cidade de Westminster, em Londres, Inglaterra. (N.T.)

O Palácio de Westminster, também conhecido como Casas do Parlamento (em inglês, Houses of Parliament), é o palácio londrino onde estão instaladas as duas Câmaras do Parlamento do Reino Unido (a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns). (N.T.)

Churchill, Winston S. *Never Give In!: Winston Churchill's Speeches* (discurso na Câmara dos Comuns, 22 de abril de 1926). Londres: Bloomsbury, 2013. pp. 73-74.

Daniel 2:21.

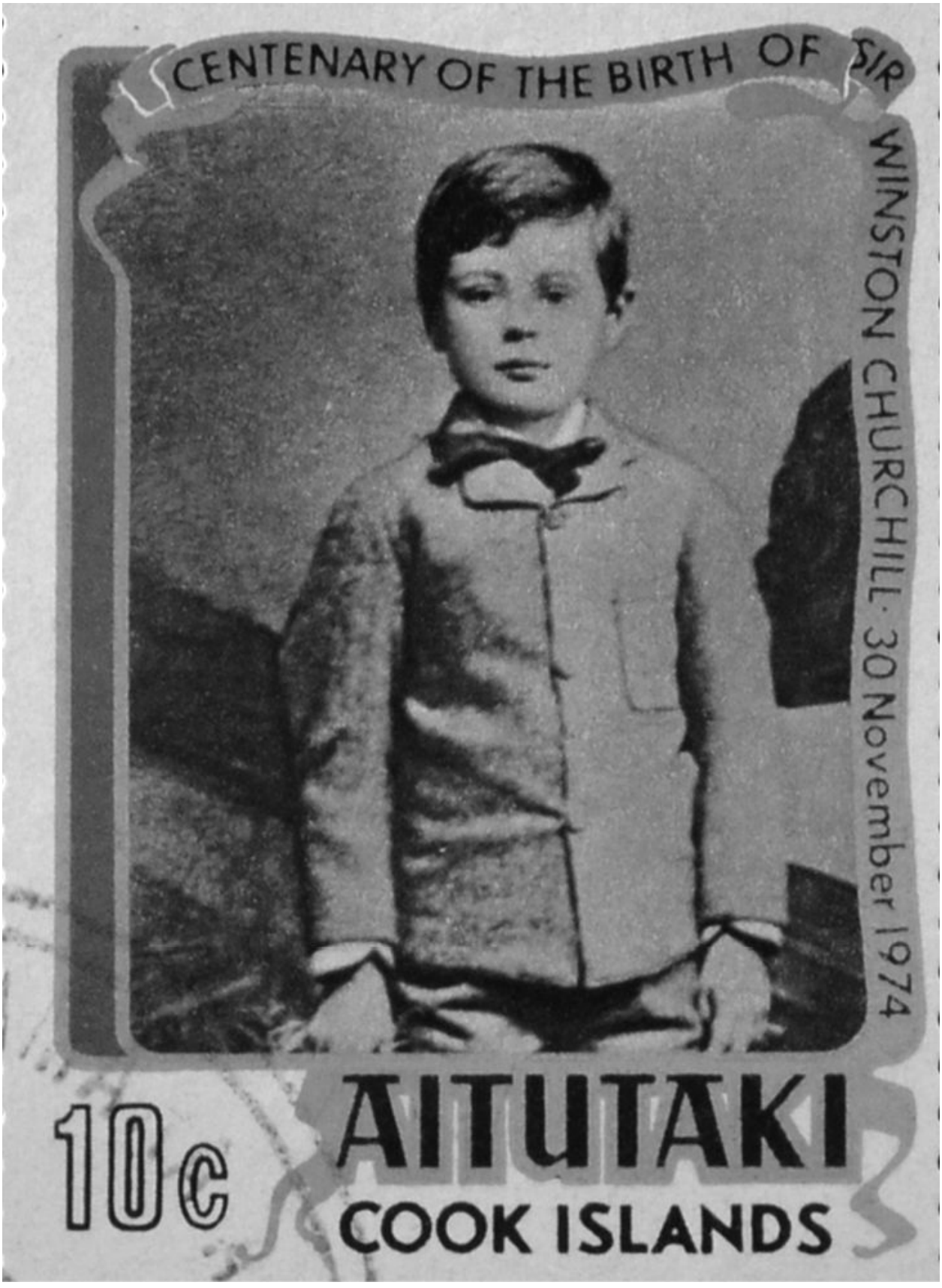
KGB foi a principal organização de serviços secretos da União Soviética, que desempenhou as suas funções entre 13 de março de 1954 e 6 de novembro de 1991. A sigla pode ser traduzida como Comitê de Segurança do Estado. (N.T.)

Parte I

A

EXTRAORDINÁRIA

PREPARAÇÃO


CENTENARY OF THE BIRTH OF SIR
WINSTON CHURCHILL · 30 November 1974
10c
AITUTAKI
COOK ISLANDS

Uma visão de propósito

De alguma maneira, este país será submetido a uma tremenda invasão; por quais meios não sei, mas digo-lhe que estarei no comando das defesas de Londres, e salvarei Londres e a Inglaterra do desastre.

(WINSTON CHURCHILL, 16 anos)

Em uma noite de verão de domingo em 1891, com os ecos da capela ainda ressoando na mente deles, Winston Churchill, de dezesseis anos, e seu grande amigo Murland de Grasse Evans, aluno de Harrow, conversavam sobre o que Evans lembraria anos depois como "um daqueles terríveis cômodos do porão na casa do diretor".[1]

A conversa se concentrava no destino, mais especificamente no de ambos. Churchill achava que Evans poderia entrar no serviço diplomático ou talvez seguir os passos do pai dele em finanças.

Então Evans perguntou a Churchill:

– Você entrará no Exército?

– Não sei – respondeu o jovem Winston. – É provável, mas vou viver grandes aventuras logo depois de sair daqui.

– Vai entrar na política? Seguir seu pai?

– Não sei, mas é bem provável porque, você sabe, não tenho medo de falar em público.

Evans olhou de volta para o amigo com ar zombeteiro.

– Você parece não saber bem quais são suas intenções ou seus desejos.

– Talvez – retrucou Winston –, mas tenho uma fantástica noção de onde estarei. Sonho com isso.

– Onde é?

– Bem, acho que imensas mudanças vão ocorrer neste mundo agora tranquilo; grandes revoltas, terríveis lutas, guerras que nem sequer podemos imaginar, e digo-lhe que Londres estará em perigo… Londres será atacada, e serei muito importante em sua defesa – explicou Winston.

– Como você pode falar isso? – perguntou Evans. – Estamos sempre a salvo de invasões, desde o tempo de Napoleão.

– Vejo mais além que você – retrucou Winston. – Vejo no futuro.

Murland Evans ficou tão "chocado" com a conversa que a "registrou com a maior clareza", em uma carta enviada por ele ao filho de Churchill, Randolph, que na década de 1950 recebeu a responsabilidade de escrever a biografia do pai.[2]

Churchill continuou a falar, de modo destemido, como ocorreria muitas vezes ao longo de sua carreira:

– De alguma maneira, este país será submetido a uma tremenda invasão; por quais meios não sei, mas digo-lhe que estarei no comando das defesas de Londres, e salvarei Londres e a Inglaterra do desastre.

Evans lembrou-se de que Churchill parecia estar "aquecendo os motores" enquanto falava. E então perguntou:

– Você será um general no comando das tropas?

– Não sei – respondeu o futuro líder da Grã-Bretanha. – Os sonhos do futuro estão desfocados, mas o objetivo principal está claro… Repito: Londres estará em perigo e, no alto cargo que ocuparei, caberá a mim salvar a Capital e salvar o Império.[3]

NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO

Se não fosse pelos acontecimentos quase cinquenta anos mais tarde, a previsão do jovem Winston poderia ser descartada, vista apenas como o esforço desesperado de um adolescente solitário e com necessidade de afirmação para impor o significado de suas palavras. Essa necessidade seria compreensível, em virtude da relação distante de Churchill com seus pais, do ponto de vista físico e emocional. Sobre a mãe, ele escreveu tempos depois: "Eu a amava muito, mas a distância".[4] E uma vez, após uma longa conversa com o próprio filho, Churchill observou: "Tivemos esta noite um período mais longo de diálogo do que o total que tive com meu pai em toda a vida dele".[5]

Hoje, o politicamente correto determina com frequência as convenções sociais. No tempo de Churchill, sobretudo para as pessoas de sua classe, era o "correto vitoriano" que definia o padrão. O CV exigia uma certa indiferença dos pais em relação aos filhos. Em alguns lares, os pais se reuniam com os filhos somente com hora marcada (determinada pelo pai) e na presença de um criado. Se a criança se tornasse muito problemática, desagradável ou indelicada, a empregada poderia rapidamente assumir o controle.

Quando menino, Winston às vezes romantizava seus pais. Via o pai como um defensor da "democracia Tory".[6] A história se concentra na moralidade pessoal de lorde Randolph, mas Winston via o pai como um bom e leal político que se mantinha firme em seus princípios. Ele observava as posições corajosas do pai como ministro das finanças, incluindo-se aí o fato de que, quando a voz de lorde Randolph foi ignorada, ele propôs renunciar. Churchill admirava lorde Randolph ter sido às vezes impopular e ter colocado as necessidades da nação acima das necessidades do próprio Partido Conservador ao detectar um conflito. Winston acreditava que o pai era um "político do povo", não um político que poderia ser invocado por lealdade, com intenções alinhadas mais com a vitória do que com convicção pessoal. Ele concluiu que lorde Randolph desejava sinceramente servir ao povo que ele representava, sem estar na política por si mesmo, pelo poder ou por reconhecimento.

A mãe de Churchill, Jennie, era uma *socialite* ativa, se não uma libertina, com muitos (alguns diriam escandalosos) envolvimentos; no entanto, não mantinha um relacionamento próximo com o filho. Ainda assim, Churchill se lembrava dela como "uma princesa das fadas: um radiante ser detentor de riquezas e poder ilimitados".[7]

"Emocionalmente abandonado por ambos [os pais], o jovem Winston se culpou", escreve o historiador William Manchester. "Precisando de saídas para a própria adoração, ele criava imagens conforme desejava que fossem, e, quanto menos as via, mais fácil a transformação se

tornava."[8] Famílias aristocráticas enviaram os filhos a internatos particulares – para Winston, foi o Harrow – e, estando distante de casa, era simples manter a imagem fantasiada que ele fazia dos pais, porque não os via com frequência e nem sequer recebia informações sobre eles.

Em determinado momento, ele tentou contar à mãe como se sentia solitário: "É muito indelicado da sua parte não escrever para mim antes desta carta; tenho apenas uma carta sua neste período".[9] Em 1884, quatro anos antes de ingressar em Harrow, Winston, com nove anos, adoeceu. Seu médico, que tinha um consultório em Brighton, na costa do Canal, achava que seria bom para a saúde do menino se ele vivesse por um tempo à beira-mar. Assim, Churchill começou o outono como aluno em uma escola lá. No entanto, o novo local não influenciou em nada a atenção que recebia dos pais. Na verdade, quando leu no jornal de Brighton que lorde Randolph estivera recentemente na cidade para fazer um discurso, Winston redigiu-lhe uma mensagem: "Não consigo imaginar por que não veio me ver enquanto estava em Brighton. Fiquei muito desapontado, mas suponho que estivesse ocupado demais para vir".[10]

Além disso, havia as restrições sufocantes das instituições educacionais da alta sociedade. Como William Manchester observa:

> a juventude foi uma provação para a maioria dos garotos da classe [de Churchill]. A vida nas chamadas escolas públicas da Inglaterra – internatos particulares reservados a filhos da elite – era um rito de passagem excruciante.[11]

Acrescente-se a essa miséria a continuada negligência dos pais. "É muito gentil, querida mamãe, esquecer tudo que me envolve, não responder a minhas epístolas", Winston escreveu em uma carta à mãe.[12] Em outra ocasião, ele pediu ao pai que fosse a Harrow para o *Speech Day*[13] e lhe disse: "Nunca me viu, e tudo lhe será novidade".[14]

Por mais difícil que o aparente desinteresse dos pais tenha sido para Churchill, talvez haja se revelado uma bênção camuflada. Diante de tal omissão, sua babá, Elizabeth Everest, com uma visão decididamente cristã, desempenhou um papel muito significativo na formação das crenças fundamentais do menino.

WOOMANY

A experiência escolar de Winston Churchill foi patética, mas, desde o início, mesmo aos sete anos, ele demonstrou a tenacidade e a determinação que caracterizariam sua vida. Submetido a atos institucionais de brutalidade, que poderiam destruir a motivação de qualquer outro menino, Churchill permaneceu firme. Certa vez, depois de uma surra cruel na escola St. George, em Ascot, ele se vingou desafiadoramente pisoteando o precioso chapéu de palha do diretor.

No fundo da classe – e também colocado no final da lista de chamada por causa de seu nome, Spencer-Churchill –, Winston escreveu suplicando ao pai que lhe permitisse dispensar o Spencer e simplesmente usar Churchill. Lorde Randolph ignorou a carta, assim como também não havia respondido às centenas de epístolas anteriores nas quais Winston, um garoto com saudade de casa, implorava aos pais que o visitassem em um final de semana, no Dia do Esporte, na entrega de prêmios ou em qualquer outra ocasião.

Durante aqueles sombrios onze anos da escola primária, Churchill recebia apenas uma visita: sua babá, a senhora Elizabeth Everest, a quem ele carinhosamente chamava de "Woomany". Ela era a única pessoa a quem "confidenciava [seus] muitos problemas".[15] Churchill e a senhora

Everest permaneceram amigos e confidentes até a morte dela em 1895, cinco meses depois do falecimento de lorde Randolph e três meses depois da avó do rapaz, Clarissa Jerome. “Nunca mais vou conhecer alguém tão amigo”, escreveu Churchill sobre Everest em carta enviada à mãe.[16]

Durante os anos iniciais de Churchill, a senhora Everest o amou muito e o protegeu da melhor maneira que pôde. Tempos depois, quando escreveu seu único romance, *Savrola*, Churchill, sem dúvida, a tinha em mente ao descrever o personagem da governanta:

> É uma coisa estranha o amor dessas mulheres. Talvez seja a única afeição desinteressada do mundo. A mãe ama seu filho; essa é a natureza materna. O jovem ama sua amada, o que também pode ser explicado… Para tudo há razões; mas o amor de uma mãe substituta por aquele de quem cuida parece absolutamente irracional. É uma das poucas provas, que não se explicam nem mesmo pela associação de ideias, de que a natureza da humanidade é superior ao mero utilitarismo e que seus destinos são nobres.[17]

Stephen Mansfield fornece mais informações sobre a influência de Elizabeth Everest em Churchill. Ela era “adepta da Baixa Igreja”, ele observa, que não queria fazer parte das “armadilhas papistas” da Igreja Anglicana.

> Mas também era uma mulher fervorosa pela oração que ensinou bem ao jovem Winston. Everest o ajudou a memorizar as primeiras Escrituras, ajoelhava-se com ele diariamente enquanto recitava suas orações e explicava-lhe o mundo em termos simples, mas claramente cristãos.[18]

Seu papel na formação da visão de mundo de Churchill evidenciou-se mais tarde, quando com frequência parafraseava ou citava passagens da Bíblia em seus discursos. Mesmo em períodos de dúvida, ele instintivamente via através de olhos formados com uma perspectiva bíblica. Por essa razão, Churchill conseguia inspirar esperança, pedir força e fé e, o mais importante, compreender o verdadeiro significado do nazismo e sua ameaça à civilização.

No decorrer de toda sua vida, Winston Churchill revelou-se um homem de princípios, embora a compreensão e a aplicação desses princípios fossem às vezes distorcidas, como acontece com todos nós. Os acadêmicos com os quais o futuro líder dos tempos de guerra da Grã-Bretanha estudou teriam estado bem-informados sobre os escritos de Jeremy Bentham, o proeminente filósofo britânico do final do século XVIII e início do século XIX que promoveu a teoria do utilitarismo e a ideia de que os resultados determinavam a retidão ética das ações e das filosofias. Churchill, apesar de ser um homem prático, não era um mero utilitarista. Em vez disso, combinava uma poderosa perspectiva visionária, sabedoria estratégica e conhecimento tático de maneiras raramente encontradas em uma pessoa.

No princípio de sua carreira política, Churchill enfureceu seus amigos e conquistou apenas exígua aprovação de seus antigos oponentes quando alterou os partidos políticos em detrimento dos princípios diplomáticos. Após o aparente colapso de sua reputação de liderança durante a Primeira Guerra Mundial, Churchill cavou mais fundo a vala com tentativas de alertar sobre as intenções de Adolf Hitler durante a preparação da Segunda Guerra Mundial. Para recuperar sua credibilidade e envergadura, teria sido muito mais fácil dar lugar ao pragmatismo bruto e silenciar sua mensagem. O caminho mais confortável teria sido ceder à fadiga da guerra da Grã-Bretanha e permitir a completa liberdade a Hitler na Europa Ocidental. Afinal de contas, os protagonistas da aristocracia britânica não pensavam tão mal de Hitler, embora seu estilo fosse

desencorajador para alguns. No entanto, como Winston disse ao amigo da escola em 1891, ele podia ver “mais além”. E o que Churchill viu foi o poder do princípio sobre a pura utilidade. Na ausência de influência dos pais, algum crédito por essa perspectiva deve ir à sua “mãe substituta”, Elizabeth Everest, que lhe mostrou que a natureza humana é mesmo superior à mera utilidade.

Anos depois, Churchill manifestou uma “parcialidade para os princípios da Baixa Igreja”, em razão do impacto de Elizabeth Everest.[19] Embora ele respeitasse as ricas tradições históricas da Grã-Bretanha, não necessitava de pompa. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a esposa de Churchill, Clementine, perguntou ao marido que memorial ele preferiria. “Oh, nenhum”, respondeu ele. “Talvez apenas um parque para as crianças brincarem.”[20]

Em 1945, após Churchill ter salvado a civilização, o rei Jorge VI quis introduzi-lo na Ordem da Jarreteira, a mais antiga, mais prestigiada e mais elevada honra da cavalaria na Grã-Bretanha. Churchill tornou-se talvez o primeiro plebeu a recusar tal honra. O editor político do *Daily Mail* mencionou: “o Sr. Churchill sempre insistiu que não deseja ter um título”.[21]Além disso, disse Churchill (surpreendentemente derrotado na primeira eleição pós-guerra) que dificilmente poderia aceitar a “liga” do rei quando seu povo acabara de lhe dar a “ordem da bota”.

Finalmente, em 1953, quando Churchill foi mais uma vez votado como primeiro-ministro aos 78 anos, ele aceitou a Ordem da Jarreteira, embora ainda com relutância. A jovem rainha Elizabeth II, com tanta coragem quanto Churchill, disse-lhe que, se o primeiro-ministro não fosse até ela para receber a honra, então Sua Majestade Real teria de ir até ele, levando os acessórios da Ordem. Como a consideração de Churchill pela monarquia não permitiria um ato depreciativo à rainha, ele cedeu e tornou-se membro da Venerável Ordem. “Só aceitei porque acho que ela é esplêndida”, disse Churchill justificando sua mudança de opinião.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Churchill conquistou o respeito do povo britânico e de seus aliados personificando a coragem britânica. O envolvimento dele com o público estabeleceu um elo entre as pessoas comuns e os aristocratas em altas posições de poder. Esse acontecimento foi determinante para formar uma forte união, elemento essencial para o povo permanecer firme durante a Batalha da Inglaterra e os anos de luta sangrenta que vieram depois.

PERSEGUINDO O DESTINO

Apesar do vazio deixado por seus pais, a visão visionária de Churchill foi despertada em Harrow. Martin Gilbert observa que o primeiro ensaio de Churchill abordou a Palestina na época de João Batista. A raiz do conceito de Churchill de “civilização cristã” já estava presente quando ele incluiu no ensaio a noção de “as vantagens do Cristianismo”.[22, 23]

Em 1940, quando as cidades britânicas estavam definhando sob a Blitz, Churchill levou seu filho, Randolph, para Harrow. Os corais de alunos apresentavam canções que Churchill cantara quando estivera lá como aluno.

> Ouvindo aqueles meninos cantando todas aquelas canções das quais tão bem me lembrava, eu me vi cinquenta anos antes cantando as mesmas histórias de grandes feitos e de grandes homens e perguntando-me com intensidade como poderia fazer alguma coisa gloriosa pelo meu país.[24]

Portanto, esse foi o contexto em que Winston Churchill, com dezesseis anos, fez a Murland Evans aquela notável previsão do destino. Seria fácil atribuir sua grandiosa previsão ainda

adolescente a uma busca exagerada pelo reconhecimento, pela aceitação, pela afirmação e pela importância que seus pais não lhe haviam dado, se não fosse o fato de que aquilo que ele previu era curiosa e notavelmente verdadeiro.

No entanto, o caminho para a grandeza revelou-se tortuoso e perverso. Depois de Harrow, Churchill nutria grandes esperanças de seguir o pai na política, servindo no Parlamento ao lado dele. Lorde Randolph, porém, tinha outras ideias. Quando finalmente visitou Harrow, ele disse ao diretor que queria que Winston fosse para o Exército. Em determinado momento, com Winston ainda menino, lorde Randolph examinara o Exército de brinquedos de 1.500 soldados do filho, perguntando-lhe se gostaria de ser militar.

"Eu achava que seria esplêndido comandar um Exército", lembrou Churchill mais tarde, "então respondi 'sim', e imediatamente acreditaram em mim."[25] Churchill presumiu o seguinte sobre o pai:

> com sua experiência e seu talento, havia discernido em mim as qualidades do gênio militar. Mas depois me disseram que ele apenas chegara à conclusão de que eu não era inteligente o bastante para o exercício da profissão jurídica (ou seja, uma carreira praticando a lei).[26]

Portanto, ficou decidido que Winston seria enviado para Sandhurst, o instituto militar onde se treinavam oficiais de infantaria e cavalaria. Ele, porém, fracassou no exame de admissão – duas vezes – e, depois disso, parecia que não se qualificaria para Sandhurst. No entanto, foi admitido na terceira tentativa, mas com notas insuficientes para a infantaria. Destemido, deixou sua família saber que havia conseguido, com sua nomeação para a cavalaria.

Lorde Randolph não se impressionou. De fato, com a mente deteriorando sob os efeitos do que seus médicos haviam diagnosticado como sífilis, ele menosprezou o filho sem misericórdia. O fracasso de Winston em entrar na infantaria, disse seu pai, "demonstrou, além da refutação, seu estilo de trabalho desleixadamente imprudente e despreocupado".[27] Churchill pai disse ao filho que, na melhor das hipóteses, ele era de segunda ou terceira classe. De fato, o pai lhe escreveu:

> se você não consegue evitar a ociosa vida inútil que levou durante seus tempos de escola e nos meses posteriores, acabará se tornando um simples vagabundo social, um dos inúmeros fracassados da escola pública, e degenerará em uma infeliz existência desprezível e fútil.[28]

Mesmo assim, a admiração de Churchill pelo pai não diminuiu. As aspirações de servir com ele no Parlamento continuaram até lorde Randolph morrer, em 1895. E o pensamento nunca o deixou. Uma noite em 1946, quando Churchill era de novo membro do Parlamento e líder da oposição, ele sentou-se com sua família na sala de jantar da casa onde morava, em Chartwell. A filha Sarah olhou para uma cadeira vazia e depois para o pai.

– Se você tivesse o poder de colocar alguém naquela cadeira para se juntar a nós agora, quem escolheria?

– Oh, meu pai, é claro – respondeu Churchill de imediato. E em seguida lhes contou uma história que mais tarde se tornaria o centro de seu pequeno livro intitulado *The Dream*.

"Não estava claro se ele estava recordando um sonho ou elaborando alguma ideia fantasiosa que o havia ocorrido antes", diria mais tarde o filho de Churchill, Randolph.[29] Churchill escreveu a história em 1947, quando novamente sentia o desdém do partido político no poder e de uma

parcela considerável do povo britânico. O historiador Richard Langworth ainda sugere que talvez tenha sido o desdém do próprio pai que Churchill, então com 73 anos, não havia superado.[30]

Em *The Dream*, Churchill contou que estava em seu estúdio de arte em Chartwell. Ele havia recebido um quadro do pai de 1886. A tela estava muito rasgada, e tentava reproduzi-la. Enquanto se concentrava na imagem do pai, sua mente "libertou-se de todos os outros pensamentos, exceto das impressões daquele semblante amado e honrado agora na tela, agora no quadro, agora no espelho", e ele sentiu uma "sensação estranha".[31] Ao se virar, viu seu pai sentado na poltrona de couro vermelho ali no estúdio.

– Papai! – exclamou ele.

– O que você está fazendo, Winston?

Depois que Churchill explicou seu projeto, a conversa continuou:

– Diga-me, em que ano estamos? – perguntou lorde Randolph.

– Em 1947.

Lorde Randolph pediu ao filho que lhe contasse o que acontecera nos anos que sucederam à sua morte. Churchill fez um relato geral dos fatos e então falou da Segunda Guerra Mundial:

– Sete milhões foram assassinados a sangue frio, principalmente pelos alemães. Eles jogaram humanos em um campo de abate como os currais de Chicago. A Europa está em ruínas…

– Winston – retrucou lorde Randolph –, você me contou uma história terrível… Enquanto o ouvia revelando esses fatos assustadores, você parecia saber muito sobre eles… Quando o ouço falar, realmente me pergunto se não acabou entrando na política. Poderia ter feito muita coisa para ajudar. Poderia até mesmo ter-se tornado famoso e respeitado.[32]

No "sonho", lorde Randolph não sabia, e nem o filho lhe contou, que Winston havia, de fato, entrado na política. O serviço militar, como veremos, fez parte do caminho que o levou até lá.

Aos 21 anos, com esse histórico encontro com seu pai ainda décadas no futuro, Churchill estava a poucos meses de ser comissionado na cavalaria do Quarto Regimento de Hussardos. Foi nesse momento que o propósito de sua vida mudou e, embora lhe restasse ainda um pouco da arrogância juvenil, tudo o que ele fez até o dia em que entrou no Parlamento foi com o singular objetivo expresso em seu livro My Early Life: perseguir os objetivos e vindicar a memória de lorde Randolph.

Apesar do desapontamento de seu pai por ele ser um mero cavaleiro, Churchill aguardava com expectativa se graduar em Sandhurst e "se tornar um oficial de cavalaria de verdade".[33]

> Em Sandhurst, tive um novo começo. Não mais desfavorecido pela negligência do passado em Latim, Francês ou Matemática. Agora tínhamos de aprender coisas novas, e todos começamos iguais… Eu estava profundamente interessado em meu trabalho, sobretudo em Táticas e Fortificação.[34]

Devidamente engajado, Churchill logo descobriu que "conseguia aprender rapidamente as coisas que importavam".[35] Ele se formou com honras em Sandhurst, terminando em oitavo lugar na sua turma de 150, e assim foi lançado "no mundo".[36]

Em seguida, Churchill mergulhou em viver e trabalhar com entusiasmo e antecipação: "Altos e baixos, riscos e deslocamentos, mas sempre a sensação de movimento e a ilusão de esperança", disse ele.[37]

Entretanto, enfrentou uma decepção: o mundo estava em paz. Um oficial de cavalaria precisava permanecer na sela e, desse modo, parecia que a melhor coisa a fazer era jogar polo.

Lorde Randolph havia morrido dois meses antes de Winston ser comissionado como oficial na Quarto Regimento de Hussardos, e a renda de Churchill reduziu-se a uma pensão relativamente pequena, que ele torrou em polo de pôneis.

Então ficou sabendo que havia guerra em Cuba. Rebeldes lutavam contra os espanhóis. Se ele não podia ir como soldado, decidiu viajar para o campo de batalha como correspondente. E logo descobriu que o *Graphic* lhe pagaria cinco libras por reportagem. Depois de uma longa viagem, que ele não apreciou muito, Churchill espiou Cuba do navio enquanto se aproximava da ilha:

> Senti como se tivesse navegado com o capitão Silver e olhado pela primeira vez a Ilha do Tesouro. Ali era um lugar onde coisas reais aconteciam. Ali estava uma cena de ação vital. Ali estava um lugar onde tudo poderia acontecer… Aqui poderia deixar meus ossos.[38]

Na verdade, ele quase conseguiu. Em Cuba, veio a primeira daquelas sobrevivências aparentemente milagrosas que ocorreram várias vezes na vida de Churchill. Uma bala passou a trinta centímetros da cabeça dele, e outra perfurou a cabana de palha onde dormia, mas ele escapou ileso.

No inverno de 1896, quando concluiu sua missão em Cuba, Churchill partiu para a Índia com o Quarto Regimento de Hussardos, e ficaram sediados em Bangalore. Ele e dois de seus companheiros viviam no que Winston descreveu como "um bangalô palaciano, todo rosa e branco", assentado em dois hectares e "adornado por buganvílias púrpura".[39] Três mordomos serviam ao grupo. Como ainda não havia guerra para exercitar a arte militar, ele retomou o polo, mas também lhe ocorreu que talvez houvesse outras atividades, quiçá melhores, às quais se dedicar.

Na Inglaterra, haviam dito a Churchill que "o Evangelho de Cristo era a última palavra em Ética".[40] Esse tema seria por ele abordado anos depois, mas, na juventude, ainda mal compreendia o significado. "Isso soou bem", escreveu ele,

> mas o que era a Ética? Nunca a tinham mencionado para mim em Harrow ou Sandhurst… Então me disseram que a Ética estava preocupada não apenas com as coisas que você deveria fazer, mas também com o porquê de se devia fazê-las.[41]

Com ninguém em Bangalore para instruí-lo, Churchill requisitou uma grande variedade de livros. De Darwin a Macaulay, de Gibbon a Malthus, passando por Platão e Aristóteles, Churchill leu vorazmente durante as longas e abafadas tardes subcontinentais enquanto seus companheiros cochilavam.[42] As ideias religiosas semeadas nele por Elizabeth Everest e outros foram intensamente confrontadas pelo que lia. Quando leu *History of the Rise and Influence of the Spirit of Rationalism in Europe and History of European Morals*, de William Lecky, historiador irlandês e teórico político, os argumentos do escritor induziram Churchill a fixar sua mente em uma visão predominantemente secular. Refletindo nos anos posteriores, ele disse:

> Se eu estivesse em uma universidade, minhas dificuldades poderiam ter sido resolvidas pelos eminentes professores e teólogos ali reunidos. Para todos os efeitos, eles teriam me mostrado livros igualmente convincentes abordando o ponto de vista oposto. Mas, do jeito que a coisa transcorreu, passei por uma violenta e agressiva fase antirreligiosa que, se tivesse durado, poderia facilmente virar um estorvo. Meu equilíbrio foi restaurado nos anos seguintes pelo contato frequente com o perigo.

> Descobri que, independentemente do que pensasse ou argumentasse, não hesitava em pedir proteção especial quando prestes a ficar sob o fogo do inimigo, além de me sentir sinceramente agradecido quando chegava salvo em casa e podia tomar chá.[43]

Esse "equilíbrio" seria testado talvez mais depressa do que Churchill imaginara. Durante uma viagem de volta à Inglaterra, em 1897, ele descobriu que havia ação na Fronteira Noroeste da Índia, e conseguiu chegar lá como correspondente de guerra. Foi a partir dessa experiência que escreveu seu primeiro livro, *A história do campo de Malakand Force*.

Enquanto o conflito indiano se encaminhava para o final, Churchill ouviu que a guerra havia eclodido no Sudão, no norte da África. Apesar de ele ter tentado participar da batalha lá, seus esforços foram recebidos com resistência de ninguém menos que *Sir* Herbert Kitchener, o comandante do Exército Egípcio lutando no Sudão. Churchill tentou o apoio do primeiro-ministro Salisbury, mas até mesmo isso lhe foi rejeitado. Kitchener tinha todos os oficiais de que precisava, e qualquer vaga seria preenchida por "outros a quem ele seria obrigado a preferir antes do jovem oficial em questão".[44]

Tempos depois, Churchill ficou sabendo por meio de um amigo que *Sir* Evelyn Wood, ajudante geral do Exército britânico, expressara ressentimento com o jeito de Kitchener selecionar oficiais. *Sir* Evelyn acreditava firmemente que cabia ao Ministério da Guerra a escolha da composição da Força Expedicionária Britânica. Churchill recebeu de *Sir* Evelyn a notícia de que as tentativas que fizera para ingressar no Exército de Kitchener haviam sido recusadas. "Essa manobra foi instantaneamente bem-sucedida", escreve Violet Bonham Carter. "*Sir* Evelyn Wood se tornou seu deus *ex machina*."[45]

Em poucos dias, Churchill estava a caminho do norte da África e de outro gigantesco salto em direção ao seu destino.

Churchill. "Finest Hour, Man of the Millennium", *Finest Hour*, n.º 104, outono de 1999, 12-15. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-104>.

Ibid.

Gilbert, Martin. *Churchill: The Power of Words.* Boston: Da Capo Press, 2012. p. 8.

Churchill. *A Roving Commission: My Early Life* [*Minha mocidade*]. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1930. p. 5.

Ibid.

Tory ou tóri é o nome do antigo partido de tendência conservadora do Reino Unido, que reunia a aristocracia britânica. (N.T.)

Citado em Himmelfarb, Gertrude. *The Moral Imagination.* Rowman e Littlefield, 2012. p. 255.

Manchester. De sua introdução a *Churchill em My Early Life* [*Minha mocidade*]: 1874-1904. Nova York: Touchstone, 1996. p. 9.

Ibid.

Gilbert. *Churchill: A Life* [*Churchill: uma vida*]. Nova York: Henry Holt, 1991. p. 6.

Ibid, p. 9.

Manchester. Introdução a Churchill em *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 10.

O Dia da Fala (*Speech Day*) é tradicionalmente realizado em novembro de cada ano, quando os recém-formados da sexta série são convidados a voltar à escola para receber prêmios por realizações acadêmicas, esportivas e artísticas durante suas carreiras escolares. (N.T.)

Gilbert. *Churchill: A Life* [*Churchill: uma vida*]. p. 22.

Ibid.

Churchill. *My Early Life [Minha mocidade]*. Nova York: Touchstone, 1996. p. 5.

Churchill, Randolph S. *Winston S. Churchill: Youth, 1874-1900*. Nova York: Houghton Mifflin, 1966. p. 255.

Churchill. *Savrola: A Tale of the Revolution in Laurania*. Londres: Longmans Green, 1899. p. 44.

Mansfield, Stephen. *Never Give In: The Extraordinary Character of Winston Churchill*. Nashville: Cumberland House, 1995. p. 39.

Churchill. *My Early Life [Minha mocidade]*. p. 13.

Lidstone, John B. J. *The Churchill Society*. Disponível em: <http://www.churchill-society-london.org.uk/garter.html>.

"Mr. Churchill Declines High Honour". *Sydney Morning Herald*, 31 de julho de 1945. p. 3.

A nota pode ser conferida no link: <https://trove.nla.gov.au/newspaper/article/17948581/993254>. Acesso em 13 nov. 2018. (N.E.)

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 19.

Ibid, p. 20.

Ibid, p. 22.

Ibid.

Ibid, p. 38. Alguns sugerem que lorde Randolph Churchill não tinha sífilis. No entanto, a afirmação sobre o diagnóstico dos médicos é citada por Gilbert.

Ibid.

Langworth. "Cover Story: From Dream to Reality", *Finest Hour*, n. 56, 1987. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-056/>.

Id. Cf. Introdução a Churchill. *The Dream*. Edição eletrônica: RosettaBooks LLC, 2014.

Id. *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. Nova York: Public Affairs, 2008. p. 73.

Churchill. *The Dream*. Edição eletrônica: RosettaBooks LLC, 2014.

Id. *A Roving Commission: My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 36.

Ibid, p. 47.

Ibid, p. 59.

Ibid.

Ibid.

Ibid, p. 77.

Ibid, p. 106.

Ibid, p. 109.

Ibid, pp. 107-108.

Carter, Violet Bonham. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. Nova York: Konecky & Konecky, 1965. p. 19.

Churchill. A Roving Commission: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 115.

Ibid, p. 166.

2

Sobrevivendo aos caminhos perigosos do destino

Ergui minha pistola e disparei. Estávamos tão perto que a própria pistola realmente o atingiu. Homem e espada desapareceram abaixo e atrás de mim.

(WINSTON CHURCHILL, *MY EARLY LIFE* [*MINHA MOCIDADE*])

Os abutres se reuniram naquela manhã de setembro de 1898, enquanto 20 mil soldados britânicos marchavam pela paisagem devastada pela batalha para explorar uma força três vezes maior de zelosos guerreiros sudaneses (dos quais 3 mil estavam a cavalo) liderados por Abdullah ibn Muhammad. O governante árabe foi conduzido por seu senso de destino como o sucessor de Muhammad Ahmad, o autoproclamado Mahdi, um líder messiânico e servo de Alá em trazer a ordem das leis do Alcorão para o mundo no fim dos tempos.

Winston Churchill, então um cavaleiro de 24 anos louco por ação, calculou em torno de cem o número de aves de rapinas naquele dia. Os abutres não tinham apreço nem pela história nem pelo fervor religioso, mas compreendiam o significado de carnificina.

A história lembra a luta sangrenta que ficou conhecida como a Batalha de Omdurman.

UM OMBRO FERIDO E ABENÇOADO

Dois anos antes de Omdurman, Churchill aterrissou em Bombaim, na Índia, depois de uma longa e cansativa viagem das Ilhas Britânicas. Ansioso por pisar em terra firme, ele saiu correndo do pequeno e delicado barco que o levara, bem como a outros do SS *Britannia*, para um cais rochoso. Argolas de ferro estavam cravadas na pedra para que os passageiros se equilibrassem enquanto saltavam em degraus escorregadios pela rebentação.

No dia da chegada de Churchill, a pequena embarcação agitava-se em ondas de até um metro e meio. Assim que o jovem soldado agarrou uma das argolas, o barco foi atingido por uma onda e se afastou. A repentina guinada distendeu o ombro direito de Churchill, deslocando-o, embora naquele momento ele não soubesse da gravidade da lesão. Mesmo tremendo de dor, ele chegou a terra firme, mas, no verdadeiro estilo Churchill, logo tentou afastar o problema da mente.

Sem tratamento adequado, o ombro ferido de Churchill nunca se curou direito, o que sempre o atormentaria. Ao longo dos anos, ele jamais soube quando a dor aguda o atacaria – pegando um livro, dormindo de lado, nadando ou até mesmo segurando um corrimão. A lesão o impediu de participar de alguns esportes e, muito provavelmente, de morrer em Omdurman.

Em 2 de setembro de 1898, às 5h45 da manhã no norte da África, Churchill e seus aliados cavalgaram para confrontar um inimigo esmagadoramente forte. No entanto, em vez de temer o tsunami humano acelerando em sua direção, Churchill sentiu-se eufórico. Mais tarde, em uma carta à mãe, ele relatou como os “dervixes” eram destemidos diante dos cascos, recusando-se a

sair do caminho e sendo derrubados pelos cavalos galopantes dos ingleses. O inimigo atacou os isquiotibiais dos animais, tentou cortar freios e rédeas, brandiu espadas em frenéticos arcos oscilantes e disparou rifles à queima-roupa. Entretanto, Churchill avançou, ileso e destemido.[46]

Como Churchill explicou na carta, naquele dia, a chave para seu sucesso e sua sobrevivência foi a pistola Mauser de dez tiros.

Era tradição que um cavaleiro britânico atacasse o inimigo com uma espada, não uma pistola. O comprimento da lâmina permitia ao cavaleiro se inclinar, alcançar o solo com a ponta e depois recuar para prosseguir a luta. Se, contudo, Churchill estivesse usando uma espada, e não uma pistola, é improvável que tivesse sobrevivido ao campo de batalha.

Quando Churchill entrou no confronto, um guerreiro inimigo se arremessou ao chão à sua frente. Um brilho de luz reluziu da lâmina de uma cimitarra enquanto o guerreiro se preparava para paralisar o cavalo de Churchill. Firme na sela, Churchill rapidamente girou a montaria para longe da impressionante espada e atirou no soldado inimigo da infantaria a uma distância de três metros.

Churchill mal teve tempo de se endireitar e recuperar a posição antes de outro guerreiro se lançar contra ele com uma espada.

"Ergui minha pistola e disparei", escreveu anos depois. "Estávamos tão próximos que a pistola realmente o atingiu. O homem e a espada desapareceram abaixo e atrás de mim."[47]

Duvida-se de que Churchill, com o ombro lesionado, teria conseguido estender a mão com uma espada e golpear o primeiro atacante dervixe; mesmo que tivesse realizado tal façanha, porém, é improvável que recuperasse o equilíbrio a tempo de se defender contra o segundo adversário muito mais próximo.

Pensar que a lesão no ombro ocorrida em Bombaim implicou sua sobrevivência em Omdurman talvez reforce a ideia de que alguém estava cuidando dele.

Depois da batalha, o valente cavaleiro escreveu a sua mãe: "Balas, para um filósofo, minha querida mamãe, não são dignas de consideração. Além disso, sou tão orgulhoso que não acredito que os deuses criariam um ser tão forte como eu para um final tão prosaico".[48] Se ele enfrentava a possibilidade de morrer no campo de batalha, pelo menos havia tido uma vida "agradável". Seria lastimável desistir da vida tão cedo, mas pelo menos, se tivesse morrido, haveria uma consternação que ele não teria de conhecer.[49]

Claro que era tudo pura arrogância. Não há registro de uma resposta de lady Randolph, mas qualquer mãe pode imaginar os pensamentos que devem ter enchido a mente dela.

SOBREVIVÊNCIA NA ÁFRICA DO SUL

Em outubro de 1899, eclodiu a guerra entre a Grã-Bretanha e a República da África do Sul. Churchill, que já havia deixado o Exército, continuava ansioso para ver ação. Depois de conseguir um contrato para servir como correspondente de guerra do jornal *Morning Post*, partiu de Southampton em 14 de outubro a bordo do RMS *Dunottar Castle*.

Em 31 de outubro, ao chegarem à Cidade do Cabo, Churchill e dois de seus companheiros correspondentes pegaram um trem para o leste de Londres e, de lá, um navio a vapor para Durban. Na cidade, Churchill ouviu que seu velho amigo Ian Hamilton, na época general do Exército, havia viajado de trem para Ladysmith. Churchill imediatamente o seguiu. Embora fosse

um civil, ele tinha certeza de que Hamilton iria dedicar-lhe o mesmo respeito, como se ainda usasse uniforme.

Churchill e J. B. Atkins, correspondente do *Manchester Guardian*, começaram sua viagem e logo descobriram que o trem de Hamilton era o último a passar antes que os bôeres interrompessem a linha perto de Chieveley. Decepcionados e isolados em Estcourt, Churchill e Atkins montaram suas barracas no pátio da estrada de ferro, onde passaram a fazer as refeições, beber vinho e divertir os amigos ao redor de uma fogueira toda noite.

Em 9 de novembro, Churchill, frustrado com a situação, deixou claro na cidade que estava procurando um guia para levá-lo a Ladysmith, mesmo sabendo que um considerável Exército de bôeres se posicionava entre Estcourt e Ladysmith. Sua determinação em se introduzir no grosso da ação claramente o estava levando a um caminho imprudente de perigo desnecessário. E mais uma vez, o destino – ou a provisão divina – intercedeu.

Churchill descobriu que um trem blindado deveria sair naquela tarde com destino a Colenso, uma cidadezinha na terra de ninguém que ficava a cerca de quase cinquenta quilômetros de Ladysmith. O pensamento de ver ação, a primeira desde Omdurman, era irresistível, e, assim que o trem saiu da estação, Churchill estava a bordo. Quando o capitão Helmsley, o oficial encarregado do trem, parou perto de Colenso e seguiu a pé com o sargento, Churchill também desembarcou e os seguiu.

Depois de fazer o reconhecimento de Colenso, Churchill informou o seguinte em seu despacho do dia:

> aprendemos tudo o que havia para aprender: onde a linha estava danificada, que o povoado estava deserto, que a ponte estava a salvo, e então nos apressamos de volta ao trem… E voltamos para Estcourt ao entardecer.[50]

De Estcourt, Churchill continuou sua correspondência. Enquanto estava sentado ao redor da fogueira com o oficial comandante da guarnição, coronel Long, de repente ouviu gritos e ruídos metálicos. O coronel explicou que os soldados estavam carregando a artilharia móvel a fim de se deslocarem para um local mais seguro, na expectativa de que Estcourt fosse tomada pelos bôeres. Churchill corajosamente sugeriu que o movimento poderia ser visto como um sinal de evacuação, o que talvez levasse o cauteloso inimigo a se tornar ousado em seu avanço.

O coronel Long se afastou da fogueira e logo o barulho parou. No entanto, alguns minutos depois, os sons de raspagens e as batidas recomeçaram, e Churchill viu as armas sendo removidas do trem, aparentemente para permanecer em Estcourt.

Eu fiz isso, Churchill pensou. Então se conteve e assumiu uma atitude mais modesta. "*Nós* fizemos isso", disse ele.[51]

Essa não seria a última vez que Churchill expressou sua opinião, nem a última vez que aconselhou a resistirem em vez de se render. E, embora em determinadas ocasiões ele possa ter parecido arrogante ou imprudente, tinha boas intenções e seu julgamento geralmente acabava repercutindo. Churchill respeitava os oficiais que tomavam as decisões, e seu serviço militar anterior lhe dava credibilidade.

Na mesma época, em uma carta a *Sir* Evelyn Wood, Churchill abordou a questão da punição para os oficiais que entregavam tropas sob o comando. Ele odiava a rendição. Acreditava que as guerras deveriam ser travadas até que o último homem estivesse em pé.[52]

Anos mais tarde, quando altos funcionários do governo o pressionaram, nos tempos iniciais de seu primeiro mandato como primeiro-ministro, a buscar uma trégua com Hitler, mesmo que isso significasse rendição, ele respondeu com uma frase famosa: “E se esta longa história de nossa ilha chegar efetivamente a um fim, que ela termine somente quando cada um de nós jazer sobre o solo, sufocado pelo próprio sangue”.[53] Disse e pretendeu dizer exatamente isso.

O que ele vira na África muitos anos antes sem dúvida lhe ensinara sobre a importância da vitória completa. O mero pensamento de rendição em Omdurman tornara a palavra azeda ao seu paladar, e ocorrências como os eventos em Estcourt apenas lhe intensificaram a aversão. Mais uma vez, acontecimentos de sua vida pregressa o prepararam para a excepcional missão que ainda estava por vir.

A BORDO DA “ARMADILHA MORTAL DO WILSON”

Embora Churchill não tenha conseguido um guia para levá-lo a Ladysmith, ele logo encontrou outro modo de entrar na ação. Por uma aparentemente coincidente circunstância, – mas talvez, em retrospectiva, providencial –, esbarrou no comandante temporário dos Fuzileiros de Dublin, capitão Aylmer Haldane, enquanto passeava pela única rua da cidade.

Churchill e Haldane tinham sido amigos quando estavam na fronteira na Índia, e Haldane ajudara Churchill a garantir uma nomeação para o pessoal de *Sir* William Lockhart durante a Expedição Tirah, uma guerra travada entre os britânicos e a tribo Afridi em 1897-1898 pelo controle do Passo Khyber, no norte montanhoso da Índia (hoje Paquistão). Então na África do Sul, Haldane se preparava para pegar um trem blindado em uma missão de reconhecimento. Acreditando que Churchill seria um bom companheiro e sabendo que ele tinha experiência anterior, Haldane animadamente o convidou para se unir à missão.

Churchill logo ficou ao lado da fera de um trem, que fora apelidado de Armadilha Mortal do Wilson, observando enquanto os soldados subiam a bordo de seis vagões blindados – três em cada extremidade, com a locomotiva e o tênder no meio. Acoplada à frente do trem estava uma arma naval de quase três quilos que seria manuseada por marinheiros do HMS *Terrible*.

Quando o trem partiu de Estcourt, nem Haldane nem Churchill sabiam que uma unidade de artilharia bôer com três canhões e uma metralhadora Maxim se posicionava com vista para a ferrovia a cerca de 38 quilômetros do caminho.

O trem partiu no horário e chegou à estação Frere por volta das 6h20 da manhã. Nenhum inimigo à vista. Na Frere, Churchill conversou com um grupo de oito policiais da Montada de Natal, que o informaram de que faziam parte de uma ronda em reconhecimento de Chieveley.

O trem deslocou-se e chegou a Chieveley por volta das 7h10, momento em que receberam uma mensagem instruindo-os a permanecerem em Frere porque Chieveley estava ocupada pelo inimigo. A mensagem veio com um aviso específico e alarmante: “Não confiem em nenhum relato dos residentes locais, pois eles podem não inspirar confiança”.[54]

Depois de confirmarem o recebimento do aviso, eles foram informados de que um grupo de cerca de cinquenta bôeres e três vagões tinham sido vistos “deslocando-se para o sul no lado oeste da estrada de ferro”.

Quase no mesmo momento, Haldane viu “numerosos vultos movendo-se apressadamente e avançando” a aproximadamente quinhentos metros atrás do trem, voltando na direção de

Estcourt.[55] Sem tempo a perder, Haldane ordenou às tropas que voltassem ao trem, e então começaram o caminho de retorno.

Enquanto a Armadilha Mortal do Wilson se aproximava de uma colina ao longo do caminho, Churchill, que estava parado em um dos vagões da tropa com a cabeça e os ombros erguidos sobre o revestimento de aço, viu um grupo de bôeres ao longo da crista. “Uma imensa bola branca de fumaça se formou”, disse ele, “e rompeu-se em um cone, apenas a alguns metros acima da minha cabeça. Foram estilhaços – os primeiros que vi na guerra e quase os últimos!”[56]

De repente, ouviu-se um poderoso estrondo, “um tremendo impacto”. Churchill, Haldane e “todos os soldados foram arremessados de cabeça no chão”.[57] Lutando para ficar de pé, Churchill espiou por cima do vagão. Os três carros da frente do trem haviam descarrilado, mas, na ocasião, não estava clara a causa.

Churchill e Haldane saltaram do vagão e rapidamente concordaram que Haldane iria até a retaguarda para manejar a pequena arma da Marinha, na tentativa de manter afastado o fogo do inimigo, enquanto Churchill seguiria para a frente do trem a fim de investigar a causa do acidente e ver o que poderia ser feito. Balas ricochetearam nas laterais dos vagões enquanto os bôeres abriam fogo contra as desafortunadas tropas britânicas, que lutavam para buscar proteção atrás dos vagões blindados.

Ao chegar diante do trem, Churchill examinou alarmado a cena. Aparentemente, os bôeres haviam rolado várias pedras grandes no trilho e, como a locomotiva se posicionava no meio do trem, o condutor não as viu. Mesmo se tivesse visto, o simples peso do trem e sua velocidade teriam impossibilitado que parasse a tempo de evitar as rochas.

Embora dois dos vagões descarrilados estivessem bloqueando parcialmente o trilho, Churchill supôs que, com ajuda dos soldados, eles poderiam ser afastados do caminho pela locomotiva. Sob fogo constante do inimigo – a vida deles em perigo iminente e o resultado incerto por mais de uma hora –, Churchill, o engenheiro e vários soldados trabalharam para libertar o trem e limpar o caminho para a pátria.

Finalmente, a locomotiva e o vagão puderam retomar a viagem, e uma retirada gradual começou em direção ao rio Blaauwkrantz. No processo de limpeza do caminho, eles haviam desligado todos os vagões da locomotiva, e estes tiveram de ser deixados para trás. Os feridos da batalha foram carregados na locomotiva, e o resto dos soldados correu ao lado, usando o motor para se proteger enquanto seguiam rumo à segurança.

Conforme o trem se afastava, os bôeres intensificaram o fogo. Temendo que a locomotiva fosse paralisada pelo fogo da artilharia, o maquinista aumentou sua velocidade, e Churchill observou impotente as tropas a pé, incapazes de acompanhar o trem, lutando furiosamente para evitar a exposição ao fogo inimigo.

“Enfim, forcei o condutor a parar de vez”, escreveu Churchill mais tarde, “mas antes que eu pudesse fazer a locomotiva parar, já estávamos a quase trezentos metros da nossa infantaria.”[58] Churchill saltou da cabina e ordenou ao maquinista que prosseguisse através do rio Blaauwkrantz e esperasse do outro lado da ponte. Churchill então se virou e correu de volta até a linha para ajudar os soldados isolados e informar a Haldane sobre o plano revisado.

Nesse momento, ele notou duas figuras à paisana apressadamente se aproximando a uma distância de cerca de noventa metros. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi que eram funcionários da estrada de ferro, mas logo percebeu que se tratava de soldados bôeres.

De novo sob fogo, Churchill correu de volta para a locomotiva quando duas balas por pouco não o atingiram. Depois de tentar sem sucesso esconder-se em uma vala estreita, rapidamente concluiu que continuar a se mover representava sua única chance de escapar. Mais duas balas assobiaram por suas orelhas enquanto ele procurava uma oportunidade de chegar a um lugar mais alto.

Subindo pelo lado esquerdo da vala, Churchill escalou a encosta e escorregou por um buraco em uma cerca de arame. Do outro lado, agachou-se em uma pequena depressão e tentou recuperar o fôlego. De sua nova posição, conseguia ver uma cabaninha a quase cinquenta metros de distância – o abrigo perfeito. A aproximadamente cento e oitenta metros ficava o desfiladeiro rochoso do rio Blaauwkrantz.

ACEITAR O REPUGNANTE

Determinado a mergulhar no rio, Churchill levantou-se e deu uma rápida olhada para o inimigo. Para sua decepção, os dois bôeres a pé vinham acompanhados por um terceiro homem a cavalo, que naquele momento galopava a toda velocidade na direção dele.

Embora oficialmente civil, Churchill decidira naquela manhã levar consigo a pistola Mauser. De uma distância de quase quarenta metros, sentia-se confiante de que conseguiria atirar no soldado montado.

No entanto, quando colocou a mão no cinto, descobriu – agoniado – que a arma não estava ali. Enquanto trabalhava na limpeza do caminho, ele havia retirado a pistola e a deixado na cabine do trem. E então se viu a quase quarenta metros de um homem montado em um cavalo e apontando um rifle diretamente para ele com a clara intenção de matá-lo. Churchill olhou para o rio e depois de volta para a cabana do funcionário da ferrovia, percebendo rapidamente que não havia chance de escapar e que o cavaleiro retumbando sobre ele tinha um alvo perfeito.

"Levantei minhas mãos e me entreguei como prisioneiro de guerra", disse mais tarde.

Embora Churchill tenha achado a rendição repugnante, "nos aflitivos minutos que se seguiram", ele pensou no axioma de Napoleão: "Quando alguém está sozinho e desarmado, a rendição pode ser perdoada".[59]

O bôer baixou a arma e acenou para Churchill aproximar-se. Derrotado, ele obedeceu, e os dois voltaram para onde Churchill deixara Haldane e sua companhia. Entretanto, ninguém restara lá: todos já tinham sido feitos prisioneiros.

O tempo, assim como o humor de Churchill, ficou sombrio quando o obrigaram a se unir aos outros prisioneiros. Desde o início, ele explicou que não era um combatente, mas apenas um correspondente de guerra. No entanto, sabia muito bem que, acompanhando uma companhia militar e participando da luta, ele havia prejudicado sua reivindicação por um *status* civil – especialmente se levado em conta que estava vestido com uma espécie de uniforme. Desse modo, os bôeres teriam o direito de atirar nele ali mesmo como possível espião. Sem dúvida, Churchill viu a ironia da situação, pois anos mais tarde ele definiria um prisioneiro de guerra como "um homem que tentou matá-lo e, tendo fracassado, pede-lhe que não o mate".[60]

Ao decidirem o destino dos prisioneiros, os bôeres separaram Churchill dos outros. Como ele estava na chuva, sozinho, meio que esperava uma "não oficial corte marcial" e julgamento sumário.[61] Finalmente, uma corneta de campo aproximou-se dele com o veredito: "Não vamos

deixar você partir, velho camarada, apesar de ser um correspondente. Não pegamos o filho de um lorde todos os dias".[62]

Com sentimentos controversos, Churchill reuniu-se aos outros, naquele momento oficialmente um prisioneiro de guerra. Apesar da sensação de alívio por não ter sido alvejado com um tiro, sentia-se desanimado pelas circunstâncias. E esse sentimento não melhorou quando ordenaram aos homens que iniciassem uma marcha de noventa e seis quilômetros até o lugar em Elandslaagte, onde embarcariam em um trem a Pretória.

Durante a viagem de três dias, a cada passo, Churchill lamentou sua decisão de se render, reproduzindo em sua mente o momento enquanto procurava uma chance de fugir. Infelizmente, nenhuma apareceu, e, junto com os oficiais em cujo lado ele havia lutado, entrou em confinamento na State Model Schools em Pretória, que havia sido convertida em uma prisão de oficiais.

Sem que Churchill mesmo soubesse, ele já era um herói. O *Natal Witness* publicou posteriormente uma reportagem muito entusiástica do capitão Wylie, um oficial ferido na batalha, que disse terem as ações de Churchill possibilitado uma fuga segura. Wylie descreveu a conduta de Churchill como "a de um homem tão corajoso quanto possível".[63] O inspetor Campbell, das ferrovias governamentais de Natal, em nome da equipe operacional civil do trem, a qual acompanhava Churchill, escreveu ao General Mensageiro do Departamento de Ferrovias:

> Os ferroviários que acompanharam o trem blindado esta manhã me pedem que lhe transmita sua admiração pela frieza e coragem exibidas pelo Sr. Winston Churchill, o correspondente de guerra que acompanhou o trem, e cujos esforços, apoiados pelo condutor Wagner, devem-se ao fato de a máquina blindada e o tênder terem sido trazidos com sucesso após serem obstruídos pelos vagões descarrilados na frente… Todos os nossos homens elogiam o Sr. Churchill, que, lamento dizer, é um prisioneiro. Respeitosamente lhe peço que transmita essa admiração a um homem de coragem.[64]

A carta foi publicada em jornais de lugares tão distantes quanto a Nova Zelândia. Muitas das reportagens sugeriram que Churchill deveria ser homenageado com a Victoria Cross, "a maior condecoração por bravura que talvez merecesse",[65] mas o prêmio nunca lhe foi concedido. No primeiro volume da biografia de seu pai, o filho de Winston, Randolph, inclui um relato muito comovente, enviado à mãe de Churchill por Thomas Walden, criado dele, e mais tarde publicado no *Morning Post:*

> Senhora,
>
> Lamento dizer que o Sr. Churchill é prisioneiro, mas tenho quase certeza de que ele não está ferido. Vim para Maritzburg ontem para trazer todo o seu equipamento até que o Sr. Winston esteja livre… Eu me uni ao Imperial Light Horsepor meio da recomendação do coronel Long, embora lhe tenha primeiro perguntado se poderia, pois queria estar perto do Sr. Winston tão logo ele estivesse livre. Então o coronel Long disse que providenciaria que eu deixasse o regimento assim que o Sr. C. me quisesse. Desci do trem blindado com o condutor, que está ferido na cabeça com um cartucho. Ele me contou tudo sobre o Sr. Winston, e diz que não há um cavalheiro mais corajoso no Exército.[66]

Houve outras várias reportagens, todas semelhantes em seus elogios, cada qual destacando em especial a bravura de Churchill e a tristeza dos redatores pela captura subsequente. No entanto, a aventura de Winston Churchill, correspondente de guerra especial do *Morning Post*, estava apenas começando.

Embora ele se referisse a sua captura como “uma condição de melancolia”, Churchill reconheceu que ser um prisioneiro de guerra era “o tipo de prisioneiro menos infeliz”, sobretudo quando comparado a ficar “confinado por anos em uma moderna prisão… cada dia exatamente como o anterior, com as cinzas estéreis da vida consumidas e todos os longos anos de servidão estendendo-se adiante”.[67]

“As horas se arrastam como centopeias paralíticas. Nada diverte. Ler é difícil; escrever, impossível.” Ao avaliar o tédio da vida na prisão, Churchill admitiu que

> o espírito sombrio surge facilmente na mente de um prisioneiro… Mas, quando se é jovem, bem alimentado, animado, frouxamente vigiado, capaz de conspirar com os outros, esse estado de espírito leva o pensamento para mais perto da resolução, e a resolução para mais perto da ação.[68]

Assim, de dentro do prédio escolar convertido em prisão, Churchill começou a protestar contra seu cativeiro. Primeiro escreveu diretamente para o Secretário de Estado para a Guerra da Transvaal, Louis de Souza, na esperança de conseguir sua libertação. Talvez os oficiais sul-africanos o reconhecessem como civil e o deixassem ir embora.

Por outro lado, se ignorassem seus pedidos – como provavelmente o fariam –, sua correspondência pelo menos ocuparia a mente deles, desviando-as de considerá-lo um risco de fuga. Apesar de ter sido uma estratégia engenhosa, infelizmente teve o efeito inverso. O general Piet Joubert, veterano comandante bôer, escreveu a F. W. Reitz, secretário de Estado da Transvaal, posicionando-se contra a libertação de Churchill, e de fato sugerindo que ele fosse mais bem vigiado. “Caso contrário, ainda poderá nos causar muitos danos.”[69]

VISITANTES DO ALTO ESCALÃO

Embora Churchill fosse uma espécie de prêmio de posse para os bôeres, eles lhe permitiam receber muitos visitantes de alta patente na prisão. Ele entretinha-os com conversas sobre o progresso da guerra, e em troca ouvia os pontos de vista daqueles que ali iam.

Àquela altura, ele já decidira acalmar o inimigo em uma falsa esperança de que havia desistido da possibilidade de libertação e se resignado ao encarceramento enquanto a guerra durasse. No entanto, não era verdade. Junto com Haldane e um colono sul-africano chamado Brockie, que se fazia passar por sargento-mor a fim de ser enviado à prisão dos oficiais em vez de ir para o campo de soldados, Churchill estava pensando em um plano de fuga.

Em 7 de dezembro, dias antes da fuga planejada, dois outros presos pularam a cerca das State Model Schools e foram capturados nos arredores de Pretória. Ainda que esse incidente tenha aumentado a confiança de Haldane em seu plano de fuga, também aumentou a urgência, considerando-se que a ameaça de uma segurança prisional mais rígida ou restrições ao movimento certamente prejudicariam qualquer tentativa futura. Portanto, rapidamente decidiram que agiriam o quanto antes.

Ao anoitecer de 11 de dezembro, Churchill e Haldane caminharam separadamente até o local das latrinas, que seria o “impulso” para escalar a cerca e escapar. Brockie tinha concordado em encontrá-los quando estivessem no lugar. Ele levaria os mapas e uma bússola.

O plano não se concretizou naquela noite, porque a sentinela se recusou a deixar a posição que lhe fora designada. Desapontados, os três homens decidiram adiar a fuga por 24 horas e voltaram aos dormitórios. Churchill teve muita sorte de não ter sido descoberto. Em uma atitude

imprudente, ele deixara no travesseiro um bilhete para Louis de Souza, o qual recuperou com urgência. O texto dizia parcialmente isto:

> Não considero que seu governo estava legitimado em me deter… e consequentemente resolvi escapar. Os planos que consegui elaborar em conjunto com meus amigos de fora me deram toda a confiança… Lamento que as circunstâncias não tenham me permitido uma despedida pessoal…
>
> Sinceramente,
> Winston S. Churchill[70]

Embora em tom de imprudente arrogância, o objetivo do bilhete não era apenas ser bem-humorado, mas também levar Souza a acreditar que Churchill recebera ajuda de fora, o que ele esperava que mantivesse os bôeres ocupados procurando cúmplices fantasmas e investigando qualquer um que tivesse chegado próximo da escola. Estrategicamente, foi um golpe de mestre.

A ironia tem seus momentos. Sem o conhecimento de Churchill, em 12 de dezembro, dia planejado para a segunda tentativa de fuga, o general Joubert telegrafou a Reitz, revogando suas objeções à libertação de Churchill. O telégrafo ainda teria de ser entregue às autoridades de Pretória quando Churchill e Haldane mais uma vez fizeram o caminho ao local das latrinas.

Com a sentinela de novo firme em sua posição, as perspectivas pareciam sombrias. Se eles corressem e fossem vistos, sabiam que um tiro disparado tão de perto os atingiria definitivamente.

Churchill e Haldane retornaram à varanda e informaram Brockie. Este, insatisfeito com o comentário, foi observar por si mesmo. Churchill e Haldane esperaram por algum tempo e, em seguida, Churchill foi verificar o que Brockie estava fazendo. Momentos depois, Brockie voltou até Haldane, enquanto Churchill permaneceu em posição, esperando que a sentinela se movesse, determinado a não desperdiçar mais uma noite.

Quando enfim a sentinela se afastou de sua posição, Churchill aproveitou a oportunidade para escalar a cerca. No entanto, no caminho prendeu o colete no arame, e o ruído do rasgo quase o revelou. Quando ele olhou de volta para a sentinela, porém, viu o homem colocar as mãos em concha e acender um cigarro. Aliviado, Churchill se abaixou no jardim, escondendo-se entre os arbustos, e esperou Haldane e Brockie surgirem por cima da cerca para que pudessem escapar juntos.

Depois de uma hora sem nenhum sinal dos companheiros, Churchill finalmente viu os dois homens passarem pela cerca. Então arriscou sinalizar com uma tosse, e eles o notaram, mas logo ficou evidente que os amigos não conseguiriam escapar naquela noite. Como Churchill já havia ultrapassado a cerca e não poderia retornar com facilidade, decidiu seguir sozinho.

Churchill relata o que aconteceu em seguida:

> O portão que levava à estrada ficava a poucos metros de outra sentinela. Disse a mim mesmo: *“Toujours de l’audace”*, coloquei meu chapéu, caminhei para o meio do jardim, passando pelas janelas da casa sem qualquer tentativa de me esconder, e então atravessei o portão e virei à esquerda. A sentinela estava a menos de cinco metros. A maioria delas me conhecia de vista. Não sei sequer se olhou para mim, porque em momento algum virei a cabeça. Contive com a maior dificuldade o impulso de correr. Mas, depois de andar quase cem metros e não ouvir nenhuma ameaça, sabia que o segundo obstáculo havia sido superado. Eu estava em liberdade em Pretória.[71]

A LONGA JORNADA RUMO À LIBERDADE

Churchill então enfrentaria uma jornada de quase quinhentos quilômetros até a baía de Delagoa e a liberdade. Sem falar holandês ou kaffir, sem conhecer ninguém a quem pedir ajuda, e sem um mapa ou uma bússola, ele tinha pouco dinheiro, zero de água e apenas quatro barras de chocolate, ou seja, nada que pudesse sustentá-lo por muito tempo.

Sentinelas se posicionavam em todas as cidades, e o campo era rotineiramente patrulhado. Sabendo que todos os trens haviam sido revistados e as linhas protegidas, só restava a Churchill prosseguir a pé. Ciente de que pela manhã sua ausência seria notada, ele avançou com determinação e, a fim de evitar os feixes da iluminação pública, caminhou no meio da rua.

Então começou a elaborar um plano para sua jornada desconhecida. O desafio de chegar à Delagoa Bay Railway sem mapa ou bússola seria resolvido seguindo a linha férrea de uma distância segura. Sabendo que seria incapaz de andar quase quinhentos quilômetros, ele decidiu embarcar em um trem em movimento e se esconder em algum lugar ali.

Depois de duas horas caminhando, Churchill viu as luzes de sinalização de uma estação e se escondeu em uma vala a aproximadamente 180 metros dali. Calculou que qualquer trem que parasse na estação ainda estaria em uma velocidade lenta o bastante para que ele conseguissse embarcar.

Passada mais uma hora, um trem entrou no entreposto e parou. Churchill se preparou. Assim que o trem retomou seu trajeto, ele esperou que o maquinista passasse pelo local onde se escondia e então começou a correr ao lado dos trilhos, procurando um jeito de subir a bordo. Logo, porém, percebeu que havia subestimado a velocidade da locomotiva, e só conseguiu embarcar depois de várias tentativas. Quando enfim entrou em um dos vagões, acabou descobrindo que estava repleto de sacos vazios de carvão, os quais se transformaram em uma cama quente e confortável. Incerto sobre o destino do trem ou se ele estava indo na direção que desejava, decidiu que qualquer coisa era melhor do que ficar confinado na capital do inimigo. Em paz com a decisão, logo adormeceu.

"Acordei de repente, desprovido de todos os sentimentos de euforia, apenas com a consciência das dificuldades opressivas que pesavam sobre mim."[72] Ele sabia que precisava abandonar o trem antes do amanhecer ou correria o risco de ser encontrado. Passando rapidamente para a extremidade do vagão, Churchill segurou a barra de apoio de ferro e saltou na primeira oportunidade.

> O trem estava a uma velocidade razoável [ele disse mais tarde],[73] mas senti que era hora de sair… Meus pés golpearam o chão em duas passadas gigantescas, e no instante seguinte eu estava esparramado na vala, consideravelmente abalado, mas ileso. O trem, meu fiel aliado da noite, continuou sua viagem.[74]

Àquela altura, desesperadamente sedento, logo começou a procurar água. Encontrando um reservatório límpido no luar que se desvanecia, engoliu o máximo que pôde e, em seguida, subiu as colinas ao redor para se esconder em um bosque. Conforme observava o nascer do sol sobre a ferrovia, sentiu alívio ao ver que havia escolhido a linha ferroviária certa a seguir.

Logo passou a fazer um calor sufocante, e Churchill, faminto, comeu uma das barras de chocolate, o que amenizou a fome, mas aumentou muito a sede. Ele esperou uma oportunidade de retornar ao reservatório para beber mais água, mas observou com desalento vários bôeres

passando por ali o tempo todo. Então, se resignou a esperar até escurecer antes de arriscar o próximo movimento. E recordou mais tarde: “minha única companhia era um enorme abutre, que manifestou um extravagante interesse pela minha condição e que fazia gorgolejos hediondos e sinistros de tempos em tempos”.[75]

No entanto, como em Omdurman, o pássaro voraz não faria uma refeição de Winston Churchill naquele dia.

A ORAÇÃO DE CHURCHILL

Quando anoiteceu no segundo dia da fuga de Churchill, ele rapidamente foi até o reservatório e bebeu água. Sabendo que seria incapaz de embarcar em um trem que se movesse na velocidade em que viajara quando saltou na noite anterior, dirigiu-se até onde a linha se inclinava mais para cima e esperou. Seis horas se passaram, e nenhum trem apareceu. Quando outra hora se esgotou, Churchill, quase sem esperança, decidiu seguir a pé, determinado a caminhar pelo menos dezesseis quilômetros antes do amanhecer. Entretanto, em razão das pontes e das choupanas fortemente vigiadas e posicionadas em intervalos regulares ao longo da linha férrea, ele pouco progrediu. “Não havia nada a fazer a não ser me arrastar, mas de uma maneira cada vez mais sem propósito e sem esperança. Sentia-me miserável.”[76]

Nesse ínterim, os bôeres estavam determinados a recapturar Churchill o mais rápido possível. Um comunicado foi copiado, entregue e postado, oferecendo uma recompensa de £ 25 pela sua recaptura, *vivo ou morto*. Embora desconhecesse o fato na época, Churchill tinha não apenas um preço por sua cabeça, mas também uma sentença de morte.

Então, ele vislumbrou uma fileira de luzes no horizonte, que supôs virem de outra estação ao longo da ferrovia. À esquerda, viu o clarão de fogos e animou-se diante da possibilidade de que viesse de um *kraal*, um aglomerado de choupanas habitadas por africanos tribais. Embora não falasse uma palavra do idioma local, esperava que, ao oferecer as notas de bancos britânicos que guardava no bolso, conseguisse comida, água e abrigo para a noite, além de não ser entregue aos inimigos.

No entanto, enquanto Churchill caminhava rumo à iluminação ao longe, sentiu a confiança esvair-se. Assim, parou, olhou para trás e começou a retraçar seus passos até voltar para a linha de trem antes de estancar de novo, dessa vez caindo no chão em desesperada depressão. Ele descreveu seus sentimentos na ocasião: “[estava] completamente desconcertado, desprovido de qualquer ideia do que fazer ou de para onde me virar”.[77]

Os pensamentos e as ações de Churchill naquele momento possibilitam uma visão clara de sua espiritualidade pessoal:

> Não encontrei conforto em nenhuma das ideias filosóficas que alguns homens alardeiam em momentos de tranquilidade, força e segurança. Elas pareciam apenas amigos de bom tempo. Percebi com um impacto terrível que nenhum ato de minha própria inteligência e força poderia me salvar dos inimigos, e que, sem a ajuda daquele Poder Supremo, que intervém na sequência eterna das causas e dos efeitos mais frequentemente do que sempre estamos propensos a admitir, eu jamais conseguiria ter sucesso. Orei longa e fervorosamente por ajuda e orientação. Minha oração, como me parece, foi rápida e maravilhosamente atendida.[78]

E recordou Churchill:

> De repente, sem a menor razão, todas as minhas dúvidas desapareceram. Certamente não foi por nenhum processo de lógica que se dissiparam. Apenas senti com bastante clareza que iria para o *kraal* Kaffir.[79]

EM DIREÇÃO AO FOGO

A luz do fogo que ele pensara estar a apenas alguns quilômetros de distância estava, de fato, muito mais distante. Ainda assim, com determinação e a atitude de nunca se render, Churchill continuou em direção às chamas que haviam se tornado um farol de esperança.

Depois de caminhar por mais de uma hora, ele se aproximou o bastante para perceber que o fogo não vinha de um *kraal*.

> Vi que estava me aproximando de um grupo de casas ao redor da entrada de uma mina de carvão… e consegui ver que o fogo que me havia conduzido para tão longe vinha dos fornos dos motores.[80]

Churchill precisava tomar uma decisão: se ele voltasse, vagaria na mata até que "fome, febre, descoberta ou rendição" acabassem com sua jornada. Antes de fugir, ele ouvira dizer:

> nos distritos de mineração de Witbank e Middleburg, havia um certo número de residentes ingleses que tinha sofrido para permanecer no país a fim de manter as minas funcionando. E se eu tivesse ido parar em um desses?[81]

Mesmo hesitando, Churchill bateu em uma das portas. Sem resposta, bateu de novo. Dessa vez, uma luz se acendeu e a voz de um homem veio de uma janela:

– *Wer ist da?*[82]

Churchill respondeu em inglês, explicando ao sujeito que precisava de ajuda. Em instantes, a porta se abriu e um homem alto olhou para fora, a face pálida ostentava um bigode preto.

– O que você quer? – o homem perguntou em inglês.[83]

Sabendo que ele precisava ser convidado para entrar e poder negociar, Churchill inventou uma história, alegando ter caído de um trem em um acidente, ficado inconsciente por horas e deslocado o ombro. A história, disse ele, "surgiu como se eu a soubesse de cor. No entanto, não fazia a mínima ideia do que ia dizer ou de qual seria a próxima frase".[84]

O estranho convidou-o a entrar em um cômodo escuro. Quando as lamparinas foram acesas, Churchill, notando um revólver sobre a mesa, perguntou-se se aquele lugar passaria a ser sua prisão.

– Acho que gostaria de saber um pouco mais sobre esse acidente ferroviário – disse o homem.

– Acho melhor eu dizer a verdade – retrucou Churchill.

– Acho que sim.[85]

Quando Churchill se identificou como um correspondente de guerra britânico e contou que havia fugido de Pretoria, o homem deu um passo à frente e ofereceu-lhe a mão.

– Graças a Deus você veio até aqui! – disse ele. – É a única casa em um raio de mais de trinta quilômetros onde ninguém o entregará. Todos aqui somos britânicos e compreendemos sua verdadeira natureza.

Acontece que John Howard, o "bom samaritano" de Churchill, era um sujeito britânico que fora forçado a permanecer na África do Sul durante o conflito. Ele correu para a mina de carvão e ficou feliz em esconder Churchill nela até que o transportassem a salvo em um trem de carga para o outro lado da fronteira.

Depois de três dias "ansiosos e desconfortáveis" no trem, Churchill cruzou o território português (atual Moçambique) e foi para o consulado britânico em Lourenço Marques (hoje chamado Maputo). De lá, pegou um barco a vapor pela costa até Durban.

Churchill chegou a Durban com grande aclamação: "um herói popular… como se eu tivesse conquistado uma grande vitória".[86] Bandeiras enfeitavam o porto, bandas tocavam, multidões o ovacionavam. Churchill disse que ele estava "quase despedaçado pela gentileza entusiástica" ao ser arrastado para os ombros da multidão e levado para os degraus da Câmara: "[lá] nada iria contentá-los a não ser um discurso, que, depois de relutar, fui induzido a proferir".[87]

UMA "ÁRVORE SOLITÁRIA" NO PARLAMENTO

Pela primeira vez na vida, Churchill era um herói internacional. Depois de retornar à Inglaterra em 1900, após passar um segundo período na África do Sul com um regimento de cavalaria, ele se candidatou à Câmara dos Comuns de Oldham, onde havia perdido uma candidatura anterior à sua experiência na Guerra dos Bôeres. No entanto, dessa vez "recebeu a mais calorosa das boas-vindas". Oldham "quase sem distinção de partido concedeu-me um triunfo", ele afirmou.[88]

A voz catalisadora que um dia moveria uma nação – e grande parte do mundo – foi ouvida pela primeira vez no Parlamento em 18 de fevereiro de 1901. Churchill rapidamente encontrou a própria voz e seu propósito, assegurando o legado de seu pai em um discurso inaugural para uma Câmara superlotada.

Como seu pai em outras épocas, o jovem se levantou cheio de coragem para desafiar o próprio partido político e governo em políticas que ele acreditava estarem em desacordo com os melhores interesses da Grã-Bretanha. "Fui criado na casa do meu pai para acreditar na democracia. 'Confie no povo' – essa era a mensagem dele."[89]

Winston Churchill era um moderado que discordava firmemente de Joseph Chamberlain, secretário de Estado das colônias e pai de Neville Chamberlain, a quem Churchill no futuro sucederia como primeiro-ministro.

A crença no "*Party before Country*", de Joseph Chamberlain, evidenciou-se em 1902 quando ele perguntou a Churchill: "Qual a utilidade de apoiar o próprio governo somente quando ele está certo? É justamente no momento do apuro que você precisa nos apoiar".[90]

Churchill pagou o preço por suas posições morais várias vezes: perdendo assentos parlamentares, sendo negligenciado para compromissos, e encontrando-se em uma espera melancólica de um membro sem função oficial da Câmara dos Comuns, olhando para aqueles mais jovens e menos experientes que progrediam porque não provocavam controvérsias no partido.

Poucos anos depois de ingressar no Parlamento, Churchill, em conflito com o governo conservador em favor do livre-comércio, atravessou o plenário da Câmara dos Comuns, deixando os conservadores e sentando-se nos bancos liberais. Voltaria ao Tory vinte anos depois, embora sua decisão de mudar de lado o tenha estigmatizado para muitos como traidor e indigno de confiança. Essa caracterização se exacerbou ainda mais pela posição que assumiu contra a

independência da Índia e, mais tarde, por seu alarme sobre o programa de rearmamento da Alemanha e a ascensão de Adolf Hitler.

Nesse sentido, Churchill previu corretamente o derramamento de sangue. A tragédia poderia muito bem ser evitada se o governo tivesse ouvido os primeiros avisos dele.

Durante esses anos inóspitos, Churchill estudou a vida de Moisés e refletiu sobre os elementos responsáveis pela construção de um líder tão forte.

> Todo profeta deve provir da civilização, mas todo profeta tem de ir para o deserto. Deve ter uma impressão profunda de uma sociedade complexa e de tudo o que ela tem para dar, e depois atravessar períodos de isolamento e meditação. É por esse processo que a dinamite psíquica é feita.[91]

Churchill não teria acreditado que estivesse relatando o próprio percurso para a "dinamite psíquica"; ele pode não ter sido um profeta no sentido do Antigo Testamento, mas tinha uma notável intuição. Muitos de seus contemporâneos reconheceram tal característica, incluindo Violet Bonham Carter, filha do primeiro-ministro H. H. Asquith e amiga íntima de Churchill. Ela escreveu que o pai estava "profundamente impressionado" com a previsão de Churchill sobre o início da Primeira Guerra Mundial. Churchill, na época com trinta e poucos anos, apresentou uma previsão "desconcertante em sua exatidão". Três anos depois, as sequências e o tempo que listou em sua análise "foram quase literalmente confirmadas", escreve Carter. "Mais uma vez o *daemon* de Winston estava 'contando coisas a ele'."[92]

Esse "*daemon*" também deu a Churchill uma sólida compreensão intuitiva da estratégia militar.[93] Conforme progredia nos escalões do governo nos próximos anos, sua compreensão tática seria aprimorada tanto para o fracasso quanto para o sucesso.

Churchill, Randolph. *The Churchill Documents, volume 2: Young Soldier, 1896-1901*. Hillsdale, MI: Hillsdale College Press, 2006.

Churchill. *A Roving Commission: My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 191.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: Uma vida]*. p. 82.

Churchill, Randolph. *The Churchill Documents, volume* 2. p. 784.

Sandys, Celia. *Churchill Wanted Dead or Alive.* Nova York: Carroll & Graf, 1999. p. 38.

Ibid, p. 39.

Langworth. *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 273.

Gilbert. *Winston S. Churchill, volume 6: Finest Hour, 1939-1941*. p. 420.

Gilbert. *Winston S. Churchill, volume 1: Youth, 1874-1900*. Hillsdale, MI: Hillsdale College Press, 2006. p. 462.

Churchill. A Roving Commission: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 244.

Ibid, p. 245.

Ibid.

Ibid, p. 250.

Ibid, p. 252.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 214.

Churchill. *A Roving Commission*: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 258.

Ibid.

Churchill, Randolph S. *The Churchill Documents, volume 1: Youth, 1874-1900*. p. 465.

"Warm Tribute to Mr. Winston Churchill", *Daily Telegraph*, edição 9721, 22 de março de 1900. Disponível em: <http://paperspast.natlib.govt.nz/cgi-bin/paperspast?a=d&d>.

"The Victoria Cross" History Learning Site. Disponível em: <www.historylearningsite.co.uk/victoria_cross.htm>.

Churchill, Randolph. *Churchill. Documents, volume 1*. p. 467.

Churchill. *A Roving Commission*: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. pp. 259-260.

Ibid.

Sandys. *Churchill Wanted Dead or Alive*. p. 86.

Ibid, pp. 94-95.

Churchill. *A Roving Commission*: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. pp. 271-272.

Ibid, p. 274.

Acréscimo do autor.

Ibid.

Ibid.

Ibid, p. 279.

Ibid, p. 280.

Churchill. *The Boer War: London to Ladysmith via Pretoria and Ian Hamilton's March*. Londres: Bloomsbury, 2013. p. 77.

Churchill. *A Roving Commission*: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 280.

Ibid.

Ibid.

Em português, "Quem é?". (N.T.)

Churchill. *A Roving Commission*: *My Early Life* [*Minha mocidade*]. p. 281.

Ibid, p. 282.

Ibid.

Ibid, p. 297.

Ibid.

Ibid. p. 354.

Churchill (discurso na Sessão Conjunta do Congresso dos EUA) in James, Robert Rhodes (ed.). *Churchill speaks 1897-1963. Collected Speeches in Peace and War*. Atheneum, 1981. p. 781.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 148.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. Londres: Thornton Butterworth, 1932. p. 304.

Carter. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. p. 184.

Daemon é um termo grego antigo para um espírito ou ser sobrenatural.

3
Do Almirantado para as trincheiras

Quão vil e perversa loucura e barbárie é tudo isso.

**(WINSTON CHURCHILL,
EM CARTA À SUA MULHER, CLEMENTINE,
15 DE SETEMBRO DE 1909)**

"Depois de suas aventuras na Guerra dos Bôeres, Winston Churchill foi o jovem mais paparicado da Inglaterra", escreve René Kraus.[94] No entanto, teve pouco tempo para descansar no carinho da glória. Ele estava avançando inexoravelmente para as manchetes, o que retumbaria em sua humilhação e derrocada. Logo lhe lembrariam que a aclamação pública é instável e que ninguém deve confiar o coração à efemeridade da fama.

Churchill aprendeu essa verdade com profunda dor pouco mais de uma década depois de retornar da África do Sul como um herói conquistador. Nos anos posteriores, ele subiu nos escalões do governo até o papel decisivo de liderança em tempo de guerra, como primeiro lorde do Almirantado durante a Primeira Guerra Mundial.

O período preparatório para esse conflito incluiu o aumento das tensões nos Bálcãs, o confronto entre as potências europeias no norte da África e uma corrida armamentista naval entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Em agosto de 1911, na vazante de uma das muitas crises que levou o mundo à beira da guerra, Churchill – então com 37 anos e carregando as tensões do cargo de secretário para assuntos internos – foi para Somersetshire, o local da mansão do primeiro-ministro Asquith, em busca de um necessário descanso. Era "um lugar de beleza mágica, quietude e paz", escreve Violet Bonham Carter. Durante aquele período tenso, porém, três anos antes do início da guerra, Churchill estava inquieto, mesmo vislumbrando a delicadeza do campo suave com os versos de um poema de A. E. Housman:

> Na colina ociosa do verão
> Preguiçoso com o som dos riachos
> Atento eu ouço um tambor distante
> Tocando como um ruído nos sonhos
> Longe e perto e baixo e mais alto
> Nas estradas de terra que passam
> Estimado pelo amigo e comida para pólvora
> Soldados marchando, logo a morrer.[95]

Os versos de Housman foram tão evocativos para a alma de Churchill que ele escreveu mais tarde: "não pude pensar em mais nada senão no perigo da guerra".[96] Churchill continuou cumprindo suas obrigações, mas, para ele, o conflito iminente era descrito da seguinte maneira: "[a] única… área de interesse ferozmente iluminada na minha mente".[97]

Acomodado no topo de uma colina, Churchill pesquisou "o país sorridente que se estende em torno de Mells"[98] enquanto as palavras de Housman lhe vagavam pela mente. Vistos contra o pano de fundo das preocupações de Churchill quanto à guerra, os versos de Housman se tornam espectros.

Em 1920, dois anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial, Churchill voltaria a Mells e pintaria um quadro de um arco que levava a uma pérgola banhada por delicadas violetas. Em 1911, contudo, não havia tom de acordo – apenas "ansiedades", como Churchill mesmo colocou.[99]

Nesse ínterim, Asquith se digladiava com conflitos dentro do Comitê de Defesa Imperial, pois alguns acreditavam que o Almirantado estava falhando em cooperar com o chefe do Estado-Maior Imperial. Lorde Haldane, líder do Departamento de Guerra e um dos mais estimados amigos de Asquith, disse ao primeiro-ministro que não mais suportaria se o confronto entre seu grupo e o Almirantado não pudesse ser silenciado. Em setembro, Asquith foi para a Escócia, na esperança de encontrar calma no campo de golfe. No entanto, "sua mente estava preocupada com a mudança no Almirantado".[100]

Em 27 de setembro, Churchill se uniu a Asquith na Escócia e jogou golfe no "sol dourado de outono, com gaivotas sobrevoando o céu".[101] O humor de Asquith começou a mudar e o riso ecoava pelos campos de golfe. No entanto, a tensão voltou com a visita de Haldane.

Churchill foi chamado para uma noite no Ministério do Interior, mas retornou na tarde seguinte e mais uma vez foi jogar golfe com o primeiro-ministro Asquith.

Quando os homens voltaram dos *links*, Violet Bonham Carter escreve: "Vi no rosto de Winston uma radiância como o sol".

– Você vai sair para uma caminhada comigo… imediatamente? – perguntou ele.

– Não quer chá?

– Não, não quero chá. Não quero nada… nada no mundo. Seu pai acabou de me oferecer o Almirantado.

Nunca Carter vira tanta felicidade e satisfação no amigo.

– Isso é uma coisa excepcional – disse Churchill. – A maior que já me aconteceu… A oportunidade que eu deveria ter escolhido antes de todos os outros. Vou dar tudo que tenho.[102]

Quando Churchill voltou a seus aposentos, olhou para o Estuário do rio Forth, a vasta via fluvial que abria a Escócia até o mar do Norte. Ao longe, vislumbrou dois navios de guerra britânicos movendo-se sob plumas de vapor. "Pareceram investidos de um novo significado para mim", ele recordou mais tarde.[103]

ORIENTAÇÃO BÍBLICA

Quando Churchill entrou em seu aposento, ainda desconcertado com a nomeação de primeiro lorde do Almirantado, pensou logo no perigo que a nação enfrentava. A Grã-Bretanha "amante da paz, imprudente, pouco preparada", ele sempre sentiu, era caracterizada por "poder e virtude" e uma missão entre as nações "de bom senso e *fair-play*".[104] Então, sua mente se desviou para a Alemanha e como ele ficara encantado em 1907, quando assistira a 50 mil soldados marchando em uma retumbante manifestação militar. Churchill contemplou os cálculos "frios, pacientes e cruéis" da Alemanha. Recordou-se "do corpo de Exército que eu tinha visto passar ruidosamente, em sucessivas vagas de valente virilidade". Lembrou-se de outra época em que observara

manobras em Würzburg consistindo “em milhares de cavalos fortes arrastando canhões e grandes morteiros pelos cumes e ao longo das estradas”.[105]

Com tais pensamentos lhe percorrendo a mente, os olhos de Churchill pousaram em uma grande Bíblia sobre a mesinha de cabeceira. Abrindo-a aleatoriamente em Deuteronômio 9:1-5, ele leu estas palavras:

> Ouça, ó Israel: Hoje você está atravessando o Jordão para entrar na terra e conquistar nações maiores e mais poderosas do que você, as quais têm cidades grandes, com muros que vão até o céu. O povo é forte e alto. São enaquins! Você já ouviu falar deles e até conhece o que se diz: “Quem é capaz de resistir aos enaquins?”. Esteja, hoje, certo de que o Senhor, o seu Deus, ele mesmo, vai adiante de você como fogo consumidor. Ele os exterminará e os subjugará diante de você. E você os expulsará e os destruirá, como o Senhor lhe prometeu. Depois que o Senhor, o seu Deus, os tiver expulsado da presença de você, não diga a si mesmo: “O Senhor nos trouxe aqui para tomarmos posse desta terra por causa da nossa justiça”. Não! É devido à impiedade destas nações que o Senhor vai expulsá-las da presença de você. Não é por causa de sua justiça ou de sua retidão que você conquistará a terra deles. Mas é por causa da maldade destas nações que o Senhor, o seu Deus, as expulsará de diante de você, para cumprir a palavra que o Senhor prometeu, sob juramento, aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó.

Churchill disse mais tarde que “parecia uma mensagem repleta de garantia”.

Tendo observado as manobras militares alemãs em primeira mão na companhia do *kaiser* Wilhelm, Churchill pode muito bem ter-se focado na descrição dos enaquins como “um povo forte e alto”. Ele ficara impressionado com os soldados teutônicos e notara suas façanhas com poderosas armas. Naquele momento, enquanto contemplava a possibilidade de ter de se opor a um poder tão formidável, talvez tenha sido tentado a adaptar as palavras de Moisés – “Quem é capaz de resistir aos enaquins?” – e perguntar a si mesmo: “Quem é capaz de resistir à Alemanha?”. Enquanto Moisés ancorara sua esperança no “fogo consumidor” de um Deus Todo-Poderoso, o primeiro-ministro Asquith aparentemente depositava sua esperança na Marinha Real e a colocava diretamente sobre os ombros de Winston Churchill.

Lendo Deuteronômio, Churchill possivelmente encontrou confiança no extraordinário poder de Deus, que havia prometido a Moisés que o próprio Deus comandaria a batalha, indo diante dos exércitos de seu povo da aliança, Israel, desalojando o inimigo do solo que ocupava.

No entanto, naquele instante, Churchill não poderia prever o líder alemão que surgiria nos próximos anos e que voltaria as costas a Deus, tentaria exterminar os judeus e impor o próprio reino (Reich) no lugar de Deus. Ele tentaria usar a igreja para avançar em seus objetivos e, quando a igreja fiel recusasse, tentaria destruí-la.

Conforme Churchill lia tais versículos de Deuteronômio 9, ele talvez notou o aviso de Deus sobre se orgulhar da vitória. Como conquistadores humanos, os homens não deveriam assumir o crédito pela vitória ou declarar que era por causa de Sua “justiça” que Deus os beneficiara diante do inimigo. De fato, a vitória divinamente forjada viria não em razão do mérito superior da nação vitoriosa, mas em razão da perversidade dos derrotados.

Churchill era um homem orgulhoso, mas não no estilo de Lúcifer, que procurava ascender ao próprio trono de Deus para afastar o Governante legítimo. Sob a arrogância de Churchill havia um coração de humildade, cultivado talvez pela rejeição do pai e ainda formado por períodos de adversidades que logo se seguiriam.

Por outro lado, Hitler um dia tentaria apresentar-se como um novo messias, e esse mesmo impulso já estava no coração de seu predecessor espiritual, *kaiser* Wilhelm, em 1911. É claro, como René Kraus apropriadamente observa: "Que homem mortal não se tornaria megalomaníaco se fosse deificado dia após dia como 'o príncipe mais glorioso do mundo', como ocorrera com Wilhelm?".[106] Em última análise, os exércitos do *kaiser* não triunfariam, exceto somente depois que o continente europeu estivesse encharcado com o sangue de suas gerações em ascensão.

Havia muito exagero associado ao primeiro lorde do Almirantado – chapéus emplumados, saudações de canhões e aclamação como o líder da maior Marinha do mundo. No entanto, conforme Churchill logo aprenderia, quanto mais alto o cargo, maior o potencial de humilhação.

O DESASTRE DOS DARDANELOS

O ano de 1914 inscreveria a recordação mais dolorosa da mente de Churchill, quando um inverno cruel se abateu sobre os combatentes da Primeira Guerra Mundial. "A Rússia, um poderoso rolo compressor, na esperança de fazer a França sofrer e prostrar a Bélgica… a Rússia está caindo", escreveu ele.[107] A explosão de inverno congelou a Rússia, separando-a de seus aliados, incluindo a Grã-Bretanha, tornando-a incapaz de receber ajuda. O gelo cobriu os oceanos e, onde havia mar aberto, lá se estabeleciam os alemães. A Turquia, como um dos aliados da Alemanha, havia fechado a outra via de acesso à Rússia: o estreito dos Dardanelos. Alguma coisa precisava ser feita.

Passados três meses após o início da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha e seus aliados já haviam perdido cerca de 1 milhão de homens, e Churchill se preocupava seriamente com o terrível número de vítimas humanas nas trincheiras ao longo da frente ocidental. Enquanto isso, no leste, os turcos estavam pressionando os russos no Cáucaso. Churchill acreditava que libertar os militares russos para abrir uma nova frente no leste, atacando Berlim, impediria que mais soldados do oeste fossem enviados para "mastigar arame farpado".

Lorde Hankey, que ocupava o cargo duplo de secretário do Comitê de Defesa Imperial e secretário do Conselho de Guerra, compartilhava a preocupação de Churchill. Separadamente, ambos escreveram ao primeiro-ministro Asquith sobre a necessidade de romper o impasse da guerra nas trincheiras.

Enquanto isso, o grão-duque russo Nicolas redigiu um apelo urgente a lorde Kitchener, secretário de Estado Britânico para a guerra, pedindo-lhe medidas imediatas para afastar os exércitos turcos que então se aproximavam das forças russas no Cáucaso. Kitchener escreveu a Churchill, sugerindo que "o único lugar onde uma demonstração talvez tenha algum efeito para estancar os reforços que se dirigem para o leste seria Dardanelos",[108] o estreito que liga o mar Egeu ao mar de Mármara, no noroeste da Turquia. Tal manobra também abriria o caminho para a capital turca de Constantinopla (Istambul) e o mar Negro.

Kitchener colocou a Grã-Bretanha em ação ao telegrafar ao grão-duque afirmando: "serão tomadas medidas para fazer uma demonstração contra os turcos".[109] Embora Kitchener não tivesse tropas disponíveis para apoiar uma operação em Dardanelos, ele adotou um plano proposto por Hankey para um ataque naval "a fim de bombardear e tomar a península de Galípoli, tendo como objetivo Constantinopla".[110] A otimista esperança era a de que "a mera ameaça de bombardeio naval forçaria o Império Otomano a deixar a guerra".[111] O navio de guerra britânico HMS *Queen Elizabeth* tinha sido recentemente equipado com armas de quinze

polegadas, e propuseram que fossem testadas usando instalações militares turcas para a prática de tiro ao alvo. No entanto, como lorde Hankey observou em suas atas do Conselho de Guerra, Kitchener estipulou: “poderíamos deixar o bombardeio se ele não se mostrasse eficaz”.[112] Assim, o Conselho de Guerra votou por unanimidade a favor da operação.

A conclusão parecia lógica e óbvia: retirar a Turquia da guerra, e Dardanelos estaria disponível até o mar de Mármara, através do Bósforo, no mar Negro, até a entrada da Rússia.

Churchill concebeu um plano ousado que recebeu amplo apoio do Gabinete de Guerra: propôs recorrer a um assalto combinado da Marinha e do Exército para atravessar o estreito e marchar sobre Constantinopla. Se funcionasse, Churchill estava confiante de que poderia forçar a Turquia a render-se, inclinando a balança do poder em favor dos aliados e provocando um fim antecipado da Primeira Guerra Mundial. No papel, a estratégia parecia inventiva e o melhor atalho para a vitória.

Nas auspiciosas instalações do Almirantado, as “possibilidades soavam ilimitadas”.[113] Em Dardanelos, o bombardeio inicial parecia bem-sucedido. Constantinopla preparou-se para um ataque quase certo. O sultão turco estava pronto para se afastar da cidade, levando sua escolta.

Em 18 de março de 1915, catorze navios de guerra britânicos e quatro navios de guerra franceses navegaram para o estreito e atacaram violentamente as posições turcas. Seguindo uma linha de navios equipados para neutralizar minas marítimas, a frota subiu o estreito. Entretanto, como nem todas as minas foram destruídas, três navios de guerra afundaram. Dois outros foram desativados.

A reviravolta repentina na batalha surpreendeu o comandante da frota britânica, almirante John de Robeck, que suspendeu o ataque até que tropas terrestres pudessem ser mobilizadas e tivessem a oportunidade de tomar o alto terreno ao longo da península de Galípoli. No final das contas, essa pausa inesperada acabou levando os britânicos à derrota em Dardanelos.

O comandante Roger Keyes, chefe da equipe da expedição de Dardanelos, acreditava que os turcos já estavam vencidos e que se tornava necessária uma “força arrebatadora” para “colher os frutos de nossos esforços”. Em suas memórias de 1934, Keyes diz acreditar que

> a partir de 4 de abril de 1915 em diante, a Frota poderia ter forçado o estreito e, com perdas insignificantes se comparadas às que o Exército sofreu, poderia ter entrado no [mar de Mármara] com força suficiente para destruir a frota turco-alemã.[114]

Enver Pasha, o ministro turco da guerra na época da operação de Dardanelos, concordou:

> Se os ingleses tivessem tido a coragem de impelir mais navios por Dardanelos, eles poderiam ter chegado a Constantinopla; mas o atraso nos permitiu fortalecer completamente a península e, em seis semanas, tínhamos derrubado mais de duzentas armas austríacas Skoda.[115]

Apesar do fracassado ataque naval, os aliados continuaram com os desembarques das tropas em 25 de abril de 1915. Os britânicos e os franceses, junto com tropas da Austrália e da Nova Zelândia, estabeleceram cabeças de ponte, mas não conseguiram avançar para o interior. A indecisão por parte do comando aliado permitiu aos turcos trazerem reforços e aprofundar o impasse. Finalmente, em 7 de dezembro de 1915, os ingleses começaram a evacuar.

Antes de o conflito terminar, mais de meio milhão de baixas aconteceram no campo de batalha – cerca de 250 mil de cada lado. Dos 480 mil soldados aliados enviados para Galípoli, 46

mil morreram lá. Com o fracasso dos navios de guerra britânicos e franceses em avançar através do estreito de Dardanelos e a consequente evacuação das tropas do solo, a campanha de Galípoli foi considerada uma tremenda derrota para os britânicos. Churchill, como primeiro lorde do Almirantado, tornou-se o principal bode expiatório, em grande parte devido à perda dos navios de guerra no início da campanha.

Incapaz de invocar provas exculpatórias das reuniões do Gabinete e também correspondências que teriam mostrado seu verdadeiro papel na operação, Churchill resignou-se honrosamente ao Almirantado, embora mais tarde tenha dito: "Os arquivos do Almirantado mostrarão com mais detalhes o papel que desempenhei em todas as grandes transações que ocorreram. É para eles que procuro minha defesa".[116]

Com cem anos de retrospectiva, a evidência hoje mostra que o fracasso da campanha de Galípoli ocorreu em virtude da administração falha e da divisão dentro do Gabinete de Guerra. Churchill pediu que enviassem tropas terrestres simultaneamente ao bombardeio naval, mas seu pedido, a princípio, foi recusado. Então, apenas poucos dias antes do ataque planejado, concederam o apoio das tropas, mas disponibilizando somente metade do número de que Churchill disse precisar. Mesmo depois que os navios afundaram, ele queria promover o ataque naval, mas instruíram-no a esperar até a chegada do exército. No momento em que as forças terrestres estavam em posição, muito tempo havia transcorrido, e os turcos já tinham preparado suas defesas para o ataque.

"O tempo justificará minha administração do Almirantado", disse Churchill na época, "e atribuirá minha participação adequada na vasta série de preparativos e operações que nos asseguraram o comando dos mares."[117]

Em um documentário do Discovery Channel de 2013 sobre a campanha de Galípoli, Peter Doyle, historiador militar, geólogo e especialista em campo de batalha, sugeriu que a campanha jamais seria bem-sucedida, mesmo com a melhor liderança, porque as forças turcas conseguiam vantagens de terreno sobre as cabeças-de-ponte onde os aliados desembarcaram. Ainda assim, o debate sobre Galípoli continua.

Independentemente da conclusão a que a história possa chegar, a campanha de 1915 e suas pesadas baixas britânicas sempre serão consideradas um dos maiores fracassos da história militar. E, com ou sem razão, o legado de Winston Churchill será sempre destacado em algum nível por esses eventos.

"Tenho a consciência tranquila, o que me permite suportar com calma qualquer responsabilidade por acontecimentos passados", disse Churchill em sua carta de renúncia ao primeiro-ministro Asquith. Posteriormente, Asquith o nomeou para um cargo irrelevante, a chancelaria do Ducado de Lancaster. Talvez ele tivesse boas intenções no sentido de que Churchill continuasse como membro do Gabinete de Guerra, mas a nomeação representou uma tortura para Churchill. Embora na nova função ele pudesse participar das reuniões, ouvir relatos do campo de batalha e discussão de planos, não lhe era permitido entrar nas negociações nem votar. "Ele estava condenado à passividade enquanto a tempestade grassava pela Inglaterra, e todas as mãos estavam febrilmente ocupadas no convés",[118] escreve René Kraus. Como o próprio Churchill relatou:

> A transformação das intensas atividades executivas do trabalho diário no Almirantado para os deveres limitados de um conselheiro me deixou ofegante… Vivia em intensa ansiedade e não havia meio algum de aliviá-la. Tinha convicções veementes e pequenos poderes para dar efeito a elas. Era

> obrigado a assistir não só à infeliz rejeição de grandes oportunidades, mas também à frágil execução de planos que eu havia lançado e nos quais acreditava com sinceridade. Assim, longas horas de lazer totalmente indesejadas me levaram a contemplar o desdobramento assustador da guerra.[119]

Outrora o dínamo da maior Marinha do mundo, Churchill depois assumiu, entre outras coisas, a pintura a óleo. Embora a atividade tenha se revelado um prazer para o resto de sua vida, não bastou para amenizar a frustração de ser passado para segundo plano enquanto sua nação estava em guerra. Quando o primeiro-ministro Asquith reduziu o Gabinete de Guerra a um comitê de cinco pessoas, excluindo Churchill do círculo interno, ele lhe escreveu: "Sou oficial e me coloco sem reservas à disposição das autoridades militares, observando que meu regimento está na França".[120]

No prazo de poucos dias, ele solicitou um destacamento para a frente ocidental na França, e serviu lá até março de 1916 ao lado de tropas que, sem dúvida, o culpavam pelo desastre em Galípoli, o qual ceifou tantas vidas dos aliados.

ENFRENTANDO O PARLAMENTO

Antes de Churchill partir para a frente de batalha, ele foi à Câmara dos Comuns para explicar sua renúncia. Os membros o receberam com cordialidade, ainda que céticos. Então se seguiu um dos discursos marcantes da sua carreira política, enquanto ele convocava o Parlamento diante dos recentes reveses militares.

> Não há razão para nos desapontarmos com o progresso da guerra. Estamos passando por um momento ruim agora, e provavelmente vá piorar antes que melhore, e irá melhorar se resistirmos e perseverarmos, não tenho dúvida alguma… Alguns desses pequenos Estados estão hipnotizados pela pompa e precisão militar alemã. Veem o brilho, veem o episódio, mas o que não veem ou percebem é a capacidade das antigas e poderosas nações contra as quais a Alemanha luta de suportar a adversidade, suportar a desilusão e a má administração para recriar e renovar suas forças, labutar com ilimitada obstinação por meio do ilimitado sofrimento para a realização da maior causa pela qual os homens lutaram.[121]

Quando Churchill finalizou suas considerações, irromperam aplausos estrondosos de membros que momentos antes relutavam em recebê-lo na Câmara.

Em 18 de novembro de 1915, Churchill atravessou a França para assumir um cargo nos Hussardos de Oxfordshire. No caminho, foi interceptado por *Sir* John French, comandante-chefe de St. Omer, que lhe ofereceu uma brigada para comandar. Churchill aproveitou a oportunidade.

Ao ouvir que Churchill deveria servir na frente francesa, sua amiga Violet Bonham Carter escreveu-lhe:

> Para quem sabe como você faz o que ele tem para oferecer ao mundo, é uma coisa excepcional arriscar tudo como está fazendo. Então, é um risco tão nobre que não posso deixar de exultar orgulhosamente por tê-lo feito.[122]

O marechal francês manteve sua promessa de organizar o comando de Churchill, e ficou acertado que ele treinaria com os Guardas Granadeiros. Churchill reuniu-se com os oficiais de alta patente da divisão, que o encorajaram. "Eles aprovaram meu plano de ação e o consideraram

certo e apropriado", escreveu a Clementine, de St. Omer, acrescentando: "o Exército está disposto a me receber de volta como 'filho pródigo'".[123]

Em 20 de novembro, Churchill apresentou-se ao segundo batalhão dos Guardas Granadeiros, comandado pelo tenente-coronel George Jeffreys. O batalhão foi destinado a Neuve Chapelle, e Churchill mais tarde recordou aquele primeiro dia:

> Era uma tarde enfadonha de novembro, e uma garoa gelada caía sobre a planície que escurecia. Quando nos aproximamos da linha, os relâmpagos vermelhos das armas apunhalaram a paisagem sombria dos dois lados do caminho, ao som de uma artilharia intermitente. Continuamos andando de modo ritmado por cerca de meia hora sem falar uma palavra em ambos os lados.[124]

Jeffreys não estava satisfeito de lhe impingirem Churchill.

"Acho que devo contar-lhe que não fomos de todo consultados na questão de ter vindo se juntar a nós", disse ele.[125]

Churchill retrucou respeitosamente que ele também não tinha ideia de para qual batalhão seria designado. "Mas ousei dizer que tudo daria certo. De qualquer forma, devemos fazer o melhor possível", ele disse.[126]

Ao chegar ao quartel-general do batalhão, um lugar em ruínas chamado fazenda Ebenezer, Churchill foi recebido com frieza pelas tropas. Destemido, prosseguiu fazendo as apresentações apropriadas, e logo sua personalidade e sagacidade saíram vitoriosas. Em pouco tempo, conquistou o respeito e as felicitações de todos sob sua liderança, um feito notável, considerando a natureza insustentável de sua situação: uma desgraça internacional, descendo do Almirantado sob uma nuvem e, naquele momento, servindo entre as tropas que nem o apreciavam nem confiavam nele. No entanto, refletindo sobre os anos que Churchill passara no Parlamento e os momentos em que fora abandonado por aqueles que um dia considerara amigos o haviam preparado para esse grande desafio.

> Será sempre motivo de orgulho para mim ter conseguido me sentir perfeitamente à vontade com aqueles homens e formado amizades que até hoje desfruto. Levou cerca de 48 horas para acabar o preconceito natural deles contra "políticos" de todos os tipos, mas particularmente dos tipos não conservadores.[127]

Em 26 de novembro de 1915, a carreira e a vida de Churchill mais uma vez quase chegaram a um fim abrupto. Enquanto cobria quase cinco quilômetros atrás das linhas de frente, ele recebeu uma convocação incomum, mas urgente, do tenente-general Richard Haking para se encontrarem em Merville. Churchill partiu em uma caminhada perigosa "através de áreas encharcadas onde as balas perdidas estão sempre caindo, ao longo de trilhos periodicamente bombardeados".[128]

Um motorista deveria encontrá-lo no cruzamento de Rouge Croix, mas, quando Churchill chegou, não encontrou nem carro nem motorista. Finalmente, horas depois, a escolta apareceu, porém sem um automóvel. Um pesado bombardeio havia forçado o veículo a sair da estrada, atrasando-se para pegar Churchill. Como se verificou, o encontro com o comandante da corporação fora cancelado.

Irritado com o tempo desperdiçado, Churchill retornou ao local anterior, atrás das linhas. Sentia-se frustrado porque a ordem do oficial e o subsequente cancelamento resultaram no

seguinte: “arrastar-me na chuva e no vento para nada”.[129] Ele “alcançou as trincheiras sem qualquer contratempo”, apenas para descobrir que, meros quinze minutos depois de ter partido, um bombardeio alemão havia explodido a poucos metros de onde tinha estado sentado. Um tipo de barracão montado na trincheira estava demolido, e um dos três homens lá dentro, morto. “No final das contas, quando vi a ruína, não fiquei tão furioso com o general”, escreveu ele.[130]

A MÃO INVISÍVEL

Ao contemplar seu perigoso contato com a morte nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, Churchill escreveu para Clementine:

> Agora, entenda a inutilidade de se preocupar com as coisas. Tudo é acaso ou destino, e nossos passos voluntariosos são mais bem cultivados sem muitos cálculos. É preciso render-se de maneira simples e natural ao clima do jogo e confiar em Deus, o que é um outro jeito de dizer a mesma coisa.[131]

Churchill não poderia ter sabido na época como todos esses acontecimentos, as grandes aventuras, os contínuos milagres e até mesmo os reveses e os fracassos mais terríveis estavam o preparando para o dia em que seu valor seria chamado para intensificar e liderar um mundo livre das incursões da tirania. Mesmo sem perceber, parece que ele adotou uma perspectiva bem bíblica: “Não andem ansiosos por coisa alguma” (Fp 4:6).

Kraus, René. *Winston Churchill: A Biography*. Filadélfia: J. B. Lippincott, 1940. p. 100.

Housman, A. E. “A Shropshire Lad” xxxv, citado in Carter. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. p. 186. Bonham observa que Churchill alterou ligeiramente o segundo verso original de Housman, “*Sleepy with the flow of streams*” [Preguiçoso com o correr dos riachos], para “*Sleepy with the sound of streams*” [Preguiçoso com o som dos riachos].

Churchill. *The World Crisis, 1911-1918*. Nova York: Free Press, 2005. p. 41.

Ibid.

Carter. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. p. 186.

Ibid.

Ibid, p. 187.

Ibid, p. 188.

Churchill. *The World Crisis, 1911-1918, volume I*. Londres: Oldham’s Press, 1938. p. 49.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Kraus. *Winston Churchill: A Biography*. p. 141.

Churchill. *World Crisis, 1911-1918*. Nova York: Free Press, 2005. p. 48.

Ibid, p. 319.

Ibid, p. 320.

Tucker, Spencer C. (ed.). *World War I: The Definitive Encyclopedia and Document Collection*. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2014. p. 445.

Ibid.

Churchill. *World Crisis, 1911-1918*. p. 327.

Carter. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. p. 289.

Admiral Sir Keyes, Roger. *Naval Memoirs, 1910-1915*. Londres: Thornton Butterworth, 1934. p. 186.

Citado em Carter. *Winston Churchill: An Intimate Portrait*. p. 304.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 321.

Id. Winston S. *Churchill: volume 3: The Challenge of War, 1914-1916.* Hillsdale, MI: Hillsdale College Press, 2008. p. 564.

Kraus. *Winston Churchill: A Biography*. p. 201.

Ibid.

Soames, Mary (ed.). *Winston and Clementine: The Personal Letters of the Churchills*. Nova York: Mariner, 2001. p. 111.

Gilbert. *Churchill: The Power of Words*. p. 115.

Id. *Winston S. Churchill: volume 3: The Challenge of War, 1914-1916.* p. 566.

Ibid, p. 574.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 69.

Ibid.

Ibid.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 71.

Gilbert. Winston S. *Churchill: volume 3: The Challenge of War, 1914-1916.* p. 584.

Ibid, p. 585.

Ibid.

Soames. (ed.) *Winston and Clementine: The Personal Letters of the Churchills*. p. 119.

Parte II

DESTINO


CENTENARY OF THE BIRTH OF SIR
WINSTON CHURCHILL 30 November 1974
25c
AITUTAKI
COOK ISLANDS

A visão de Hitler

Mais de um milhão de soldados alemães… estão preparados e prontos para atacar…; e a decisão está nas mãos de um atormentado e mórbido ser, que, para sua eterna vergonha, os alemães, em sua desorientação, adoraram como um deus.

(WINSTON CHURCHILL,
30 DE MARÇO DE 1940)

Enquanto o tenente-coronel Winston Churchill estava junto aos seus compatriotas nas trincheiras da frente ocidental, o cabo Adolf Hitler, do outro lado do conflito, começava a pulsar com sua visão de vida nas valas enlameadas e infestadas de vermes da mesma guerra.

Embora cercado pela morte e destruição, aos 25 anos, Hitler escapou por pouco do perigo em várias ocasiões. Enquanto seu regimento sofria baixas da ordem de 83% (2.500 homens mortos, feridos ou desaparecidos) em seu primeiro compromisso da guerra em Ypres, Hitler saiu "sem um arranhão".[132] Enquanto via seus companheiros sendo destroçados ou morrendo horrivelmente por respirar gás venenoso, ele percebeu que nada disso o sensibilizava. Embora tenha sofrido um ferimento na perna por um estilhaço na Batalha do Somme,[133] ele começou a acreditar que era "predestinado pela grandeza… [e] seu senso de invencibilidade foi posteriormente reforçado por sua sobrevivência a várias tentativas de assassinato".[134]

Como Churchill antes dele, Hitler tinha dezesseis anos quando previu, para si mesmo, um papel grandioso no futuro.

"NAQUELA HORA COMEÇOU"

August Kubizek, amigo de Hitler, o acompanhava em uma noite em 1905 quando este alegou que seu destino estava definido e o espírito que o orientaria entrara nele. "Foi o momento mais impressionante que já vivi com meu amigo", observou Kubizek. "Não foi um ato voluntário, mas, sim, um reconhecimento visionário da estrada que deveria seguir e que estava além de sua vontade."[135]

August e Adolf haviam acabado de chegar de uma apresentação de Rienzi, a ópera de cinco atos de Richard Wagner a respeito da ascensão e queda de um político populista italiano do século XIV. Pararam então na calçada, junto aos pilares da casa de ópera, "ardendo de entusiasmo e ofegantes por causa da ascensão de Rienzi a tribuno do povo de Roma, e sua subsequente queda".[136]

Já passava da meia-noite quando August e o futuro líder nazista deixaram o teatro. "Meu amigo, com suas mãos enfiadas nos bolsos do casaco, silencioso e retraído, caminhava pelas ruas

a caminho do subúrbio", escreve Kubizek em seu livro de memórias, *The Young Hitler I Knew* [O jovem Hitler que eu conheci]. "Ele parecia quase sinistro e mais pálido do que nunca."

De repente, Hitler virou-se e apertou as mãos do amigo com força. "Seus olhos estavam febris de excitação", recordou Kubizek. "As palavras não saíram, como de costume, suaves de sua boca, mas irromperam roucas e distorcidas. Por sua voz, tive a certeza do quanto aquela experiência o abalou."

Quando Hitler começou a falar, Kubizek foi "surpreendido por algo estranho…". E Kubizek continua: "Foi como se um segundo eu falasse de dentro dele". Mesmo Hitler demonstrou "espanto" com "o que explodiu dele com força elementar". Com "tamanho êxtase e arrebatamento", ele pareceu transferir o personagem de Rienzi "com poder visionário, para o plano de suas ambições".[137]

> Ele invocou, em imagens grandiosas e inspiradoras, o próprio futuro e o do seu povo… Estava falando de um mandato que, um dia, receberia do povo, para tirá-los da servidão rumo aos píncaros da liberdade.
>
> Era um jovem cujo nome naquela época não significava nada, falando comigo naquela estranha hora. Falou de uma missão especial que um dia seria confiada a ele, e eu, seu único ouvinte, mal consegui entender o que quis dizer. Foram necessários muitos anos até que entendesse o significado daquele momento de êxtase para meu amigo.[138]

Décadas mais tarde, depois que Hitler chegou ao poder na Alemanha, Kubizek o visitou e conversaram sobre a noite em que tinham assistido à ópera. "Naquela hora começou", disse Hitler. De fato, Hitler pediu o manuscrito original da ópera "Rienzi", de Wagner, o que lhe foi dado em seu quinquagésimo aniversário.

"Não é difícil entender como Hitler deve ter ficado hipnotizado pela personificação teatral de "Rienzi" de um *Führerprinzip* [princípio de liderança] carismático", escreve Thomas Gray, estudioso de Wagner.

> A cada passo na carreira de Rienzi – de [sua] aclamação como líder e salvador do *volk* (o povo alemão), por meio da luta militar, supressão violenta de facções amotinadas, traição, até a imolação final nas mãos de um mundo que não conseguiu seguir sua visão –, Hitler, sem dúvida, teria encontrado sustentação para suas fantasias.[139]

Hitler e seus compatriotas, em sua arrogância, pensaram que eram os arautos de uma nova ordem que limparia a impureza do mundo. Com uma brutalidade impressionante, perseguiram sua visão fantasiosa até o momento em que foram derrotados pelo "mundo" liderado por Winston Churchill. Ainda assim, antes de toda a verdade sobre a visão de Hitler vir à luz, havia simpatizantes nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em outros lugares que assistiram com interesse a como os nazistas implementariam essa nova ordem.

AS RAÍZES DO NAZISMO DE HITLER

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, especialistas tentaram construir perfis psicológicos e históricos de Adolf Hitler, esperando prever, enquanto a guerra continuava, onde e como ele atacaria; ou na esperança de entender, no rescaldo da guerra, como reconhecer e impedir a

ascensão de outros do seu tipo. No entanto, poucos mergulharam profundamente nas raízes espirituais de Hitler. A espiritualidade dá origem à psicologia pessoal e é o bulbo do qual as raízes psicológicas se espalham.

"As ações de Hitler receberam uma infinidade de explicações", escreve George Scarlett, professor da Universidade Tufts. Mas "elas não contribuem para explicar como foi possível este estranho seduzir uma nação altamente educada e depois quase a destruir junto com milhões de não alemães".[140]

Tanto Churchill quanto Hitler tiveram pais disfuncionais. Churchill sentiu a dor da rejeição pelo abandono emocional de lorde Randolph, enquanto Hitler experimentou a dor física e emocional devido ao temperamento violento de seu pai.

Qualquer pessoa que tenha experimentado a rejeição dos pais sabe que as agressões mental e emocional podem ser tão graves quanto o abuso físico. Churchill, no entanto, pelo menos desenvolveu admiração pela carreira pública de seu pai, e aspirava seguir seus passos. A utilização de violência por Hitler contra nações inteiras pode indicar que ele nunca superou o ódio que sentia pelo pai.

George Scarlett, especialista em desenvolvimento infantil, adverte contra se ter uma visão demasiado limitada da formação do caráter de Hitler. Citando o psiquiatra Fritz Redlich, Scarlett escreve: "Estudar as transações psicossociais entre Hitler e seus seguidores é um tarefa crucial, talvez também mais viável do que resolver o enigma de seu eu interior".[141] Scarlett acrescenta:

> Hitler não se enquadra perfeitamente em uma categoria psiquiátrica, e seus problemas não podem ser derivados simplesmente de sua experiência de infância… [Seus] problemas são uma combinação de problemas psicológicos e espirituais.[142]

Pode-se dizer qualquer coisa sobre Hitler, menos que ele era um maluco religioso. Rotular Hitler como *louco* equivale a absolvê-lo e a seu legado por insanidade. Hitler não era insano; ele era mau. Havia um calculismo frio por trás de suas ações. Embora não reste dúvida de que ele queimou judeus com ódio demoníaco e estava disposto a exterminá-los, havia também a questão prática de precisar de enormes somas de dinheiro, que teria de pegar emprestado ou roubar, para a guerra que estava planejando. Perseguir os judeus permitiu que também confiscasse a riqueza deles. Pinturas de Hitler – que, como qualquer obra de arte, são uma expressão da personalidade do artista – têm sido criticadas por sua tediosa inflexibilidade. A arte de Hitler mostra que ele era totalmente lógico, e isso o tornava tão mau.

Os acontecimentos decisivos da história – bons e ruins – são frequentemente registrados na Bíblia e em outras literaturas como tendo ocorrido "naquele dia", "em um certo dia", ou em um momento crítico que é mais significativo do que outros em um determinado período.[143] E então houve "um determinado momento" em que Adolf Hitler ficou obcecado com as glórias da guerra e com a unificação do povo alemão. Ele descreve a experiência em seu livro autobiográfico *Mein Kampf* [*Minha luta*].

> Vasculhando a biblioteca de meu pai, deparei com vários livros sobre assuntos militares, e encontrei entre eles uma edição popular abordando a guerra franco-prussiana de 1870 a 1871. Eram dois volumes de um periódico ilustrado do período que se tornara meu assunto de leitura favorito. Há tempos, essa grande e heroica campanha tornara-se *minha maior experiência espiritual*. Desde então fiquei cada vez mais entusiasmado com tudo que se relacione à guerra ou ao militarismo.[144]

Embora Hitler tenha crescido em uma época em que a cultura ocidental se fascinava com a industrialização e os conceitos emergentes das teorias evolucionistas de Darwin, ainda havia uma forte influência mítica, principalmente dos romancistas e seus contos de cavaleiros, magos e grandes cruzadas. Esse estranho sincretismo entre elementos mecânicos e místicos se assemelha ao que encontramos em nossa era pós-moderna, com a exceção de que agora a mescla é entre espiritualidade e cibernética.

Para Hitler, o aspecto místico ocorreu a partir de seu envolvimento com o ocultismo. Considerando que a base espiritual de Churchill foi determinada em grande parte por sua babá, Elizabeth Everest, Hitler foi influenciado por ocultistas como os fundadores da Sociedade Thule, [145] cujo principal objetivo era "criar uma nova raça de arianos nórdicos Atlantes";[146] místicos como Guido von List (que relacionava a ideologia racial ao ocultismo), Lanz von Liebenfels (que fomentou visões pró-arianas conhecidas como Ariosofia), e Rudolf von Sebottendorf (que estudou sistemas espiritualistas e ocultistas na Turquia); além de outras pessoas que acreditavam no ocultismo, incluindo Karl Haushofer, Dietrich Eckart e Helena Blavatsky.

Os pontos de vista de Hitler também foram influenciados pelos escritos dos filósofos Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger. Nietzsche tinha enchido a mente dos alemães com a ideia do Super Homem, o conceito de que Deus estava morto, e o princípio de que a força primordial na sociedade humana era "a vontade de poder".

Com todas essas influências em sua formação, é fácil entender como Hitler se permitiu ser reverenciado como um libertador messiânico e como conquistou poder sobre o povo alemão, a Europa e o mundo.

GUIA ESPIRITUAL DE HITLER

O filósofo francês Emmanuel Faye acredita que Martin Heidegger foi, mais tarde, o guia espiritual direto na vida de Hitler, e que Heidegger se via como "o Führer 'espiritual' do nazismo".[147] Além disso, de acordo com Faye, "os escritos dele continuam a divulgar as concepções radicalmente racistas e destruidoras da vida humana que compõem a fundação do hitlerismo e do nazismo".[148]

Heidegger, reitor da Universidade de Freiburg por um breve período no início da era nazista, imprimiu credenciais filosóficas ao antissemitismo que levou ao Holocausto. Isso pode ser visto em seus *Black Notebooks*, um diário filosófico pessoal escrito entre 1931 e 1941 e publicado em 2014.[149] De acordo com Heidegger, assuntos referentes a Deus e à eternidade não são relevantes. O que importa no final de nossa vida é o efeito cumulativo de nossa existência no tempo. Como não há prestação de conta real ou glória depois da morte, devemos viver plena e gloriosamente no *Zeitgeist*[150] ao qual o destino nos afixou como indivíduos.

De acordo com esse modo de pensar, os judeus passaram a ser condenados pelo destino a viver em um período de grandeza (para o povo alemão) em que eles eram o contraponto trágico (a raça da ignomínia) simplesmente porque estavam lá naquele momento. No entanto, Heidegger inferiu que o povo alemão tinha tanto o direito como a responsabilidade de perseguir seu destino.

Como para Churchill, a civilização era um tema importante também para Hitler. Entretanto, os pontos de vista de ambos diferiam dramaticamente. Na perspectiva de Hitler, civilização significava a ordem sistêmica do Reich, com o seu controle fascista sobre o destino do *volk* (o povo). Esse destino só poderia ser determinado pelo Führer e seu regime. De fato, de acordo com

o ponto de vista de Heidegger, o Führer era um líder espiritual, e cabia a cada instituição ter o próprio Führer, cumprindo a visão do líder supremo.

Não se pode explorar as raízes espirituais de Hitler sem encontrar, enterrado no solo, um francês, Arthur de Gobineau, autor de *An Essay on the Inequality of the Human Races* [*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*], que acreditava que a pureza da raça é o fator determinante na ascensão e queda de civilizações.

Em consonância com as teorias de Gobineau, Hitler e os nazistas acreditavam que os judeus haviam contaminado a linhagem ariana pura e que cabia aos alemães restaurar a pureza racial.

Naquela época, muitos europeus e americanos estavam intelectual e espiritualmente preparados para aceitar as teorias nazistas. John Lukacs escreve que, nos anos que antecederam a guerra, "Hitler… surgiu como o maior líder e estadista que o povo alemão teve em mil anos, bem como o mais poderoso líder nacional na Europa, talvez até no mundo".[151] Na verdade, "ele representava uma enorme corrente nos acontecimentos do mundo no século XX".[152]

O industrial americano Henry Ford estava entre os admiradores precoces de Hitler, assim como Joseph Kennedy, pai do presidente John F. Kennedy e embaixador na Grã-Bretanha de 1938 a 1940. Até mesmo o ex-primeiro-ministro David Lloyd George inicialmente "admirava Hitler", chamando-o de "o maior alemão vivo".[153] Lloyd George também "pensava que a Grã-Bretanha não tinha chance de vencer a guerra contra o Terceiro Reich de Hitler".[154]

O DIA EM QUE A DEMOCRACIA ALEMÃ MORREU

Em 30 de janeiro de 1933, a cena estava montada para a ascensão de Hitler quando o presidente alemão Paul von Hindenburg foi forçado a reconhecer o Nacional-Socialista como o principal partido no Reichstag, o parlamento alemão. Relutantemente, Hindenburg chamou Hitler, que foi empossado como chanceler da Alemanha em uma rápida reunião. O presidente Hindenburg era muito popular entre o povo alemão, e, portanto, Hitler precisou agir com moderação, dando tempo até que pudesse controlar a popularidade e o poder do presidente.

Na noite de 27 de fevereiro de 1933, enquanto Hitler jantava com Joseph Goebbels e sua família, o assessor dele, Ernst Hanfstaengl, telefonou para lhe informar que o edifício do Reichstag estava em chamas. Goebbels e Hitler foram imediatamente para o local. Hermann Goering já estava lá, alegando que o incêndio criminoso fora iniciado pelos comunistas. A acusação ganhou credibilidade quando o comunista holandês Marinus van der Lubbe, um incendiário conhecido, que alardeara que incendiaria o Reichstag, foi preso no local.

O rápido julgamento de Van der Lubbe se caracterizou como uma farsa. Especialistas apresentaram evidências provando que o incêndio "foi provocado com o uso de quantidades consideráveis de produtos químicos e gasolina".[155] William Shirer observa que a quantidade de produtos químicos e gasolina necessários para iniciar o incêndio seria grande demais para um homem carregar sozinho. Em uma tentativa de legitimar a acusação, Goering prendeu o líder parlamentar comunista Ernst Torgler e o comunista búlgaro Georgi Dimitroff. No julgamento, Torgler e Dimitroff foram absolvidos, mas consideraram Van der Lubbe culpado e executaram-no.

Nunca se descobriram os verdadeiros responsáveis pelo fogo, cuja ocorrência criou o benefício de que Hitler precisava para impor os nazistas como o único partido político legítimo na Alemanha. No dia seguinte ao incêndio do Reichstag, Hindenburg foi pressionado por Hitler a

assinar um decreto que ele alegou ser “para a Proteção do Povo e do Estado”.[156] O decreto estabeleceu medidas draconianas, incluindo “Restrições à liberdade pessoal, ao direito da livre expressão de opinião, inclusive a liberdade de imprensa; aos direitos de reunião e associação; violações da privacidade dos serviços postais, telegráficos e das comunicações telefônicas; mandados de busca em residências, ordens de confisco, bem como restrições à propriedade”.[157]

Assim, em 28 de fevereiro de 1933, a democracia morreu na Alemanha e não reviveria por doze longos anos, durante os quais milhões perderiam a vida devido a Hitler e seus nazistas. Depois da guerra, Winston Churchill esperava que o mundo tivesse aprendido a lição pela maneira como Hitler insinuou-se no poder com a promessa de trazer glória para a Alemanha. Durante um discurso feito em Amsterdã, em 9 de maio de 1948, Churchill fez esta advertência:

> A tirania se apresenta de várias formas, mas é sempre a mesma, qualquer que seja o lema que expresse, seja qual for o nome que se dê a ela, seja qual for a farda que se use. É sempre a mesma e exige que todos os homens livres se arrisquem e façam tudo ao seu alcance para suportá-la.[158]

Tendo legitimado tanto seu partido quanto o direito de prisão, detenção e execução sem julgamento daqueles que eram considerados inimigos do Estado, Hitler procurou remover os obstáculos restantes: o presidente Hindenburg e aqueles que se opunham ao governo de um ditador da Alemanha. Hindenburg estava a essa altura muito doente, quase morrendo, e Hitler sabia que em questão de semanas o presidente não resistiria. Concentrou, assim, sua atenção em outros que podiam se tornar espinhos ao seu lado, pessoas muito mais difíceis de serem neutralizadas uma vez que Hindenburg estivesse morto. Em 30 de junho de 1934, Hitler perpetrou o que ficou conhecido como a Noite das Facas Longas, na qual seus principais oponentes foram eliminados, por prisão ou morte.

Quando o presidente Hindenburg faleceu em 2 de agosto de 1934, Hitler acumulou os cargos de presidente e chanceler e, então, passou a governar a Alemanha de forma absoluta. Livre para fazer o que quisesse sem temer consequências, Hitler colocou em prática seus verdadeiros planos, ou seja, criar um império germânico ariano perfeito, que o mundo iria admirar e temer, declarar guerra ao resto da Europa e livrar o mundo dos judeus.

Embora Hitler tivesse conseguido sucesso em assegurar a posição política do Partido Nazista, sabia que era apenas uma questão de tempo até que aqueles em quem confiava tentassem derrubá-lo para assumir o controle. Precisando do apoio inabalável do Exército e da adoração do povo alemão, Hitler aprovou a criação de um novo juramento de lealdade que o reconhecia como o poder máximo:

> Em nome de Deus, faço o juramento sagrado de que vou prestar incondicional obediência a Adolf Hitler, o Führer do Reich alemão e do povo, Comandante Supremo das Forças Armadas, e estarei pronto, como um bravo soldado, a arriscar a minha vida a qualquer momento por este juramento.[159]

O juramento se assemelha ao britânico de lealdade ao monarca: “Prometo manter fidelidade e lealdade verdadeiras a Sua Alteza Real, Rainha Elizabeth, a seus herdeiros e legais sucessores, de acordo com a lei. Assim, valha-me Deus”.

No entanto, há uma evidente disposição no juramento britânico não encontrada no juramento de Hitler: a moralidade da *lei*.

Um soldado nas forças armadas britânicas é chamado a prestar verdadeira fidelidade, a menos que uma ordem contradiga a lei da terra como estabelecida pelo Parlamento. Portanto, se comandarem um soldado a marchar em um shopping center e a atirar aleatoriamente em pessoas desarmadas, é dever moral dele questionar essa ordem. Na Alemanha sob o juramento de Hitler, questionar qualquer ordem se tornou um crime passível de punição; Hitler *era* a lei.

O Führer agiu com rapidez para consolidar seu poder e expandir a economia alemã por todos os meios possíveis, incluindo ameaças e atos de violência. Apesar dos avisos de Churchill entre 1933 e 1939 quanto ao crescente mal na Alemanha, a maioria dos observadores estava impressionada com a rapidez com que Hitler iniciou a transformação do combalido país que herdou.

Entre outras realizações, sua política de pleno emprego levou à criação da Autobahn, um projeto de infraestrutura invejado (e que mais tarde seria adotado) em todo o mundo. Mas, assim como ocorreu com outras inovações nazistas, a Autobahn de Hitler foi projetada por razões mais sinistras do que a mera criação de uma via expressa de alta velocidade para automóvel. Seu plano era permitir a rápida e eficiente movimentação de tropas e munições de uma extremidade a outra do país, então já em preparação para a guerra.

Apesar das alegações de que Hitler estava apenas tentando conter os Bolcheviques comunistas, a evidência indicava o contrário: a criação de um vasto Exército, Marinha e Força Aérea, que começou em 1933 e ganhou força em 1935, quando Hitler restabeleceu o alistamento militar e anunciou que criaria um exército de meio milhão de homens, constitui prova indubitável de que as intenções dele não se limitavam unicamente à eliminação do movimento bolchevique. Estava se preparando para a guerra.

Com suas políticas econômica e de emprego em franco desenvolvimento, Hitler estava livre para concentrar sua atenção naquilo que acreditava ser a causa dos problemas do passado da Alemanha e o principal obstáculo para a ascendência do novo império alemão: os judeus. As leis antijudaicas de Nuremberg, em 1935, foram um componente essencial desse terrível plano. Crucial também era a ideia emergente de que o povo alemão formava a maioria populacional, o *volk*. Se alguém não fazia parte do *volk*, não era um alemão e, portanto, não estava habilitado a ter os direitos e as proteções da cidadania. As novas leis, proibiram a inclusão de judeus e de outras minorias no *volk*.

Dessa maneira, as Leis de Nuremberg dividiram o povo alemão em duas classificações principais: arianos (alemães de sangue puro com quatro avós alemães) e não arianos (pessoas de ascendência mesclada). Os arianos recebiam todos os privilégios: cidadania, direito de se casar e procriar com outros arianos, e o privilégio de trabalhar para ou em nome do governo. As Leis de Nuremberg privaram judeus e outros não arianos – ciganos e negros, por exemplo – da cidadania e proibiram relações sexuais e casamentos entre pessoas racialmente misturadas.

A ação direta de Hitler contra os judeus – chamado por eles como o povo escolhido de Deus – marcou outro momento decisivo de sua transformação em um falso messias. Apenas um ano antes, os nazistas haviam criado e imposto um novo “Pai-Nosso” e oração antes da refeição, dirigidas diretamente ao seu Führer.

> O novo Pai-Nosso: Adolf Hitler, tu és nosso grande líder. Teu nome faz o inimigo tremer. Vem a nós o Teu Terceiro Reich, só a tua vontade é lei sobre a Terra. Que ouçamos tua voz e tua ordem por tua liderança a cada dia, pois obedeceremos até o fim, mesmo com nossa vida. Nós te louvamos! *Heil* Hitler!

> A nova oração de agradecimento antes das refeições: Führer, meu Führer, enviado por Deus, protege e mantém a mim durante toda a minha vida. Tu, que salvaste a Alemanha da mais profunda necessidade, eu te agradeço hoje pelo meu pão de cada dia. Permaneça ao meu lado e nunca me deixe, Führer, meu Führer, minha fé, minha luz. *Heil* meu Führer![160]

Hitler alegou ter sido enviado por Deus e que a Providência lhe guiava o caminho. Seu Ministério da Iluminação e Propaganda teve a audácia de fazer um paralelo dele com Jesus em um ditado em que se ordenava às crianças nas escolas que escrevessem e aprendessem:

> Assim como Jesus libertou os homens do pecado e do inferno, Hitler libertou o povo alemão da destruição. Perseguiram Jesus e Hitler, mas, enquanto Jesus foi crucificado, Hitler foi elevado à chancelaria… Jesus lutou pelo céu; Hitler, pelo solo alemão.[161]

Ao mesmo tempo, na Grã-Bretanha, enquanto Churchill observava o crescimento militar na Alemanha e a crescente adulação espiritual de Hitler, percebia que seria necessária coragem extraordinária para derrotar uma força na qual o misticismo e o poder se uniam para destruir o que ele progressivamente afirmava ser a "civilização cristã".

Mais tarde, Churchill relataria como aprender a pintar lhe dera um "elevado senso de observação da natureza".[162] A preparação das cores para a tela ensinou-lhe como ver "a tonalidade e a natureza de uma folha, as oníricas tonalidades púrpuras das montanhas, o entrelaçamento requintado dos galhos no inverno, as silhuetas pálidas de horizontes distantes".[163] No entanto, na década de 1930 ele já era capaz de discernir os caprichos da natureza humana.

Com crescente alarme, Churchill sentiu que o governo britânico não percebia o verdadeiro caráter de Hitler. O primeiro-ministro Neville Chamberlain obviamente não via o líder nazista como um inimigo em potencial, mas como um homem de mente justa que ficaria feliz em negociar um acordo e mantê-lo. A própria nação cochilou com as promessas felizes feitas por Chamberlain e outros de sua estatura e posição.

Churchill, no entanto, não foi enganado como os outros. Quando Hitler lançou sua *blitzkrieg*[164] contra a Polônia, violando o "Acordo de cavalheiros" com Chamberlain, a guerra começou. Enquanto a Câmara dos Comuns se sentava refletindo sombriamente e recriminando a atitude, Churchill levantou-se para se dirigir ao primeiro-ministro. Em desespero com a ingenuidade de Chamberlain, citou a Bíblia, como frequentemente fazia: "Foste pesado na balança e achado em falta".[165]

Churchill sabia que os britânicos não podiam se dar ao luxo de ser surpreendidos. Eles teriam de ficar e lutar ou seriam capturados como um grande prêmio e engolidos pelo Terceiro Reich de Hitler, que estava naquele momento em marcha. A Grã-Bretanha precisaria de liderança "pesada" para a luta que viria.

The History Place. *Hitler in World War I*. Disponível em: <http://www.historyplace.com/worldwar2/riseofhitler/warone.htm>.

Ibid.

Zalampas, Sherree Owens. *Adolf Hitler: A Psychological Interpretation of His Views on Architecture, Art, and Music.* Bowling Green, OH: BGSU Popular Press, 1990. p. 132.

Kubizek, August. *The Young Hitler I Knew: The Memoirs of Hitler's Childhood Friend*. Frontline Books, 2011. p. 116. A credibilidade de Kubizek foi questionada sobretudo por Franz Jetzinger em seu livro de 1958, Hitler's Youth, mas também por Ian Kershaw em sua introdução à edição de 2011 do livro de Kubizek, a qual usamos para citar seu relato. Embora no início

estivéssemos preocupados com essas críticas, decidimos finalmente confiar nas conclusões tiradas pela historiadora austríaca Brigitte Hamann (*Hitler's Vienna: A Dictator's Apprenticeship* [1998]), que escreve: "No conjunto, Kubizek é confiável. Seu livro é uma fonte rica e única sobre os primeiros anos de Hitler" (*Hitler's Vienna*, p. 56). Além disso, Ian Kershaw, apesar de criticar Kubizek em muitos aspectos, conclui em sua introdução: "O livro de Kubizek parece verdadeiro no retrato da personalidade e da mentalidade de Hitler" (*The Young Hitler I Knew*. p. 14). Ambas as citações também podem ser encontradas em Ben Novak, *Hitler and Abductive Logic: The Strategy of a Tyrant* (Lexington Books, 2014). Novak, doutor em História e Filosofia e também advogado durante trinta anos, conclui que "o relato ocular não contraditório de Kubizek sobre a conduta de Hitler nessa ocasião é fortemente corroborado por múltiplas fontes independentes, justificando a conclusão de que atende ao padrão normal de direito comum para evidência digna de *prima facie* aceitação" (*Hitler and Abductive Logic*. p. 212). Veja também Bem Novak, "Hitler's Rienzi Experience: Factuality," in *Revista de Historia Actual*, vol. 5, n. 5, 2007. pp. 105-116, citada in *Hitler and Abductive Logic*.

Ibid. p. 117.

Ibid, pp. 117-118.

Ibid, p. 118.

Grey, Thomas S. (ed.). *The Cambridge Companion to Wagner*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 36.

Scarlett, W. George. "Spiritual Pathology: The Case of Adolf Hitler" *Religions* 2012, 3, 391. Disponível em: <http://www.mdpi.com/2077-1444/3/2/389/htm>.

Ibid. A citação de Redlich é tirada de Fritz Redlich, *Hitler: Diagnosis of a Destructive Prophet*. Nova York: Oxford University Press, 1998. p. 341.

Ibid.

Veja, por exemplo, Êxodo 8:22; 1 Samuel 7:10; Isaías 11:11; Jeremias 30:8; Ezequiel 29:21; Ageu 2:23; Marcos 4:35; Lucas 5:17; Lucas 8:22; 2 Tessalonicenses 1:10; Hebreus 4:7.

Hitler, Adolf. *Mein Kampf [Minha luta]*. Nova York: Reynal & Hitchcock, 1941. pp. 7-8. Itálicos acrescentados.

Thule foi uma sociedade secreta, racista e oculta fundada em 17 de agosto de 1918 por Rudolf von Sebottendorff, em Munique. O nome Thule é derivado da ilha mítica Thule. Logo, esse grupo começou a disseminar propaganda antirrepublicana e antissemítica, tornando-se um precursor importante para a fundação do "Deutsche Arbeiterpartei" (Partido Alemão dos Trabalhadores), que mais tarde se tornaria o NSDAP (Partido Nazista). (N.T.)

Esta citação é de uma tradução da biografia de Lanz von de Wilhelm Dahm Liebenfels, *Der Mann, der Hitler die Ideen* (Munique, 1985), citada no blog Occult History of the Third Reich. Disponível em: <http://thirdreichocculthistory.blogspot.com/2013/02/atlantis-und-das-dritte-reich.html>.

Faye, Emmanuel. Heidegger: *The Introduction of Nazism into Philosophy in Light of the Unpublished Seminars of 1933-1935*. New Haven, CT: Yale University Press, 2009. p. 242.

Ibid, p. 316.

Rockmore, Tom. *On Heidegger's Nazism and Philosophy*. Berkeley, CA: University of California Press, 1991. p. 60.

Zeitgeist é um termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, em uma certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. (N.T.)

Lukacs, John. *Five Days in London [Cinco dias em Londres]*: May 1940. New Haven, CT: Yale University Press, 1999. p. 10.

Ibid, p. 6.

Ibid, 128.

Ibid.

Shirer, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. Nova York: Simon and Schuster, 2011. p. 193.

Ibid, p. 194.

Ibid.

Discurso de Churchill em Amsterdã em 9 de maio de 1948.

Shirer. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. p. 227.

Waite, Robert G. L. *The Psychopathic God Adolf Hitler*. Boston: Da Capo Press, 1993. p. 31.

Ibid.

Churchill. “Painting as a Pastime,” in *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]: Churchill Reflects on Spies, Cartoons, Flying, and the Future*. Wilmington, DE: Intercollegiate Studies Institute, 2009. p. 323.

Ibid.

Ofensiva poderosa, realizada de surpresa por força aérea e de infantaria coordenadas; guerra-relâmpago. Na Segunda Guerra Mundial, foi usada com fins expansionistas pelos alemães contra países da Europa. (N.T.)

Daniel, 5:27.

5
Finalmente primeiro-ministro

Quando grandes causas estão em andamento no mundo… entendemos que somos espíritos, não animais, e alguma coisa está acontecendo no espaço e no tempo, que, gostemos ou não, significa "dever".

(WINSTON S. CHURCHILL, *LUTA IMPLACÁVEL*)

Antes de 1940, não era fácil para [Churchill] ser levado de forma séria como o homem do destino que acreditava ser.

(DAVID CANNADINE, *ASPECTOS DA ARISTOCRACIA*)

Em 7 de abril de 1935, Ralph Wigram, chefe do Departamento Central do Ministério dos Negócios Estrangeiros, visitou Chartwell, a casa de Churchill em Kent. Passou a noite conversando com ele sobre os medos que sentia do perigo que se aproximava e oferecendo documentos secretos com evidências que revelavam os números reais da Força Aérea alemã em comparação com os da Grã-Bretanha.

Uma semana depois, Wigram enviou a Churchill a avaliação do governo, quantificando a primeira linha da Força Aérea alemã em 800 aeronaves contra 453 da Grã-Bretanha.

"Estes são dados graves e terríveis para aqueles que estão encarregados da defesa deste país", observou Wigram em uma correspondência interna.[166] Churchill estava agora absolutamente certo de que tinha razão em 1933, quando disse no Parlamento que o recomeço da guerra na Europa estava "a uma distância mensurável", considerando que a Alemanha conseguira "total igualdade militar com seus vizinhos".[167]

Já em 1931, os primeiros avisos feitos publicamente por Churchill haviam sido apenas previsões. Naquele momento, porém, graças à fundamentação apresentada com os dados que Wigram tinha fornecido, Churchill sentiu a urgência da certeza. Começou imediatamente a aumentar a pressão por um programa de rearmamento rápido e completo para a Grã-Bretanha. Deu conhecimento à terrível verdade de que a Força Aérea alemã alcançaria paridade com a do Reino Unido até o final de 1935 e, a menos que o governo britânico entrasse em ação, a Força Aérea nazista teria o dobro do tamanho da britânica em 1937.[168] Em 2 de maio de 1935, quando Churchill voltou a falar para a Câmara dos Comuns, informou sombriamente: "a superioridade

alemã no ar já é um fato. O setor militar está muito avançado e o naval está agora começando a aparecer".[169]

Apenas cinco meses antes, em 28 de novembro de 1934, Stanley Baldwin, então lorde presidente do Conselho Privado, assegurou à Câmara que o governo britânico faria o seguinte: "em capacidade aérea e em poder aéreo, este país não deve mais estar em uma posição inferior a qualquer país próximo das nossas costas".[170] Durante o debate de maio de 1935, contudo, o governo continuou a negar a verdade que Churchill havia revelado.

O chefe de Gabinete tinha se encontrado no dia anterior para discutir o assunto, e decidiram que o debate do dia seguinte não seria "a ocasião para maiores detalhes", mas para reafirmar as promessas anteriores de Baldwin.[171] "O governo aproveita a primeira oportunidade, na abertura do presente debate, para declarar publicamente que a Declaração do presidente se mantém."[172]

No entanto, o debate de maio causou grande desconforto ao governo. Pela primeira vez desde que iniciara seus avisos, e graças aos documentos que Wigram lhe fornecera, Churchill os fez temerosos. Ao longo dos anos que antecederam a eclosão da guerra, em 1o de setembro de 1939, a credibilidade de Churchill continuava a crescer. Não importava o quanto o governo tentasse, não conseguia silenciar-lhe a voz.

No sexto mês da guerra, o pescoço da Grã-Bretanha estava no laço de Hitler, que o apertava cada vez mais. Parecia impossível escapar não só por causa dos exércitos nazistas que espremiam a Europa continental e ameaçavam as costas britânicas, mas também pela insustentável crise política dentro da própria Grã-Bretanha.

A ingenuidade do primeiro-ministro Neville Chamberlain ficou exposta pelos acordos com Hitler e sua idealizada e falsa esperança de "paz para o nosso tempo" passou a ser desprezada tanto pelo Parlamento como pelo povo. Ele tentou assumir a liderança, mas, como os alemães continuavam avançando em direção ao Canal da Mancha, devorando os Países Baixos e aproximando-se de Paris, Chamberlain percebeu a impossibilidade de liderar sozinho a Grã-Bretanha na guerra.

Formar um governo de coalizão parecia a melhor solução, mas ambos os partidos da oposição, Trabalhista e Liberais, recusaram-se a fazer parte de uma coalizão de governo em que Chamberlain fosse primeiro-ministro.

Ao final, forçado pelas circunstâncias, Chamberlain concordou em renunciar, porém, como líder da maioria, tinha o direito de recomendar para o rei George VI o seu sucessor.

Lorde Halifax era uma possibilidade óbvia, devido à experiência em relações exteriores e à sua proximidade com o rei, que tinha até lhe dado uma chave para o jardim real do Palácio de Buckingham. No entanto, se Halifax se recusasse ou fosse rejeitado por seus colegas Conservadores, então quem sucederia Chamberlain? Winston Churchill? Impossível!

Décadas depois desse fato, continua difícil entender o quão improvável era que Churchill se tornasse primeiro-ministro da Grã-Bretanha em tempo de guerra e, dessa forma, concretizasse a antiga previsão feita aos dezesseis anos. Para se ter a real dimensão do quanto foi impressionante para Churchill o milagre de ser nomeado líder da Grã-Bretanha no exato momento em que a nação estava prestes a ficar sob ataque direto, devemos considerar quantos na organização britânica e pública desdenharam dele.

Consideremos lorde Hankey, chanceler do Ducado de Lancaster, que exemplifica como a classe aristocrática via Churchill. Em 10 de maio de 1940, quando veio a notícia da nomeação de Churchill como primeiro-ministro, lorde Hankey escreveu o seguinte para o filho:

> O resultado disso é que hoje, quando a maior batalha da guerra, e provavelmente a maior batalha da nossa história, começou, quando o destino de todo o Império está em jogo, teremos um governo de políticos… muitos dos quais são pessoas absolutamente inúteis.[173]

Não havia dúvida de que lorde Hankey colocou Churchill na cabeça do bando de "pessoas inúteis". Em outra carta, dois dias depois, Hankey opinou ao político pró-apaziguamento Samuel Hoare: "Deus ajude o país… que entrega sua existência nas mãos de um ditador [Churchill] cujas realizações passadas… nunca tiveram sucesso!".[174] Hankey via a coalizão de Churchill, Chamberlain e Halifax como "única esperança" para a Grã-Bretanha, mas tinha dúvidas quanto a "se os velhos elefantes sábios [Chamberlain e Halifax] seriam capazes de segurar o Elefante Vigarista [Churchill]".[175]

Lorde Hankey não era a única pessoa da aristocracia que não gostava de Churchill. "Embora aristocrata de nascimento, acreditava-se amplamente que Churchill, de forma alguma, fosse de fato um cavalheiro", escreve David Cannadine.[176]

> Não era só por Churchill ser tremendamente desacreditado por seu temperamento instável, decisões insensatas e excesso de retórica (e também alcoólatra)… mas também por, durante a maior parte de sua carreira, reunir em torno dele um ar desagradável de má reputação e de inadequação, como particularmente voluntarioso, sem raízes e produto anacrônico de uma ordem aristocrática decadente e cada vez mais desacreditada… Durante os anos entre as guerras, continuou sendo um aproveitador desavergonhado e um parasita incorrigível.[177]

Pessoas de bem também não consideravam muito os amigos de Churchill. Ele se relacionava com pessoas de "mundos baixos", escreve Cannadine.[178] Em meados da década de 1930, quando a crise mundial se aprofundou, Churchill torna-se, na opinião de muitos britânicos, "quase uma caricatura do aristocrata paranoico: intransigente, amargurado, apocalíptico".[179]

A ascendência de Churchill foi frequentemente desprezada pela opinião do sistema. Ele era um "mestiço" e um "vira-lata" porque tinha mãe americana, "uma mulher com mais de um passado".[180] Lorde Randolph Churchill, apesar de ter ocupado um alto cargo, era considerado mulherengo e jogador. E, se denegrir sua família não foi o suficiente, quando Churchill se tornou primeiro-ministro em 1940, seu governo recém-formado foi definido como um grupo de "vigaristas", "gângsteres" e "selvagens" por importantes britânicos formadores de opinião.[181]

APAZIGUAMENTO E ASCENDÊNCIA

A reputação de Churchill se deteriorava ao mesmo tempo que a aclamação a Adolf Hitler atingia o auge. Como Churchill continuava com suas advertências sobre Hitler e os nazistas e era contra o apaziguamento, sua reputação aos olhos do público se deteriorou ainda mais.

> Naquele ano [1938], o Terceiro Reich de Hitler tornou-se o maior poder na Europa e talvez no mundo… por toda a Europa, os governos reconheceram que sua existência dependia de estarem em bons termos com a Alemanha… Em Munique todos cederam a Hitler; e muitas gente recebeu bem o que viu como um ato de sábia diplomacia de [Neville] Chamberlain. Churchill não.[182]

Em 1938, todavia, Churchill estava lutando para manter seu lugar no Parlamento. Sua oposição quanto ao pacto Chamberlain-Hitler foi vista como outra ruptura com o Partido

Conservador. Os eleitores de Epping acreditavam que Churchill, como um conservador devidamente eleito membro da Câmara dos Comuns, deveria ter apoiado o primeiro-ministro conservador, Neville Chamberlain. Em seguida ao discurso de Churchill no Parlamento criticando o acordo de Munique, *Sir* Harry Goschen, um constituinte altamente respeitado, escreveu ao presidente do Partido Conservador local:

> Não posso deixar de pensar que foi uma pena ele ter quebrado a harmonia da Câmara com o discurso que fez. Claro que não foi como um discurso inflamado de um membro menos importante, e retransmitiram suas palavras para todo o continente e para a América, e acho que teria sido muito melhor se ele tivesse ficado quieto e não tivesse feito discurso algum.[183]

Em 4 de novembro, Churchill sobreviveu a um voto de desconfiança em sua circunscrição eleitoral, mas, como Martin Gilbert registra, ele "sentiu um clima de contenção entre muitos [membros do Parlamento] que poderiam ser seus aliados".[184]

Assim, quando consideramos toda a situação difícil de Churchill chegando até 10 de maio de 1940, sua nomeação como primeiro-ministro deve ser classificada como um dos resultados políticos mais improváveis dos tempos modernos. Resumindo:

- Churchill era "amplamente desacreditado".
- A maioria o considerava um velho irrelevante, remanescente de uma geração passada.
- Era desdenhado em público por muitos como um privilegiado aristocrata com quem não podiam se identificar. Ao mesmo tempo, várias pessoas aristocratas o viam como indigno de sua classe.
- Era chamado de "aventureiro aristocrático", alguém que não fazia boas avaliações e não tinha habilidades políticas.
- Era "azarado".
- Churchill, de acordo com uma visão popular na época, era o filho de um pai ausente e uma mãe rebelde.
- Seus amigos eram "vigaristas", vulgares e grosseiros.
- Churchill era considerado "sem raízes", instável, insensato, um inegável aproveitador.
- Era um constrangimento para as pessoas importantes de seu eleitorado e do Partido Conservador.
- Consideravam-no um "perigo real", pois era impetuoso e tendia a não levar em conta o custo de seus esforços.

Quando Chamberlain decidiu renunciar como primeiro-ministro, chamou Churchill e lorde Halifax, então secretário de Estado de Negócios Estrangeiros, até o número 10 da Downing Street. Sentado em frente aos dois homens na Sala do Gabinete, Chamberlain lhes informou que decidira renunciar e disse que um deles se tornaria o próximo primeiro-ministro.

Chamberlain preferia lorde Halifax, e deixou claro que o visconde seria sua escolha se quisesse o cargo. Halifax certamente era um homem muito ambicioso, mas, como Chamberlain, ele analisou a situação que estavam enfrentando e viu uma eventual rendição como inevitável. Não apreciando a ideia de ser lembrado como o homem que entregou a Hitler as chaves da Grã-Bretanha, Halifax recusou.

Quando Churchill retornou ao seu escritório no Almirantado, reuniu-se imediatamente com o ministro holandês, cujo país tinha sido atacado sem provocação e estava lutando para sobreviver. Churchill concentrou-se no assunto em questão, forçando a conversa em Downing Street para o fundo de sua mente. Foi interrompido por uma mensagem dizendo que Chamberlain fora ver o rei George e renunciara como primeiro-ministro, de acordo com as exigências da monarquia constitucional.

Pouco antes das dezoito horas, Churchill recebeu um convite do Palácio de Buckingham para visitar o rei George VI. Mais tarde recordou:

> Fui levado imediatamente ao rei. Sua Majestade me recebeu muito amavelmente e me mandou sentar. Olhou para mim avaliadora e inquisitivamente por alguns momentos, e então disse: "Suponho que não saiba por que o chamei". Incorporando o estado de espírito dele, respondi: "Senhor, simplesmente não consigo imaginar o porquê". Ele riu e falou: "Quero pedir-lhe que forme um governo". Respondi que com toda certeza assim o faria.[185]

Logo que Churchill deixou o Palácio de Buckingham após a reunião com o rei, seu guarda-costas, Walter Thompson, explicitou a verdade que estava na mente de ambos: "O senhor tem uma tarefa enorme". Com lágrimas nos olhos, Churchill respondeu: "Somente Deus sabe quão grande ela é… só espero que não seja tarde demais. Tenho muito medo de que seja. Apenas nos resta fazer o nosso melhor".[186] Churchill retornou ao Almirantado e imediatamente deu início à tarefa de formar um governo de coalizão. Pediu a Neville Chamberlain que servisse como Lorde Presidente do Conselho e Líder da Câmara dos Comuns, e Chamberlain aceitou, ainda que esse se tornasse um compromisso muito breve. Quando Chamberlain morreu de câncer mais tarde naquele ano, Churchill prestou uma linda e sincera homenagem a ele no tributo fúnebre.

Em seu primeiro livro sobre a Segunda Guerra Mundial, *The Gathering Storm*, Churchill relembra seus pensamentos e sentimentos do dia em que foi nomeado primeiro-ministro:

> Finalmente, tinha autoridade para dar orientações a respeito da situação como um todo. Senti como se estivesse seguindo o destino, e que toda a minha vida passada fora apenas uma preparação para esta hora e para este teste. Dez anos no deserto político me libertaram dos comuns antagonismos partidários. Minhas advertências nos últimos seis anos foram tão numerosas, tão detalhadas e agora tão terrivelmente justificadas que ninguém poderia se opor a mim. Eu não poderia ser reprovado por fazer a guerra ou por querer nos preparar para ela. Achava que sabia bastante sobre tudo isso, e tinha certeza de que não falharia. Assim sendo, embora impaciente pela manhã, dormi profundamente e não tive necessidade de bons sonhos. Os fatos são melhores que sonhos.[187]

Ao longo da Segunda Guerra Mundial, Churchill empregou tudo que aprendeu durante toda sua vida para arquitetar a vitória que os aliados conseguiram em 8 de maio de 1945. Agiu com humildade, e liderou com humanidade.

No dia seguinte ao da sua nomeação como primeiro-ministro, Churchill reuniu-se com o líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, convidando-o a participar do governo de coalizão. Apesar de estarem em lados opostos da divisão política, os dois homens trabalharam harmoniosamente durante a crise.

Churchill pediu a lorde Halifax que permanecesse como secretário de Negócios Exteriores, contra os desejos daqueles que queriam punição para os homens responsáveis por deixarem a Grã-Bretanha despreparada para a guerra – entre os quais incluíam Halifax. Churchill saiu em

defesa daqueles que foram anteriormente seus maiores adversários. “Se abrirmos uma disputa entre o passado e o presente, descobriremos que perdemos o futuro”, disse ele ao Parlamento.[188] Churchill tinha todo o direito de deixar de lado aqueles que lhe causaram tanta dor na década anterior à guerra. Em vez disso, escolheu colocar os interesses do país antes dos seus.

O espírito magnânimo de Churchill para com seus líderes deu-lhe a autoridade e a credibilidade necessárias após a guerra para falar de perdão para o povo alemão. Se aqueles que tinham autoridade depois da Primeira Guerra Mundial tivessem praticado o perdão que Jesus ensinou e Churchill demonstrou, a Segunda Guerra Mundial jamais aconteceria. A falta de perdão gera ressentimento, e a Segunda Guerra Mundial foi resultado de ressentimento. Quando Churchill assumiu o poder, uniu politicamente os partidos, e sua nomeação uniu o povo na imensa e terrível causa que estava diante deles.

SANGUE, LABUTA, LÁGRIMAS E SUOR

Em 13 de maio de 1940, Churchill fez seu primeiro discurso como primeiro-ministro na Câmara dos Comuns. Foi sincero e realista a respeito da situação, mas claro na política e no objetivo de seu governo:

> Estamos no estágio preliminar de uma das maiores batalhas da história… Direi à Câmara o mesmo que disse aos que entraram para este Governo: “Só tenho para oferecer sangue, labuta, lágrimas e suor”. Temos diante de nós uma dura provação. Temos diante de nós muitos e longos meses de luta e sofrimento. Perguntam-me qual é a nossa política. Responder-lhes-ei: fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa nos dar; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. Essa é a nossa política. Perguntam-me qual é o nosso objetivo. Posso responder com uma só palavra: vitória – vitória a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz; porque sem a vitória não sobreviveremos… Mas assumo a minha tarefa com entusiasmo e fé. Tenho a certeza de que a nossa causa não pode perecer entre os homens.[189]

O apoio do Parlamento foi cauteloso, mas a população em geral se inflamou em imenso apoio a Churchill e à sua coragem. Uma multidão de simpatizantes se reuniu ao lado de fora do prédio do Almirantado para onde Churchill fora a pé desde Downing Street. Lorde Hastings Ismay recordou essa caminhada em suas memórias:

> Um grupo de pessoas esperando do lado de fora da entrada privada o saudou calorosamente com gritos de “Boa sorte, Winnie. Deus o abençoe”. Ele estava visivelmente emocionado e, assim que adentramos ao prédio, dissolveu-se em lágrimas. “Pobre povo”, disse, “pobre povo. Confiam em mim e não posso lhes dar nada além de tragédia por um bom tempo”.[190]

A humildade e a humanidade de Churchill – ver a si mesmo como alguém do povo, nem melhor nem pior – foi o que entusiasmou seus apoiadores e fez que o amassem. Essas características transformaram a opinião até de muitos de seus críticos mais severos. Entre eles estava John Colville, que serviu como secretário de Chamberlain e continuaria com Churchill. A opinião sarcástica de Colville estava registrada em seu diário na data de 13 de maio:

> Fui até a Casa para ouvir o novo P.M… Ele fez um rápido e brilhante discurso… Passei o dia em um terno novo azul brilhante do Fifty Shilling Tailors,[191] barato e de aparência espalhafatosa, que achei ser apropriado para o novo governo".[192]

No entanto, depois de trabalhar com Churchill durante três dias, o tom de Colville havia mudado. Em 18 de maio, o respeito já surgira quando comentava sobre a grande atenção e seriedade com que Churchill trabalhava: "Tal é a mudança que um alto cargo pode provocar na paixão pela audácia e pela ação espetacular inerentes a um homem".[193]

A conversão de Colville rendeu-lhe o rancor de seus antigos amigos. "Realmente sinto muito que você não seja mais da equipe (de Chamberlain)", escreveu R. A. Butler, que era subsecretário do Ministério das Relações Exteriores de Halifax, "e que tenha sido sacrificado pela coalizão".[194] Talvez os antigos colegas de Colville acreditassem que a liderança requer afastamento. Churchill, no entanto, julgava que era necessária a sua presença entre os seus compatriotas para que pudesse dar-lhes esperança.

É irônico imaginar que, se os predecessores de Churchill como primeiro-ministro, Stanley Baldwin e Neville Chamberlain, tivessem lhe escutado, talvez fossem eles os saudados como heróis, em vez de Churchill. Se a Grã-Bretanha tivesse se rearmado no início dos anos 1930, a Segunda Guerra Mundial poderia ter sido evitada. Hitler talvez fosse compelido a negociar com uma Grã-Bretanha militarmente forte. E, se isso tivesse acontecido, Deus podia nunca ter usado Winston Churchill.

Sem a guerra, a impopularidade de Churchill durante toda a década de 1930 certamente o teria relegado à insignificância. A história se esqueceria de Winston Churchill, mas Stanley Baldwin e Neville Chamberlain seriam lembrados como grandes líderes. Se Hitler não tivesse implantado as Leis de Nuremberg nem provocado a guerra, a história poderia lembrar-se dele como um grande restaurador de sua nação.

Ao reconhecer abertamente que só Deus podia olhar pela Grã-Bretanha e pela Europa durante a crise da guerra, Churchill honrou a Deus por meio das palavras dirigidas ao povo da Grã-Bretanha:

> Não devemos esmorecer ou fracassar. Iremos até o fim, lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos com crescente confiança e crescente força no ar, defenderemos nossa Ilha, qualquer que seja o custo, lutaremos nas praias, lutaremos nos terrenos de desembarque, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas colinas; nunca nos renderemos – e ainda que, e nisto não acredito nem por um momento, esta Ilha ou grande parte dela sejam subjugadas e fiquem mortas de fome, então nosso Império de além-mar, armado e protegido pela frota britânica, continuará a luta até que, no tempo de Deus, o Novo Mundo, com toda a sua força e seu poder, avançará para o resgate e a libertação do antigo.[195]

"SEJAIS VÓS HOMENS DE VALOR"

Em sua primeira transmissão nacional como primeiro-ministro, em 19 de maio de 1940, Churchill pegou as palavras "escritas [séculos atrás] para serem um chamado e um incentivo aos fiéis servidores da Verdade e da Justiça".[196] Então, ele parafraseou 1 Macabeus 3:58-60 dos apócrifos, uma seção da Bíblia considerada sagrada por muitos cristãos:

> Preparai-vos, disse-lhes Judas, sede corajosos e estai prontos desde a manhã para o combate a essas nações que estão unidas para nos arruinar, a nós e tudo o que possuímos de sagrado, porquanto é preferível morrer no combate, que ver nosso povo perseguido e profanado nosso santuário. Que se faça somente a vontade de Deus!

Conhecendo o contexto histórico dessas palavras, Churchill não as escolheu sem motivo. Em 166 a.C., os Macabeus estavam lutando contra poderosos governantes helenistas que queriam impor seu controle e sua cultura sobre os judeus. Matatias, um sacerdote camponês judeu, em vez de se submeter, inflamou uma revolta e levou os cinco filhos para o inóspito deserto da Judeia. Após a morte de Matatias, Judas, um de seus filhos, pegou a bandeira para liderar um exército contra os gregos. Comparado ao poder das forças helenísticas, os guerreiros judeus pareciam não mais que um grupo de amadores. Os gregos, porém, não compreenderam completamente o que conduzia Judas e seus companheiros guerreiros: A identidade e a liberdade deles estavam em jogo. Eles tinham que lutar ou se tornar escravos.

Não é de admirar que essa passagem tenha estimulado a determinação de Churchill. Ela espelhava a situação que a Grã-Bretanha enfrentava. Hitler subestimou a determinação do povo britânico, e o mundo assumiu que os militares britânicos, na esteira da Primeira Guerra Mundial, não eram nada mais que um grupo desorganizado de amadores. E certamente a evacuação em Dunquerque no final de maio não ajudaria em nada a reforçar a imagem da Força Expedicionária Britânica. Ainda assim, ele dizia: “é melhor perecer em batalha do que ver o ultraje de nossa nação”.

A passagem em 1 Macabeus a que Churchill recorreu se assemelha a um trecho do livro Juízes do Antigo Testamento. Em Juízes 6, quando Deus chama Gideão para liderar o povo de Israel contra os invasores midianitas, Ele envia um anjo para dizer a Gideão: “O Senhor está com você, poderoso guerreiro. […] Com a força que você tem, vá libertar Israel das mãos de Midiã. Não sou eu quem o está enviando”.[197]

No texto de 1 Macabeus, a frase é: “Sede corajosos”, mas as palavras de Churchill evocam a passagem em Juízes em que o termo *corajosos* refere-se à bravura e à audácia na guerra.

Churchill reconheceu que a Grã-Bretanha, como Matatias e Judas em 1 Macabeus, enfrentava um inimigo posicionado nas fronteiras de sua nação, querendo escravizá-los e destruir sua cultura. Em maio de 1940, Churchill sabia que Adolf Hitler tinha toda a Europa – e muito mais – em sua mira. A Grã-Bretanha representava os “homens corajosos” sobre quem repousava o resultado da batalha. Assim, com grande cuidado, Churchill escolheu suas palavras.

Embora a Blitz logo colocasse Londres e outras cidades inglesas em chamas, Churchill acreditava que, “com a proteção da Providência, tudo ficaria bem”, como ele disse em uma mensagem de 9 de fevereiro de 1941 ao presidente Franklin Roosevelt.[198]

O chamado de Churchill por bravura e audácia obteve o efeito pretendido. “Você nunca fez nada tão bom ou importante”, escreveu o secretário de guerra Anthony Eden. E acrescentou: “Obrigado e obrigado a Deus por você”.[199]. O ex-primeiro-ministro Stanley Baldwin, a cujos pés jazia grande parte da culpa pela falta de preparo da Grã-Bretanha, escreveu:

> Meu caro PM, ouvi sua voz bem conhecida ontem à noite e gostaria de lhe ter apertado a mão por um breve momento e dizer que do fundo do meu coração desejo-lhe tudo de bom – saúde e força mental e física – para o terrível fardo que está agora sobre você. Atenciosamente, SB.[200]

O grande fardo que Churchill carregava era, em sua opinião, nada menos que a sobrevivência da "civilização cristã" contra a maior ameaça que já enfrentara. Churchill sabia que não apenas a sobrevivência da Grã-Bretanha havia sido colocada em suas costas, mas também todos os valores de justiça, liberdade, respeito pela humanidade e paz inerentes à cultura ocidental. Percebeu que, se falhasse, o mundo se tornaria um lugar infernal.

Era realmente um "fardo terrível", porém que Winston Churchill estava disposto não apenas a suportar, mas a carregar por todo o caminho até a vitória – ou, se necessário, até a morte.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 543.

Churchill (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 13 de abril de 1933).

Churchill (discurso na Câmara dos Comuns em debate, 28 de novembro de 1934), v. 295, cc 857-983. Disponível em: <http://hansard.millbanksystems.com/commons/1934/nov/28/debate-on-the-address>.

Churchill. "Air Parity Lost" (discurso na Câmara dos Comuns, 2 de maio de 1935). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/air-parity-lost>.

Stanley Baldwin (discurso na Câmara dos Comuns em debate, 8 de março de 1934), v. 286, cc 2027-89. Disponível em: <https://api.parliament.uk/historic-hansard/commons/1934/mar/08/air-estimates-1934#column_2078>.

Cabinet Minutes, 1o de maio de 1935. Disponível em: <nationalarchives.gov.uk>.

Ibid.

Lukacs. *Five Days in London: May 1940 [Cinco dias em Londres]*. p. 23.

Ibid.

Ibid.

Cannadine, David. Citado em Lukacs. *Five Days in London: May 1940. [Cinco dias em Londres]*. p. 21.

Cannadine. Aspects of Aristocracy: *Grandeur and Decline in Modern Britain*. New Haven, CT: Yale University Press, 1994. pp. 132, 147. John Lukacs achava que "essas generalizações de David Cannadine têm a marca de uma caneta pesada; são um pouco exageradas, mas não sem substância" (*Five Days in London. [Cinco dias em Londres]*. p. 21).

Ibid, p. 118.

Ibid, p. 147.

Lukacs. *Five Days [Cinco dias em Londres]*. p. 22

Ibid, p. 23.

Id. *The Duel: The Eighty-Day Struggle Between Churchill and Hitler*. New Haven, CT: Yale University Press, 2001. p. 23.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 603.

Ibid.

Churchill. *The Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. Boston: Houghton Mifflin, 1948. p. 665.

Gilbert. *Winston S. Churchill, volume 6: Finest Hour, 1939-1941*. p. 314.

Ibid, p. 667.

Churchill. "Their Finest Hour" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 18 de junho de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/their-finest-hour>.

Churchill. "Blood, Toil, Tearsand Sweat" [Sangue, labuta, lágrimas e suor] (discurso na Câmara dos Comuns, 13 de maio de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/blood-toil-tears-and-sweat>.

Gilbert. *Winston S. Churchill, volume 6: Finest Hour, 1939-1941*. p. 333.

Fifty Shilling Tailors era uma cadeia britânica de lojas que vendiam roupas masculinas. Fundada em Leeds em 1905 por Henry Price, a rede expandiu-se para mais de 399 lojas em todo o país. (N.T.)

Colville, John. *The Fringes of Power: The Incredible Inside Story of Winston Churchill During World War II*. Londres: Hodder & Stoughton, 1985. p. 129.

Ibid, p. 135.

Citado em Lukacs. *Five Days in London*. p. 25. Os Butler Papers estão guardados no Trinity College, em Cambridge.

Churchill. “We Shall Fight on the Beaches” (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 4 de junho de 1940). O texto completo está disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/we-shall-fight-on-the-beaches>.

Churchill. “Be Ye Men of Valour”, transmitido pela BBC, 19 de maio de 1940. O texto completo está disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/be-ye-men-of-valour>.

Juízes 6:12,14.

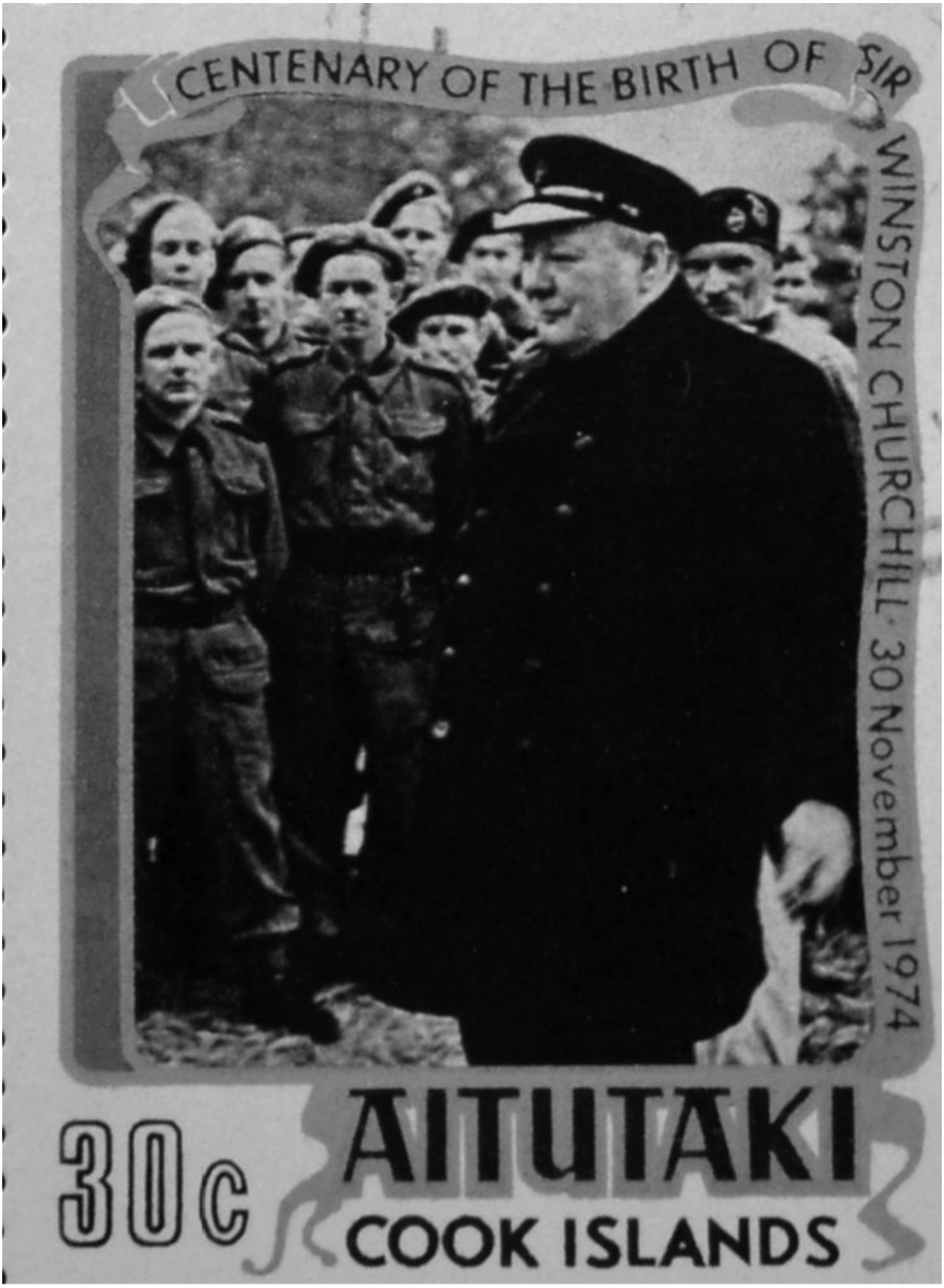
Langworth. (ed.). *Churchill By Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas*]. p. 6.

Ibid, p. 596.

Ibid.

Parte III

SALVANDO A “CIVILIZAÇÃO CRISTÃ”


CENTENARY OF THE BIRTH OF SIR
WINSTON CHURCHILL · 30 November 1974
30c
AITUTAKI
COOK ISLANDS

Churchill e o Sermão da Montanha

Acredito que a batalha da Grã-Bretanha esteja prestes a começar. Desta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã.

**(WINSTON CHURCHILL,
DISCURSO "THEIR FINEST HOUR"
[A MELHOR HORA DELES],
18 DE JUNHO DE 1940)**

O que Winston Churchill, um homem que não era envolvido com a igreja nem um piedoso devoto religioso, percebeu na "Civilização Cristã" a ponto de ser motivado à sobrevivência dela fazendo imensos sacrifícios para deter Hitler e os nazistas?

Em um discurso na Universidade de Harvard em 1943, ele disse que não foi nada mais que a escolha entre "anarquia mundial ou ordem mundial".[201]

O nível de paixão de Winston Churchill pela civilização cristã está evidenciado pelo número de vezes que falou ou escreveu sobre o assunto. Aqui está uma breve lista de suas declarações, o suficiente para dar crédito à afirmação:

- Em artigo de 1931 na *The Strand Magazine*, Churchill escreveu: "[sobre] nosso dever de preservar a estrutura da humana e esclarecida sociedade cristã".[202]
- Em discurso na Câmara dos Comuns sobre o Acordo de Munique em 1938, Churchill disse: "Nunca deve haver um senso de fraternidade entre a democracia britânica e o poder nazista, que rejeita a ética cristã, que aplaude o avanço de seu programa de paganismo bárbaro".[203]
- Em um apelo a Benito Mussolini em 1940 para evitar que a Itália aderisse à guerra do lado da Alemanha, disse Churchill: "Através dos tempos, acima de todos os apelos, vem o clamor de que os herdeiros conjuntos das civilizações latina e cristã não devem se opor em disputas mortais".[204]
- Quando contemplou a defesa de Londres durante a Batalha da Grã-Bretanha, ele se referiu à metrópole como "esta forte Cidade de Refúgio que consagra os títulos de propriedade do progresso humano e é de fundamental importância para a civilização cristã".[205]
- "Não é exagero dizer que o futuro do mundo e as esperanças do crescimento de uma civilização fundada com base na ética cristã dependem das relações entre o Império Britânico ou Commonwealth of Nations[206] e os EUA", disse Churchill em 1941.[207]
- Em seu famoso discurso "Cortina de Ferro", em 5 de março de 1946, Churchill ainda estava ressoando o aviso. E ele disse o seguinte a respeito dos partidos comunistas que se haviam infiltrado nas nações do pós-guerra: "constituem crescentes desafio e perigo para a civilização cristã".[208]

- Em outubro de 1946, Churchill revelou à liderança do Partido Conservador quais deveriam ser seus "principais objetivos". A lista começava com: "defender a religião cristã e resistir a todos os ataques a ela".[209]
- Em um discurso de 1949 para cientistas do Instituto de Massachusetts de Tecnologia, Churchill disse:

  > A chama da ética cristã ainda é nosso maior guia. Proteger e cuidar dela é nosso principal interesse, espiritual e fisicamente. O cumprimento do dever espiritual em nossa vida diária é vital para a nossa sobrevivência. Somente aplicando-o perfeitamente podemos ter esperança de resolvermos para nós mesmos os problemas deste mundo, e não os deste mundo apenas.[210]

- Churchill também acreditava que "quanto mais à risca seguirmos o Sermão da Montanha, mais provável será alcançarmos sucesso em nossos desafios".[211]

Stephen Mansfield acredita que essa ênfase premente veio da influência de Elizabeth Everest, babá de infância de Churchill. "Em uma época de crescente ceticismo, Churchill proclamou a causa da 'civilização cristã'", observa Mansfield.[212] Churchill via ameaças externas no "paganismo bárbaro" dos nazistas, que incorporavam princípios frontalmente opostos aos da "ética cristã". Além disso, preocupava-se com as ameaças internas de alguns de seus compatriotas que haviam perdido a visão cristã. Na opinião de Churchill, todo cristão tinha o "dever de preservar a estrutura humana e esclarecida da sociedade cristã". Negligenciar isso seria mergulhar a sociedade no caos porque, como disse Churchill, "uma vez que os pés da moral intelectual escorregassem para os degraus de descida da inclinação da indulgência plausível, não haveria parada intermediária antes de se atingir o paganismo total e o hedonismo".[213]

TUDO ISSO TORNA A EXISTÊNCIA VALIOSA

Em uma transmissão de rádio de 1938 para a América, Churchill nos disse de forma geral o que significava para ele o termo "civilização cristã":

> Desde o alvorecer da era cristã, um determinado estilo de vida foi se moldando entre os povos ocidentais, e certos padrões de conduta e governo passaram a ser valorizados. Depois de muito sofrimento e caos prolongado, surgiu na claridade do dia a concepção do direito do indivíduo; seu direito de ser consultado pelo governo de seu país; seu direito de invocar a lei mesmo contra o próprio Estado… Agora, nisso reside tudo o que torna a existência valiosa para o homem, e tudo o que confere honra e saúde ao Estado.[214]

Para Churchill, estava em jogo o bem-estar não apenas de alguns privilegiados, mas também o de todos os que poderiam se beneficiar dos frutos de uma sociedade beneficente e coerente. Richard Langworth nos lembra de que Churchill acreditava que os "princípios do cristianismo valiam para toda a humanidade, independentemente da religião". Assim,

> quando Churchill em seus discursos se refere à "civilização cristã"… não quis dizer que judeus ou muçulmanos estariam excluídos. O significado das palavras tinha um sentido muito mais amplo. Assim como, para Churchill, a palavra "homem" significava humanidade, suas alusões ao cristianismo incorporavam princípios que considerava universais.[215]

No período sob a tutela de Elizabeth Everest, Churchill sem dúvida leu, e provavelmente memorizou, os ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha.

> Jesus, vendo as multidões, subiu a um monte e, assentando-se, os Seus discípulos aproximaram-se Dele. E Jesus, abrindo a boca, os ensinava, dizendo: bem-aventurados os pobres em espírito pois deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os humildes, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.[216]

Vejamos como esses ensinamentos, em geral conhecidos como Bem-aventuranças, entrelaçam-se com a vida de Winston Churchill.

BEM-AVENTURADOS OS POBRES EM ESPÍRITO, POIS DELES É O REINO DOS CÉUS

A pobreza de espírito a que Jesus se refere é o humilde reconhecimento da própria necessidade. Churchill identificou isso em uma trincheira na África do Sul na juventude, e novamente, décadas depois, quando chegou ao número 10 da Downing Street como primeiro-ministro. Churchill sabia que a pobreza de espírito também deve se aplicar à nação e a seus aliados, e assim o disse em meio ao crescente pessimismo de 1940:

> Nunca nos renderemos, e ainda que, e nisto não acredito nem por um momento, esta Ilha ou grande parte dela sejam subjugadas e fiquem mortas de fome, então nosso Império de além-mar, armado e protegido pela frota britânica, continuará a luta, até que, *no tempo de Deus*, o Novo Mundo, com toda a sua força e poder, avançará para o resgate e a libertação do antigo.[217]

Churchill sabia onde o resultado final da luta estava: nas mãos de Deus. Isso, acima de tudo, distinguia a confiança de Churchill da arrogância de Hitler.

BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM, PORQUE SERÃO CONSOLADOS

Elizabeth Nel, uma das secretárias pessoais de Churchill durante a guerra, escreve: “Quando uma cidade era bombardeada de modo devastador, ele tentava, sempre que possível, visitá-la para animar os habitantes, mas sua tristeza ao ver a devastação era comovente”.[218]

No entanto, Churchill entendeu a importância de conter sua tristeza e “de manter seus sentimentos sempre sob controle, e as pessoas, reanimadas, mostrariam alegria ao vê-lo”.[219]

BEM-AVENTURADOS OS HUMILDES, PORQUE HERDARÃO A TERRA

A humildade é uma característica improvável para um homem caracterizado como um *buldogue* ou um *leão*. No entanto, quando olhamos para o original em grego, a língua em que as palavras de Jesus foram registradas na Bíblia, vemos que humildade é uma descrição apropriada.

A palavra grega *prautes*[220] realmente se refere à *força sob o devido controle*. Um exemplo é o de um poderoso garanhão sob controle de um freio. No entanto, a verdadeira humildade não se baseia em contenção *externa*, pois isso implicaria uma fraqueza interna que exigiria controle e aplicação da lei. Pelo contrário, a ideia é a de *autocontrole*. Churchill deve ter conhecido as palavras de Edmund Burke:

> Os homens estão habilitados para a liberdade civil em proporção exata à sua disposição para colocar correntes morais nos próprios desejos… A sociedade não pode existir a menos que haja um controle de poder sobre o desejo, e quanto menos controle interno houver, mais controle externo ocorrerá. Está consagrado na constituição eterna das coisas que homens de mentes destemperadas não podem ser livres. As paixões deles forjam os próprios grilhões.[221]

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA, PORQUE SERÃO FARTOS

Churchill não era conhecido por sua piedade, nem fingia ser. Certa vez, quando lhe disseram que não podia beber ou fumar na presença do rei da Arábia Saudita por causa das crenças muçulmanas do governante, ele respondeu:

> Se foi sua religião que o fez dizer essas coisas, minha religião prescreve como um ritual absolutamente sagrado fumar charutos e beber álcool antes, depois e, se necessário, durante todas as refeições e nos intervalos entre elas.[222]

Contudo, com humildade, entendemos o que *justiça* pode ter significado para Churchill quando a vemos na língua original do Novo Testamento. Nele, *justiça* refere-se àquilo que é reto e plano. Outra palavra para isso pode ser *alinhamento*. Provérbios fala de "gente que anda por veredas tortuosas, e no caminho se extravia".[223] Um "caminho tortuoso" se afasta do curso verdadeiro.

O padrão para tal alinhamento é nada menos que o perfeito caráter de Deus. Assim, Deus deve ser o ponto de referência para o comportamento pessoal e para o caráter de uma civilização. Apesar de Churchill às vezes se afastar do padrão perfeito de Deus, como todos fazemos, com certeza entendeu a importância disso na sociedade. Esse alinhamento ético provavelmente estava na mente dele quando fez esta avaliação, talvez idealizada, da Grã-Bretanha e de um entendimento cristão:

> Há algumas coisas que vou me arriscar a citar sobre a Inglaterra. Sem qualquer ingratidão, aqui dificilmente os bancos fechariam suas portas a qualquer depositante. Aqui ninguém questiona a imparcialidade dos tribunais e da justiça. Aqui ninguém pensa em perseguir um homem por sua religião ou sua raça. Aqui todos, exceto os criminosos, olham para o policial como amigo e servidor público. Aqui damos provisão para a pobreza e infortúnio com mais compaixão do que qualquer outro país, apesar de todos os nossos encargos. Aqui podemos garantir os direitos do cidadão contra o Estado, ou criticar o governo em exercício, sem faltar com nosso dever para com a Coroa ou com nossa lealdade ao Rei.[224]

BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS, PORQUE ALCANÇARÃO MISERICÓRDIA

"A melhor combinação do mundo é poder e misericórdia", Churchill escreveu à sua mãe, Jennie, em 1919. "A pior é fraqueza e discórdia."[225] Esses valores, evidenciados no início de sua carreira, nortearam Churchill em todos os períodos mais críticos de sua vida. Poder e misericórdia ficaram evidentes no discurso que fez na Câmara dos Comuns em 14 de julho de 1940, quando disse: "Podemos demonstrar misericórdia – mas não a pediremos".[226]

Churchill percebeu que a fraqueza de Neville Chamberlain havia colocado a Grã-Bretanha em perigo em função do aumento do poder de Hitler. No entanto, revelou compreender a importância da misericórdia em seu tributo a Chamberlain:

> Coube a Neville Chamberlain, em uma das maiores crises do mundo, ser desmentido pelos acontecimentos, ser decepcionado em suas esperanças e ser iludido e enganado por um homem perverso. Mas que esperanças eram essas com as quais se decepcionou? […] Que fé era essa da qual abusaram? Certamente, elas estavam entre os instintos mais nobres e benevolentes do coração humano – o amor pela paz, o sofrimento pela paz, o conflito pela paz, a busca pela paz, mesmo sob grande perigo, e certamente pelo absoluto desdém por popularidade ou clamor… Podemos ter certeza de que Neville Chamberlain agiu com total sinceridade, de acordo com seus pontos de vista, e se esforçou ao máximo de sua capacidade e autoridade… para salvar o mundo da terrível e devastadora guerra em que estamos agora envolvidos.[227]

BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO, PORQUE VERÃO A DEUS

Ser "puro de coração" é estar livre da perversão. Winston Churchill não era puro no sentido da perfeição funcional, mas o termo também se refere a uma pureza de intenções em que os outros podem confiar, e nesse aspecto Churchill está amplamente absolvido. No exemplo dele, encontramos a ideia de sinceridade, de "algo que foi purificado por ter sido abalado em um movimento alternado como em uma peneira ou em uma secagem por vento".[228]

Essa compreensão se torna mais clara na admoestação da Bíblia para "que vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração".[229] Ambivalência sobre crença em Deus, ou sobre o certo e o errado, configura a mente vacilante. É a posição do agnóstico e, portanto, está entre as razões pelas quais discordamos daqueles que acreditam que Churchill manteve o agnosticismo da juventude. Ao longo da vida, ele falou de Deus e de Sua providência com certeza confiante.

O povo britânico reconheceu Churchill como alguém de coração e espírito singelos. Essa qualidade, talvez mais do que qualquer coisa, deu a ele a capacidade para liderar e guiar a nação ao longo da Segunda Guerra Mundial. Os cidadãos britânicos sentiram que podiam confiar em Churchill, porque falava sem intenções ocultas. Essa pureza de confiança e sua correspondente credibilidade não vieram facilmente, mas foram conquistadas por meio de todos os "julgamentos" de dissabores pelos quais Churchill passara.

BEM-AVENTURADOS OS PACIFICADORES, PORQUE SERÃO CHAMADOS FILHOS DE DEUS

Churchill é às vezes acusado de ser um belicista. “Alguns críticos caracterizaram Churchill como um homem corajoso, mas aventureiro, impetuoso, forte em caráter, mas fraco em julgamento”, escreve Kenneth W. Thompson. “No entanto, a imagem do primeiro-ministro como mercenário, aventureiro e encrenqueiro era enganosa.”[230]

A primeira e contínua esperança de Churchill centrava-se na paz. Em 3 de dezembro 1936, ele disse:

> Se quisermos deter a guerra que está vindo – se vindo mesmo está –, devemos, no ano que está diante de nós, não nos próximos seis meses –, juntar-nos às grandes nações, todas tão bem armadas quanto possível e unidas sob o Pacto da Liga [das Nações] de acordo com os princípios da Liga, e dessa forma chegar a uma posição em que poderemos convidar o povo alemão para se juntar a esta organização de segurança mundial, convidá-los a ocupar o seu lugar no círculo das nações para preservar a paz, onde estaremos em condição de assegurar-lhes que a segurança que buscamos será gratuitamente estendida a eles.[231]

Em seu apelo, Churchill acrescentou “paz e força” ao contrapeso de “poder e misericórdia”. Em vez de desejar a guerra, esse velho soldado ansiava pela paz. No entanto, ele não se iludiu quanto à natureza humana ou o caráter do inimigo – Hitler. A insistência de Churchill pelo rearmamento foi crucial para o estabelecimento e a manutenção de seu objetivo real: a paz. De fato, a política exterior de Churchill se baseava na força com diplomacia, poder e negociação, como Kenneth Thompson salienta.

Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, ainda restavam pessoas que tentavam colocar o rótulo de “belicista” e “aventureiro” em Churchill. Por fim, em 1951, o *Times* de Londres cansou.

> Será visto pelos historiadores como uma perversão extraordinária que o Sr. Churchill tivesse sido considerado por tantos críticos e opositores na política como um homem ávido por guerra. […] Talvez em razão de muito de sua fama e caráter terem sido criados – com zelo e entusiasmo incomuns – em meio a um mundo em carnificina, seu pensamento sempre foi, entre as guerras, de como construir a paz entre os povos.[232]

Thompson conclui: “Alguém que sentisse apenas paixão pela guerra dificilmente teria sido tão incansável em explorar os estreitos caminhos para a paz. Ninguém que fosse um incurável belicista estaria disposto a pagar um preço tão alto pela paz”.[233]

BEM-AVENTURADOS OS QUE SOFREM PERSEGUIÇÃO POR CAUSA DA JUSTIÇA, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS

Winston Churchill não sofreu pela causa cristã da mesma forma que os primeiros seguidores de Cristo. No entanto, se observarmos retidão como um desejo de justiça e equidade alinhadas com a revelação de Deus de Si mesmo em Jesus Cristo e na Bíblia, então Churchill sofreu muito desprezo por tal causa. Os ensinamentos de Jesus levariam Churchill a esperar desdém e o prepariam para manter-se firme. Ao mesmo tempo, Churchill não era um alvo passivo; ele podia revidar com o melhor naqueles que lhe atirassem.

Escreve o historiador britânico Andrew Roberts:

> Talvez seja digno de nota que certamente foi nas bem-aventuranças que Churchill se inspirou para sua famosa moral em suas memórias da Segunda Guerra Mundial: “Na guerra, resolução. Na derrota, rebeldia. Na vitória, magnanimidade. Na paz, boa vontade”.[234]

ALÉM DAS BEM-AVENTURANÇAS

Enquanto as bem-aventuranças relatam alguns dos princípios básicos da civilização cristã, Jesus diz muito mais no Sermão da Montanha, o que pode ter orientado Winston Churchill e fundamentado seu ponto de vista. De fato, Churchill se referia ao Sermão da Montanha como “a palavra final em ética”.[235]

A seguir, apresentam-se alguns dos princípios que Churchill pode ter aprendido com o Sermão da Montanha, os quais permitiram definir seus pensamentos e suas ações.

A IMPORTÂNCIA DE SER “SAL” E “LUZ” NO MUNDO

> Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.
>
> Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.[236]

Para aqueles que ouviam os ensinamentos de Jesus na encosta da montanha naquele dia, “sal” teria significado sabor, cura e preservação. Sem sal, a comida ficaria insípida, as feridas não cicatrizariam e a degradação se instalaria. Jesus estava se referindo ao “sal” espiritual e moral, às verdades que dão sabor à civilização, saúde a uma sociedade e perenidade a seus princípios.

Winston Churchill incorporou essas ideias ao liderar a Grã-Bretanha e os aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Ele estava plenamente *salgado*. Elizabeth Nel escreve: “Do início ao fim nos dedicávamos totalmente a ele, não por ser o primeiro-ministro, mas por ser ele”.[237] Nel disse também que teve o cuidado de ensinar a seus filhos sobre Churchill “e sobre o que ele representou em sua longa vida: Coragem, força, resolução, lealdade inabalável, amor ao país. Se conseguisse ensinar-lhes apenas essas coisas, já teria feito algo”.[238]

Churchill era um conservador no sentido de *preservação* – conservando o que tinha valor. Acreditava que valia a pena manter a civilização cristã e as instituições que a propagavam – até mesmo morrer por elas. Ele não era um conservador burguês, cujo único objetivo é preservar a ordem comercial. Pelo contrário, era um conservador histórico, no estilo de Edmund Burke, cuja preocupação estava não apenas na preservação da ordem econômica, mas também na conservação desses valores e princípios mais profundos sobre os quais a civilização se assenta.

“Não deixe que grandes planos para uma nova ordem mundial desviem suas energias de salvar o que resta da antiga”, disse ele ao seu ministro de Construções e Obras Públicas em 1941.[239] Sem dúvida, pelo menos em sua mente, Churchill estava se referindo não apenas à reconstrução das regiões bombardeadas de Londres, mas também da civilização que simbolizavam.

Jesus disse que seus seguidores são “a luz do mundo”. Uma das maiores preocupações de Churchill, em face da incursão nazista, era que “as luzes estavam se apagando” por toda a Europa.[240] Ele reconheceu a escuridão do nazismo como um vasto abismo, o poço do mal.

Churchill procurou alertar os outros "do que poderia facilmente acontecer se a civilização não tomasse pulso de seu destino e lhe virasse as costas" das alternativas, a "Cidade da Destruição" e a "Cidade da Escravidão".[241] Séculos antes, Santo Agostinho havia apresentado à humanidade o conceito da cidade de Deus, a incorporação da luz. As palavras de Churchill ecoavam a dura escolha entre a cidade de Deus e a Cidade das Trevas.

A MORALIDADE E A ÉTICA REVELADAS POR DEUS SÃO ABSOLUTAS, NÃO RELATIVAS

> Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.[242]

Winston Churchill foi acusado de ser ímpio. Na realidade, ele valorizava a *moralidade*, mas desprezava o *moralismo*. "A vida e a força da nossa autoridade brotam da moral, e não da força física", disse em um discurso de 1903.[243] De fato, essa moralidade foi crucial para a resistência e a sobrevivência nacionais. Moralidade era a postura ampla de coração e comportamento que seguia os valores dos mais altos princípios para os indivíduos e a sociedade. Moralismo, por outro lado, é "um padrão duplo de conduta" na vida "pública e privada" de uma pessoa.[244] A verdadeira moralidade deve guiar as relações exteriores de uma nação.

Em 6 de julho de 1944, exatamente um mês depois do Dia D,[245] Churchill deixou a Câmara dos Comuns, onde acabara de reportar aos membros que um ataque de foguete V-1 nazista matara 2.752 de seus compatriotas. Esses mísseis forçaram Churchill a conduzir a reunião de sua equipe nas salas de guerra subterrâneas. Churchill saiu da reunião e se dirigiu exaurido para seu escritório, onde ditou considerações a Marian Holmes, uma de suas secretárias, em um memorando para os chefes de equipe.

Com a carnificina do ataque de foguete pesando em sua mente, levantou a possibilidade de usar gás mostarda[246] não letal contra os alemães, "do qual quase todo mundo se recupera". Essa estratégia seria empregada apenas em caso "de vida ou morte para nós", afirmou ele, ou "de diminuir em um ano o tempo de guerra", salvando milhares de vidas.

A esperança de Churchill era usar uma forma de gás que teria apenas um efeito temporário sobre o soldado inimigo, permitindo que fosse aprisionado e ficasse fora da guerra.

Então refletiu sobre a questão da moralidade quanto ao uso do gás mostarda:

> É absurdo considerar a moralidade neste assunto quando todos o usaram na última guerra sem uma palavra de queixa dos moralistas ou da Igreja. Por outro lado, no bombardeio de cidades abertas[247] na última guerra foi considerado proibido. Agora todo mundo recorre a ele de forma rotineira. É simplesmente uma questão de moda, como é para as mulheres a troca de saias longas por curtas.[248]

Na concepção de Churchill, o imperativo moral era derrotar os nazistas. Disso dependia a sobrevivência da civilização, que poderia estender as bênçãos da liberdade e prosperidade para o mundo inteiro. Ele julgava que os moralistas haviam se aposto a certas táticas, uma

reminiscência dos fariseus do tempo de Jesus: preocupados com pequenos legalismos que escondiam as questões mais importantes, sem "praticar estes preceitos".[249]

De qualquer modo, o dilema de Churchill revela a complexidade e as contradições enfrentadas por aqueles em liderança de alto nível que devem escolher entre a ética da guerra e a sobrevivência. Também revela seus conflitos internos com questões morais e as limitações de sua humanidade diante dos mais altos valores éticos e sua aplicação no campo de batalha. A posição de Churchill não é moralmente satisfatória, mas, naquele momento, abordou as contradições entre o ideal e o necessário, pelo menos em sua opinião. No entanto, o pragmatismo de Churchill quase o levou ao limite de afirmar que os fins podem justificar os meios – uma atitude que não se alinha com a ética cristã.

No entanto, ninguém poderia acusar Churchill de ser um mero moralista, nem o censurar por não crer em moralidade absoluta, como revelado na Bíblia. Churchill via Moisés como uma figura histórica que "recebeu de Deus esse código notável sobre o qual a vida religiosa, moral e a social da nação era tão firmemente fundamentada".[250]

A IMPORTÂNCIA DE CONTER A RAIVA E SUAS MANIFESTAÇÕES

> Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: "Não matarás", e "quem matar estará sujeito a julgamento". Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: "Racá", será levado ao tribunal. E qualquer que disser: "Louco!", corre o risco de ir para o fogo do inferno… Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal.[251]

Certa vez, durante uma situação de tensão em relação à Irlanda, Churchill e lorde Birkenhead, chanceler do Tesouro e amigo próximo de Churchill, estavam em um encontro privado e tenso com o líder irlandês Michael Collins. O chanceler foi intenso em sua oposição ao governo irlandês, e Collins, de acordo com Churchill, estava com um mau humor terrível, "cheio de reprovações e provocações".[252] A atmosfera era como um barril de pólvora à espera de um fósforo, e uma explosão de raiva poderia ter provocado uma conflagração. Aqui está como Churchill conta a discussão:

> – Você me perseguia noite e dia! – [Collins] exclamou. – Pôs minha cabeça a prêmio.
>
> – Espere um minuto – eu disse. – Você não é o único. – E tirei da parede a cópia emoldurada da recompensa oferecida pelos bôeres por minha recaptura. – Para todos os efeitos, era um bom preço, £ 5.000. Olhe para mim, £ 25 morto ou vivo. Você gostaria disso?[253]

Depois de um momento, escreve Churchill, Collins "explodiu em uma vigorosa gargalhada e toda a sua irritação desapareceu".[254]

Humor e temperamento contido eram parte da caixa de ferramentas política e diplomática de Churchill ao longo da carreira. Ele aconselhava candidatos que enfrentavam constituintes irritados a sempre "sorrir, a serem naturais, a se afastarem de briga, a nunca perderem a paciência. E aconselhava: "Quanto pior a situação, mais devem tratá-la como um teatro de fantoches".[255]

A IMPORTÂNCIA DE SE RECONCILIAR COM OS IRMÃOS

> Se estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta.[256]

A luta de Churchill para manter seu assento em Dundee em 1922 foi uma das mais dolorosas em seus muitos anos eleitorais. Seu oponente, Edwin Scrymgeour, era um adversário desde 1908. A questão principal de Scrymgeour centrava-se na proibição, pela qual Churchill não sentia qualquer entusiasmo. Churchill era secretário colonial do Gabinete do primeiro-ministro Lloyd George, e constantemente sufragistas indignados o perseguiam, pois não apreciavam o que consideravam ser oposição dele permitir às mulheres votarem. Além disso, nessa época ele foi forçado a se internar no hospital para uma apendicectomia.

Dessa vez, Scrymgeour arrasou Churchill por 10 mil votos. No entanto, Churchill foi compreensivo em relação a Scrymgeour ao recordar os acontecimentos muitos anos depois:

> Não senti amargura em relação a ele. Eu sabia que seu movimento representava, de certo modo, uma corrente forte de reavivamento moral e social. […] Ele viveu uma vida de extrema abnegação; representava a pobreza e a miséria da cidade e a revolta dela contra a bebedeira bestial pela qual tem má reputação, e que admito nunca ter visto paralela em qualquer parte do Reino Unido.[257]

Talvez essa atitude em relação aos seus "irmãos britânicos" tenha ajudado Churchill no grande desafio de formar um governo de coalizão como primeiro-ministro e trabalhar com ele em tempos de guerra. Assim, conseguiu evitar ofender todos os partidos e os membros com quem se sentou à mesa do Gabinete, em um processo mútuo. No entanto, a unidade que Churchill forjou com seus rivais foi um exemplo para a nação que ajudou a população, filosoficamente diversa e franca, a se unir para derrotar Hitler.

A CRIAÇÃO DE FAMÍLIAS SAUDÁVEIS QUE COMPÕEM UMA NAÇÃO SAUDÁVEL

> Foi dito: "Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio". Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.[258]

Churchill se identificava com a concepção de Jesus para o casamento, pois amava Clementine. Uma das cartas que enviou a ela, escrita em 1935, foi considerada uma das "Dez mais famosas cartas de amor" da revista *Time*:

> Minha querida Clemmie, na sua carta de Madras, você escreveu algumas palavras muito valiosas sobre eu ter enriquecido a sua vida. Não consigo lhe dizer que prazer isso me deu, pois me sinto sempre profundamente em dívida com você, se é que pode haver contabilidade no amor. […] O significado de viver todos esses anos em seu coração e em sua companhia não pode ser expresso em palavras.[259]

Esse amor uniu toda a família e deu força a todos quando os Churchill perderam um dos filhos, Marigold, que morreu de septicemia ainda bebê em 1921. No ano seguinte, com Clementine grávida de Mary, Winston escreveu notas de encorajamento para ela. Décadas mais tarde, Mary escreveu sobre sua infância:

> Desde o início do casamento com minha mãe, Winston sempre foi muito atencioso com o universo infantil deles, reportando regularmente as novidades para Clementine quando ela estava fora; agora, muitos anos depois [com a notícia da gravidez], ele parecia extasiado em reviver essa vida infantil.[260]

"Evidentemente, meu pai e eu apreciamos a companhia um do outro", continua Mary, citando uma mensagem de fevereiro de 1926 de Winston para Clementine: "Mary é muito gentil comigo e passa meia hora todas as manhãs junto a minha cama enquanto tomo café. Faz alguns comentários no tom e estilo de uma mulher de trinta. Ela é um doce".[261]

Haveria tempos difíceis, à medida que as responsabilidades de Churchill aumentavam e os filhos cresciam, mas o casamento de 56 anos durou até a morte dele, aos noventa anos.

A preocupação de Churchill com os filhos nunca esmoreceu. Ocorreriam "casamentos rompidos e outros dissabores" para a família, conforme noticiado por um jornal,[262] mas os Churchill compartilharam muitos momentos felizes de vida familiar, expressos em amor e vividos com exuberância.

A NATUREZA DOS JURAMENTOS E VOTOS

> Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: "Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor". Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem "pelo céu", porque é o trono de Deus; nem "pela terra", porque é o estrado de seus pés; nem "por Jerusalém", porque é a cidade do grande Rei. E não jure "pela sua cabeça", pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu "sim, sim", e o seu "não, não"; o que passar disso vem do Maligno.[263]

Como estadista, Churchill entendeu a importância de confiar nos tratados e acordos. Ele tinha uma concepção elevada da Bíblia, lendo-a e meditando sobre ela com frequência. Tentava relacionar os princípios gerais bíblicos com o próprio tempo em que vivia e os desafios pessoais que enfrentava. Por exemplo, ponderando sobre o comportamento do faraó quando Moisés o desafiou a libertar os hebreus, Churchill ficou sensibilizado pela indecisão do governante egípcio. "Muito interessante a posição do faraó", escreve. "Através dos séculos, sentimos a modernidade de suas ações".[264]

Churchill via o líder do Egito como um exemplo de advertência para todos os que liderariam nações, e a instabilidade do faraó destacava-se entre as características que atraíram a atenção de Churchill. "Inicialmente, ele estava curioso e aberto à convicção", enquanto as pragas vinham em sequência e Moisés continuava voltando ao faraó como uma praga. Depois, enfim, o faraó aquiesceu e declarou os escravos hebreus livres para sair do Egito. Percebeu, então, que perder essa base de trabalhadores iria, nas palavras de Churchill, frustrar seus "projetos de construção" e "desencadear considerável desequilíbrio na vida econômica de seu país". Assim, o faraó "endureceu seu coração e retirou de noite o que havia prometido no amanhecer, e de manhã o que havia prometido na noite anterior".[265]

Churchill acreditava que a inviolabilidade do pacto era crucial para a paz mundial. Em um discurso na Câmara dos Comuns em 1936, disse:

> Desejo ver as forças conjuntas do mundo investidas com poder esmagador… todos unidos rigorosamente pelo Pacto e pelas convenções com que eles próprios… [Então] se terá uma

> oportunidade de fazer um acordo que irá curar as feridas do mundo.[266]

OS PRINCÍPIOS APROPRIADOS DE RETALIAÇÃO

> Vocês ouviram o que foi dito: "Olho por olho e dente por dente". Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa.[267]

Churchill foi denunciado por ordenar ataques a bomba em cidades alemãs e sobretudo pelo que alguns chamam a destruição arbitrária de Dresden. No entanto, em junho de 1943, enquanto Churchill assistia a um filme de um intenso ataque britânico a alvos no setor industrial de Ruhr, na Alemanha, ele gritou para um membro do Gabinete de Guerra sentado próximo: "Somos bestas humanas? Estamos levando isso longe demais?".[268]

Três anos antes, Churchill havia discutido com um membro do Parlamento na sala de fumo da Câmara dos Comuns. O homem pressionava por bombardeios maciços contra cidades alemãs para quebrar a moral da nação. O secretário parlamentar Harold Nicolson, parado ali, tomou nota da conversa. "Meu caro senhor", respondeu Churchill, "esta é uma guerra militar, e não civil. O senhor e outros podem desejar matar mulheres e crianças. Nossa intenção… destruir objetivos militares alemães".[269]

Churchill objetivava levar a guerra até a vitória final. No entanto, deveria ser uma guerra moral, *justa*, que incluísse o "terrorismo" do bombardeio irrestrito.[270]

Portanto, o que provocou a mudança na política de Churchill de 1940 para 1943?

Durante um ataque em 24 de agosto de 1940, aviões alemães que estavam bombardeando alvos militares na periferia de Londres se desorientaram e lançaram bombas na cidade propriamente dita, resultando em baixas civis. Hitler originalmente ordenara que Londres não fosse tocada, temendo retaliação contra as próprias cidades dele. Entretanto, com o bombardeio do centro de Londres, Churchill presumiu que o fato marcava uma mudança na estratégia de Hitler, e ordenou o bombardeio de Berlim, embora, a princípio, apenas quarenta bombardeiros britânicos tivessem conseguido chegar até lá.

Churchill sabia que precisava revidar por dois motivos. Primeiro, a não retaliação levaria Hitler a acreditar que tinha licença para alvejar civis. Segundo, o Parlamento questionaria a aptidão de Churchill para continuar como líder da nação durante a guerra.

Quando a Grã-Bretanha revidou contra Berlim, os nazistas lançaram uma *blitz* aérea cujo alvo foram cidades britânicas, e a batalha se instalou. Churchill foi encorajado por Franklin Roosevelt, que sustentou terem as potências do eixo "pedido isso" e, portanto, deveriam ser bombardeadas "pesada e implacavelmente".[271]

A visão de mundo bíblica parece colocar a barra incrivelmente alta, o que gera tensão em nossa limitada e falha compreensão humana. Churchill talvez tenha vivenciado essa tensão enquanto lutava com decisões sobre a reação adequada e necessária ao inimigo.

O desafio de buscar os ideais éticos de Jesus produz três efeitos naqueles que querem segui-Lo. Primeiro, torna-nos conscientes de nossos defeitos e falhas, produzindo autoconsciência e humildade. Segundo, as exortações de Jesus nos motivam a continuar em busca de uma qualidade de vida superior, e até mesmo transcendente. Terceiro, o que parece um padrão incrivelmente alto nos dá ciência de nossa necessidade da graça. Churchill, admirador do Sermão

da Montanha, sabia o que Jesus ensinou sobre retaliação e, assim, é possível que tenha reconhecido o próprio fracasso no sentido de estar à altura da administração prática da guerra. Essa consciência talvez seja um elemento que o auxiliou a criar a humildade algumas vezes demonstrada. Ainda mais importante, talvez o tenha levado à percepção do quanto ele precisava da graça.

Independentemente do caso, o coração de Churchill se condoeu por muitos anos. Durante sua viagem de 1949 aos Estados Unidos, alguém lhe contou que havia um monumento às vítimas de Hiroshima em Alamogordo, Novo México, onde a bomba atômica fora testada. Churchill questionou em voz alta se isso significava que os americanos "tinham a consciência pesada por ter lançado a bomba atômica".[272] Randolph, filho de Churchill, observou que o bombardeio maciço durante a Segunda Guerra Mundial foi "um horror igual". Os olhos de Churchill se encheram de lágrimas ao falar sobre o bombardeio das cidades da Alemanha. "Dezenas de milhares de vidas se extinguiram em uma noite", disse. "Homens e mulheres, idosos, bebês – sim, sim, bebês que ainda nasceriam".[273]

Assim, a "impressão de uma catástrofe futura" de Churchill, sobre a qual escreveu após a Primeira Guerra Mundial, provou-se profética.[274]

> Não foi até no alvorecer do século XX da era cristã que a guerra começou a entrar em seu reino como potencial destruidor da raça humana…
>
> Fica estabelecido que, doravante, populações inteiras participarão da guerra, todos fazendo o seu melhor, todos sujeitos à fúria do inimigo. Fica estabelecido que as nações que acreditam que sua vida está em jogo não serão impedidas de recorrer a quaisquer meios para garantir a sua existência…
>
> A humanidade nunca esteve nesta situação antes. Sem ter melhorado sensivelmente em virtude ou desfrutado orientação mais sábia, ela tem nas mãos, pela primeira vez, as ferramentas pelas quais pode, de forma infalível, causar o próprio extermínio.[275]

O TRATAMENTO ÉTICO DOS INIMIGOS

> Vocês ouviram o que foi dito: "Ame o seu próximo" e odeie o seu inimigo. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.[276]

Churchill acreditava em "dois lados opostos da natureza humana". Havia um lugar para a indignação justa ou a raiva a fim de defender uma nação, e outro para ser gentil, pronto para propiciar a paz quando a luta acabasse. Os dois lados não podiam estar "simultaneamente ligados".[277]

CONFIANÇA NA ORAÇÃO

Em Mateus 6:6, Jesus ensina a seus discípulos a oração: "Quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto".

Embora Churchill entendesse a importância da oração pública – como quando "se une fervorosamente" com o presidente Roosevelt "nas orações e hinos familiares a ambos" a bordo

do HMS *Prince of Wales* em 1941[278] –, ele defendia o ponto de vista de Jesus sobre a privacidade na oração pessoal.

No entanto, em que aspecto a oração pessoal continuava a ser importante na vida dele? Uma pista é encontrada em uma carta que escreveu para Clementine, em 10 de agosto de 1922, quando ela estava grávida de Mary. Ambos ainda lamentavam a perda de Marigold. Clementine escrevera antes para Churchill sobre a permanente tristeza que sentia. Então, ele respondeu: "Espero muito do bebezinho que está chegando e de você, meu doce. Sinto que ele vai enriquecer sua vida, e ter de novo um quarto de criancinha iluminará o nosso lar. Oro a Deus para que cuide de todos nós".[279]

O TESOURO DE VALOR VERDADEIRO

> Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.[280]

Entre as razões pelas quais Churchill vivia tão focado na sobrevivência da civilização judaico-cristã estavam seus valores universais intrínsecos. A respeito dos acontecimentos bíblicos no monte Sinai, ele comentou: "Aqui Moisés recebeu de Jeová as tábuas dessas leis fundamentais que deveriam ser seguidas, com lapsos ocasionais, pelas figuras mais nobres da sociedade humana".[281] Churchill prontamente concordou com a designação da mais nobre civilização como judaico-cristã. As tribos hebraicas vagando no deserto, embora "indistinguíveis de inúmeras comunidades nômades, adotaram e proclamaram uma ideia que toda a sabedoria da Grécia e todo o poder de Roma foram incapazes".[282]

O Senhor dessa esplêndida sociedade, disse Churchill, é "o único Deus, um Deus universal, um Deus das nações". Todos os valores que importam estão incorporados Nele e provêm de Seu caráter sagrado. Ele é "um Deus não só de justiça, mas de misericórdia; um Deus não só de autoproteção e perenidade, mas de compaixão, sacrifício pessoal e inefável amor".[283]

Churchill adotou esses valores, "com lapsos ocasionais", e acreditava que valia a pena lutar por eles. Há muito mais do ensinamento de Jesus que Churchill teria incorporado em seu pensamento e em sua visão de mundo. "Eu tento seguir, conforme me parece, um tema constante, e meu pensamento, à medida que consigo compreendê-lo, avaliá-lo, é como um todo".[284]

Entre outras coisas, é claro que Churchill não separava os princípios revelados na Bíblia de outras áreas de pensamento. "Como um todo" significava que não havia compartimentos separados no pensamento dele, não um para o "sagrado" e outro para o "profano".

Churchill pode ter sido um "pilar de sustentação" externo em seu relacionamento com a igreja, mas era um estudioso sério da Bíblia, conforme suas reflexões e outros escritos e declarações demonstram. Gostava de pensar de forma sistemática, e os ensinamentos de Jesus foram uma parte integrante desse vasto "todo" que formava sua visão de mundo.

Pressupostos judaico-cristãos determinaram não apenas muitas de suas reações, mas também suas visões de conduta da sociedade civil. Em um discurso de 1949 no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Churchill confirmou a seguinte convicção: "a chama da ética cristã ainda é o

nosso maior guia", a qual deve ser protegida, cuidada e proporcionada em "aplicação perfeita".[285]

A perspectiva e os valores decorrentes do Sermão da Montanha, e também da visão de mundo judaico-cristã em geral, emolduraram uma qualidade social que, na concepção de Churchill, nenhum inimigo conseguiria destruir. Ele estava pronto e disposto a liderar a luta pela sobrevivência daquela preciosa civilização e de seu "determinado estilo de vida".[286]

Churchill. "The Gift of a Common Tongue" (discurso na Universidade de Harvard, Cambridge, MA, 6 de setembro de 1943). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1941-1945-war-leader/the-price-of-greatness-isresponsibility>.

Mansfield. "Why Winston Churchill?" stephenmansfield.tv, 30 de novembro de 2009. Para conhecer mais da história, consulte também Mansfield. *Never Give In: The Extraordinary Character of Winston Churchill*.

Churchill. "The Munich Agreement" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 5 de outubro de 1938). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/the-munich-agreement>.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 170.

Churchill. "War of the Unknown Warriors", transmitido pela BBC, 14 de julho de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/war-of-the-unknown-warriors>.

A Commonwealth of Nations (em português, Comunidade das Nações), normalmente referida como Commonwealth e anteriormente conhecida como a Commonwealth britânica, é uma organização intergovernamental composta por 53 países-membros independentes. (N.T.)

Churchill (discurso proferido no almoço da Pilgrims Society para o embaixador designado lord Halifax, Londres, 9 de janeiro de 1941). Veja James, Robert Rhodes (ed.). *Winston S. Churchill: His Complete Speeches 1897-1963*. Nova York: Bowker, 1974, v. 6, pp. 6327-6328.

Churchill. "The Sinews of Peace" (discurso em Westminster College, Fulton, MO, 5 de março de 1946). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1946-1963-elder-statesman/the-sinews-of-peace>.

Churchill. "A Property-Owning Democracy" (discurso no Conservative Party Conference, Blackpool, 5 de outubro de 1946), in *Churchill. Never Give In! The Best of Winston Churchill's Speeches*. Nova York: Hyperion, 2003. p. 431.

Churchill (discurso principal – MIT Mid-Century Convocation, Cambridge, MA, 31 de março de 1949). Disponível em: <https://libraries.mit.edu/archives/exhibits/midcentury/mid-cent-churchill.html>.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 461.

Mansfield. "The Hidden Calling", *The Christian Post*, 19 de julho de 2012. Disponível em: <http://blogs.christianpost.com/in-our-time/the-hidden-calling-10923>.

Ibid.

Churchill. "The Defence of Freedom and Peace (The Lights Are Going Out)", transmitido para os Estados Unidos e para Londres, 16 de outubro de 1938. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/the-defence-of-freedom-and-peace>.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 476.

Mateus 5:1-10.

Churchill. "We Shall Fight on the Beaches" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 4 de junho de 1940). Itálicos acrescentados. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/we-hall-fight-on-the-beaches>.

Nel, Elizabeth. *Mr. Churchill's Secretary*. Nova York: Coward-McCann, 1958. p. 73.

Ibid.

Prautes significa mansidão, bondade de espírito. No Novo Testamento, a mesma palavra fala do poder de abrandar, acalmar e tranquilizar. (N.T.)

Burke, Edmund. Citado em Maciag, Drew. *Edmund Burke in America: The Contested Career of the Father of Modern Conservatism*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2013. p. 133.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 369.

Provérbios 2:15.

Churchill (discurso na Royal Society of St. John, Londres, 24 de abril de 1933). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-133/churchill-on-england>.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 23.

Churchill. "War of the Unknown Warriors, 1940", transmitido pela BBC, 14 de julho de 1940. Disponível em: <www.nationalchurchillmuseum.org/war-of-the-unknown-warriors-speech.html>.

Churchill, tributo a Neville Chamberlain, 12 de novembro de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/neville-chamberlain>.

Zodhiates, Spiros (ed.). *The Hebrew-Greek Key Word Study Bible*. Lowa City, IA: World Bible Publishers, p. 1.699.

Tiago 4:8.

Thompson, Kenneth W. *Winston Churchill's World View: Statesmanship and Power*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983. p. 20

Churchill (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 3 de dezembro de 1936).

"Peace and Solvency". The Times (Londres, 10 de novembro de 1951, 7. Citado em Thompson, Kenneth W. *Winston Churchill's World View: Statesmanship and Power*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983. p. 22.

Ibid.

Roberts, Andrew. "Churchill Proceedings – Winston Churchill and Religion – A Comfortable Relationship with the Almighty". *Finest Hour* 163, verão de 2014, p. 52.

Colville. *The Fringes of Power: The Incredible Inside Story of Winston Churchill During World War II*. p. 648.

Mateus 5:13-14.

Nel, Elizabeth. *Mr. Churchill's Secretary*. p. 8.

Ibid, p. 137.

Churchill. "Prime Minister to Minister for Works and Buildings", 6 de janeiro de 1941, in *The Second World War, volume 3: The Grand Alliance*. Boston: Houghton Mifflin, 1950. p. 723. Citado in Thompson. *Winston Churchill's World View*. p. 102.

Churchill. "The Defence of Freedom and Peace (The Lights Are Going Out)", transmitido para os Estados Unidos e para Londres, 16 de outubro de 1938. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/the-defence-of-freedom-and-peace>.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 5.

Mateus 5:17-19.

Churchill (discurso na Birmingham Town Hall, 11 de novembro de 1903).

Ibid.

Os desembarques da Normandia foram operações durante a invasão da Normandia pelos aliados, também conhecidas como Operação Overlord e Operação Netuno, durante a Segunda Guerra Mundial. No dia 6 de junho de 1944 (chamado de Dia D), cerca de 155 mil soldados, com o apoio de 600 navios e milhares de aviões, desembarcaram na costa da Normandia, França, abrindo uma nova frente de guerra no oeste. (N.T.)

Arma química de ação vesicante pelas lesões que causa na pele. (N.T.)

Cidade Aberta é a denominação dada, geralmente em tempos de guerra, a uma cidade que, na iminência de ser atacada ou invadida, apresenta a declaração pública – por meio de seus administradores civis ou militares – de que abandona todos os esforços de defesa, disposição de luta e se entrega ao inimigo. A cidade assim declarada espera de seus inimigos que não a ataquem ou bombardeiem, mas simplesmente marchem sobre ela e a ocupem pacificamente. Esta declaração geralmente é feita pelas autoridades no intuito de preservar vidas civis e marcos históricos de uma batalha desnecessária. (N.T.)

Churchill. Memorando ao general Ismay para o Chefe de Comitê de Pessoal, 6 de julho de 1944, citado in Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. pp. 782-783. Disponível em: <www.informationclearinghouse.info/article999.htm>.

Mateus 23:23.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. pp. 299-311.

Mateus 5:21-22,25.

Churchill, op. cit., p. 225.

Ibid.

Ibid.

Churchill. *Amid These Storms: Thoughts and Adventures*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1932. p. 203-204.

Mateus 5:23-24.

Churchill. *Amid These Storms*. *Thoughts and Adventures.* pp. 225-226

Mateus 5:31-32.

Sifferlin, Alexandra. "Top 10 Famous Love Letters". *Time*, Lifestyle, 9 de fevereiro de 2012.

Ibid, p. 34.

Ibid, p. 35.

Relato da *Associated Press*, 24 de outubro de 1963.

Mateus 5:33-37.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 306.

Ibid.

Churchill (discurso na Câmara dos Comuns. Londres, 26 de março de 1936). Disponível em: <https://api.parliament.uk/historic-hansard/commons/1936/mar/26/european-situation>.

Mateus 5:38-40.

Comentários de Churchill citados in Gilbert. *The Second World War: A Complete History*. Nova York: Henry Holt, 1989. p. 441. Veja também. Harmon, Christopher C. "Are We Beasts? Churchill and the Moral Question of World War II 'Area Bombing'", Newport Paper, 1o de dezembro de 1991, Naval War College, Newport, RI, 3.

Citado in Harmon. "Are We Beasts?". p. 5.

Ibid.

Wolk, Herman S. *Cataclysm: General Hap Arnold and the Defeat of Japan*. Denton: University of North Texas Press, 2010. p. 53.

Harmon. "Are We Beasts?". p. 4.

Ibid.

Churchill. *The Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. p. 35.

Ibid, p. 37.

Mateus 5:43-45.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 224.

"10 de agosto de 1941: Churchill and Roosevelt Pray Together". World War II Today. Disponível em: <http://ww2today.com/10th-august-1941-churchill-and-roosevelt-pray-together>.

Soames. *A Daughter's Tale: The Memoir of Winston Churchill's Youngest Child*. Nova York: Random House, 2011. p. 6.

Mateus 6:19-21.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 308.

Ibid, pp. 292-293.

Ibid, p. 311.

Churchill. citado in Thompson, Kenneth W. *Winston Churchill's World View*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983. p. 9.

Churchill (discurso no MIT Mid-Century Convocation. Cambridge, MA, 31 de março de 1949). Disponível em: <https://libraries.mit.edu/archives/exhibits/midcentury/mid-cent-churchill.html>.

Churchill. "The Defence of Freedom and Peace (The Lights Are Going Out)." Disponível em: <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/the-defence-of-freedom-and-peace/>.

7
Preservando um “determinado estilo de vida”

Desde o alvorecer da era cristã, um determinado estilo de vida vem lentamente se moldando entre os povos ocidentais, e determinados padrões de conduta e de governo passaram a ser valorizados.

(WINSTON CHURCHILL, TRANSMISSÃO DE RÁDIO PARA A AMÉRICA E PARA LONDRES, 16 DE OUTUBRO DE 1938)

Winston Churchill valorizava “um determinado estilo de vida” na medida em que acreditava que valia a pena o sacrifício da vida de alguém. Churchill conhecia a fonte dessa valorizada maneira de viver. Ela surgira no “início da era cristã”.

Assim, para Churchill, a Bíblia não era apenas um livro de revelação mística, mas também um “manual do operador”. Seus princípios abordavam as coisas celestiais, invisíveis, e também aquelas da terra e de suas mais cruas realidades.

Na visão de Churchill, o historiador, coube ao rei Alfredo, monarca do século IX bastante admirado por ele, lançar as bases no reino britânico do que emergiria como “civilização cristã”. Foi Alfredo quem relacionou os princípios bíblicos com as práticas existenciais e quem concatenou de forma muito hábil os aspectos entre revelação e razão, fé e operacionalidade.

No primeiro volume de *A History of the English-Speaking Peoples*, Churchill escreve que o Livro das Leis do rei Alfredo “tentou combinar os mandamentos de Moisés com os princípios cristãos e os antigos costumes germânicos”. Esses protótipos de leis, “continuamente ampliadas por seus sucessores”, levou à lei geral que desde então vem orientando a civilização ocidental. Os resultados nos tempos de Alfredo foram claros, sobretudo em contraste com outras forças sociais. “A cultura cristã de sua corte contrastava nitidamente com a barbárie ineficaz da vida *viking*”.[287] Sem dúvida, esses contrastes estavam no subconsciente de Churchill ao contemplar a crueldade do regime nazista.

Estudando o rei Alfredo, Churchill escreveu: “Estamos assistindo ao nascimento de uma nação. O resultado do trabalho de Alfredo foi a mistura futura de saxões e dinamarqueses em uma Inglaterra comum cristã”.[288]

O próprio Alfred deu uma pista de sua visão de uma sociedade biblicamente estruturada em uma carta que enviou ao bispo de Worcester:

> Devo informar-lhe que me veio à lembrança a presença de homens sábios na raça inglesa antigamente, das ordens sagrada e secular, e que tempos felizes quando aqueles estiveram em meio à raça inglesa, e como os reis que governavam o povo naquela época obedeciam a Deus e a Seus ministros; e eles, por um lado, mantiveram a paz e a moral e sua autoridade dentro das fronteiras, enquanto ao mesmo tempo ampliaram seu território no exterior; e como prosperaram, tanto na guerra como em sabedoria… como os estrangeiros vinham para esta terra em busca de sabedoria e instrução.[289]

A carta de Alfredo ao bispo foi motivada pela significativa preocupação do rei em relação ao entendimento de que a civilização cristã tinha "tão completamente… decaído na raça inglesa que havia muito poucos… que conseguiriam entender seus livros de missa em inglês, ou traduzir uma carta do latim para o inglês".[290]

Assim, quando Churchill falava de "civilização cristã", não estava nem usando um mero lugar-comum para fins políticos nem descrevendo uma teocracia sinistra; em vez disso, seguia o exemplo estabelecido pela aplicação dos princípios bíblicos feita pelo rei Alfredo. E o temor de Churchill era que essa importante civilização, tão meticulosa, trágica e sacrificadamente formada, fosse destruída pelos nazistas. O Terceiro Reich seria para a civilização cristã o que a matéria é para a antimatéria: a colisão poderia destruir a anticivilização nazista, mas também, durante esse processo, poderia acabar com a civilização cristã.

Uma teocracia é uma sociedade governada por Deus por meio de líderes escolhidos por Ele. Israel do Antigo Testamento era única nesse sentido, e apenas por uma parte da sua história. Na melhor das hipóteses, Israel deveria ser um exemplo das bênçãos inerentes a uma cultura que honra a Deus. A principal missão de Israel como teocracia era mostrar os frutos que uma sociedade saudável recebe quando Deus verdadeiramente governa, e assim fornecer uma antecipação parcial do grande dia em que o Reino de Deus estaria estabelecido na Terra.

Ainda que Churchill tivesse grande consideração por Moisés e pela autoridade universal da lei dada por meio dele, não via a civilização cristã como um domínio teocrático. Ele estudara o Antigo Testamento e apreendera o significado de Israel nesse contexto.

Reinos e outras formas de governo humano existem porque a humanidade se afastou de Deus. Na sociedade humana, o padrão é sempre se encaminhar para a anarquia e o caos, conforme ilustrado amplamente pela história, em particular do século XX. Alguma coisa precisa enfrentar e impedir a espiral da decadência para a desordem. Portanto, Deus institui e permite que haja governos.

Mesmo na teocracia da antiga Israel, Deus mediava Sua governança soberana por meio dos seres humanos: Moisés, Arão e os sacerdotes, os juízes e uma sucessão de profetas. Deus, porém, deseja que todos sejam os próprios "governantes", incorporando no íntimo de seu ser os princípios Dele. De acordo com o ideal de Deus, amor e compaixão são as restrições naturais contra o influxo do mal e da discórdia.

O modelo de governo de Deus não é de fora para dentro, mas a partir do âmago da alma humana para nossos relacionamentos no mundo exterior. Como Jesus diz: "O homem bom, do seu bom tesouro, tira coisas boas, e o homem mau, do seu mau tesouro, tira coisas más".[291]

Edmund Burke referiu-se a esse ideal quando disse que as pessoas "são qualificadas para a liberdade civil na proporção exata de sua disposição para colocar correntes de moralidade sobre os próprios desejos".[292] Assim, quando a humanidade rejeita o amor e a compaixão como restrições naturais contra a anarquia e o caos, a lei se torna necessária e essencial. Governos são instaurados para garantir os direitos ameaçados pelos tiranos, sejam reis, sacerdotes ou quadrilhas.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

Ao pesquisarmos os discursos e os textos escritos por Churchill, particularidades tornam bem claro o que ele quis dizer por "civilização cristã". No capítulo anterior, analisamos o que os

princípios significavam particularmente para Churchill, como evidenciado por seus escritos e suas ações. Aqui, analisamos o que Churchill pensava sobre as maneiras como esses princípios moldam a civilização.

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ SE BASEIA NOS FUNDAMENTOS DA BÍBLIA

Churchill concordava com "as palavras de uma obra esquecida do Sr. Gladstone [de que] descansamos com segurança sobre 'A Inexpugnável Rocha da Sagrada Escritura'".[293]

A Bíblia foi fundamental não apenas para a civilização, mas também para Churchill pessoalmente. A versão do Rei James, observa Darrell Holley, constituiu a "principal fonte de ilustrações interessantes, quadros descritivos e frases inspiradoras de Churchill".[294]

> Seu conhecimento da Bíblia se manifesta em citações diretas, em relatos parafraseados de histórias bíblicas e em seus frequentes, e talvez inconscientes, usos de termos e frases bíblicos. […] Para ele, é a *magnum opus*[295] da civilização ocidental.[296]

Quando Churchill e Franklin Roosevelt estavam planejando um encontro no Egito, Roosevelt enviou uma mensagem via cabo informando que, se o encontro fosse no Cairo, poderiam estar expostos a ataques aéreos da Luftwaffe alemã. A resposta de Churchill à preocupação de Roosevelt foi simples: "João 14:1-4". Se Roosevelt abrisse a Bíblia do Rei James em João 14, leria estas palavras de Jesus:

> Não permitais que o vosso coração se preocupe. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, Eu o teria dito a vós. Portanto, vou para preparar-vos lugar. E, quando Eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei de novo e vos levarei para mim, a fim de que, onde Eu estiver, estejais vós também. Vós sabeis para onde Eu vou, e conheceis o caminho.

Churchill compreendia as palavras de Jesus em termos pessoais.

> – O velho é muito bom para mim – disse certa vez a Sir David Maxwell-Fyfe.
>
> – Que velho? – perguntou Fyfe.
>
> – Deus – respondeu Churchill.[297]

Churchill acreditava que a Bíblia era uma história verdadeira, não fantasia ou mito. Sua visão da natureza historicamente literal das Escrituras foi apresentada sem ambiguidade no ensaio "Moses: The Leader of a People" [Moisés: o líder de um povo]:

> Acreditamos que uma visão mais científica, uma concepção mais atualizada e racional, será plenamente satisfeita considerando-se a história da Bíblia de modo literal, e identificando um dos maiores seres humanos [Moisés] com o mais decisivo avanço jamais visto da história humana. […] Podemos ter certeza de que todas aquelas coisas aconteceram exatamente como registradas nas Sagradas Escrituras.[298]

No entanto, Churchill não queria que discussões envolvendo a interpretação literal desviassem as pessoas dos importantes princípios da Bíblia. Ele também refletiu sobre temas bíblicos que muito provavelmente lhe afetaram a autoconsciência. Recordemos sua ideia de que

“todo profeta tem de ir para o deserto… [e] deve cumprir períodos de isolamento e meditação”.[299] Talvez esse conhecimento das reflexões de Churchill sobre a Bíblia o tenha motivado nos períodos em que foi exilado da vida pública.

Em outro fragmento do mesmo ensaio, Churchill parafraseia a ordem de Deus, da sarça ardente, a Moisés:

> Você não pode deixar seus compatriotas em cativeiro. Morte ou liberdade! Melhor o deserto do que a escravidão. Você precisa voltar e trazê-los. Deixe que vivam entre estes espinheiros, ou que morram se não puderem viver. Mas não mais os deixe acorrentados na casa da servidão.[300]

Tais palavras da Escritura ressoaram em Churchill, e talvez tenham reforçado sua resolução.

> Deus foi muito mais longe. Ele disse desde a sarça ardente, agora certamente dentro do plano de Moisés: “Vou dotar você com poder super-humano. Não há nada que o homem não possa fazer, se o quiser com resolução suficiente. O homem é o protótipo do universo. Tudo se move e existe como resultado de sua vontade invencível, que é a Minha Vontade”.[301]

Churchill, talvez sem saber, estaria prenunciando sua firme determinação de encontrar e vencer os nazistas no campo de batalha?

Ele pode ter sido um humanista, mas no sentido do humanismo cristão clássico, que, ao contrário do secular, começa com Deus no centro. Qualquer coisa que exista de bom nos seres humanos é em razão da presença de Deus no interior deles.

Há pouca dúvida de que Churchill entendeu que os mananciais da civilização judaico-cristã foram tanto a experiência histórica de Israel registrada no Antigo Testamento quanto o cumprimento de seus “modelos” no Novo Testamento. Além disso, Churchill acreditava que a história dos judeus registrada no Velho Testamento indicava um grande acontecimento porvir.

> Muitos séculos passariam antes que o Deus que falou na sarça ardente se manifestasse em uma nova revelação, que, no entanto, foi a mais antiga de todas as influências do povo hebreu, como o Deus não só de Israel, mas de toda a humanidade que queria servi-Lo; um Deus não só de justiça, mas de misericórdia; um Deus não só de autoproteção e perenidade, mas de piedade, sacrifício pessoal e inefável amor.[302]

Assim, concluiu Churchill:

> Deixe os homens da ciência e da aprendizagem expandirem seus conhecimentos e investigarem por meio de pesquisas cada detalhe dos registros que foram preservados para nós desde aquelas eras obscuras. Tudo o que farão será fortificar a grande simplicidade e essencial precisão das verdades registradas que iluminaram até agora a peregrinação do homem.[303]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ RECONHECE O ORGULHO SAUDÁVEL, MAS REJEITA A ARROGÂNCIA DESTRUTIVA

> Na guerra, resolução.
>
> Na derrota, rebeldia.
>
> Na vitória, magnanimidade.

> Na paz, boa vontade.

Churchill propôs inicialmente que essa máxima fosse esculpida em um memorial de guerra na França após a Primeira Guerra Mundial, mas não aceitaram. O texto se tornou uma peça central das memórias dele referentes à Segunda Guerra Mundial, incorporando sua atitude pessoal. Para Churchill, e para a civilização pela qual ele lutou, "a vida e a força de nossa autoridade brotam de forças morais, e não físicas".[304]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ USA RIQUEZA E FORÇA PARA SERVIR, NÃO PARA DOMINAR

Em uma transmissão de rádio em 21 de março de 1943, Churchill incluiu a própria homilia do Antigo Testamento quando frisou que o governo deveria ser o servo, e não o senhor da sociedade. "Na Bíblia", disse, "a sunamita agia por bondade, e não por ganho pessoal".[305] Churchill estava se referindo a uma passagem de 2 Reis 4 na qual uma mulher fornece comida e alojamento para o profeta Eliseu. A mulher de Suném era uma pessoa proeminente, provavelmente mais abastada do que seus vizinhos. Churchill assinalou que as nações mais ricas do mundo, algumas das quais constituíam a civilização cristã, tinham a responsabilidade de serem servas de outras sociedades.

Ele ainda observou que cabe à servidão guiar a formação da política exterior. "Churchill acreditava firmemente", escreve Richard Langworth, "que o Império tinha sido uma dádiva para os povos nativos dele".[306] No entanto, como Kenneth Thompson observa, "Churchill era muito perspicaz e autocrítico para as ambiguidades morais do imperialismo para escapar dele".[307] Assim, já em 1901, Churchill reconheceu que a política colonial britânica era boa apenas enquanto se baseasse em "uma razão maior… uma força moral – o fundamento divino do poder terreno". Esta, em suas palavras, "com o avanço da raça humana, irá cada vez mais fortalecer e proteger aqueles que a apreciam".[308]

> Apesar de toda calúnia e mentira falada ou impressa, a verdade se impõe, e povos e governantes sabem que todo o poder britânico é sadio e compassivo, e contribui para a felicidade geral e o bem-estar da humanidade.
>
> E faremos um negócio catastrófico se permitirmos que a força moral que este país exerce há tanto tempo diminua ou talvez seja até mesmo destruída.[309]

Pode-se chamá-lo de idealista ou dizer que ele estava completamente errado a respeito das opiniões das colônias em relação à presença britânica em suas sociedades, mas Churchill emitiu um importante alerta a todas as potências coloniais naquela época do império: uma nação cristã deveria ter uma abordagem diferente na política colonial: servir, não dominar. Embora muito do que Churchill falou possa hoje ser considerado politicamente incorreto, ele enfatizou um princípio que deve guiar a política exterior e as relações internacionais, ou seja, nações mais ricas e mais poderosas precisam se ver a serviço da comunidade global.

A visão de Churchill do papel de servo é característica ideal de uma sociedade cristã aplicada à luta sangrenta e solitária da Inglaterra contra os nazistas antes que a Aliança do Atlântico tomasse forma. "Suportamos humildemente diante de Deus", disse, "mas conscientes de que

servimos a um propósito revelador… estamos lutando sozinhos por nós; mas não estamos lutando só por nós".[310]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ VALORIZA E PROMOVE A DISCIPLINA DO AUTOCONTROLE, TORNANDO POSSÍVEL A VERDADEIRA LIBERDADE

Escreveu Churchill em 1897:

> É evidente que o cristianismo, embora ultrajado e distorcido pela crueldade e intolerância, deve sempre exercer uma influência modificadora nas paixões dos homens e protegê-los dos modos mais violentos de fanatismo febril, assim como a vacinação nos protege da varíola.[311]

Ele comparou o fator de restrição do cristianismo com o do Islã, que "aumenta, em vez de diminuir a fúria da intolerância".[312]

Churchill estaria familiarizado com uma passagem de Edmund Burke, que (embora não tenha usado o termo) descreve qualidades da civilização cristã em que Churchill acreditava tão apaixonadamente:

> O que é a liberdade sem sabedoria e sem virtude? O maior dos males possíveis, porque é estultícia, vício e loucura, sem tutela e sem freio. Aqueles que sabem o significado da liberdade virtuosa não suportam vê-la desonrada por cabeças incapazes, por conta de palavras bonitas que brotam de suas bocas.[313]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ ENTENDE A IMPORTÂNCIA DA REGRA DE OURO NA FORMAÇÃO DA POLÍTICA GOVERNAMENTAL

Depois que a França capitulou para a Alemanha em 1940, deixando a Grã-Bretanha sozinha para resistir a Hitler e aos nazistas, Churchill viu a importância dos princípios estabelecidos na Regra de Ouro. Em uma transmissão no dia da Queda da Bastilha, em 14 de julho de 1940, disse:

> Quando você tem um amigo e companheiro ao lado de quem já enfrentou lutas terríveis, e seu amigo é abatido por um golpe contundente… você não precisa fazer maldade por causa dos gritos de delírio e gestos de agonia dele. Não deve aumentar a dor do amigo; deve trabalhar para sua recuperação.[314]

Em um teste definitivo desse princípio, Churchill estendeu essa mesma atitude após a derrota de Hitler, em relação ao povo alemão, durante a reconstrução de sua terra devastada. Sempre há um elemento de pragmatismo na Regra de Ouro, porque se concentra em comportamentos recíprocos. Jesus era tão realista quanto visionário. O tema de semear e colher está implícito e claramente declarado nas Escrituras. Assim, em seu desejo de ajudar a Alemanha no pós-guerra, Churchill praticou o pragmatismo ético, um importante componente da civilização cristã.

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ RECONHECE OS DEZ MANDAMENTOS COMO A BASE DE TODA MORALIDADE E DA LEI

Novamente lembramos a declaração de Churchill de 1903: "A vida e a força de nossa autoridade brotam da força moral, e não da força física".[315] Essa convicção só se aprofundou por meio de

suas experiências posteriores na vida.

Churchill conhecia muito bem a fonte de todas as leis da ética e dos valores universais. Ao escrever sobre a liderança de Moisés, Churchill o denomina "O legislador supremo, que recebeu de Deus aquele notável código sobre o qual a vida religiosa, moral e social da nação foi tão bem fundamentada".[316]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ PROMOVE A VERDADEIRA LIBERDADE DE CRENÇA E EXPERIÊNCIA

Churchill teve a oportunidade de se envolver com sistemas de crença não cristã ao longo da vida. Durante o tempo em que serviu no norte da África, conviveu com a fé muçulmana. Na juventude, talvez influenciado pelo romantismo de Lawrence da Arábia, Churchill pareceu entusiasmado com a cultura islâmica. Em 1907, lady Gwendoline Bertie, que mais tarde se casou com o irmão de Churchill, Jack, escreveu a Churchill expressando sua preocupação. "Por favor, não se converta ao Islã", implorou. "A conversão pode acontecer com mais facilidade do que você poderia supor".[317] Em *Churchill and the Islamic World* [Churchill e o mundo islâmico], Warren Dockter conclui:

> O fascínio de Churchill com o Islã provou ser apenas estético e passageiro. Seu conhecimento do Islã em grande parte se baseava em noções vitorianas, que romantizavam profundamente o estilo de vida nômade e honravam a cultura das tribos beduínas do deserto. Como resultado, Churchill nunca de fato teve uma compreensão mais aprofundada do Islã.[318]

Em seu relato de 1899 sobre a Guerra do Sudão, intitulado *The River War [A Guerra do Rio]*, Churchill expressou suas visões do Islã nos termos que alguns têm demonstrado em nossa época:

> Além do frenesi fanático, que é tão perigoso em um homem quanto a hidrofobia em um cão, há essa temível apatia fatalista. Os efeitos são aparentes em muitos países. […] Um sensualismo degradado priva esta vida de sua graça e refinamento; próximo de sua dignidade e santidade. […] longe de estar moribundo, o maometismo é uma fé combativa e proselitista. Já se espalhou por toda a África Central, fazendo guerreiros destemidos a cada passo; e, se não fosse o cristianismo estar protegido pelos braços fortes da ciência, a ciência contra a qual ele lutara em vão, a civilização da Europa moderna poderia cair, como caiu a civilização da Roma antiga.[319]

Churchill foi enfático em dizer que, sem a união da razão e da espiritualidade, o fanatismo destrutivo poderia resultar de qualquer sistema religioso, até mesmo do Cristianismo.

Desde os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, os pontos de vista de Churchill sobre o Islã, em especial os expressos na obra *The River War [A Guerra do Rio]*, são frequentemente considerados fora de contexto e usados por aqueles que veem todos os muçulmanos, sem exceção, como maus. A brutalidade dos movimentos terroristas islâmicos emergentes reforçou essa conclusão simplista. No entanto, refletindo sobre a visão de mundo da civilização cristã, Churchill procurava ver os seres humanos inseridos nos acontecimentos, não apenas os acontecimentos em si. Assim, fez uma cuidadosa distinção entre muçulmanos fanáticos e muçulmanos pacíficos, embora usando termos que hoje podem parecer bastante aristocráticos e

condescendentes: “Muçulmanos, individualmente, podem mostrar qualidades esplêndidas. Milhares tornam-se os corajosos e leais soldados da rainha”.[320]

Para Churchill, a caridade da civilização cristã significava justiça e equidade, liberdade e igualdade. Não havia política oficial por meio da qual os britânicos procurassem forçar as pessoas ao cristianismo. O hinduísmo continuava a florescer na Índia, e as mesquitas pontilhavam as paisagens do Oriente Médio e da África. Missionários cristão eram livres para propagar sua fé, mas as pessoas nas vastas extensões do Império Britânico também eram livres para rejeitar o Cristianismo. Não houve subjugação baseada em afiliação religiosa, nenhum imposto especial obrigatório aos incrédulos, e certamente não ocorreram execuções daqueles que seguiam outras religiões. Isso seria a antítese da civilização cristã.

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ PROMOVE A IMPORTÂNCIA DO PERDÃO

Ao se tornar primeiro-ministro, Churchill poderia ter procurado vingar-se contra aqueles que o haviam maltratado. Como Hitler, poderia ter tentado prender as pessoas que se opunham à sua liderança da nação. Sem dúvida, poderia ter usado o Exército ou o Serviço Secreto Britânico para assassiná-las, assim como Hitler fizera no final de junho de 1934. Como primeiro-ministro, Churchill poderia ter rotulado todos os alemães de maus. No entanto, ao longo da Segunda Guerra Mundial, seguiu determinado a distinguir o povo alemão em geral dos nazistas.

Em sua resenha “Commentary”, da obra de Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Finest Hour, 1939-1941*, Spencer Warren escreve:

> A generosidade de Churchill foi demonstrada em sua atitude em relação à Alemanha. Mesmo quando a ameaça alemã à Grã-Bretanha estava no auge, ele falava da necessidade de uma paz magnânima depois do que, tinha certeza, seria a vitória final da Grã-Bretanha. Somente os nazistas, comentou ele certa vez, “deverão sofrer por seus erros”. Seu ódio pelos “hunos”, como chamava aos alemães em seu (usual) espírito combativo, era apenas “profissional”.[321]

A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ CELEBRA E ENCORAJA A VERDADEIRA CORAGEM, NÃO A MERA VALENTIA

Na visão de mundo judaico-cristã, a coragem resulta da fé em Deus e em si mesmo como servo de Deus e da humanidade. Como Deus disse a Josué pouco antes de a nação de Israel atravessar o rio Jordão para tomar posse da Terra Prometida: “Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.[322]

Valentia é diferente de genuína coragem, esta vem da humildade, o reconhecimento de que extraímos nossa força de um poder além de nós mesmos. Valentia é nada mais que fanfarronice e arrogância do orgulho. Golias brilhou pela valentia. O jovem Davi, ciente de suas limitações, confiou em Deus e seguiu em frente movido pela coragem.

Quando jovem, Churchill viu grande parte da valentia de sua época. Barbara Tuchman descreve a visão de mundo que florescia na Europa antes da Primeira Guerra Mundial:

> Desde [o fim] [d]as guerras napoleônicas, as revoluções industrial e científica têm transformado o mundo. […] A sociedade industrial deu ao homem novos poderes e novo alcance, ao mesmo tempo que desenvolveu novas pressões… A ciência deu ao homem um novo bem-estar e novos horizontes, ao mesmo tempo que lhe minou a crença em Deus e a certeza de um sistema de coisas que ele conhecia… A sociedade na virada do século, além de muito decadente, também estava repleta de novas tensões e energias acumuladas.[323]

A Grã-Bretanha dos primeiros anos de Churchill "tinha um ar de supremacia descuidada" e uma mentalidade de "isolamento esplêndido", escreve Tuchman. Os britânicos "não sentiam necessidade de aliados e não tinham amigos".[324] Foi essa atitude de orgulho e autossuficiência, a qual os britânicos pareciam querer adotar como fizeram depois da Primeira Guerra Mundial, que Churchill teve de trabalhar tão arduamente para superar durante a década de 1930, conforme a guerra se aproximava mais uma vez.

O próprio Churchill viu e vivenciou a valentia que florescia na Alemanha durante suas viagens em 1906 e 1919 para observar as forças armadas alemãs.

> Na revista que precedeu as manobras de 50 mil cavalos, infantaria e artilharia passaram marchando pelo Imperador e sua galáxia de reis e príncipes. […] A atmosfera estava impregnada por um senso de exuberante e inesgotável virilidade e panóplia mortal. As glórias deste mundo e a força abundante não poderiam apresentar mais formidável, e até mesmo estonteante manifestação.[325]

Enquanto isso, na Áustria-Hungria, cujo império de fachada causaria a deflagração da Primeira Guerra Mundial, houve, nas palavras do historiador natural de Viena Frederic Morton, "um grandioso esplendor".[326] No verão de 1888, enquanto Winston Churchill estava entrando nas aventuras da adolescência e Adolf Hitler ainda prestes a ser concebido,

> Viena, aquele bastião decorativo, fumegava com mais demônios do futuro do que as cidades de pensamento mais avançado do Ocidente. Seus dirigentes estavam obcecados com a necessidade de manter uma imagem imperial fantástica.[327]

Essa obsessão significava muita valentia, o que criava tensão no seio da família real. O imperador Franz Joseph se focava em preparar o filho, Rudolf, para transportar o Império Austro-Húngaro para o século XX. No entanto, enquanto o jovem Rudolf desenvolvia-se para a modernização, as soluções de seu pai para os desafios enfrentados pelo Império eram com frequência postergar a discussão ou criar "uma fachada mais bela para encobrir o problema".[328]

As rachaduras nas fachadas, porém, tornavam-se grandes demais para meros reparos. "Outros impérios estavam se aproximando da grandeza contemporânea muito mais rápido que a Áustria",[329] escreve Frederic Morton. Para o leste, a Rússia se expandia; no sul, a Itália tomara de volta a Lombardia e Veneza; a norte e a oeste, o *kaiser* Wilhelm sonhava com seu Reich; e a Grã-Bretanha provava seu domínio dos mares. E havia a França, cuja magnífica capital, Paris, trazia a "sombra enérgica" do general Boulanger, "o homem a cavalo" que "parecia fadado a transformar a Terceira República em uma falange unida sob sua ditadura".[330] Por fim, toda a valentia se transformou nas trincheiras escavadas nos campos de batalha da Grande Guerra.

Quando Churchill se tornou primeiro-ministro em 1940, já tinha visto muita valentia, sobretudo a que era exibida por Adolf Hitler e Joseph Goebbels em grandes comícios. Seria necessário coragem de verdade para vencer a batalha pela civilização cristã. Churchill certamente

não estava sendo arrogante ao dizer, logo após sua nomeação como primeiro-ministro: “Temos diante de nós uma dura provação… muitos e longos meses de luta e sofrimento”. Sua solução foi travar guerra até a vitória, em suas palavras: “com toda a nossa força e com toda a força que Deus possa nos dar”.[331]

OS JULGAMENTOS DE NUREMBERG: UM DESAFIO PARA A CIVILIZAÇÃO JUDAICO – CRISTÃ

Pela bênção de Deus e com o apoio da chegada tardia de seus aliados, Churchill persistiu até a vitória. A civilização cristã viveria para enfrentar seu próximo desafio. Esse teste viria cedo e sutilmente no turbilhão de complexidades legais em torno dos julgamentos de Nuremberg, que envolveu os líderes nazistas capturados que tinham manipulado as alavancas da máquina de guerra alemã.

Uma maneira de discernir o que Churchill quis dizer com “civilização cristã” e o “determinado estilo de vida” dela é analisar o consenso no oeste, no final do século XIX e início do século XX, com relação à moralidade, à ética e à lei, os componentes centrais de uma civilização. Vemos essas questões destacadas nos esforços dos aliados vitoriosos para proporcionar um julgamento justo para criminosos de guerra nazistas. O fato de se ter preocupação por justiça e imparcialidade para com as pessoas mais monstruosas do século XX é um testemunho dos valores judaico-cristãos.

Inicialmente em Yalta, em 1945, Churchill disse a Roosevelt e Stalin que a resolução mais apropriada para o problema implicava simples e sumárias execuções. Roosevelt pareceu concordar, mas, com a aproximação dos julgamentos, o secretário de guerra americano, Henry Stimson, “se opôs à ideia de execuções sumárias e defendeu um julgamento que refletiria as noções democráticas de justiça, em contraste com a tirania e o caos que o mundo acabara de testemunhar”.[332] Um novo consenso continuou a amadurecer entre aqueles que estavam pensando seriamente na possibilidade dos julgamentos e em como eles poderiam ser.

Gordon Dean, que mais tarde se tornou secretário de imprensa dos Julgamentos de Nuremberg, preparou um relatório para a Seção Ultramarina do Gabinete de Informação de Guerra detalhando por que execuções sumárias não deveriam ser realizadas. Um dos itens considerava o pressuposto da visão de mundo da verdadeira civilização cristã com relação à justiça:

> O conceito de que a culpa deve ser determinada de forma justa está tão incorporado nas cartas dos países civilizados que não podemos nos dar ao luxo de abandoná-lo aqui simplesmente porque há uma culpa enorme. Travamos uma guerra porque outras potências perderam sua integridade. Agora, vitoriosos, não nos permitamos descer ao nível delas. Em suma, queremos um julgamento justo.[333]

Além disso, “execução sumária… apenas levaria o mundo a se esquecer dos tremendos pecados deles, e esses pecados nunca podem ser esquecidos”.[334]

Todo esse assunto possivelmente apresentou constrangedores desafios ao coronel do Exército dos EUA, Burton Andrus, o comandante da prisão que abrigava Hermann Goering, chefe da Força Aérea de Hitler; Hans Frank, o “judeu açougueiro da Polônia”; o “especialista em câmara de gás” Ernst Kaltenbrunner; Wilhelm Keitel, chefe de Gabinete do alto comando alemão;

Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores nazista; Alfred Rosenberg, que ajudou a planejar o extermínio dos adversários nazistas; e outros nazistas.

Deve ter sido extremamente difícil para o coronel Andrus exercer a disciplina e a contenção de um homem civilizado quando encontrou pela primeira vez os perpetradores de algumas das piores desumanidades vistas na história até aquele momento. Com a unidade do Exército de Andrus passando por territórios derrotados na Alemanha, ele vislumbrara os instrumentos do terror usados. Em uma carta, Andrus escreveu: "Muitos dos dispositivos infernais que usaram mataram donzelas inocentes, viúvas desamparadas e órfãos indefesos. Eles fazendo guerra contra a religião cristã e tudo o que ela representa".[335]

No entanto, em contato direto com os homens que haviam planejado e realizado aquelas atrocidades, Andrus quis refletir sobre os princípios da civilização cristã que eles tinham tentado destruir. Então, disse aos prisioneiros: "Fiquem informados de que o gentil tratamento que recebem aqui não ocorre porque merecem, mas porque qualquer coisa menos seria imprópria para nós".[336]

Afinal, Churchill concluiu que se justificava a ocorrência dos julgamentos de Nuremberg. Em discurso na Câmara dos Comuns em novembro 1946, ele os chamou de "um purgante".[337]

A maioria dos crimes contra civilização e humanidade exposta nos julgamentos de Nuremberg surgiu da "ciência pervertida" sobre a qual Churchill havia falado em 1940. No entanto, a distorção e a corrupção da ciência feita pelos nazistas resultaram de teorias que vinham se desenvolvendo havia mais de um século.

Churchill. *A History of the English-Speaking Peoples*, volume *1: The Birth of Britain [O berço da Inglaterra]*. Nova York: Dodd, Mead, 1956. pp. 120, 122.

Ibid, p. 122.

Ibid, p. 121. A referência de Churchill nessa citação é: "Citado in *Hodgkin, History of the Anglo-Saxons*, p. 609".

Ibid, novamente citado de Hodgkin.

Mateus 12:35.

Burke citado in Maciag, Drew. *Edmund Burke in America: The Contested Career of the Father of Modern Conservatism*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2013. p. 133.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 310.

Holley, Darrell. *Churchill's Literary Allusions*. Jefferson, NC: McFarland, 1987. p. 7.

Magnum opus (latim) significa grande trabalho. Refere-se à melhor, mais popular ou renomada obra de um artista ou pensador. (N.T.)

Holley. *Churchill's Literary Allusions.* p. 7.

Addison, Paul. *Churchill: The Unexpected Hero*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 217.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 293.

Ibid, p. 304.

Ibid, p. 288.

Ibid.

Ibid, p. 294.

Ibid.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 76.

Ibid, p. 75.

Ibid, p. 91.

Thompson, Kenneth W. *Winston Churchill's World View: Statesmanship and Power*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983. p. 67.

Churchill. "Army Reform" (discurso na Câmara dos Comuns. Londres, 13 de maio de 1901). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1901-1914-rising-star/army-reform>.

Ibid.

Churchill. "War of the Unknown Warriors", transmitido pela BBC em 14 de julho de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/war-of-the-unknown-warriors>.

Churchill. *The Story of the Malakand Field Force*. Mineola, NY: Dover, 2010. p. 29.

Ibid.

Burke. "Reflections on the Revolution in France" (1790), in *Burke, Select Works*. Oxford: Clarendon, 1888, v. 2, pp. 290-291.

Churchill. "War of the Unknown Warriors", transmitido pela BBC em 14 de julho de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/war-of-the-unknown-warriors>.

Langworth. (ed.). *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 76.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 283.

Sawer, Patrick. "Sir Winston Churchill's family feared he might convert to Islam". The Telegraph, 28 de dezembro de 2014. Disponível em: <www.telegraph.co.uk/news/religion/11314580/Sir-WinstonChurchill-s-family-feared-he-might-convert-to-Islam.html>.

Dockter, Warren. *Churchill and the Islamic World*. Londres: I. B. Tauris, 2015. p. 12.

Churchill. *The River War: An Historical Account of the Reconquest of the Soudan*. Londres: Longmans, Green, 1899, v. 2. pp. 248-250.

Ibid.

Warren, Spencer. "In the Ranks of Honor", revisão de *Winston S. Churchill: Finest hour*, 1939-1941, de Gilbert. *Commentary*. 1o de julho de 1984. Disponível em: <www.commentarymagazine.com/article/winston-s-churchill-finest-hour-1939-1941-by-martin-gilbert>.

Josué 1:9.

Tuchman, Barbara W. *The Proud Tower: A Portrait of the World before the War, 1890-1914*. Edição em livro de bolso. Nova York: Random House, 2014. p. 15.

Ibid, pp. 33-34.

Churchill. *Amid These Storms: Thoughts and Adventures*. pp. 76-77.

Morton, Frederic. *A Nervous Splendor: Vienna, 1888/1889*. Nova York: Penguin, 1979.

Ibid, p. 17-18.

Ibid, pp. 9.

Ibid, p. 11.

Ibid.

Churchill. "Blood, Toil, Tears and Sweat" ["Sangue, labuta, lágrimas e sour"] (discurso na Câmara dos Comuns. Londres, 13 de maio de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/blood-oil-tears-and-sweat>.

Townsend, Tim. *Mission at Nuremberg: An American Army Chaplain and the Trial of the Nazis*. Nova York: Harper Luxe, 2014. p. 193.

Ibid, p. 200.

Ibid, p. 199.

Colonel Burton C. Andrus, em carta ao comandante de San Diego da Ordem Maçônica dos Cavaleiros Templários, citado in Townsend, *Mission at Nuremberg*. p. 98. Andrus também escreveu o próprio relato dos julgamentos de Nuremberg: *I Was the*

Nuremberg Jailer. Nova York: Coward-McCann, 1969.

Townsend. *Mission at Nuremberg*. p. 153.

“Churchill on War Crimes Trials”, *Opinio Juris*, 23 de janeiro de 2006. Disponível em: <http://lawofnations.blogspot.com/2006/01/churchill-on-war-crimes-trials_23.html>.

8
Hitler e a “ciência pervertida”

Se falharmos, então o mundo inteiro, incluindo os Estados Unidos, incluindo tudo o que conhecemos e que nos é caro, afundará no abismo de uma nova Idade das Trevas tornada mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida.

(WINSTON CHURCHILL, DISCURSO PARA A CÂMARA DOS COMUNS, 18 DE JUNHO DE 1940)

Já em 1928, Churchill registrou suas preocupações sobre “uma futura catástrofe” que poderia destruir a raça humana.

> A organização da humanidade em grandes Estados e Impérios, bem como a ascensão das nações à plena consciência coletiva, permitiu que iniciativas de massacre fossem planejadas e executadas em uma escala e com uma perseverança jamais imaginada. Reuniram-se todas as virtudes mais nobres dos indivíduos para fortalecer a capacidade de destruição em massa. Boas finanças… tornaram possível desviar… a energia de todo um povo para o trabalho de devastação. Instituições democráticas deram expressão à força de vontade de milhões. […] Por fim, a ciência abriu seus tesouros e seus segredos para as desesperadas demandas dos homens, e colocou nas mãos deles instituições e equipamentos praticamente determinantes de seu caráter.[338]

Doze anos depois, em 18 de junho de 1940, Churchill estava sombrio enquanto falava para a Câmara dos Comuns. A França acabara de se render aos nazistas, deixando a Grã-Bretanha sozinha contra o perverso regime de Hitler. Churchill assumira como primeiro-ministro havia 39 dias, e o peso assustador de suas responsabilidades só aumentaria nos cinco anos seguintes.

Em seus comentários naquele dia, ele não apenas soou o alarme para a civilização cristã, mas também alertou que, se os nazistas triunfassem, o “mundo inteiro” afundaria no abismo de uma nova Idade das Trevas, ainda mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes da ciência pervertida”.[339]

Em 1940 ainda não se tinha conhecimento do escopo das atrocidades associadas com as tentativas nazistas de genocídio e purificação racial, mas Churchill vislumbrou o potencial para “iniciativas de massacre”, tornado possível pela industrialização e pelos avanços na tecnologia.

Hoje, podemos denominar a “ciência pervertida” de *cientificismo*. A verdadeira ciência persegue a verdade para onde quer que ela a leve, mas o cientificismo busca o próprio propósito, mesmo que isso signifique negar a verdade.

Alguns atualmente rotulariam aqueles que estão preocupados com a perversão da ciência como *anticientíficos*, o que, no entanto, não é uma proposição. Churchill, ainda que com certeza

não fosse anticientífico, não estava disposto a se prostrar diante de qualquer reivindicação da ciência.

Em seu "último grande discurso… na Câmara dos Comuns", em 1o de março de 1955, ele deixou esta advertência:

> Temos antagonismos agora tão profundos quanto os da Reforma Protestante e suas reações. […] Mas agora estão espalhados por todo o mundo. […] Temos a força e a ciência até aqui como servas do homem, mas agora ameaçando virarem mestras dele.[340]

Churchill falou de duas preocupações em particular. A primeira, como vimos nos capítulos anteriores, referia-se à sobrevivência da civilização cristã. Como historiador, Churchill sabia que as raízes da verdadeira ciência estavam no rico solo da visão de mundo judaico-cristã.[341] Assim, preocupava-se que a perversão da ciência no Ocidente se separasse de suas raízes espirituais, uma cisão defendida por Hitler.

Embora começando a vida como católico, Hitler, com o tempo, passou a considerar o Cristianismo uma religião de "subserviência e fraqueza".[342] Além disso, via os judeus como uma raça inferior que prejudicava a evolução humana; nesse sentido, tinha pouca consideração pelas virtudes da visão de mundo deles. Via-os como inimigos que arrastariam a humanidade para um nível inferior. Portanto, tentou separar a Alemanha de suas raízes judaico-cristãs.

Hitler destruiria tais raízes, assumindo a igreja e substituindo a doutrina bíblica por credos nazistas. Assim, procurou estabelecer novas raízes, venenosas, que matariam muitos milhões antes do final da guerra.

A "ciência pervertida" seria essencial para os objetivos de Hitler, que visava, como aspecto central dela, encontrar usos militares para o avanço da tecnologia. A perversão de práticas científicas não teria limites. A ciência pervertida daria origem ao sádico Josef Mengele e a outros desumanos cientistas-médicos, que prefeririam inventar uma câmara de gás melhor para os campos de concentração a encontrar a cura para o câncer.

Algumas das preocupações de Churchill sobre a perversão da ciência sem dúvida teriam surgido da leitura de *Mein Kampf* [*Minha luta*], obra em que Hitler não só relatava sua biografia, mas também descrevia sua visão pessoal de mundo e a filosofia inerente a ela. Em 1948, Churchill fez a seguinte reflexão sobre a natureza do livro de Hitler:

> Tudo estava lá: o programa da ressurreição alemã, a técnica de propaganda partidária, o plano de combate ao marxismo, o conceito de um Estado Nacional-Socialista, a correta posição da Alemanha na cimeira do mundo. Ali estava o novo Alcorão de guerra: inútil, verborrágico, disforme, mas repleto de mensagens.[343]

ATENTO AO ZEITGEIST

Churchill conhecia bem as forças que haviam empurrado Hitler para o lado obscuro, pois, com poderes de discernimento, conseguia apreender o "espírito da época", o *Zeitgeist* em que tanto ele quanto Hitler haviam nascido e crescido. Christa Schroeder, secretária de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, disse que ele "considerava a religião cristã uma armadilha hipócrita que tinha ultrapassado seu tempo", e que o líder nazista assumia como religião "a lei da natureza".[344]

Adolf Hitler estava inserido em um *Zeitgeist* cheio de teorias baseadas em raça e antissemitismo, e acreditava na visão darwinista do avanço da vida em direção à sua forma mais elevada. Em *From Darwin to Hitler*, o professor Richard Weikart explora exaustivamente a ligação entre o darwinismo e Hitler. Seu inspirador trabalho é uma importante referência para este capítulo.

> Hitler nem estava na tela do meu radar quando comecei minha pesquisa… No entanto, quanto mais livros, artigos e documentos eu lia de darwinistas e eugenistas no século XIX e no início do século XX, e quanto mais lia sobre Hitler, mais me convencia de que havia conexões históricas significativas entre o darwinismo e a ideologia de Hitler.[345]

A teoria da evolução de Darwin e seus pressupostos foram detalhados na obra *A origem das espécies*, publicada pela primeira vez em 1859. As raízes das teorias de Darwin encontraram solo fértil na Europa, cultivadas por teóricos raciais que havia muito tempo lavravam o solo: "A influência do darwinismo pode ser medida pela efusão de livros e artigos na Alemanha, na Áustria e na Suíça no final do século XIX".[346]

Um dos que mergulharam naquela inundação foi o geneticista alemão Richard Goldschmidt, que alcançou proeminência no século XX. Em sua autobiografia, Goldschmidt fala de ler "com olhos e alma ardentes" obras do darwinista Ernst Haeckel (que também teria grande influência sobre a lógica de Hitler).[347] A visão de mundo darwiniana como apresentada por Haeckel "era típica para jovens educados da época (de Goldschmidt)".[348]

Um dos pressupostos que começaram a ganhar força (acabando por reforçar a visão de mundo nazista) tinha a ver com "melhoria biológica". Weikart escreve:

> A melhoria biológica dos europeus lhes daria uma maior vantagem na luta contra outras raças, enquanto degeneração biológica, que muitos eugenistas temiam que ocorresse, poderia levar os europeus ao desastre na luta global pela existência.[349]

Importantes formadores de opinião começaram a perceber que o darwinismo não se relacionava apenas à biologia, mas também à sociedade. Um conjunto de trabalhos emergiu do "darwinismo social", que Richard Hofstadter define como "uma ideologia que utiliza uma visão competitiva da natureza e o conceito de Darwin da luta pela existência como base para a teoria social".[350] Muitos ateus e outros darwinistas seculares protestam que Darwin, em sua teoria da evolução, não teve intenção de lhe imprimir aplicações sociais. No entanto, em uma carta datada de 26 de julho de 1872, o próprio Darwin afirmou que havia no livro algumas implicações sociais.[351]

Esses pressupostos e a visão de mundo resultante caracterizaram não só as sociedades da Europa continental no final do século XIX e no início do século XX, como também a das Ilhas Britânicas. Winston Churchill entendia essas posturas, pois tiveram grande penetração na aristocracia britânica antes de 1940. Na verdade, ele e seu pai foram algumas vezes castigados por seus pares por incluir judeus entre os amigos.

> Havia muitos membros da aristocracia [britânica] que, pelo menos antes de maio de 1940, expressaram muito claramente suas simpatias por Hitler, ou, pelo menos, pelas então inclinações germanófilas de [primeiro-ministro] Chamberlain. Essas tendências foram compartilhadas por membros da família real

> e, o que era mais importante, por funcionários públicos de considerável influência. Um deles, Sir Horace Wilson, antes de 1940 era o conselheiro mais próximo e de maior confiança de Chamberlain.[352]

Durante a administração de Chamberlain, Horace Wilson "ocupava um pequeno escritório do lado de fora da sala do primeiro-ministro em Downing Street, e todos com agendamento precisavam passar por ali e ter alguns minutos de conversa com *Sir* Horace".[353] Um perscrutador chamava Wilson "o governante sem coroa da Inglaterra".[354] Wilson, porém, também estava intimamente ligado ao apaziguamento de Hitler antes da guerra, e "uma das primeiras ações que Churchill tomou [quando se tornou primeiro-ministro] foi dizer a Horace Wilson que fosse embora".[355]

Com Adolf Hitler firme no poder, com suas políticas econômica e de emprego em franco desenvolvimento, ele estava livre para se concentrar no que acreditava ser a causa dos problemas fundamentais do novo império germânico: os judeus. O livro *Mein Kampf* [*Minha luta*] está repleto de evidência das radicais crenças raciais de Hitler, advindas do que só pode ser descrito como "darwinismo místico", isto é, o uso dos processos evolutivos da seleção natural, infundindo-os com autoridade transcendente e com onisciência e onipotência divinas.

As Leis de Nuremberg se basearam na premissa de que uma raça ariana pura de alemães fortes e saudáveis era totalmente antissemita e projetada para evitar o que Hitler temia ser contaminação e profanação do sangue da raça superior.[356]

A doutrina racial nazista sustentava que a mistura com os fracos não arianos produziria crianças ainda mais fracas, resultando a inevitável morte da raça alemã; portanto, cabia aos arianos assegurar que os não arianos não os contaminassem com seu sangue. Uma vez que Hitler promulgou as Leis de Nuremberg, ele pôde, com facilidade, avançar no plano de deportar os judeus para campos de concentração com o propósito de escravizá-los e assassiná-los.

A PERVERSÃO DA CIÊNCIA

As preocupações de Churchill com a corrupção do conhecimento científico e sua aplicação para a guerra na emergente era industrial – "desenvolvimentos e ampliações… que serão muitíssimo mais formidáveis e fatais"[357] – foram intensificadas apenas pelo que ele leu em *Mein Kampf* [*Minha luta*], ouviu em declarações feitas por Hitler durante o período pré-guerra e viu no crescimento da máquina de guerra nazista. Vamos examinar as implicações de alguns elementos-chave da ideologia nazista.

A "GUERRA FALSA" ENTRE RAZÃO E REVELAÇÃO, RACIONALIDADE E FÉ, REALIDADE E MISTÉRIO

Epistemologia é o estudo de como sabemos o que sabemos. Durante o período em que os princípios da ciência moderna ainda se desenvolviam, *revelação* e *razão* estavam ligadas. *Sir* Isaac Newton compreendeu essa relação e "declarou explicitamente que estava investigando a Criação de Deus, o que era um dever religioso, porque a natureza reflete a criatividade de seu criador".[358]

Newton estava se remetendo à Idade Média, uma época ridicularizada como anticientífica, mas que, na verdade, representa uma abordagem mais integrada à filosofia, à teologia e ao estudo

dos mecanismos da natureza.[359] De fato, foram os "filósofos naturalistas" da Idade Média (o termo *cientista* não foi cunhado até 1833) que tornaram possível a ciência moderna. Sem "a sua crença central de que a natureza foi criada por Deus e, portanto, digna da atenção deles", escreve James Hannam, "a ciência moderna simplesmente não aconteceria".[360]

Durante o Iluminismo do século XVIII, a *revelação* foi afastada da formulação epistemológica. Na mente de alguns estudiosos, o trabalho de Darwin no século XIX rompeu completamente a ligação entre revelação e razão.

Churchill, em sua referência à "ciência pervertida", sem dúvida tinha consciência das políticas raciais que já estavam passando para o primeiro plano na sociedade nazista do período pré-guerra. E Hitler, ao avaliar a verdade científica apenas com base naquilo que parecia inferências razoáveis extraídas das teorias de Darwin, alegava estar promovendo a ciência que ajudaria a raça humana. Para Darwin e seus seguidores, "a competição entre grupos, como guerra e antagonismos raciais, desempenhava papel crucial no desenvolvimento das sociedades humanas, e mesmo no desenvolvimento da moralidade".[361] Hitler adotou essa teoria e também:

> uma estratégia duplamente orientada, incorporando as seleções tanto artificiais quanto as naturais: eugenia na sociedade alemã para melhorar a saúde e a vitalidade da "raça ariana" e luta radical e guerra para aqueles que estavam fora da comunidade racial alemã.[362]

Depois que o trabalho de Darwin foi publicado, as ciências biológicas se desenvolveram rapidamente. Cada vez mais, a ideia que relacionava a revelação e a razão era destroçada sob as teorias que se multiplicavam. O resultado foi que "a maioria dos cientistas" nesse período começou a "promover teorias da desigualdade humana como fato científico", escreve o professor Henry Friedlander, ele próprio mantido pelos nazistas em vários campos de concentração, incluindo Auschwitz.[363]

UTILITARISMO SUBSTITUI VALORES MORAIS TRANSCENDENTES

Adolf Hitler não era menos filho de seu tempo do que Winston Churchill. O *Zeitgeist* darwinista no qual Hitler nasceu se expandia rapidamente na Áustria, na Alemanha e na Grã-Bretanha. No século XVIII, o filósofo utilitarista Jeremy Bentham tinha lançado o pão sobre as águas do pensamento britânico, e alguns aristocratas o haviam engolido. Segundo Bentham, as ações são morais em proporção ao que produzem de utilidade, o que é avaliado por resultados materiais geradores de prazer e felicidade.

Embora Churchill tivesse raízes aristocráticas, não havia engolido a isca de Bentham, talvez em razão de não ser totalmente aceito por esse estrato social, ou ainda por não pensar em si mesmo como um aristocrata. Muitos na classe alta britânica desdenhavam dele, e isso pode tê-lo livrado de adotar uma visão de mundo meramente utilitarista.

Quinze anos antes de Hitler nascer, Georg von Gizycki e Friedrich Jodl também pensavam em utilitarismo. Um resultado do trabalho de Gizycki, escreve Richard Weikart, é que estava "resgatando ética e moralidade de suas relações com a religião, criando uma filosofia moral deste mundo para substituir a concepção sobrenatural predominante".[364] Em última análise, isso se tornaria a diretriz nazista para determinar se uma pessoa merecia a vida ou a morte. "Um critério importante" para determinar se uma pessoa iria viver ou morrer sob os regulamentos nazistas,

escreve Henry Friedlander, “era utilitarista e baseado no nível de produtividade de um paciente”. Pessoas condenadas à execução eram “denunciadas como ‘vida indigna de vida’”, consideradas “vidas onerosas” e “consumidoras inúteis”.[365]

O utilitarismo tem um efeito esmagador sobre valores transcendentes, como Churchill bem sabia.

> Seria muito melhor interromper o progresso material e de descoberta do que ser dominado por nosso aparato e pelas forças que ele controla. […] Sem um crescimento igual de compaixão, piedade, paz e amor, a própria ciência pode destruir tudo o que torna a vida humana admirável e tolerável.[366]

Foi a perda dessa transcendência que tanto cativou Bentham, Hitler e outros utilitaristas, com sua ética da pragmática pura. Ainda ouvimos os ecos disso hoje, nos escritos de ateus militantes como Richard Dawkins, entre muitos outros. Em uma conversa por Twitter com uma mulher que escreveu: “Sinceramente não sei o que faria se estivesse grávida de uma criança com síndrome de Down”, Dawkins respondeu: “Aborte e tente de novo. Seria imoral trazê-la ao mundo se você tem escolha”.[367, 368]

REDUCIONISMO: A MECANIZAÇÃO DE TODAS AS COISAS

“O idealismo prussiano pegou o coração de carne e sangue do alemão e, em seu lugar, deu-lhe um de ferro e papel”, escreveu Theodor Haecker em 1940.[369] O sistema educacional alemão, que fora o protótipo da excelência escolar no século XIX, atraindo estudantes de todo o mundo, “ressuscitou com trajes modernos os tipos mais imorais de conhecimento, de etnocentrismo e egolatria nacional, ao que parece agora racionalmente justificado pela ‘ciência racial’ darwiniana”.[370]

No *A Antiga e a Nova Fé*, David Friedrich Strauss, outro formatador do sistema filosófico *Zeitgeist* em que Hitler fora criado, tentou afastar a visão de mundo cristã da ciência naturalista. Strauss acreditava que a alma humana se limitava ao cérebro e a suas funções físicas, e que a ética foi desenvolvida apenas para tornar possível a existência humana. “Até mesmo os Dez Mandamentos perdem sua santidade”, Richard Weikart observa em um debate sobre Strauss. “Eles são somente ferramentas úteis para os seres humanos no curso da competição evolucionária, em vez de mandamentos divinamente consagrados”.[371]

Se os seres humanos são nada mais do que mecanismos dentro de uma máquina muito maior, podem ser “desligados” se quebrarem ou apresentarem partes de qualidade inferior. De acordo com a filosofia nazista, o único mecanismo biológico que devia ser mantido em funcionamento e constantemente refinado por meio da eugenia era o humano ariano.

De acordo com este modo de pensar, os judeus eram *gremlins*[372] na máquina. Em fevereiro de 1945, Hitler ponderou sobre os judeus:

> [são] parasita[s] que não podem e não serão integrados [e as tentativas da Alemanha de eliminá-los] era[m] um processo essencial de desinfecção, que temos perseguido ao extremo e sem o qual seríamos asfixiados e destruídos.[373]

REDUCIONISMO:[374] DAS QUESTÕES FUNDAMENTAIS ÀS IMEDIATAS

A segunda redução causada pelo cientificismo tem a ver com as questões-chave da própria vida. Em uma visão mecanicista, os principais pressupostos sobre o propósito e o significado da existência são rejeitados; mas uma compreensão transcendental da humanidade é um baluarte contra tal reducionismo.

Para Churchill, as questões fundamentais poderiam ser resumidas em três: “Por que estamos aqui? Qual o propósito da vida? Para onde vamos?”.[375]

A grande cisma entre revelação e razão desviou o foco do fundamental para o imediato. O cientificismo justifica esse reducionismo, alegando que as questões fundamentais estavam além de seu alcance empírico, enquanto ao mesmo tempo despreza e marginaliza a teologia que fornece as ferramentas para entender tais questões.

Churchill sabia que Hitler, sem perder de vista o fundamental, havia criado respostas em sua mente, moldada pelo espírito da época. Hitler acreditava de fato que estava no mundo para desenvolver a raça ariana, o resultado supremo da evolução humana, e, portanto, o império da raça ariana. Para Hitler, o objetivo da vida não era a mera sobrevivência, mas a sobrevivência do mais apto. E ele e os nazistas sabiam quem seriam os mais aptos.

"Para onde vamos? Para o glorioso Terceiro Reich", Hitler disse, o qual iria inaugurar não a cidade de Deus de Agostinho, mas a cidade do homem em grande evidência, o império global sobre-humano dos arianos.

Churchill sabia bem que a sobrevivência da civilização cristã requeria um equilíbrio dinâmico entre o fundamental e o imediato. Reiteradamente, ele apresentou o contexto geral do momento para o povo britânico, lembrando-lhes por que precisavam lutar apesar da perda de entes amados, lares e instituições, e até mesmo apesar do risco de perderem a vida. Ao mesmo tempo, Churchill manteve a atenção no imediato. Como ministro da defesa, avaliava diariamente a situação de material e de pessoal em todas as “frentes de batalha, nas praias… nos pontos de desembarque… nos campos e nas ruas”.

ASSOCIANDO MEIOS E FINS

Em seu discurso perante o tribunal de crimes de guerra de Nuremberg, o arquiteto-chefe de Hitler, Albert Speer, disse que a ditadura de Hitler “empregava à perfeição os instrumentos de tecnologia para dominar o próprio povo”.[376] Por meio de tais conquistas científicas, “80 milhões de pessoas poderiam ser submetidas à vontade de um indivíduo”.[377]

Mais aterrorizante foi a falta de raciocínio, pois este teria permitido às pessoas que usassem juízos de valor para distinguir meios e fins. No reino do cientificismo absoluto, aquele que questiona é marginalizado, e, quando as alavancas desse cientificismo estão nas mãos de um ditador, uma mente crítica poderia levar a uma execução. “Telefone, teletipo e rádio tornaram possível transmitir os comandos dos mais altos níveis diretamente aos níveis mais baixos nos quais… eram executados sem análises críticas”, disse Speer.[378]

Em contraste, confrontavam-se constantemente as ações de Churchill, tanto no Gabinete de Guerra quanto na Câmara dos Comuns. Havia pouca margem de manobra para a associação entre fins e meios no clima político em que Churchill atuava como primeiro-ministro. Cada recomendação dele, assim como todos os possíveis motivos implícitos, era examinada à exaustão

por seus pares, pela imprensa e pelo povo britânico. Hitler nunca precisou se preocupar com uma séria resistência política interna porque reprimia qualquer um que se opusesse a ele na Alemanha. Churchill, por outro lado, teve de enfrentar votos de não confiança na Câmara dos Comuns, e também divergências em seu Gabinete de Guerra de coalizão. Esse, no entanto, é o preço de uma sociedade livre, e Churchill suportou o custo. Durante um período de intensa batalha sobre sua liderança no Parlamento, Elizabeth Nel notou o estresse em seu chefe: "Sei que, apesar de sua experiência de vida e sua enorme força e autocontrole para suportar julgamentos, ele ainda era humano o bastante para se sentir interiormente irritado".[379]

ELIMINAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TRANSCENDENTE

Em um artigo publicado em dezembro de 1931 na *The Strand Magazine*, Churchill escreveu:

> Temos o espetáculo dos poderes das armas do homem superando em muito a marcha de sua inteligência; temos a marcha de sua inteligência avançando muito mais rapidamente do que o desenvolvimento de sua nobreza. […] Portanto, é importante acima de tudo que a filosofia moral e as concepções espirituais de homens e nações se mantenham em meio a essas evoluções científicas fantásticas.[380]

Em seus comentários, Churchill descreve perfeitamente o cientificismo que tinha infectado a genuína investigação científica:

> Há segredos misteriosos demais para o homem saber em seu estado atual; segredos que, uma vez penetrados, podem ser fatais para a felicidade e glória humanas. Mas as mãos ocupadas dos cientistas já estão atrapalhando-se com as chaves de todas as câmaras até então proibidas à humanidade.[381]

Os tiranos devem sempre eliminar qualquer poder contrário que possa ser entendido posicionar-se acima deles. Governam pelo medo, e o medo é alimentado por atiçar a verdade de que os opressores podem fazer o que quiser porque não há ninguém a quem devam satisfação. O ministro responsável pela propaganda de Hitler, Josef Goebbels, disse: "Existe… uma oposição irremediável entre a visão heroica de mundo do cristão e de um germânico".[382] Obviamente, se os nazistas tivessem vencido a guerra, teriam procurado eliminar a influência da igreja do continente europeu.

O solo espiritual e o filosófico da Europa havia muito tempo estava sob cultivo do absolutismo tirânico, e foi bem arado, sobretudo nos territórios germânicos, pelas sementes malignas de Hitler.

Alfred Grotjahn, professor da Universidade de Berlim, estava entre os idealizadores do *Zeitgeist* em que Hitler nasceu e por meio do qual seu pensamento foi moldado. Grotjahn descreveu a própria experiência de se desligar da ideia do transcendente ao ler *Force and Matter*, de Ludwig Büchner. Grotjahn disse o seguinte sobre a influência do materialismo darwinista: "limpou meu cérebro de concepções metafísicas em uma idade decisiva para o desenvolvimento da minha visão de mundo, libertando-me para assimilar pontos de vista positivistas e valores éticos do mundo natural".[383] Ele se tornou uma voz de liderança no movimento alemão de eugenia e higiene social que sustentou a filosofia nazista.

A PERDA DO ENCANTAMENTO TRANSCENDENTE

A fragmentação inicial entre revelação e razão ocorreu na filosofia da Grécia antiga, e os nazistas a misturaram com a própria visão de mundo. No século V a.C., Protágoras enunciou o que mais tarde se tornaria o mantra do cientificismo: *O homem* é *a medida de todas as coisas*. O que não pode ser submetido à razão humana é inválido. Uma consequência importante dessa filosofia é a limitação de encantamento e reverência ao mundo observável e mensurável. Em última análise, significa que apenas aquilo que existe na escala da razão humana pode ser adorado. Qualquer coisa transcendente é *a priori* descartada.

Charles Taylor, no *A Secular Age [A Era Laica]*, descreve o "desencantamento" do mundo que, em última instância, leva a "um humanismo aceitando que não há objetivos finais além da prosperidade humana".[384] Em uma Europa controlada por nazistas, Hitler decidiria os humanos que deveriam "prosperar" e aqueles que seriam considerados obstáculos para esse estado de felicidade. Não somente os "mais aptos" sobreviveriam, mas deveriam ser capazes de estabelecer os novos códigos de valor. Isso nos surpreende agora, mas Hitler e Stalin consideravam a si mesmos e a seus sistemas como *morais*.

A Idade Média, durante a qual as bases da ciência moderna foram definidas, adotava o encanto transcendente. Nas mais de setenta catedrais erguidas sem aparatos modernos, a Europa ainda é decorada com a evidente transcendência exuberante que caracterizou o período medieval. Os visionários que deram ao mundo as grandes construções queriam que os adoradores do Deus todo-poderoso que está acima de tudo erguessem os olhos. Eles viram a confluência da filosofia e teologia naturais, e as catedrais cientificamente projetadas eram testemunhos deslumbrantes disso. As palavras inscritas nas portas da Basílica de Saint Denis, em Paris, no século XII, são reveladoras:

> Seja quem fores, se tu procuras exaltar a glória destas portas,
>
> Não fiques maravilhado com o ouro e o gasto, mas com o artesanato do trabalho.
>
> Brilhante é o trabalho nobre; mas, sendo nobremente brilhante, o trabalho deve iluminar as mentes, para que elas possam viajar, através das luzes verdadeiras,
>
> Para a Luz Verdadeira, onde Cristo é a verdadeira porta.
>
> De que maneira é inerente a este mundo a porta de ouro define:
>
> A mente tola eleva-se à verdade por meio daquilo que é material
>
> E, ao ver esta luz, ressuscita de sua submersão anterior.[385]

Os eruditos biblicamente independentes da Idade Média levaram a sério as palavras de Salmos 8:3-5:

> Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes?
>
> Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra.

Esses pensadores consideraram a obra de Deus e o lugar da humanidade neste contexto. Olharam maravilhados para o cosmos e criaram um sentimento de admiração quanto a si mesmos. No entanto, não foi uma admiração autocriada. Pelo contrário, a grandeza humana veio

de Deus, assim como o glorioso esplendor da natureza foi criado por Ele. John Polkinghorne, físico e sacerdote anglicano, escreve que uma das experiências "essenciais para a busca pela ciência é um sentimento de admiração".[386]

Os cientistas de Hitler perderam contato com o belo equilíbrio entre o divino e o humano como em Salmos 8. Glorificaram a si mesmos e viam outros seres humanos como inferiores, sem razão para continuarem vivos, exceto por sua utilidade. Quando o encanto diante da transcendência de Deus é eliminado da busca da ciência, as restrições desaparecem e o pior do cientificismo avança.

Essa era uma das possibilidades que mais preocupavam Winston Churchill.

ARROGÂNCIA PRESUNÇOSA, EM VEZ DE QUESTIONAMENTO HUMILDE

O espírito da verdadeira ciência foi revelado quando *Sir* Isaac Newton, um dos maiores cientistas da história, disse: "Se fui capaz de ver mais longe, é porque me apoiei em ombros de gigantes".[387]

O cientificismo pouco conhece de tal humildade. Austin Hughes, respeitado professor de ciências biológicas na Universidade da Carolina do Sul e um veterano da investigação científica, escreve sobre "a loucura do cientificismo" e sua "tentação de ultrapassar limites". Um aspecto da ciência que atraiu Hughes para sua carreira foi "a humildade de seus adeptos". O fato de que a postura da verdadeira ciência "contrastava com a arrogância dos filósofos da tradição positivista, que reivindicavam para a ciência e seus praticantes uma ampla autoridade, prática com a qual os cientistas se sentiam desconfortáveis".[388] Hughes continua:

> A tentação de ultrapassar limites… parece hoje cada vez mais indulgente nas discussões sobre ciência. Tanto no trabalho dos filósofos profissionais como em conhecidas obras de cientistas naturais, alega-se com frequência que a ciência natural tem, ou em breve terá, o completo domínio da verdade. E essa opinião está se tornando cada vez mais difundida entre os próprios cientistas. Muitos dos meus contemporâneos na ciência aceitaram sem questionar a mentira que sugere que um grau avançado em alguma área da ciência natural confere a capacidade de pontificar sabiamente sobre todo e qualquer assunto.[389]

Se o excesso é um sintoma do cientificismo arrogante, então Hitler e os nazistas estavam consumidos pela doença. Albert Speer afirma que, caso os observadores da época de Hitler tivessem olhado mais de perto os grandes edifícios, as arenas e os monumentos que ele imaginou para Nuremberg, teriam percebido a extensão da megalomania dele. Primordial entre os efeitos do cientificismo é a sua ilusão presunçosa. Hitler, diz Speer, "confiava em suas inspirações, não importando quão intrinsecamente contraditórias pudessem ser, e essas inspirações eram governadas pelo extremo desprezo e pela subestimação dos outros".[390]

Hitler nunca teria reconhecido que se "apoiara nos ombros de gigantes". Ele era o *único* gigante. E de fato confiava em sua ciência. Tinha notável "aparato de comunicação em seu Quartel-General", escreve Speer. Ele poderia dirigir todos os teatros de guerra direto de sua mesa na sala de situação. "Quanto mais terrível fosse o ocorrido", recorda Speer, "maior era o abismo que a moderna tecnologia criava entre realidade e as fantasias com as quais o homem na mesa operava".[391]

Enquanto Churchill vislumbrava a ascensão do hitlerismo, talvez tenha se recordado da visita que fez em 1906 visando inspecionar o poderio militar do *kaiser* e da "impressionante

quantidade de dispositivos" que ele havia observado apenas oito anos antes do início da Primeira Guerra Mundial. Entre as duas guerras, a Alemanha foi o lar de alguns dos cientistas mais brilhantes da história, incluindo Einstein e Heisenberg, e também de mestres de outras disciplinas. Muitos eram judeus que, como Einstein, deixaram a Alemanha antes de as políticas de Hitler chegarem a plena atividade. Possivelmente, Churchill percebeu que a perversão da ciência viria por meio daqueles que permaneceram, aqueles cujas únicas restrições seriam ilusões impingidas na cultura alemã e subsídios da mente corrompida de Hitler.

A MENTALIDADE DE BABEL

O cientificismo perverte a verdadeira ciência por meio de sua arrogante presunção e imenso exagero. Sua primeira sombra na história da humanidade foi lançada na planície de Shinar, onde os anciãos se reuniram para construir uma torre que alcançaria os próprios céus. A motivação está declarada em Gênesis 11:4: "Depois disseram: 'Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra'".[392]

Os três objetivos de Babel objetivavam que os seres humanos: (1) alcançassem o céu com as próprias condições e pelo próprio esforço; (2) fizessem um nome para si; e (3) contornassem a intenção original de Deus para que a humanidade se dispersasse, não se aglomerasse.

O primeiro objetivo é construir uma cidade. A palavra grega *polis* (que faz parte da palavra inglesa *metropolis*) refere-se a uma comunidade estruturada por meio da ordem de uma visão de mundo e um conjunto de valores particulares. Os aspirantes a construtores de Babel perderam a cidade de Deus e então estavam procurando recuperar o paraíso, a cidade do Homem, por meio da própria ingenuidade.

A cidade de Nuremberg era muito simbólica para Hitler, que planejava que ela fosse a capital do Terceiro Reich, *a* cidade do mundo. Lá ele imaginou um espaço de desfile maior do que o palácio dos reis persas em Persépolis, com uma estátua 46 metros mais alta que a Estátua da Liberdade americana e um estádio com 400 mil lugares, o dobro do tamanho de Circo Máximo Romano. Todo o complexo abrangeria uma área três vezes à que era ocupada pela Grande Pirâmide de Gizé. Pairando sobre tudo, estariam os dois símbolos onipresentes do regime de Hitler: uma suástica presa nas garras de uma enorme águia.

Depois que a Alemanha triunfasse e Nuremberg fosse estabelecida como a joia da coroa do Reich, o mundo inteiro seria a ostra de Hitler.

> O Führer expressa sua convicção inabalável de que o Reich um dia governaria toda a Europa. […] E a partir daí a estrada para a dominação do mundo está praticamente escancarada diante de nós. Quem quer que governe a Europa será capaz de aproveitar a liderança do mundo.[393]

Em *The Proud Tower*, Barbara Tuchman intitula o capítulo sobre a Alemanha de pré-guerra "Neroísmo está no ar", pois muitos alemães daquela época acreditavam que sua cultura "era a herdeira da Grécia e de Roma".[394] Tuchman também mostra como a guerra incorporou o resultado natural da visão de mundo darwinista de Hitler:

> As descobertas de Darwin em *A origem das espécies*, quando aplicadas à sociedade humana, forneceram a base filosófica para a teoria de que a guerra era inerente à natureza e enobrecedora. Guerra implicava um conflito em que a raça mais forte e superior sobrevivia, refinando assim a civilização. Pensadores, historiadores, políticos e cientistas militares da Alemanha, trabalhando sob a teoria da espionagem industrial e a tenacidade dos buldogues, elevaram-na a um nível de dogma nacional.[395]

O CAMINHO DO ARREPENDIMENTO

A misericórdia divina sempre nos convida a retornar a Deus e a Sua verdade por meio do arrependimento, que leva à restauração e à renovação. Pelo menos um alto oficial nazista parece ter aceitado essa misericórdia. O ex-general de campo, marechal Wilhelm Keitel, era o segundo depois de Hitler na posição de chefe do comando militar da Alemanha. No entanto, nas primeiras horas de uma manhã úmida de outubro de 1946, ele enfrentou a execução por ordem do tribunal de guerra de Nuremberg.

Keitel estava tentando manter sua rígida postura quando o capitão Henry Gerecke, do Exército dos EUA, entrou na cela dele. Gerecke foi o capelão selecionado para atender os criminosos de guerra nazistas presos em Nuremberg. Como visitava Keitel com frequência, o ex-oficial alemão sentia-se confortável com ele. Gerecke carregava uma Bíblia, e convidou Keitel para se juntar a ele em oração.

Os dois homens se ajoelharam, e Gerecke, um americano filho de imigrantes alemães, orou em alemão. De repente, Keitel pareceu cair em si, ciente de que estava prestes a morrer. Então, tremeu e "chorou convulsivamente" até que "lhe faltou ar". Pouco antes de ser enforcado, Keitel recebeu a comunhão, ofertada por Gerecke. Como o capelão lembrou mais tarde, Keitel, "com a voz embargada", disse: "Você me ajudou mais do que imagina. Que Cristo, meu Salvador, esteja comigo. *Precisarei muito Dele*".[396]

Até onde sabemos, Adolf Hitler nunca se arrependeu de seus pecados ou pediu misericórdia a Deus. Tendo reiteradamente rejeitado a graça de Deus, em algum momento colheu as consequências de suas ações, mas, até então, Hitler a espezinhou, acreditando com toda devoção nas maravilhas técnicas planejadas nos laboratórios dos praticantes do cientificismo.

Hitler sabia que em algum momento teria de fazer com os cristãos o que estava fazendo com os judeus. Os pastores combativos do que era conhecido como Igreja Confessional[397] o desafiaram e ousaram pregar contra o nazismo até que fossem levados. Ao final, ele precisaria se livrar por completo dos cristãos, mas primeiro iria cooptar a igreja oficial alemã e torná-la serva da ideologia nazista e legitimadora de suas crueldades.

Churchill. *The Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. pp. 35-36.

Churchill. "Their Finest Hour" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 18 de junho de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/their-finest-hour>.

Churchill. "Never Despair" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 1º de março de 1955).

Veja, por exemplo, Hannam, James. *God's Philosophers: How the Medieval World Laid the Foundations of Modern Science*. Londres: Icon Books, 2009.

Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Nova York: Simon & Schuster, 1970. p. 96.

Churchill. *Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. Boston: Houghton Mifflin, 1948. p. 50.

Schroeder, Christa. *He Was My Chief: The Memoirs of Adolf Hitler's Secretary*. Barnsley, UK: Frontline Books, 2009. Edição Kindle.

Weikart, Richard. *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics, and Racism in Germany*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 10.

Ibid, p. 11.

Goldschmidt, Richard. *Portraits from Memory*. Seattle: University of Washington Press, 1956. p. 34. Citado em Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 11.

Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 11.

Ibid, p. 196.

Id. "The Origins of Social Darwinism in Germany, 1859-1895", *Journal of the History of Ideas*, julho de 1993. p. 469.

Id. "A Recently Discovered Darwin Letter on Social Darwinism", Isis 86 (1995). pp. 609-611. Disponível em: <www.csustan.edu/sites/default/files/History/Faculty/Weikart/Recently-Discovered-Darwin-Letter.pdf>.

Lukacs. *Five Days in London: May 1940 [Cinco dias em Londres*]. p. 56.

Ibid, p. 58.

Ibid, p. 57.

Ibid, p. 58.

Cf. Hitler. *Mein Kampf [Minha luta]*. p. 406.

Churchill. *Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. p. 37.

Hannam, James. *God's Philosophers*. Londres: Icon, 2009. pp. 340-341.

Ibid, p. 337-342.

Ibid, p. 336.

Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 212.

Ibid.

Friedlander, Henry. *The Origins of Nazi Genocide: From Euthanasia to the Final Solution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995. p. 1.

Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 31.

Friedlander. *Origins of Nazi Genocide*. p. 81.

Churchill. "Fifty Years Hence, 1931". Disponível em: <www.nationalchurchillmuseum.org/fifty-years-hence.html>.

Selby, Jenn. "Richard Dawkins on babies with Down Syndrome", *The Independent*, 20 de agosto de 2014.

O link da notícia não está mais disponível. Há apenas um registro da publicação nas redes sociais do Jornal disponível em: <https://www.facebook.com/TheIndependentOnline/photos/a.315767831635.155802.13312631635/10152250485166636/>. (N.E.)

Aeschliman, M. D. "Theodor Haecker", *Crisis Magazine*, 9 de abril de 2012.

Ibid.

Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 33.

Um *gremlin* é uma criatura mitológica de natureza malévola popular na tradição saxã. (N.T.)

Genoud, Francois (ed.). *The Testament of Adolf Hitler: The Hitler-Bormann Documents, February-April, 1945*, traduzido por R. H. Stevens. Londres: Icon, 1962. Citado em Weikart. From Darwin to Hitler. p. 213.

Reducionismo, em filosofia, é o nome dado a teorias correlatas que afirmam, *grosso modo*, que objetos, fenômenos, teorias e significados complexos podem ser sempre reduzidos, ou seja, expressos em unidades diferentes, a fim de explicá-los em suas partes constituintes mais simples. (N.T.)

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 295.

Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. Nova York: Simon & Schuster, 1970. p. 520.

Ibid.

Ibid, pp. 520-521.

Nel, Elizabeth. Mr. Churchill's Secretary. Nova York: Coward-McCann, 1958. p. 82.

Churchill. "Fifty Years Hence, 1931". Disponível em: <www.nationalchurchillmuseum.org/fifty-years-hence.html>.

Ibid.

Kershaw, Ian. *Hitler: A Biography*. Nova York: WW Norton, 2008. p. 661.

Gortjahn, Alfred, citado em Weikart. *From Darwin to Hitler*. p. 12. (Em geral, o positivismo é a teoria de que qualquer declaração que afirme ser racional pode ser verificada científica, lógica ou matematicamente. O teísmo, verdade baseada na divindade e revelação, é considerado inválido como fonte de verdade racional. No aspecto social-legal, o positivismo sustenta que não há verdade absoluta que possa restringir as leis de uma sociedade particular, mas, sim, que os juízos são autorizados no contexto de cultura prevalente e precedente.)

Taylor, Charles. *A Secular Age*. Cambridge, MA: Belknap, 2007. p. 18.

"Abbot Suger of Saint-Denis: the Patron of the Arts", in Frisch, Teresa G. *Gothic Art 1140-c. 1450: Sources and Documents*. Toronto: University of Toronto Press, 1987. p. 7.

Polkinghorne, John. *Exploring Reality: The Intertwining of Science and Religion*. New Haven, CT: Yale University Press, 2005. p. 5.

Isaac Newton, carta a Robert Hooke, 5 de fevereiro de 1676. Citado em Hannam, James. *God's Philosophers*. p. 1.

Hughes, Austin L. "The Folly of Scientism", *The New Atlantis: A Journal of Technology & Society*, n. 37, outono de 2012. Disponível em: <www.thenewatlantis.com/publications/the-folly-of-scientism>.

Ibid.

Speer. *Inside the Third Reich*. Nova York: Simon & Schuster, 1970. p. 165.

Ibid, p. 357.

Gênesis 11:4.

Josef Goebbels, entrada de diário, 8 de maio de 1943. Citado em Speer, Albert. *Inside the Third Reich*. p. 160. Exatamente dois anos depois de ele escrever essa entrada, a Alemanha rendeu-se.

Tuchman, Barbara. *The Proud Tower*, edição de bolso. Nova York: Random House, 2014. pp. 323, 326.

Ibid, p. 278.

Townsend, Tim. *Mission at Nuremberg: An American Army Chaplain and the Trial of the Nazis*. Nova York: Harper Luxe, 2014. p. 11. Itálicos acrescentados.

Igreja Confessante ou Igreja Confessional foi um movimento cristão minoritário de resistência ao Partido Nazista na Alemanha. (N.T.)

9
Hitler e a corrupção da igreja

Na Alemanha, a busca por uma nova religião tornou-se um fenômeno endêmico, e não é exagero descrevê-lo como uma psicose filosófica.

(LEON POLIAKOV,
THE ARYAN MYTH
*[O MITO ARIANO]***)**

Como uma sementeira da reforma protestante, a Alemanha foi historicamente uma nação bastante espiritual. Josef Goebbels e os outros visionários que criaram a pompa nazista trabalharam muito para explorar o misticismo. Tocaram em feridas na alma alemã, por meio de teorias raciais e visão de ascendência ariana. Seguidores de Hitler (isso viria mais tarde) criaram uma mitologia moderna do Führer como uma nova figura messiânica, rodeada de "apóstolos" (seu círculo íntimo) e "discípulos" (aqueles que assumiram *Mein Kampf* [*Minha luta*] e as proclamações de Hitler como revelação).

Quando Hitler consolidou seu poder e desenvolveu sua mística, alguns líderes da igreja estatal começaram a cair sob o feitiço nazista.

PASTOR E PROFETA

Uma igreja verdadeira e em funcionamento é crucial para formar e sustentar uma sociedade cristã saudável. A igreja autêntica fornece o cuidado pastoral como uma voz profética em uma cultura vibrante. Quando a igreja falha em qualquer uma dessas funções ou perde o equilíbrio essencial entre as duas, a sociedade começa a desmoronar e a cultura se enche de problemas.

Mesmo no meio da tragédia e do abandono de sua verdadeira missão pela igreja do *establishment*, há sempre um remanescente que permanece fiel a Deus e à Sua revelação. Tal paixão motivou o pastor Dietrich Bonhoeffer a deixar o porto seguro que seus amigos tinham tentado criar para ele na América e voltar para a Alemanha, onde assumiu o papel de voz profética contra Hitler.

Seus colegas do clero, Helmut Thielicke e Martin Niemöller, ainda que inicialmente esperançosos quanto à liderança de Hitler, logo reconheceram a influência demoníaca do Führer. Durante a guerra, enquanto bombas dos aliados alvejavam suas cidades, eles se recusaram a fugir, continuando a dedicar cuidados pastorais a suas comunidades.

Depois da guerra, Niemöller deu várias palestras em que confessou a cumplicidade da igreja alemã em não denunciar quando Hitler começou a oprimir vários grupos dentro da sociedade.

> Primeiro perseguiram os socialistas e não denunciei…
>
> Porque não era socialista.

> Então perseguiram os sindicalistas e não denunciei…
>
> Porque não era sindicalista.
>
> Então perseguiram os judeus e não denunciei…
> Porque não era judeu.
>
> Então eles me perseguiram e não havia mais ninguém para denunciar o fato.[398]

Os nazistas realmente perseguiram Niemöller em 1937. Depois de ficar preso por um tempo e ser libertado, ele foi preso mais uma vez pela Gestapo em 1938 e aprisionado em campos de concentração até o final da guerra. A citação de Niemöller reflete seu ponto de vista de que

> os alemães – em particular… os líderes das igrejas protestantes – tinham sido cúmplices, em função do seu silêncio, do encarceramento, da perseguição e do assassinato de milhões de pessoas cometidos pelos nazistas.[399]

No entanto, Niemöller e outros pastores haviam confrontado Hitler em seus esforços para purgar "tudo não alemão… da igreja".[400] Em um encontro veemente com Niemöller e vários líderes da igreja, o Führer gritou: "Eu cuidarei do povo alemão. Vocês, pastores, devem se preocupar em levar as pessoas para o céu e deixar este mundo para mim".

Conforme os eclesiásticos estavam saindo da reunião, Niemöller olhou diretamente para Hitler e disse:

> Um momento atrás, *Herr* Hitler, o senhor nos disse que cuidaria do povo alemão. Mas, como cristãos e homens da igreja, também temos responsabilidade pelo povo alemão, a qual nos foi colocada por Deus. Nem o senhor nem ninguém mais pode tirar isso de nós.[401]

Infelizmente, nem todos os pastores alemães tinham tanta coragem. De fato, depois do encontro com Hitler, muitos dos líderes da igreja se contrariaram com Niemöller.

Líderes cristãos heroicos durante a era nazista – incluindo Bonhoeffer, Niemöller e o filósofo católico Dietrich von Hildebrand – tinham uma visão abrangente do propósito de Cristo para sua igreja. Niemöller havia confrontado Hitler com o chamado pastoral da igreja, mas entendeu também a missão profética. E esta veria Bonhoeffer executado e Niemöller preso.

CORRUPÇÃO DA IGREJA

O que alarmou os líderes da igreja, por exemplo, Bonhoeffer, Niemöller e Hildebrand, foi a nazificação da igreja alemã em todas as suas formas. Aos olhos dos nazistas, os cristãos alemães constituíam "a igreja do *volk*", uma congregação de pureza ariana. Em outras palavras, a igreja simplesmente se tornaria uma extensão do Partido Nazista e da visão de mundo deste. Assim proclamava um cartaz em um comício cristão alemão em Berlim em 1931: "Um Reich, Um Povo, Uma Igreja."

Em sua biografia de Dietrich Bonhoeffer, Eric Metaxas escreve que Reinhold Krause, líder e orador no comício,

> exigiu que a igreja alemã, de uma vez por todas, se desfizesse de cada indício de judaísmo. […] o Novo Testamento deveria ser revisado… [para] apresentar um Jesus "que correspondesse por completo às exigências do Nacional-Socialismo".[402]

Se Churchill era um “pilar de suporte” em seu apoio à igreja a partir do exterior (como descreveu a si mesmo certa vez), Hitler era uma bola de demolição. Ele queria demolir as muralhas para poder construir uma igreja mais adequada à sua visão de mundo, uma igreja cuja doutrina servisse para manipular e controlar a vida espiritual do povo.

A verdadeira igreja se baseia na autoridade da Bíblia. A igreja de Hitler, entretanto, estaria baseada na “autoridade” da visão distorcida dele próprio a respeito das Escrituras. Em uma carta datada de 21 de abril de 1939, uma das secretárias de Hitler, Christa Schroeder, descreve a visão de seu chefe sobre a Bíblia, o valor e propósito dela:

> O cristianismo se baseia no conhecimento de 2 mil anos, ainda que confuso e desorientado pelo misticismo e pelo ocultismo (como as parábolas da Bíblia). A pergunta é: por que as ideias cristãs não podem ser atualizadas usando o conhecimento do presente?[403]

Um estudo mais detalhado de *Mein Kampf* [*Minha luta*] mostra que Hitler vislumbrava pouco valor na fé cristã.

> O cristianismo, sem se contentar em construir o próprio altar, foi motivado a destruir os altares pagãos. Somente fora dessa intolerância fanática poderia uma crença apodítica formar a si mesma; e essa intolerância seria até mesmo seu pressuposto absoluto. […]
>
> Hoje, o indivíduo pode afirmar com uma sensação de desconforto que, com o aparecimento do Cristianismo, o primeiro terror espiritual foi trazido para o muito mais velho mundo livre, mas ele não será capaz de negar o fato de que, desde então, o mundo tem sido ameaçado e dominado por essa compulsão, que é rompida apenas pela compulsão, e o terror pelo terror. Só então uma nova situação poderá ser criada.[404]

A intenção de Hitler em *Mein Kampf* [*Minha luta*] é clara: a criação de uma nova e mais moderna fé baseada nas próprias crenças políticas do Führer.

Hitler ameaçou abertamente a igreja não apenas em *Mein Kampf* [*Minha luta*], mas também em discursos públicos. Em uma dessas ocasiões, mostrou com bastante clareza a distinção entre as responsabilidades da igreja e as do Estado, preconizando que este era para ser uma lei em si mesmo.

> O Estado Nacional-Socialista lidará implacavelmente com esses padres que, em vez de servir ao Senhor, veem sua missão em propagar comentários sarcásticos a respeito de nosso atual Reich, suas instituições ou seus líderes. Isso chamará a atenção deles para o fato de que a destruição deste Estado não será tolerada. […] Destruir os inimigos do Estado é dever do Estado.[405]

Vozes expressivas da igreja alemã tentaram permanecer contra o que Hitler promovia. Muitos que o fizeram, como Dietrich Bonhoeffer, pagaram com a própria vida. Em julho de 1933, Hitler inconstitucionalmente forçou novas eleições para a igreja, e Bonhoeffer empenhou-se em reunir apoio para candidatos independentes, não nazistas. Infelizmente, seus esforços foram em vão. Hitler havia manipulado a eleição, e uma esmagadora maioria das principais posições da igreja foi para líderes que estavam solidamente ligados aos nazistas.

Após a eleição, Bonhoeffer envolveu-se na Confissão de Bethel, que se opôs ao movimento cristão alemão e afirmou a fidelidade de Deus aos judeus como Seu povo escolhido. Bonhoeffer ajudou a elaborar a Confissão, que estabeleceu distinções bem definidas entre cristianismo e

“germanismo”, para usar a frase dele mesmo.[406] A declaração foi então submetida a um grupo de teólogos proeminentes a quem caberia revê-la. O acontecimento posterior foi profundamente decepcionante.

“Enquanto revisavam”, escreve Eric Metaxas, “cada linha foi distorcida; cada aresta de diferença foi reduzida; e cada assunto ficou tosco. Bonhoeffer, muito chocado, recusou-se a trabalhar na versão final. Quando a concluíram, recusou-se a assiná-la”.[407]

Em setembro de 1933, Bonhoeffer, com Martin Niemöller, ajudou a formar a Liga de Emergência dos Pastores (*Pfarrernotbund*) em uma tentativa de unir teólogos evangélicos alemães, pastores e funcionários da igreja contra a introdução na igreja do chamado parágrafo ariano, “que exigia a exclusão da igreja, de todos os cristãos com ascendência judaica… [e] tinha o efeito notório de fazer da raça um requisito básico para a associação à igreja”.[408] A Liga de Emergência tornou-se a precursora da Igreja Confessional, que abertamente promovia Jesus, não o Führer, como chefe da igreja.

Essa questão se tornou irrelevante no final daquele mês com a reorganização da Igreja Protestante e o estabelecimento da Igreja Evangélica Alemã Nazista-Submissa, as quais adotaram o parágrafo ariano, proibindo os não arianos de assumirem postos paroquiais. Na nova ordem, ofereceram a Bonhoeffer um posto paroquial em Berlim, mas ele recusou sem rodeios em protesto à política ariana.

Bonhoeffer enxergou o perigo da ideologia de Hitler, e estava ciente dos campos de concentração surgindo em todo Oriente Europeu. Portanto, sentiu-se determinado a alertar o mundo do que Hitler estava prestes a fazer, na esperança de despertar o apoio dos aliados. Hans von Dohnányi, cunhado de Bonhoeffer, ajudou, tornando-o um agente nominal na Abwehr, a organização de inteligência militar da Alemanha, que o isentou do recrutamento para o Exército alemão e permitiu-lhe viajar para fora da Alemanha. Dentro do Abwehr, Dohnányi apresentou Bonhoeffer a um grupo que pretendia derrubar Hitler e reverter o dano que ele havia desencadeado na Alemanha.

Em abril de 1943, Bonhoeffer foi preso pela Gestapo, que suspeitara de suas atividades dentro da Abwehr. Detido em uma prisão em Berlim, submeteram-no a um interrogatório. Depois que em 20 de julho de 1944 fracassou uma conspiração de alto nível para assassinar Hitler, acabaram descobrindo alguns documentos ligando Bonhoeffer ao plano.

Quando a guerra se aproximava do fim, transferiram Bonhoeffer para o campo de concentração de Buchenwald, e depois para Flossenbürg, onde, em 9 de abril de 1945, foi executado por enforcamento, juntamente com outros conspiradores do 20 de julho.

Anos mais tarde, o Dr. H. Fischer-Hüllstrung, um médico nazista em Flossenbürg, recordou-se do que havia observado no dia da execução de Bonhoeffer:

> Vi o pastor Bonhoeffer… ajoelhado no chão orando com todo fervor para o seu Deus. Fiquei profundamente comovido com a forma como aquele homem amável e incomum orou, tão devoto e tão certo de que Deus ouvia a oração. No local de execução, mais uma vez ele fez uma breve oração, e então subiu os degraus até a forca, com coragem e compostura. Morreu passados alguns segundos. Nos quase cinquenta anos que trabalhei como médico, nunca vi um homem morrer tão plenamente submisso à vontade de Deus.[409]

Um dos principais objetivos de Hitler era silenciar a voz profética da igreja. Para silenciar aqueles que falavam contra o regime, os nazistas seguiam uma progressão que ainda hoje é muito

usada em debate político: *caricaturar i marginalizar i difamar i criminalizar i eliminar.*

Os propagandistas de Goebbels elevaram a arte da caricatura a novos patamares. Os judeus eram os alvos favoritos, com os semblantes retratados com características exageradas. Qualquer clero que se recusasse a pregar a doutrina retrabalhada pelos teólogos nazistas era retratado como bufão ignorante que intervinha no caminho do progresso.

Em 1937, Hans Kerrl, ministro nazista para assuntos da igreja, em resposta à afirmação de que "o cristianismo consiste na fé em Cristo como o Filho de Deus", disse: "Isso me faz rir".[410]

"O cristianismo não depende do Credo dos Apóstolos", Kerrl continuou. "O verdadeiistianismo é representado pelo partido [nazista], e o povo alemão é agora chamado pelo partido e especialmente pelo Führer para o verdadeiro cristianismo". Hitler, proclamou: "isso é o arauto de uma nova revelação".[411]

Assim, os líderes da igreja que não se curvassem à "nova revelação" tinham de ser marginalizados, retirados de seus púlpitos e conduzidos à clandestinidade. Os líderes e membros da igreja que os seguiam eram difamados, depreciados como pessoas que não conseguiam acompanhar os tempos. Caracterizavam os seguidores de Cristo como pessoas que corromperiam a nova pureza cultural inspirada pelos nazistas, fato que levou à criminalização da verdadeira igreja na Alemanha. Alguns de seus líderes já estavam em campos de concentração antes de o Holocausto começar.

Bruce Walker observa que a principal oposição institucional aos nazistas não veio "de universidades ou da ciência ou da arte ou da literatura ou do rádio ou dos jornais, mas apenas de pessoas religiosamente sérias".[412]

Como parte do plano dos nazistas para silenciar essa voz profética, em 1933 se estabeleceu Dachau como o primeiro campo de concentração. Em 1940, Dachau incluía uma "caserna clerical". Mais de mil padres católicos e ministros protestantes morreram lá.

Albert Einstein observou em primeira mão o valente papel desempenhado pela verdadeira igreja:

> Tendo sido sempre um ardente partidário da liberdade, voltei-me para as universidades assim que a revolução irrompeu na Alemanha, para encontrá-las refugiadas no silêncio. Então me voltei para os editores de jornais poderosos, que, apenas tardiamente, em artigos fluentes, alegaram ser os fiéis defensores da liberdade. Esses homens, assim como as universidades, foram reduzidos ao silêncio em poucas semanas. Então me dirigi aos escritores individualmente, àqueles que se passavam como os guias intelectuais da Alemanha, muitos deles discutindo com frequência a questão da liberdade e seu lugar na vida moderna. Eles, por sua vez, eram muito burros. Apenas a igreja se opôs à luta de Hitler contra a liberdade. Até então, eu não tinha qualquer interesse pela Igreja, mas agora sinto grande admiração e estou verdadeiramente atraído por ela, que teve a persistente coragem de lutar pela verdade espiritual e pela liberdade moral. Sinto-me obrigado a confessar que agora admiro o que costumava considerar de pouco valor.[413]

Os nazistas também tentaram usar a Bíblia para forçar os cristãos alemães a se alinharem. Alguns citaram as palavras do apóstolo Paulo em Romanos 13:1-2:

> Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos.

O governo Nacional-Socialista da Alemanha assumiu o controle da igreja, obrigando os líderes religiosos a fazerem o juramento de Hitler: prometer fidelidade não à bandeira ou ao governo ou mesmo ao país, mas ao próprio Adolf Hitler; reconhecer Hitler como autoridade suprema; e aplicar o parágrafo ariano. Os nazistas afirmavam que Deus, como o Criador, havia nomeado Hitler como Führer; portanto, a resistência significava uma violação direta da vontade de Deus. Na verdade, corromperam as palavras de Paulo em Romanos 13:3-5.

> Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência.

Os nazistas viam isso como sanção divina para exigir justiça daqueles que ou se recusavam a fazer o juramento, ou se atreviam a dizer qualquer coisa contra o novo regime.

AUTORIDADE *VERSUS* AUTORITARISMO

A distorção nazista ocorreu devido à ignorância deles – ou desconsideração deliberada – das diferenças entre *autoridade* e *poder*. Confundiam o autoritarismo com a verdadeira autoridade. Lúcifer foi o primeiro a descobrir que ser afastado de Deus significava perder a autoridade, e também foi o primeiro a empreender uma busca perpétua de poder puro em uma tentativa de preencher o vazio e continuar importante.[414]

Desde o Éden, a raça humana, criada à imagem de Deus, destinava-se a usar sua autoridade concedida por Ele para abençoar toda a criação. A rebelião no jardim separou a humanidade de seu correto relacionamento com Deus. Caim, exercendo poder puro, sem a sanção de autoridade, matou Abel e foi levado para a terra de Node, onde se aterrorizou com o poder que outros podiam usar contra ele.

Aí reside o contraste entre os reinos: O Reino de Deus é o reino da *verdadeira autoridade*; o reino de Satanás é visto na tirania do *poder puro*. Churchill e Hitler, em sua época, eram personagens principais nesta parábola de autoridade e poder. Embora Hitler claramente não entendesse a importância de autoridade transcendente, Churchill a compreendia. Em 1931, quando Churchill contemplou o futuro “daqui a cinquenta anos”, preocupou-se com os perigos do poder em mãos humanas:

> Sem um crescimento igual de compaixão, piedade, paz e amor, a própria ciência pode destruir tudo o que torna a vida humana admirável e tolerável. Nunca houve um tempo em que a virtude inerente dos seres humanos exigiu uma expressão mais forte e confiante na vida do dia a dia; nunca houve um tempo em que a esperança da imortalidade e o desprezo pelo poder terreno e pela conquista fossem mais necessários para a segurança dos filhos dos homens.[415]

A autoridade se revela no poder construtivo, enquanto o poder puro é inevitavelmente destrutivo, como Hitler e os nazistas amplamente demonstraram. A autoridade é concedida do mais alto para o mais baixo, mas o poder é confiscado. A autoridade é dada aos humildes, aqueles sob autoridade; o poder é arrebatado pelos orgulhosos, que não reconhecem autoridade sobre si mesmos. A autoridade é sustentada por meio do relacionamento, por isso Churchill

dedicou tanto tempo comunicando-se e estando entre o povo. Poder puro, por outro lado, é sustentado por quatro mecanismos de controle: *manipulação*, *condenação*, *intimidação* e *dominação*, habilidades que Hitler e os nazistas desenvolveram ao extremo.

Como vimos, o nazismo destroçou a alma alemã que outrora dera os tesouros espirituais do mundo. Churchill sabia que a humanidade sem coração representava a maior ameaça para si mesma. "Uma nação sem consciência é uma nação sem alma", disse. "Uma nação sem alma é uma nação que não pode viver".[416]

O guru da administração, Jim Collins, resume a diferença entre a autoridade da verdadeira liderança e a natureza coercitiva do poder puro:

> Se eu colocar uma arma carregada na sua cabeça, posso conseguir que você faça coisas que de outra forma não faria, mas eu não teria praticado liderança; teria exercido poder. A verdadeira liderança só existe se as pessoas seguirem o que lhes é pedido quando têm a liberdade de não seguir.[417]

Os governos recebem autoridade para estabelecer a ordem. Sem autoridade verdadeira, as nações resvalam para o caos. A igreja, no plano de Deus, é um canal de graça. Quando ela tenta se tornar executora da lei, afasta-se dessa vocação superior. Deus concede autoridade aos governos para promulgar e fazer cumprir a justiça e estender a misericórdia protegendo os inocentes. Só então o governo civil tem verdadeira autoridade e não é simplesmente autoritário.

Vemos essa situação no Antigo Testamento, com Israel e seu primeiro rei, Saul. Deus deu a Saul a mesma autoridade que todo líder tem: o direito de governar respeitando os limites dos Dez Mandamentos de Deus.

> 1. Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás outros deuses além de mim.
> 2. Não farás para ti nenhum ídolo.
> 3. Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus.
> 4. Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo.
> 5. Honra teu pai e tua mãe.
> 6. Não matarás.
> 7. Não adulterarás.
> 8. Não furtarás.
> 9. Não darás falso testemunho contra o teu próximo.
> 10. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo… nem coisa alguma que lhe pertença.[418]

Os Dez Mandamentos são fundamentais para as nações civilizadas. O regime de Hitler indecentemente infringiu todos eles. Uma vez que os nazistas se separaram das leis universais de Deus, tudo que lhes restou foi o abuso do poder puro.

Citado em "Martin Niemöller: 'First they came for the Socialists…'", *Holocaust Encyclopedia*. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Washington, DC. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007392>.

Ibid.

Colson, Charles. *Kingdoms in Conflict*. Grand Rapids: Zondervan, 1987. p. 138.

Ibid, p. 140.

Metaxas, Eric. *Bonhoeffer: Pastor, Martyr, Prophet, Spy*. Nashville: Thomas Nelson, 2010. p. 193.

Schroeder, Christa. *He Was My Chief: The Memoirs of Adolf Hitler's Secretary*. Barnsley, UK: Frontline Books, 2009. Edição Kindle.

Hitler, Adolf. *Mein Kampf [Minha luta]*. pp. 675-676.

Domarus, Max (ed.). *Hitler: Speeches and Proclamations, 1932-1945*, traduzido por Mary Fran Gilbert. Wauconda, IL: Bolchazi-Carducci, 1990. p. 1.451.

Metaxas. *Bonhoeffer*. p. 185.

Ibid.

"Introduction to the Theological Declaration of Barmen", *Book of Confessions*, edição de estudo. Louisville, KY: Geneva Press, 1996. p. 303.

Fischer-Hüllstrung, H., citado em Metaxas, *Bonhoeffer*. p. 532.

Kerrl, Hans, citado em Shirer. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. p. 239.

Ibid.

Walker, Bruce. "Christian Opposition to Nazi Anti-Semitism", *American Thinker*, 19 de novembro de 2007.

Einstein, Albert, citado em Helmreich, Ernst Christian. *The German Churches under Hitler: Background, Struggle, and Epilogue*. Detroit: Wayne State University Press, 1979. p. 345. Alguns têm negado que Einstein fez esta afirmação, mas o fato de que suas palavras foram publicadas amplamente na revista *Time* (23 de dezembro de 1940) e outros meios de comunicação, sem a refutação de Einstein, sustenta sua exatidão.

Isaías 14:12-17; Ezequiel 28:14-19.

Churchill. "Fifty Years Hence, 1931". Disponível em: <www.nationalchurchillmuseum.org/fifty-years-hence.html>.

Thompson, Kenneth W. *Winston Churchill's World View: Statesmanship and Power*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1983. p. 43. Thompson cita a seguinte fonte para essa citação de Churchill. Londres, Times, 17 de setembro de 1951. p. 4.

Collins, Jim. *Good to Great and the Social Sectors: A Monograph to Accompany Good to Great.* Boulder, CO: Jim Collins, 2005. pp. 12-13. Itálicos no original.

Os autores reproduzem fragmentos de Êxodo 20:2-4, 7-8, 12-17.

O nazismo e o desastre alemão

Outra hora de provação chegou. Mais um dia de prestação de contas está aqui. Uma provação e um juízo… que poderão vir a ser ainda mais decisivos do que as provações anteriores.

(OS GUINNESS,
***A FREE PEOPLE'S SUICIDE*)**

Como a Alemanha, uma nação com um patrimônio teológico e cultural tão rico chegou a um estado de ruína tão desastroso? Dadas as semelhanças entre a época de Churchill e a nossa, devemos ponderar como uma nação repleta de teologia, arte e ciência e desenvolvimento científico e tecnológico poderia colapsar aos pés de Hitler e do nazismo. Por que segmentos importantes da igreja ignoraram os sinais? Por que tantos na igreja se permitiram ser induzidos ao erro?

Hoje, muitas pessoas acreditam que a civilização cristã está mais uma vez sendo avaliada. Mary Eberstadt, pesquisadora sênior no Ethics and Public Policy Center em Washington, DC, descreve assim a situação:

> Algum tempo atrás, uma expressiva maioria das pessoas que vive no que ainda pode ser amplamente chamada de civilização ocidental acreditava em certas coisas: *Deus criou o mundo; Ele tem um plano para a humanidade; Ele promete vida eterna àqueles que vivem pela Sua Palavra*; e outros itens de fé que o cristianismo-judaico legou ao mundo. Hoje… não é uma expressiva maioria que continua a acreditar nisso.[419]

O sociólogo de Harvard Samuel Huntington refere-se à "fragilidade das nações" enquanto

> identidades nacionais, como outras identidades, são construídas e desconstruídas, valorizadas e desvalorizadas, aceitas e rejeitadas… com diferenças crescentes no meio… compromissos cosmopolitas e transnacionais e… valores extremamente nacionalistas e patrióticos.[420]

Anthony Daniels (escrevendo sob o pseudônimo Theodore Dalrymple), psiquiatra e médico aposentado que passou a carreira trabalhando em países emergentes e servindo a instituições no sistema de bem-estar social da Grã-Bretanha, vincula a destruição da sociedade civil a um colapso progressivo nas "restrições constitucionais, tradicionais, institucionais e sociais ao… mal".[421] Ser "não convencional", quebrando tabus e opondo-se às regras sociais tradicionais, são hoje "termos que recebem os maiores elogios no vocabulário dos críticos modernos".[422] No entanto, as consequências desse colapso na restrição moral se revelam simples e óbvias: "Quando as barreiras ao mal diminuem, ele floresce".[423]

Daniels também observa que o local de controle mudou de externo para interno. "Nas piores ditaduras, parte do mal cometido por homens e mulheres comuns ocorre porque temem não o

cometer. Lá, a bondade exige heroísmo". Mas agora, em nossa cultura pós-moderna atual, "em vez de um ditador… existem milhares, cada qual governante absoluto de sua pequena esfera. […] Talvez a característica mais alarmante deste mal de baixo nível, mas endêmico… é ser livre e espontâneo".

Depois de tudo o que observou, Daniels concluiu: "Nunca mais serei tentado a acreditar na bondade fundamental do homem, ou que o mal é algo excepcional ou alheio à natureza humana".[424]

A primeira-ministra Margaret Thatcher, em 1988, dirigindo-se à Igreja General Assembly da Escócia, disse:

> Recordo-me de muitos debates em minha juventude, durante os quais todos concordávamos que, se tentássemos colher os frutos do cristianismo sem suas raízes, eles iriam murchar. E não crescerão de novo a menos que cuidemos das raízes.[425]

Longe de nutrir as raízes da civilização cristã em nossa época, muito do que nossa cultura agora adota parece mais um herbicida.

O primeiro-ministro David Cameron, expressando seu desejo "nesta época cada vez mais secular" de que a Grã-Bretanha seja considerada "um país cristão", tem pedido a "expansão do papel das organizações baseadas na fé" na nação. "Pessoas que… advogam algum tipo de neutralidade secular não compreendem as consequências dela", disse em comentários que refletem uma visão quase churchilliana.[426]

Entender que pessoas como Churchill e outros líderes salvadores da civilização parecem ter surgido no momento certo da história nos dá esperança de que Deus tenha tais lideranças nas asas quando enfrentamos períodos críticos.

A Bíblia tem uma expressão para estas ocorrências oportunas: *a plenitude do tempo*. Jesus, por exemplo, nasceu "quando a plenitude do tempo chegou", de acordo com o apóstolo Paulo.[427] Conforme o propósito de Deus, a história humana constrói momentos de clímax. Deus muitas vezes posiciona estrategicamente líderes humanos para manter o curso da história nos trilhos e evitar o descarrilamento de Seu propósito final.

Talvez soe desanimador quando esses líderes não surgem rapidamente, porém o renomado historiador Will Durant expressou de forma otimista que "o excesso de nosso paganismo atual acaba garantindo alguma esperança de que não durará muito".[428] Essa esperança repousa sobre os ombros de líderes que Deus pode prover, com as qualidades de um Winston Churchill.

Muitos observadores de nossa situação contemporânea traçam paralelos entre a atual série de crises que coloca em risco a civilização ocidental, bem como todas as sociedades organizadas em todos os lugares, e as da época dos nazistas, embora a maioria pareça se concentrar sobretudo no terrorismo jihadista[429] como a imagem atual da crueldade nazista. Na época de Churchill, muitos se perguntaram se deveriam continuar a viver sob as liberdades da civilização judaico-cristã ou cair sob a tirania do Terceiro Reich. Em nossa época, a questão é se o mundo viverá de acordo com o reino de amor e graça de Cristo ou sob um califado de legalismo imposto pelo terror. No entanto, não é tão simples assim. Encontramos semelhanças mais amplas entre as forças contemporâneas de repressão e as dos nazistas.

OS QUATRO D

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, a força-tarefa aliada encarregada da restauração da liberdade, da ordem e da cultura alemãs precisou olhar para um contexto mais amplo. Acabar com a máquina militar que tinha abatido e aterrorizado milhões se tornou apenas parte do problema. As sementes do nazismo haviam sido semeadas profundamente na alma alemã desde pelo menos a década de 1920, e a malignidade espiritual, moral e filosófica que alimentou o câncer do nazismo vinha crescendo e espalhando-se por mais de um século. A visão de mundo nazista moldou família, educação, direito, entretenimento, mídia, governo, negócios, e até, como vimos, a teologia e a igreja.

A fim de abordar o problema de forma holística, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a União Soviética instituíram o Acordo de Potsdam em 1945 para definir categorias para a recuperação alemã. Houve variações na formulação precisa, mas o acordo geral abrangia quatro grandes grupos:

- Desmilitarização: desarmar e dissolver as forças militares alemãs.
- Desnazificação: erradicar das instituições a doutrina nazista alemã.
- Descartelização: eliminar cartéis e monopólios que haviam fornecido uma ferramenta tão fácil nas mãos dos nazistas para a construção da máquina de guerra de que dispunham.
- Democracia: devolver o governo alemão aos alicerces democráticos.

Por que os quatro D foram necessários? Como a Alemanha, antes uma terra de promessa, passou por uma guinada tão intensa em seus elevados ideais?

A Alemanha fora o berço da Reforma Protestante, o local de nidificação de movimentos espirituais profundos e uma floresta verdejante do estudo bíblico. No momento em que os nazistas chegaram para vasculhar a paisagem, o desmatamento já estava bem encaminhado por meio de forças que, de certa forma, são paralelas àquelas na parábola de Jesus sobre o agricultor espalhando sementes em Mateus 13:1-9. Enquanto lançava a semente, parte delas "caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas".[430] Na Alemanha, no final do século XIX e início do XX, quando os cristãos lançaram a boa semente do Evangelho por toda a terra, as ideologias vorazes do racismo científico, militarismo, mitologia teutônica e um messias complexo e distorcido rapidamente a engoliram.

Isso resultou em um desflorestamento espiritual, moral, ético, social, cultural e político. Examinando as etapas pelas quais a nazificação ocorreu na Alemanha, entendemos como devastação semelhante pode surgir em nossa cultura contemporânea.

DERRUBANDO OS QUEBRA-VENTOS

Pessoas que viviam nas pradarias dos Estados Unidos e do Canadá na década de 1930 sabiam a importância dos quebra-ventos. Tempestades de poeira naquela época eram tão intensas que o período ficou conhecido como *Dirty Thirties*.[431] No entanto, o problema não era apenas a tempestade de areia que levantava a camada superficial do solo, mas também o fato de que os ventos transformavam terra fértil em terra estéril. Os agricultores logo aprenderam a criar barreiras de vegetação que limitariam o impacto dos vendavais.

Johann Sebastian Bach, nascido em 1685, poderia ser o garoto-propaganda por tudo que havia de bom na alma do cristianismo alemão. "O objetivo e o fim de toda a música", disse, "não

deve ser outro senão a glória de Deus e o revigorar da alma".[432] Ele inscreveu a maioria de suas composições com as letras SDG, representando a Palavras latinas, *soli Deo gloria* (somente a Deus a glória)

Bach viveu o bastante para ver as primeiras incursões do deserto espiritual e cultural quando as forças redutivistas e destrutivas do Iluminismo começaram a derrubar os quebra-ventos. Usando a visão transcendente de Bach da música para a glória de Deus, teóricos do Iluminismo, como Charles Burney, reduziram-na à "arte de agradar", "um luxo inocente" e uma "gratificação do sentido da audição".[433] Immanuel Kant foi ainda mais aviltante ao dizer que a música instrumental é uma arte que "apenas mexe com as sensações".[434] Não era mais tudo sobre Deus, mas tudo sobre a experiência humana.

Bach trabalhou muito em sua época para construir os quebra-ventos que protegiam as artes e nutriam a alma alemã.

> Bach sabia que os tempos estavam mudando. Em [seus] trabalhos posteriores, foi erigindo monumentos que sustentavam a visão superior da música legada a ele por seus ancestrais: a música como um "revigorante do espírito" para o próximo, uma ferramenta para a proclamação do Evangelho e uma maneira de dar glória a Deus. No mundo que o cercava, essa visão foi rapidamente dando lugar a uma visão inferior da música gerada pelo Iluminismo.[435]

Na tentativa de escreverem música agradável ao ouvido alemão, os novos compositores iluministas contribuíram de fato para o definhar da alma alemã. As óperas de Wagner, embora musicalmente ricas, eram filosófica e espiritualmente devastadoras. Não é de admirar ser ele o compositor favorito de Hitler, e o fato de que ouvir uma ópera de Wagner provocava um apelo sinistro no jovem Adolf. Foi a canção da sereia das Valquírias, não o chamado do Espírito Santo, que convocou Hitler ao seu destino.

As mesmas teorias redutivistas que atingiram as artes também começaram a soprar com a força de um vendaval contra o quebra-vento da doutrina teológica sã e, no final do século XIX, os quebra-ventos da teologia alemã foram quase todos desenraizados. Finalmente, os áridos princípios do cientificismo teológico – assuntos do espírito humano podem ser avaliados empiricamente, qualquer ideia de causalidade transcendente deve ser sumariamente rejeitada, a ética básica da pesquisa científica e a aplicação devem ser a mera utilidade, e qualquer pessoa que desafie essas ideias não merece lugar nas instituições seculares – espalharam-se ao longo desse cenário. De fato, pode-se argumentar que a perversão da ciência, que Churchill achou tão angustiante e uma tremenda ameaça à civilização, resultou da perversão da teologia, a "rainha das ciências".

O teólogo alemão J. S. Semler desempenhou um papel fundamental no atentado à teologia. Milton Terry refere-se a Semler como "o pai da escola destrutiva do racionalismo alemão" em hermenêutica (interpretação bíblica) e teologia, embora também diga que Semler "ficou surpreso com o uso que outros fizeram de seus princípios críticos". Semler considerou o relato bíblico de milagres e as ideias de expiação sacrificial, a ressurreição de Cristo, a existência de anjos e a vinda de um julgamento final como "uma acomodação às noções supersticiosas, preconceitos e ignorância da época. O sobrenatural, então, foi colocado de lado".[436]

Semler fragmentou a erudição bíblica cortando o sagrado texto da inspiração do Espírito Santo e separando religião e teologia. A religião era um assunto privado, "em grande parte uma

questão de gosto pessoal, e devia ser cultivado como sentimento individual e motivado pelas imposições da razão".[437]

A Alemanha não foi o único lugar onde as ideias de Semler fincaram raiz. Quando William Wilberforce fez uma cruzada no Parlamento Britânico pelo fim do comércio de escravos, lorde Melbourne teria dito: "a que ponto as coisas chegaram quando se permite que a religião invada a vida pública".[438] No entanto, não devemos colocar a culpa de tudo em Semler, escreve Milton Terry. Alguns teólogos alemães "estavam completamente infectados com o fermento do deísmo inglês e da infidelidade francesa, e… por escritos que sopravam o mais ofensivo espírito de hostilidade a todas as doutrinas cristãs aceitas".[439] O trabalho de Semler, nas mãos de outros, transformou-se em "instrumento para a destruição de toda a fé na revelação divina".[440]

Os conceitos de racionalismo se expandiram gradativamente no século XIX, atingindo um momento explosivo com a publicação das teorias de Darwin e moldando o *Zeitgeist* àquele em que Adolf Hitler nasceu e foi educado. Teólogos alemães do século XIX ampliaram a divisão entre o Antigo e o Novo Testamento, forjada pelos antecessores do Iluminismo. Assim, escreve Leon Poliakov em *The Aryan Myth [O mito ariano]*, "os pais prepararam o terreno para as heresias das crianças".[441]

A psique alemã, alimentada por mitos teutônicos, ansiava pelo místico e o sobrenatural. Mesmo se a Bíblia pudesse ser descartada, os anseios místicos não poderiam. O hitlerismo não só celebrou o rebaixamento da autoridade bíblica efetuado pelo cientificismo teológico, mas também procurou preencher o vazio espiritual pelo qual a alma alemã era faminta e sedenta.

AS VENTANIAS DEVASTADORAS DO WAGNERISMO, NIETZSCHEÍSMO E DARWINISMO

Richard Wagner

Hitler reconheceu que Richard Wagner, o compositor de Bayreuth do século XIX, foi a fonte de sua visão de mundo e o inspirador de seu destino. Em *Mein Kampf* [*Minha luta*], Hitler declara que ele foi "cativado" pelo compositor. O "entusiasmo juvenil de Hitler pelo mestre de Bayreuth não conhecia limites".[442] Ele o manteve pelo resto da vida. "A linha de pensamento de Wagner é bastante familiar para mim", disse Hitler. "A cada passo da minha vida me oriento por ele."[443]

Parte do apelo de Wagner para o líder nazista estava nas nuances racialistas[444] do compositor. Entre as ideias em que se inspirava a arte de Wagner estava a metafísica antijudaica de Schopenhauer e as teorias raciais de Gobineau. Como Leon Poliakov observa, o trabalho de Wagner "era uma mescla de temas musicais, ideológicos, teatrais e religiosos" que "não poderia ter sido mais adequada às necessidades daquele tempo". Além disso, "em uma sociedade em busca de novos mitos e ávida por emoções desconhecidas", as composições e produções de Wagner "despertaram um frenesi de entusiasmo".[445]

Assim, a música de Wagner "desencadeou a selvageria dos nazistas", nas palavras de Thomas Mann.[446] Espiritualmente, escreve Mann, "o trabalho de Wagner foi uma proclamação clara desse movimento "metapolítico" que hoje aterroriza o mundo".[447]

Ouvir Wagner impulsionou Adolf Hitler e seus adeptos em direção ao puro triunfalismo, na convicção de que as crenças e as formas culturais arianas tinham todo o direito de vencer o mundo inteiro em razão da civilização superior. Milhões estavam sob o feitiço que Wagner,

morto há muito tempo, ajudara a criar. “Sob o Terceiro Reich”, escreve Geoffrey Wheatcroft, “Bayreuth tornou-se um templo da Arte Nacional socialista”.[448]

Hitler encontrou a família Wagner em Bayreuth, 1923, quando foi “homenagear a memória do compositor” e conhecer o genro do compositor, Houston Stewart Chamberlain (que, aliás, era também primo de Neville Chamberlain). “A eugenia subdarwinista, a defesa mística do sangue puro ariano e o ódio aos judeus” de Houston Chamberlain atraiu Hitler e, mais tarde, faria que fosse visto por muitos nazistas como “o profeta e o arauto do Terceiro Reich”.[449] No prazo de um ano da visita de Hitler em 1923, “alguns adeptos da música de Wagner já reivindicavam que ela estava sendo desvirtuada em nome de propósitos políticos repugnantes”.[450]

Depois disso, Hitler fez peregrinações anuais a Bayreuth. Conforme os membros da família Wagner e da comunidade de Bayreuth aprendiam mais sobre ele e sua visão de mundo, começaram a vê-lo como semelhante ao redentor *Parsifal*, de Wagner, que salvaria a Alemanha. Em resposta a essa adulação, Hitler teria declarado: “De *Parsifal* construo minha religião, um serviço sagrado em forma cerimonial sem armadilhas teológicas”.[451]

Assim, por meio da apropriação do trabalho do nazismo, Wagner forneceu a hinologia e as vastas orquestrações para as emergentes liturgias do neopaganismo, das quais os espetaculares comícios nazistas foram os principais exemplos.

Friedrich Nietzsche

Quando jovem, Nietzsche idolatrava Wagner, no entanto, mais tarde, voltou-se contra ele com um comportamento próximo da violência, sobretudo quando a mente de Nietzsche se deteriorou. Parte do problema era religioso: enquanto Wagner continuava a usar imaginário místico em suas óperas, Nietzsche havia se tornado um ateu militante para quem

> a crença em Deus não [era] mais possível, devido a aspectos do século XIX tais como o domínio do método histórico-crítico de leitura das Escrituras, o surgimento da ciência moderna (e com isso o aumento da incredulidade em relação a qualquer coisa milagrosa), o crescente senso de que a Escritura é apenas um produto humano, e a ideia de que Deus é criação da projeção do desejo.[452]

O próprio Nietzsche escreveu:

> Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós!
>
> Como haveremos de nos consolar, nós, os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Que água nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste ato não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses para parecermos apenas dignos dele?[453]

Os nazistas criaram um deus à própria imagem e usaram-no para manipular e controlar as massas. Os discípulos de Hitler escreveram novas escrituras que davam sustentação ao pensamento nazista e alimentam à força a fome da alma alemã com os conhecimentos recém-revelados sobre a antiga sabedoria.

Outra das ideias de Nietzsche adicionou mais veneno à situação: *o desejo de poder*. Segundo Nietzsche, a paixão pelo poder sobre os outros norteia todos os pensamentos e os comportamentos humanos. Não importa quão nobre ou quão aparentemente altruísta é uma ação,

o motivo está em sempre impor a vontade de alguém a outras pessoas. Para Nietzsche, todo indivíduo é um egotista.

A partir disso, os teóricos nazistas deduziram que o poder é a justificativa para todas as coisas por ser simplesmente o modo como as coisas são.

Nietzsche tinha uma visão apaixonada do futuro em que a mensagem de Cristo seria erradicada da Europa e a sociedade e cultura europeia estariam livres da "escravização" pela cristandade. Isso levaria à esperança apocalíptica de Nietzsche da vinda do *Übermensch* (Super Homem), a expressão final do desejo de poder. Porque, para Nietzsche, Deus está morto, e resta a humanidade como a forma mais elevada de ser. No entanto, mesmo na raça humana, surgiria uma manifestação do homem que seria superior a todos: o Übermensch.

O *Übermensch* estaria livre das restrições e da responsabilidade que pertencem à noção de verdade absoluta porque, em última análise, o poder determina a verdade. Não há um "eu superior"; o eu maior é aquilo que vive de forma plena e interage com a realidade existencial, que é tudo o que existe e, portanto, tudo o que importa.

Nas páginas de *Mein Kampf* [*Minha luta*], Hitler se inspirou nos conceitos de Nietzsche:

> Uma raça mais forte (*Geschlecht*) suplantará a mais fraca, na medida em que a motivação para a vida em sua forma final vai dizimar todos os grilhões ridículos da chamada humanidade dos indivíduos, para dar lugar à humanidade da natureza, que destrói os fracos para dar lugar aos fortes.[454]

Charles Darwin

Já examinamos em detalhes a relação entre Hitler e o darwinismo. Aqui, vamos simplesmente resumir as pressuposições darwinianas que mais afetaram Hitler e sua ideologia nazista.

Na primeira edição de *A origem das espécies*, Darwin usou o termo *seleção natural* para explicar a teoria da evolução, porém foi um pouco ambivalente quanto ao termo, "já que ele parece implicar escolha consciente".[455] Ele preferiu a frase "sobrevivência do mais apto", que adaptou do *Princípios de Biologia*, de Herbert Spencer (1866), e introduziu em *A origem das espécies* na edição de 1869.

Darwin considerou o termo de Spencer mais atraente porque enfatizava os processos mecânicos (impessoais, automáticos) da natureza, em vez do teleológico (que implicam propósito ou criação e, portanto, um criador). Darwin abandonou a noção do transcendente e descobriu que o rótulo de Spencer se mesclava bem com seleção natural, expressando-o de modo mais adequado.

Hitler, por outro lado, foi teleológico em sua teorização. Acreditava que a evolução estava mesmo se movendo em direção a um grande propósito: a coroação do surgimento do *Übermensch* ariano. Assim, a sobrevivência do mais apto exigia a classificação da espécie humana para distinguir o "superior" do "inferior". O superior, então, assumiria a responsabilidade de eliminar o inferior por meio da eugenia e do extermínio para que tais pessoas não enfraquecessem o patrimônio genético humano e dificultassem o caminho para o surgimento do ariano perfeito.

Spencer também foi essencial na criação de uma base para o Darwinismo social. Em *The Man versus the State [O homem* versus *o Estado]*, ele descreve como, mediante a sobrevivência do mais apto, "a forma militante de sociedade torna-se caracterizada por profunda confiança no poder governante, em conjunto com a lealdade, provocando submissão a ele em todo e qualquer

assunto".[456] Hitler interligou a evolução biológica darwiniana com a evolução social spenceriana na construção do Terceiro Reich.

> Deve existir a tendência entre aqueles que especulam sobre assuntos políticos em uma sociedade militante de estabelecer uma teoria que dá forma às ideias e aos sentimentos, acompanhada de afirmações que o legislador, se não divino em natureza, é divinamente orientado, e que obediência ilimitada a ele significa ordem divina.[457]

Hitler se considerava o portador escolhido pelos deuses, ou pelas forças evolutivas primordiais, para intervir no ritmo da evolução e ser seu guardião e acelerador. "Em um discurso de 1923", escreve Richard Weikart, "Hitler esclareceu a relação entre luta e direito".

> Decisivo [na história] é o poder que os povos (*volker*) têm dentro deles; acontece que o mais forte diante de Deus e do mundo tem o direito de impor sua vontade. […] Tudo na natureza é uma luta constante entre poder e fraqueza, um triunfo contínuo do forte sobre o fraco.[458]

Alguns estudiosos procuraram raciocinar por meio do darwinismo levando em conta sua conclusão lógica. Em última análise, o resultado da "seleção natural" ou "sobrevivência do mais apto" é que "só da morte em escala de genocídio poderiam os poucos progredir".[459]

Em última análise, a questão de quem devia morrer ou viver decorria da decisão sobre quem era "produtivo" ou "improdutivo". Pessoas que não pudessem produzir de acordo com os padrões nazistas seriam eliminadas. "Produtividade" não dizia respeito apenas a porcas e parafusos, fabricação e construção, mas à própria sociedade. Aquelas raças que desvalorizavam a sociedade e a criatividade cultural, como definidas pelos nazistas, deveriam morrer, juntamente com os portadores de deficiências mentais e físicas.

De acordo com a moralidade eugênica dos nazistas, eliminar obstáculos ao avanço da evolução humana representava o ato mais responsável e humano a ser tomado e contribuiria para uma melhor qualidade da vida humana.

Com a eugenia como impulso motivador e genocídio como resultado inevitável, entendia-se que a guerra, entre outros meios, era essencial para a luta pelo progresso evolutivo.

No período entre as duas guerras mundiais, Hitler ampliou sua "ética". Ao ganhar o poder na Alemanha, justificou sua brutalidade com base na necessidade moral. Preservar as raças que produziam cultura elevada "está ligado à lei de ferro da necessidade", escreveu em *Mein Kampf* [*Minha luta*]. Mesmo que exijisse métodos "severos", "é apenas do jeito que é!".[460] Nisso refletiu Nietzsche assim como Darwin.

UM ENSOPADO FERVILHANTE

Começamos este capítulo com a questão de como a Alemanha, com sua rica história cristã, pôde cair em tal desastre espiritual. O historiador Konrad Heiden acredita que isso não é surpreendente:

> A Alemanha foi o lugar perfeito para esse desenvolvimento. Quase em nenhum outro país tantos "milagres" foram realizados, tantos fantasmas conjurados, tantas doenças curadas pelo magnetismo, tantos horóscopos lidos, entre as duas Guerras Mundiais.[461]

Aromatizada pelas ervas amargas do wagnerismo, nietzscheísmo e darwinismo, e temperada com sementes de ressentimento deixadas pela Primeira Guerra Mundial, a ideologia nazista de Hitler tornou-se um ensopado fervilhante de misticismo, espiritismo, cientificismo, evolucionismo, triunfalismo e nacionalismo.

Churchill observava com atenção esses fenômenos que aconteciam na Alemanha. Um diagnosticador de nações, ele detectou a malignidade crescente na alma alemã. Se não fosse interrompida, ele sabia que surgiriam metástases até consumir não só o continente europeu e a Grã-Bretanha, mas a própria civilização ocidental.

Eberstadt, Mary. *How the West Really Lost God: A New Theory of Secularization*. West Conshohocken, PA: Templeton Press, 2013. p. 4. Itálicos no original.

Huntington, Samuel P. Who Are We? *The Challenge to America's National Identity*. Nova York: Simon & Schuster, 2004. pp. 107, 138.

Dalrymple, Theodore. *Our Culture, What's Left of It: The Mandarins and the Masses*. Chicago: Ivan R. Dee, 2005. p. 7.

Ibid, p. 10.

Ibid, p. 8.

Ibid.

Thatcher, Margaret. (discurso na Igreja General General Assembly da Escócia [Assembly Hall], Edimburgo, 21 de maio de 1988). Disponível em: <www.margaretthatcher.org/document/107246>.

Cameron. "My faith in the Church of England", Church Times, 16 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.churchtimes.co.uk/articles/2014/17-april/comment/opinion/my-faith-in-the-church-of-england>.

Gálatas 4:4.

Durant, Will. *Heroes of History: A Brief History of Civilization from Ancient Times to the Dawn of the Modern Age*. Nova York: Simon & Schuster, 2001. p. 19.

Terrorismo islâmico, também conhecido como terrorismo islamista ou terrorismo jihadista, é uma forma de terrorismo religioso cometido por extremistas islâmicos com o propósito de atingir variadas metas políticas e/ou religiosas. (N.T.)

Mateus 13:7.

Também conhecido como *Dust Bowl*. (N.T.)

Bach, Johann Sebastian citado em Wilbur, Gregory. *Glory and Honor: The Music and Artistic Legacy of Johann Sebastian Bach*. Nashville: Cumberland House, 2005. p. 1.

Burney, Charles citado em Taruskin, Richard. *Music in the Seventeenth and Eighteenth Centuries*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 363.

Ibid, p. 642.

Stapert, Calvin R. "To the Glory of God Alone", *Christian History*, ed. 95, 7 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ch/2007/issue95/1.8.html?start=5>.

Terry, Milton S. *Biblical Hermeneutics: A Treatise on the Interpretation of the Old and New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1979. pp. 55, 62.

Id. "Exegesis of the Eighteenth Century", in *Library of Biblical and Theological Literature*, v. 2, George R. Crooks and John F. Hurst (eds.). Nova York: Phillips & Hunt, 1883. p. 710.

Melbourne, Lord citado em Colson, Charles. *Kingdoms in Conflict*. Grand Rapids, Zondervan, 1989. p. 95. Esta citação é amplamente divulgada, e algumas versões apresentam Melbourne dizendo "vida privada" em vez de "vida pública". Seja qual for o caso, aparentemente ele não gostava da "interferência" da religião em qualquer nível.

Terry. *Biblical Hermeneutics: A Treatise on the Interpretation of the Old and New Testament*. p. 55.

Id. "Exegesis of the Eighteenth Century", in *Library of Biblical and Theological Literature*, v. 2. p. 710.

Poliakov, Leon. *The Aryan Myth: A History of Racist and Nationalist Ideas in Europe*, traduzido por Edmund Howard. Nova York: Basic Books, 1974. p. 310.

Hitler. *Mein Kampf [Minha luta]*. p. 23.

Hitler, citado em "Hitler and Wagner", The Telegraph, 25 de julho de 2011. Disponível em: <www.telegraph.co.uk/culture/music/classicalmusic/8659814/Hitler-and-Wagner.html>.

O racialismo (ou racismo científico) é um neologismo que designa a "teoria científica das raças humanas". Não deve ser confundido com racismo. (N.T.)

Poliakov. *Aryan Myth*. p. 311.

Ibid.

Mann, Thomas. *Wagner und Unsere Zeit*. Frankfurt: S. Fischer, 1963. p. 158.

Wheatcroft, Geoffrey. "A Widow's Might," resenha de Winifred Wagner: *A Life at the Heart of Hitler's Bayreuth*, de Brigitte Hamann, New York Times, 11 de março de 2007. Disponível em: <www.nytimes.com/2007/03/11/books/review/Wheatcroft.t.html?_r=0&pagewanted=print>.

Miller, Lucasta. "At Home with the Wagners", *The Guardian*, 19 de agosto de 2005. Miller cita "the seer and herald of the Third Reich" [o profeta e o arauto do Terceiro Reich], de Brigitte Hamann, *Winifred Wagner: A Life at the Heart of Hitler's Bayreuth*. Boston: Harcourt, 2005. p. 59. Disponível em: <www.theguardian.com/books/2005/aug/20/featuresreviews.guardianreview8>.

Ibid.

Arnhart, Larry. "Nietzsche, Hitler, and Wagner's Parsifal", *Darwinian Conservatism by Larry Arnhart* (blog), 15 de novembro de 2013. Disponível em: <http://darwinianconservatism.blogspot.com/2013/11/nietzsche-hitler-and-wagners-parsifal.html>.

Benson, Bruce E. *Pious Nietzsche: Decadence and Dionysian Faith*. Bloomington: Indiana University Press, 2008. pp. 31-32.

Nietzsche, Friedrich. *The Gay Science*, traduzido por Walter Kaufmann. Nova York: Random House, 1974. p. 181.

Hitler. *Mein Kampf [Minha luta]*. Munich: NSDAP, 1943. pp. 144-145, conforme citado em Cantor, Geoffrey, e Swetlitz, Marc (eds.). Jewish Tradition and the Challenge of Darwinism. Chicago: University of Chicago Press, 2006. p. 114.

Esta observação é encontrada na nota de rodapé 6 na transcrição do Darwin Correspondence Project's de uma carta de C. R. Darwin para A. R. Wallace (5 de julho de 1866). Disponível em: <http://darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-5145.xml;query=5145;brand=default;hit.rank=1#hit.rank1>.

Spencer, Herbert. *The Man versus the State: A Collection of Essays* (ed.). Truxton Beale. Nova York: Mitchell Kennerley, 1916. p. 229.

Ibid, pp. 229-230.

Weikart. *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics, and Racism in Germany*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 210.

Desmond, Adrian. *Huxley: From Devil's Disciple to Evolution's High Priest*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1997. p. 271.

Hitler. *Mein Kampf [Minha luta]*. pp. 316-317.

Heiden, Konrad, citado em Sklar, Dusty. *The Nazis and the Occult*. Nova York: Dorset Press, 1977. p. 3.

A urgente preocupação de Churchill – e a nossa

A civilização é terrivelmente frágil, como você bem sabe. Não há muito entre nós e os horrores de baixo. Praticamente uma camada de verniz, não é mesmo?

(C. P. SNOW,
***A COAT OF VARNISH*)**

Winston Churchill tinha bons motivos para se preocupar com a sobrevivência da civilização cristã. O câncer ariano que se expandia na Alemanha também afetava a sociedade britânica. Churchill acreditava no excepcionalismo da visão de mundo judaico-cristã, a qual havia presenteado a Grã-Bretanha com seus melhores valores. Portanto, pelo menos na mente de Churchill, Hitler precisava ser derrotado a todo custo em virtude da civilização cristã.

> A civilização não continuará, a liberdade não sobreviverá, a paz não será mantida, a não ser que a grande maioria da humanidade se una para defendê-las e se mostre detentora de um poder ante o qual as forças bárbaras e atávicas permanecerão temidas.[462]

Como estudante de história, Churchill teria conhecido o trabalho de um de seus contemporâneos, o historiador de Oxford Arnold Toynbee, que teorizou sobre a inevitabilidade e o processo do declínio civilizacional e a morte. Enquanto Churchill ponderava sobre o destino da própria nação, ele poderia estar preocupado sobretudo com a concepção de Toynbee de que as civilizações cometem suicídio em vez de perecer por meio de assassinato.

Churchill sabia que não poderia haver ambiguidade em sua política quanto aos nazistas. A situação era clara: ordem ou caos, claro ou escuro, bom ou mau. As doutrinas contemporâneas de equivalência, segundo as quais todas as coisas são de igual verdade, na época populares entre os intelectuais britânicos, eram impensáveis. Equivalência promove ambiguidade; ambiguidade dá à luz confusão; e confusão gera desastre, conforme o início do século XXI já bem mostrou. Isso com certeza está presente no que o cientista político de Harvard, Samuel Huntington, escreve:

> Esforços para definir interesse nacional pressupõem concordância sobre a natureza do país cujos interesses estão sendo definidos… O interesse nacional deriva da identidade nacional. *Precisamos antes saber quem somos para depois saber nossos interesses*.[463]

Equivalência não sabe por onde ou por que lutar. Política exterior e a defesa de uma nação e sua civilização podem se perder no nevoeiro relativista.

John Maynard Keynes, o economista que deu à escola de economia keynesiana mundial, comentou sobre o clima intelectual predominante de sua época.

> A debilidade e a superficialidade, bem como a falsidade, de nossa visão do coração do homem tornaram-se, como agora me parece, mais óbvias… Nossos comentários sobre a vida e os assuntos foram brilhantes e divertidos, mas frágeis… porque não havia um diagnóstico sólido da natureza humana subjacente a eles. [Bertrand Russell] em particular sustentou ao mesmo tempo um par de opiniões absurdamente incompatíveis.[464]

Winston Churchill não mergulhou em um obscuro nevoeiro de "opiniões absurdamente incompatíveis" em busca de uma política. Sabia muito bem quem ele era e também a identidade de sua nação. Portanto, entendia claramente o que significava a luta com os nazistas: a sobrevivência da civilização cristã. Segundo Churchill, ninguém negocia com o diabo e o inferno.

> Temos uma única meta e um único objetivo irrevogável. Estamos decididos a destruir Hitler e todos os vestígios do regime nazista. Nada disso nos transformará. Nada. Jamais negociaremos; jamais negociaremos com Hitler ou qualquer de sua gangue. Lutaremos com ele por terra; lutaremos com ele pelo mar; lutaremos com ele no ar, até que, com a ajuda de Deus, livremos a terra da sombra dele e libertemos os povos de seu jugo. Qualquer homem ou qualquer Estado que lute contra o nazismo terá nossa ajuda. Qualquer homem ou qualquer Estado que marche com Hitler será nosso inimigo.[465]

Churchill detestava o nazismo porque reconhecia que ele acabaria destruindo o rico fruto da civilização cristã que abençoara muitas nações. Também reconhecia que o objetivo de Hitler era derrubar a mesma árvore que havia carregado a fruta saudável, substituindo-a por outra, repleta apenas de espinhos e cardos.

NAQUELA ÉPOCA E AGORA

Há significativas semelhanças entre o ataque à civilização cristã na época de Churchill e na nossa.

UM INIMIGO MILITARISTA FEROZ COM UMA VISÃO DE HEGEMONIA GLOBAL

Antes que grande parte do mundo compreendesse as implicações da ideologia de Hitler, Churchill entendeu o núcleo niilista do nazismo. Falando em Devonshire, em 1933, ele chamou os nazistas de

> as pessoas mais formidáveis do mundo, e agora as pessoas mais perigosas, que inculcam uma forma de luxúria sanguínea em seus filhos e estabelecem a doutrina de que toda fronteira deve ser o ponto de partida para a invasão.[466]

Churchill equiparou a ascensão do nazismo ao retorno à Idade das Trevas em um discurso aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha, transmitido em 16 de outubro de 1938.

> Somos confrontados com outro tema. Não é um tema novo; ele vem da Idade das Trevas: perseguição racial, intolerância religiosa, privação da liberdade de expressão, concepção do cidadão como uma fração desprovida de alma do Estado. Para isso foi acrescentado o culto da guerra. As crianças devem aprender, nos primeiros anos de escolaridade, as delícias e os lucros da conquista e da agressão. Toda uma comunidade poderosa foi arrastada dolorosamente, por severas privações, para um quadro bélico.[467]

Muitos no século XXI se chocaram com a intensificação do caos global, da constante ameaça de ataques terroristas, passando por explosões aleatórias de bombas à beira da estrada, sequestros em massa de alunas inocentes, e crescentes insurgências pelo Estado Islâmico apátrida, cujos proponentes registram e publicam na Internet imagens de decapitações e outros assassinatos, vê-se que as ameaças ao que Churchill denominou civilização cristã estão mais uma vez crescendo.

Na verdade, talvez o perigo seja ainda maior do que na época de Churchill. Durante a Segunda Guerra Mundial, os aliados enfrentaram um inimigo que travou uma guerra convencional, com linhas identificáveis e regras de engajamento. As linhas poderiam mudar, mas sempre seriam localizadas, fornecendo pontos claros para a concentração de força. O conflito no século XXI tornou-se amorfo. A fúria do terrorismo ou da guerra de guerrilha pode explodir em qualquer lugar a qualquer momento. E agora as linhas de batalha são espirituais, morais, éticas e intelectuais, além de brutalmente físicas.

FORÇAS INTERNAS QUE ERAM ANTINOMIANAS E ANTICIVILIZACIONAIS

Na Grã-Bretanha, no decorrer da década de 1930, o socialismo e o comunismo se voltaram ao ateísmo. Hoje, presenciamos o surgimento de um ateísmo militante em toda a cultura ocidental. Do ponto de vista da tradição britânica, os movimentos na época de Churchill eram afligidos por poderosas tendências antinomianas e anticivilizacionais, dimensionadas pelos tradicionais cânones da Grã-Bretanha.[468]

As elites de Bloomsbury-Cambridge manifestavam uma afirmação intelectual à rejeição social das restrições culturais tradicionais. Muitos eram hedonistas que viviam de acordo com as próprias sanções éticas. Assim, estabeleciam diferenças entre “valor intrínseco” e “instrumental valor”. Importava o *intrínseco*, a ação tomada para o próprio bem dela. Segundo esse ponto de vista, eram capazes de justificar, em bases morais autocráticas, qualquer coisa que lhes trouxesse prazer.

Tal intelectualismo incomodava Winston Churchill à medida que o poder de Hitler crescia. Entre outras coisas, a intelectualidade do grupo Bloomsbury-Cambridge desdenhava da tradição britânica e a desprezava precisamente na época em que o povo precisava reconhecer a rica herança de sua sociedade e também a ameaça que Hitler representava para ela. Assim, no Dia de São Jorge, em 1933, Churchill disse:

> Nossas dificuldades vêm do clima de autossuficiência injustificável em que fomos lançados por uma poderosa parte de nossos intelectuais, bem como da aceitação de doutrinas derrotistas por uma grande parte de nossos políticos. Mas o que eles têm a oferecer senão um vago internacionalismo, um materialismo esquálido e a promessa de utopias impossíveis?[469]

Depois da guerra, a opinião de Churchill não se alterou – ficou ainda mais intensa. Durante um debate na Câmara dos Comuns em 28 de outubro de 1948, ele falou de um clima na nação “encorajado pela raça de intelectuais degenerados… que, quando acordam todas as manhãs, examinam a herança britânica, seja ela qual for, para ver o que podem encontrar para demolir, minar ou rejeitar”.[470]

Em 2012, Os Guinness identificou uma mentalidade atual que nasce do que ele chamou de

> um niilismo suave, embora decadente, que devora a tradição, destrói a coesão social, barateia os padrões culturais, esvazia as convicções morais e nos próximos anos produzirá a própria colheita sombria de consequências sociais.[471]

"A recuperação do controle moral e o retorno da ordem espiritual tornaram-se agora as condições indispensáveis para a sobrevivência humana", disse o estudioso da cultura britânica Christopher Dawson nas Conferências Gifford de 1947, na Universidade de Edimburgo.[472] "Cristianismo", disse Dawson, "é a alma da civilização ocidental… Quando a alma se vai, o corpo apodrece."[473]

UM CONSENSO PÚBLICO DESINFORMADO E INGÊNUO EM RELAÇÃO ÀS AMEAÇAS

Richard Langworth escreve que "Churchill encontrou um aliado natural em Franklin Roosevelt… cuja clarividência em relação a Hitler era mais atraente para Churchill do que a fantasia dos próprios companheiros britânicos".[474]

Alguns, mesmo entre as elites britânicas, viam Hitler como o símbolo de um novo dinamismo tomando forma no mundo. Robert Boothby, um aliado de Churchill na Câmara dos Comuns, descreveu o estado de espírito em um memorando secreto para o Gabinete de Guerra em 20 de março de 1940. Hitler e seus seguidores representavam para alguns "a incrível concepção de um *movimento* jovem, viril, dinâmico e violento, que está avançando irresistivelmente para derrubar um velho mundo decadente".[475] Aqueles que francamente admiravam Hitler na Grã-Bretanha pré-guerra variavam de Oswald Mosley, fundador da União Britânica de Fascistas, para escritores modernos e vanguardistas como Wyndham Lewis, Enid Bagnold e Philip Gibbs, incluindo-se aí o magnata da mídia, lorde Rothermere.

Outros, cuja admiração não era tão aberta, pensavam que a Grã-Bretanha poderia usar uma dose do que quer que tenha energizado a Alemanha sob os nazistas. Um quarto de século depois de terminada a Primeira Guerra Mundial, os absurdos e os horrores da guerra haviam sido banhados por uma luz romântica, e alguns na Grã-Bretanha sentiam que "os alemães foram guerreiros galantes e corajosos".[476] Alguns também acreditavam que o governo parlamentar, juntamente com uma monarquia constitucional, era uma relíquia morosa, e que o povo britânico precisava do dinamismo e da eficiência dos nazistas. The Cliveden Set, um influente grupo pró-conciliação que muitas vezes se reuniu na propriedade de lady Nancy Astor, na zona rural de Buckinghamshire, tornou-se símbolo dos notáveis da sociedade britânica que pendiam para Hitler na década de 1930.

Algumas vezes, tais pessoas encontravam o caminho até a casa de Winston Churchill. As irmãs Diana e Unity Mitford, entusiastas de Hitler, eram parentes de Clementine Churchill. A "tribo Mitford", como Mary Soames, a filha mais nova de Churchill, dizia, eram "agradáveis" com Winston e Clementine. Minha avó (de Jonathan), Diana Churchill, fora dama de honra no casamento de Diana Mitford em 1929. Mais tarde, Diana Mitford abandonaria o marido e teria um caso com Oswald Mosley. (Ironicamente, na época inicial da guerra, especialmente em 1940, quando a vitória alemã parecia inevitável, Mosley, como proeminente fascista, foi um provável candidato a primeiro-ministro depois que os nazistas conquistaram a Grã-Bretanha.)

Mary Soames registra que Diana e Unity Mitford “foram ao primeiro dos comícios de Nuremberg [organizado por Josef Goebbels], no qual o ardor que sentiam pelo Führer foi previsivelmente avivado”. Por outro lado, os pais delas consideravam Hitler e os nazistas “uma gangue assassina de pragas” e estavam “absolutamente horrorizados” com o fato de as filhas se associarem a líderes nazistas. Em 1935, Unity Mitford conheceu Hitler em pessoa, “e ela e Diana passaram a fazer parte do círculo do Führer”. No entanto, quando a moça apresentou a mãe a ele, sentiu-se desapontada porque a genitora não ficou impressionada. Ela “não sente a bondade e a maravilha que irradiam como nós”.[477]

Diana e Unity participaram de novo dos comícios de Nuremberg em 1933, o mesmo ano em que Churchill cada vez mais se posicionava contra o rearmamento nazista e complacência britânica.

Em 1936, logo após retornar dos Jogos Olímpicos de Berlim, Diana Mitford jantou com os Churchill em Chartwell, encorajando Churchill a se encontrar com Hitler. “Ela achava que eles se dariam bem juntos, mas Winston não se animou”, recorda Mary Soames anos mais tarde.[478]

Mesmo em 1942, praticamente na metade do conflito mundial, Churchill angustiava-se com a divisão na sociedade britânica em relação à guerra. Elizabeth Nel, uma das suas secretárias nesse período, observou: “[Churchill] sentia profundamente as nossas perdas, e lançou-se de novo ao revide”. Mas “foi a falta de unanimidade em casa que o perturbava ainda mais”.[479]

UM PÚBLICO COMPLACENTE QUE HAVIA SE ESQUECIDO DA IMPORTÂNCIA DE SEUS VALORES ESSENCIAIS

Não foram apenas os membros de destaque da aristocracia que influenciaram a política de apaziguamento nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. A opinião pública também se posicionou em grande parte a favor. No entanto, a atitude de muitos na década de 1930, acreditando que Hitler estava fornecendo um modelo para energizar uma nação, representou uma gritante contradição dos princípios democráticos que haviam se desenvolvido na Grã-Bretanha desde o século XIII. A visão e o plano de Hitler se opunham diametralmente aos valores históricos de mais importância sobre os quais a liberdade britânica se assentava.

Entretanto, em 1933, os estudantes da Universidade de Oxford adotaram uma moção propondo *não* ir à guerra pelo rei e pelo país no futuro. Aparentemente, os jovens não encontravam coisa alguma em sua sociedade pela qual valesse a pena lutar. Eleitores em East Fulham derrotaram o candidato do Partido Conservador, que era defensor do rearmamento, e elegeram seu adversário, que apoiava o desarmamento. Desse modo, enquanto Hitler incrementava o rearmamento alemão em 1936, em um ponto em que ainda poderia ter sido detido, o governo britânico, com expressivo apoio público, reduzia a própria capacidade militar.

Grande parte da imprensa britânica ajudou a formar a opinião pública e, apesar de Hitler ter planejado abertamente sua visão de mundo e suas metas, muitos não viam necessidade de detê-lo. Na maioria do público britânico e também no Parlamento, prevalecia a vontade de evitar outra guerra mundial.

Hoje, há um nível inquietante de analfabetismo histórico em toda a América e na Europa. Em 1995, o historiador David McCullough lançou o alerta em uma cerimônia no National Book Awards.

> Hoje, estamos criando uma nova geração de americanos que, em um nível alarmante, é historicamente analfabeta. Uma situação séria e lamentável. E bem real, sem qualquer equívoco. Ela vem se estabelecendo há muito tempo, como uma doença insidiosa, corroendo a memória nacional. Enquanto a cultura popular clamorosa avança, o passado americano está se desvanecendo, fora da visão e da mente. Estamos perdendo nossa história, esquecendo quem somos e o que é preciso para chegar tão longe.[480]

"O que é preciso para chegar tão longe" implica um compromisso com a visão de mundo judaico-cristã que foi a base do melhor da história, que agora corremos o risco de esquecer, e que produziu o fruto da civilização cristã pela qual Churchill era tão apaixonado por defender.

No entanto, a fonte de todo aquele bom fruto está sofrendo hoje um ataque de todos os lados. Enquanto isso, os defensores de outras visões de mundo e sistemas de crenças estão zelosamente avançando nas próprias causas, comprometidos em propagar sua ideologia a todas as nações, como Hitler fez nos anos 1930.

Assim como a natureza abomina o vácuo, o mesmo ocorre com a alma humana. Quando nos esquecemos de quem somos e de onde viemos, um grande vazio vai sendo talhado na alma do Ocidente, e muitos outros sistemas de crenças estão buscando preencher o vácuo. No mercado de ideias em constante expansão, não surpreende que "o paganismo antigo e a idolatria estejam voltando com força na civilização ocidental".[481]

Em nossa época, perder o sentido da importância da preservação da civilização cristã, ideia tão central ao pensamento de Churchill, também gerou a desvalorização da história. Como Theodore Dalrymple (Anthony Daniels) observa: "Críticos das instituições sociais e tradições… devem sempre estar cientes de que é necessário que se conserve a civilização pelo menos tanto quanto ela precisa mudar".[482] Em seu tempo, Churchill procurou praticar a conservação histórica e destacou a importância de derrotar os nazistas, além de outros movimentos que no futuro pudessem comprometer a ordem dessa civilização.

A RIMA DA HISTÓRIA

Alguém disse que a história não se repete, mas rima.[483] Muitos observadores da situação global hoje ouvem acordes familiares desde a época de Churchill, sobretudo desde a ascensão do nazismo e o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

O historiador militar Victor Davis Hanson adverte que os líderes americanos e europeus "estão repetindo os erros de seus antecessores dos anos 1930".[484] No *The Atlantic*, Graeme Wood diz: "Os partidários do Estado Islâmico têm o mesmo apelo" de Hitler antes da Segunda Guerra Mundial, "projeta[ndo] uma qualidade mais subserviente, mesmo quando seus objetivos são covardes ou repugnantes".[485] Os jovens lutadores do ISIS "acreditam que estão pessoalmente envolvidos em batalhas além da própria vida, e que serem meramente arrastados para o drama, do lado da justiça, é um privilégio e um prazer, sobretudo quando é também um fardo".[486] Enquanto isso, *Mein Kampf* [*Minha luta*] é apreciado por novos leitores na Europa e em outros lugares.

No "rimando" da história, deparamos mais uma vez com as questões de decadência interna e um feroz conjunto de adversários externos, motivados pela ideologia no exato momento em que as democracias ocidentais parecem desamparadas em um mar de dúvidas e ambiguidades.

Multidões do nosso tempo repetem a mesma pergunta feita por aqueles que Winston Churchill despertou nos anos 1930 e 1940: *Há alguma esperança?*

Churchill (discurso de chanceler. Universidade de Bristol, Inglaterra, 2 de julho de 1938). In James, Robert Rhodes (ed.). *Winston S. Churchill: His Complete Speeches, 1897-1963*. Nova York: Chelsea House, 1974, v. 6, 5991.

Huntington, Samuel P. "The Erosion of American National Interest: The Disintegration of Identity", in Wilson III, Ernest J. *Diversity and US Foreign Policy: A Reader*. Nova York: Routledge, 2004. p. 101. Itálicos acrescentados.

Keynes, John Maynard. "CW 10, 'My Early Beliefs' (1938)", in *The Essential Keynes*. Londres: Penguin Classics, 2015.

Churchill, transmitido na guerra soviético-alemã, 22 de junho de 1941. Disponível em: <www.ibiblio.org/pha/policy/1941/410622d.html>.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 137.

Churchill. "The Defence of Freedom and Peace (The Lights Are Going Out)" (transmissão para os Estados Unidos e para Londres, 6 de outubro de 1938). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/the-defence-of-freedom-and-peace>.

A palavra antinomiano deriva da fusão de dois termos gregos: *anti*, que significa "contra" ou "no lugar de", e nomos, "lei". Portanto, antinomianismo é, em geral, a ideia de que alguém não precisa obedecer às leis de Deus ou da sociedade.

"Wit and Wisdom 'St. George and the Dragon'", *Finest Hour* 145, inverno de 2009-2010, 19. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-145/wit-and-wisdom-st-george-and-the-dragon>.

"Empire or Commonwealth?" *Finest Hour* 154, primavera de 2012. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/publications/finest-hour/finest-hour-154/wit-and-wisdom>.

Guinness. *A Free People's Suicide*. Downers Grove, IL: IVP Books, 2012. p. 169.

"Christopher Dawson: His Interpretation of History", Modern Age, verão de 1979. p. 263. Citado em Colson, Charles. *Kingdoms in Conflict*. Grand Rapids: Zondervan, 1987. p. 288.

Ibid.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 115.

Lukacs. *Five Days in London [Cinco dias em Londres]: May 1940*. pp. 16-17. Itálico no original.

Id. *The Duel: The Eighty-Day Struggle between Churchill and Hitler*. New Haven, CT: Yale University Press, 1999. p. 40.

Soames. *A Daughter's Tale: The Memoir of Winston Churchill's Youngest Child*. pp. 92-93.

Ibid.

Nel. *Mr. Churchill's Secretary*. Nova York: Coward-McCann, 1958. p. 78.

David McCullough, "Why History?" (discurso na cerimônia do National BookAwards, 15 de novembro de 1995). Disponível em: <https://www.nationalbook.org/david-mccullough-accepts-the-1995-medal-for-distinguished-contribution-to-american-letters/>.

"American Astarte", *Kairos Journal*, 20 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.kairosjournal.org/document.aspx?DocumentID=5073&QuadrantID=4&CategoryID=6&TopicID=23&L=1>.

Dalrymple, Theodore. *Our Culture, What's Left of It: The Mandarins and the Masses*. Chicago: Ivan R. Dee, 2005. p. 11.

Tal citação é com frequência atribuída a Mark Twain, mas não há qualquer fonte que evidencie que ele a tenha dito.

Victor David Hanson, "Our Dangerous Historical Moment", *National Review*, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <www.nationalreview.com/node/414021/our-dangerous-historical-moment-victor-davis-hanson>.

Wood, Graeme. "What ISIS Really Wants", *The Atlantic*, março de 2015. Disponível em: <www.theatlantic.com/features/archive/2015/02/what-isis-really-wants/384980>. Wood usa como fonte a revisão de 1940 de *Mein Kampf [Minha luta]*, feita por George Orwell.

Ibid.

Parte IV

ESPERANÇA

PARA

NOSSA

ÉPOCA


CENTENARY OF THE BIRTH OF SIR WINSTON CHURCHILL 30 November 1974
$1
AITUTAKI
COOK ISLANDS

Como Churchill manteve a calma e seguiu em frente

Ria um pouco e ensine seus homens a rir… Se você não consegue sorrir, force um sorriso. Se você não consegue sorrir, fique fora do caminho até que consiga.

(WINSTON CHURCHILL, A SEUS OFICIAIS NAS TRINCHEIRAS DA FRANÇA, 1916)

As condições globais contemporâneas tornaram-nos absolutamente cientes da natureza frágil da ordem civil e da necessidade de a humanidade se unir contra as "forças bárbaras e atávicas" mencionadas por Winston Churchill.[487]

Vivemos em uma era estressante que o colunista do *New York Times*, Roger Cohen, chama de "tempo de desdobramentos".[488] Cohen imagina uma conversa futura sobre as situações sombrias do presente e escreve:

> Era o tempo de desdobramentos… tempo de decapitações… tempo de agressão… tempo de separação… tempo de fraqueza… tempo de ódio… tempo de febre… tempo de desorientação em que o tecido da sociedade se desgastou.[489]
>
> A democracia parecia pitoresca ou obsoleta comparada aos novos autoritarismos. Políticos, assombrados por sua incapacidade, manipulavam os medos do povo, que era distraído pelo sistema ou conduzido pelo estresse causado por ele. A distopia era uma palavra da moda, como a utopia no século XX. As grandes nações em ascensão, com suas vastas populações, detinham o destino do mundo nas mãos, mas quase nunca pareciam se importar… até que fosse tarde demais e o povo conseguisse ver o Grande Desdobramento daquilo que era e do que havia causado.[490]

Então, como podemos permanecer firmes e tranquilos na turbulenta e violenta civilização em torno de nós? Muitas pessoas estão se perguntando isso, conforme evidenciado pela recente popularidade de cartazes, camisetas e outros objetos com uma mensagem que simbolizava a coragem britânica durante as impiedosas tempestades da Segunda Guerra Mundial: "Mantenha a calma e siga em frente".

Para muitos, Winston Churchill sintetizou a atitude que essas palavras transmitem. Sua vida, como vimos, foi bombardeada por pesadas adversidades que poderiam tê-lo emborcado muitas vezes, mas ele permaneceu firme e zarpou adiante.

Em 1o de setembro de 1939, quando as tropas nazistas invadiram a Polônia, Churchill mais uma vez se viu no comando da Marinha britânica, a convite do primeiro-ministro Neville Chamberlain. Como primeiro lorde do Almirantado, ele também tinha um assento no Gabinete de Guerra.

Aos 64 anos, Churchill provavelmente pensava que sua carreira já estava coroada. No entanto, quando fixou residência na Casa do Almirantado, onde morara pela última vez um quarto de século antes, as coisas de fato apenas estavam começando. Seu destino – o dia pelo qual toda a sua vida o preparara – ainda chegaria. Enquanto examinava os cômodos que lhe eram

tão familiares, ainda via os mapas descrevendo as posições dos navios em 1915, quando deixara o Almirantado depois do desastre de Galípoli.

No entanto, dessa vez ele encontraria apenas aclamação. Assim que a notícia da sua nomeação chegou ao Conselho do Almirantado, deram a ordem de enviar uma mensagem a todas as estações e navios britânicos: “WINSTON ESTÁ DE VOLTA”.

Na última vez em que Churchill comandara a Marinha britânica, ele havia navegado na tempestade da controvérsia de Dardanelos. Dessa vez, o primeiro lorde do Almirantado viajaria com todos os seus “companheiros de navio” para um tufão de proporções ainda maiores. E Churchill sairia vencedor. No entanto, seria uma jornada assustadora e árdua.

A princípio, a importante questão diante dele era como conservar suas forças navais à tona em meio à turbulência dos primeiros dias da guerra. Em menos de um ano, a grande preocupação de Churchill se voltaria em manter o navio britânico em equilíbrio, considerando que fora atacado por assaltos nazistas. Para fazer isso, ele precisaria propiciar calma à nação, uma meta que conquistaria com seus discursos e sua conduta de implacável otimismo e serenidade.

A própria personalidade e seu caráter seriam cruciais nesse empreendimento. Ele teria de demonstrar pessoalmente como “manter a calma e seguir em frente”. Os desafios que enfrentou ao formar um novo governo revelaram a enormidade da missão.

Para começar, Churchill precisou preparar uma coalizão composta por vários partidos políticos e os respectivos líderes, muitos daqueles que ele ofendera em algum momento de sua longa carreira. Quando entrou na Câmara dos Comuns pela primeira vez como primeiro-ministro, o próprio partido, os Conservadores, recebeu-o de modo tépido, sem sequer fazer uma ovação de pé, embora tivessem aplaudido calorosamente Neville Chamberlain.

“Enquanto isso, os acontecimentos do outro lado do Canal progrediam rapidamente”, escreve Mary Soames, filha de Churchill.[491] Quatro dias depois de ele se tornar primeiro-ministro, as forças militares nazistas atacaram a defesa francesa em Sedan. No dia seguinte, 15 de maio, a Luftwaffe[492] arrasou Roterdã, na Holanda, e o Exército holandês capitulou. Em 28 de maio, a Bélgica entrou em colapso, e as forças de Hitler surgiram na costa do Canal, com muitos de seus oficiais ávidos para invadir a Grã-Bretanha. No entanto, Churchill teve de se concentrar na tarefa de conseguir que mais de 330 mil de suas tropas e seus aliados se mantivessem fora da costa francesa e de volta à Inglaterra.

Além de todo esse cenário, um pesadelo ainda maior tomava forma em Paris, onde havia sinais de que os franceses cederiam ao poder militar dos nazistas e abandonariam a luta. Durante as semanas seguintes, Churchill e seus conselheiros fizeram cinco arriscados voos para a França visando tentar convencer os líderes franceses a não desistirem. No entanto, foi uma empreitada em vão. Os alemães conquistaram Paris em 14 de junho e, em 22 de junho, o governo francês havia assinado um acordo de rendição com os nazistas.

Não muito tempo depois de se mudar para a residência do primeiro-ministro, no número 10 da Downing Street, Churchill convidou David Margesson, o chefe do governo na Câmara dos Comuns, para almoçar. Margesson, um colega conservador, às vezes se opunha a Churchill, e fora um apaziguador durante a administração Chamberlain; naquele momento, porém, aliara-se a Churchill, e sua mudança parecia genuína.

Entretanto, Clementine não se sentia tão pronta para perdoar e esquecer. Ela se opusera fortemente à política de apaziguamento e ainda podia sentir o sofrimento daqueles anos. Achava que pessoas como Margesson haviam colocado a Grã-Bretanha naquela posição de precariedade.

Quando se sentaram à mesa, Clementine finalmente não conseguiu mais conter sua indignação. Ela explodiu em David Margesson e, nas palavras de Mary Soames, "esfolou-o verbalmente antes de sair" da sala, com Mary a reboque. Mary ficou "muito constrangida e horrorizada", mas mais tarde concluiu sobre a mãe: "Esta explosão da, em geral, impecavelmente bem-educada Clementine indica as tensões de sua vida naquela época".[493]

Considerando o gigantesco fardo que Winston e Clementine Churchill suportaram durante aquele período, eles poderiam ser perdoados por um lapso ocasional de compostura. No entanto, à medida que a guerra se prolongou por mais cinco exaustivos anos, ambos se tornaram um brilhante exemplo de como "manter a calma e seguir em frente".

ORIGENS E SIGNIFICADO

Pôsteres com o *slogan* "mantenha a calma e siga em frente" foram criados pelo Ministério da Informação em 1939, quando se iniciaram com determinação os preparativos para a guerra. Imprimiram-se mais de 2 milhões de cartazes, mas estes "nunca foram oficialmente vistos pelo público" porque se pretendia usá-los "somente após a invasão da Grã-Bretanha pela Alemanha", o que nunca ocorreu.[494] Os pôsteres e o *slogan* vieram a público apenas em 2000, quando Stuart Manley, dono de uma livraria em Northumberland, descobriu um dos cartazes originais enquanto organizava uma caixa de velhos livros. Manley e sua esposa emolduraram e penduraram o cartaz sobre a caixa registradora, e finalmente começaram a imprimir e a vender exemplares.[495] Nos últimos anos, variações da mensagem básica têm aparecido em toda parte, a ponto de se tornar quase onipresente.

Susannah Walker, historiadora de design, explica o significado contemporâneo da mensagem como "não apenas uma destilação de um momento crucial na identidade britânica, mas também como uma mensagem inspiradora do passado para o presente em um período de crise".[496]

Embora Winston Churchill nunca tenha visto um dos pôsteres "mantenha a calma e siga em frente" em toda sua vida, durante a Segunda Guerra Mundial ele representou essa mensagem. Em meio à maior das turbulências, mostrou que a serenidade é uma escolha, um ato da vontade que subjuga pensamentos terríveis e estabiliza emoções esfaceladas.

Churchill também exibiu a tolerância que surgiu de uma visão maior. Ele compreendeu intuitivamente a antiga verdade de Salomão de que as pessoas sem visão irão ser descartadas e dar lugar ao caos, por meio do qual finalmente perecerão.[497] Como Churchill demonstrou durante seus anos nos bancos traseiros na Câmara dos Comuns, o sonho deve inspirar todos nós, não apenas nossos líderes. Como diz o ex-prefeito de Londres, Boris Johnson, sobre Churchill: "A questão… é que um homem pode fazer toda a diferença".[498]

Então, como Churchill "manteve a calma e seguiu" no epicentro do esforço de guerra dos aliados? Por um lado, ele acreditava que toda a sua vida, com todas as lições de formação de caráter, as experiências moderadas e os desafios que lhe moldaram a atitude, fora uma preparação para esse destino. Os traços de caráter revelados nos grandes momentos formaram-se nos pequenos momentos. E isso permitiu a Churchill que permanecesse em uma condição calma e, assim, estabilizasse a nação durante a turbulência da guerra.

Além disso, as lições espirituais que ele havia aprendido com Elizabeth Everest estavam alojadas em seu coração e guiavam suas ações. Como testemunho da importância do papel da

mulher na vida dele, a imagem da senhora Everest ainda estava na cabeceira de Churchill quando ele morreu em 1965 aos noventa anos.

OS PILARES DA SERENIDADE DE CHURCHILL

FÉ

Winston Churchill, apesar de não ser manifestamente religioso, era um homem de fé, que acreditava no supremo cuidado providencial de Deus – para si e para sua nação. Tal fé se revelou fundamental para sua fortaleza interior quando todos os sinais exteriores apontavam para o desastre.

Churchill referia-se frequentemente à Providência, como fez em fevereiro de 1941 em uma transmissão via rádio para os Estados Unidos:

> Deposite em nós sua confiança. Dê-nos sua fé e sua bênção, e, com a ajuda da Providência, tudo correrá bem. Não fracassaremos nem vacilaremos; não seremos fracos nem nos cansaremos. Nem o súbito choque da batalha nem as longas horas de vigilância e de esforço nos farão desistir. Dê-nos as ferramentas, e nós acabaremos o trabalho.[499]

Quando o guarda-costas de Churchill, Walter Thompson, reclamou que ele estava se colocando em risco, ouviu como resposta que não morreria, porque tinha um "importante trabalho a fazer". Churchill acreditava que Deus o manteria a salvo até a realização daquele "importante trabalho". Acreditava que cumpriria o destino previsto em 1891, aos dezesseis anos, e que a Providência o protegeria e preservaria para sua missão de vida.

Churchill não considerava a Providência uma força impessoal; ele a via como a mão de Deus. Em seu primeiro discurso como primeiro-ministro, disse que a política de seu novo governo seria travar uma guerra contra Hitler "com todo o poder e com toda a força que Deus pode nos dar".[500] Falando no Domingo da Santíssima Trindade[501] de 1940 sobre o eventual resultado da guerra, Churchill citou a Bíblia e concluiu: "Como a Vontade de Deus está no céu, assim seja".[502]

A fé de Churchill não era um sectarismo rígido, mas abrangia uma concepção superior de Jesus Cristo. Um dia, em maio de 1952, ele estava passeando em uma colina com vista para Chequers, o retiro rural do primeiro-ministro, na companhia do marechal de campo Bernard Montgomery, um cristão de convicção profunda. Conversavam sobre a grandeza humana. John Colville, secretário particular de Churchill, acompanhou o passeio e depois registrou a conversa:

> [Montgomery] dispararia perguntas ao primeiro-ministro parecendo uma metralhadora, amando agir como parte do Grande Inquisidor. Como Churchill definia um homem excepcional? Hitler era excepcional? Certamente que não, disse Churchill; ele cometeu muitos erros. Como Churchill sustentaria que Napoleão era excepcional quando poderia ser comparado ao Hitler do século XIX? Ele não era, Churchill respondeu. Certamente os únicos homens realmente excepcionais eram os líderes religiosos? A resposta de Churchill àquilo me interessou, pois ele raramente falava de religião. Respondeu que a grandeza deles era indiscutível, ainda que de um tipo diferente: a história de Cristo era inigualável, e sua morte para salvar os pecadores, insuperável.[503]

Quando o neto e homônimo de Churchill nasceu, em maio de 1952, ele propôs um brinde ao "novo e fiel soldado e servo de Cristo".[504] A fé de Churchill, pessoal e privada, foi fundamental para seu caráter e em tudo o que ele fazia.

CONFIANÇA

A fé de Churchill na providência de Deus estava na essência de sua confiança. "A força é concedida a todos nós quando somos necessários para servir a grandes causas", disse ele em 1946.[505] Com a força dessa confiança, Churchill conseguiu tranquilizar o povo britânico durante os dias mais sombrios da guerra.

A confiança é forjada pela adversidade, e Churchill tinha visto bastante disso. Uma pessoa, ele acreditava, "nunca deve ser desencorajada por derrotas na juventude, mas continuar a aprender durante toda sua vida".[506] Churchill conhecia gente que fora prejudicada por reveses, erros e falhas ainda jovens, mas aprender com tais situações era o caminho para se erguerem e ganharem confiança.

VISÃO

"Vejo mais além", disse Churchill a seu amigo Murland Evans em 1891, em Harrow. Durante a década de 1930, a visão de Churchill permitiu-lhe entender claramente a ameaça representada por Hitler e pelos nazistas. Mais importante, ele também foi capaz de compreender o que seria necessário para derrotar a crescente máquina de guerra alemã.

Churchill não era um visionário idealista, acalmando o povo britânico com lugares-comuns vazios. Ele não era como os profetas descritos em Jeremias 6:14 que ofereciam "paz" para a "ferida" da nação e davam "paz quando não há paz alguma". Ao contrário, era como os líderes da tribo de Issacar mencionados no livro de 1 Crônicas 12-32, que "sabiam como […] deveria agir em qualquer circunstância".

A habilidade de oratória de Churchill foi posta em prática, lançando uma perspectiva para o povo britânico e seus aliados e encorajando-os a praticar a disciplina necessária para a vitória. Ele falou do longo, difícil e sangrento caminho à frente, mas os elementos sombrios daquela visão sempre foram matizados de esperança. Em razão de Churchill não ocultar as dificuldades, suas palavras soaram íntegras quando ele falou de sua visão para a vitória.

O pesquisador de Churchill, John Lukacs, conecta "a visão de Churchill com uma sugestão sobre seu lugar na história":

> Ele sabia disto… talvez uma era inteira no mundo que havia se iniciado cerca de quatrocentos anos antes do nascimento dele se aproximava do fim. Em suma, era o defensor da civilização no final da Idade Moderna… Em um momento dramático no século XX, Deus permitiu a Churchill a missão de ser o principal defensor [da civilização].[507]

HONESTIDADE

Churchill tinha uma compreensão realista da natureza humana. Em seu discurso do Prêmio Nobel de Literatura em 1953, ele disse: “O poder do homem tem crescido em todas as esferas, exceto nele mesmo”.[508] Churchill evitava rótulos religiosos, e acreditava que a honestidade sobre a natureza humana e a própria personalidade e capacidades dependiam de um entendimento espiritual. “O homem é espírito”, disse ele.[509]

A honesta autoavaliação de Churchill também refletia sua consciência de que, apesar da aclamação que acompanhava suas habilidades de liderança, ele ainda precisava de ajuda. O povo depositava nele esperança, vendo-o como a personificação da força e da coragem, o homem que poderia vencer a guerra. No entanto, ele sabia que não poderia fazer isso sozinho, em contraste com a megalomania de Hitler. “Só há uma coisa pior do que lutar com os aliados”, ele disse, “e isso significa lutar sem eles.”[510]

Ele também foi brutalmente honesto sobre as políticas de sua nação. Em 2 de maio de 1935, falou da “inércia” quanto à reação britânica à crescente ameaça nazista, especialmente depois que a Grã-Bretanha e seus aliados falharam no compromisso de ajudar a Áustria a manter sua independência.

> Quando a situação era administrável, foi negligenciada, e agora, já está completamente fora de controle, adotamos tarde demais os remédios que poderiam ter efetuado uma cura.
>
> Não há nada de novo na história. É tão antiga quanto os Livros Sibilinos.[511] Ela cai naquele longo e desalentador catálogo da inutilidade da experiência e da inconsciência confirmada da espécie humana. A carência de antevisão, a falta de vontade de agir quando a ação seria simples e eficaz, a falta de pensamento claro, a confusão de conselhos até a emergência chegar, até que a autopreservação atinja um gongo dissonante – são essas as características que constituem a repetição infinita da história.[512]

A análise de Churchill foi perturbadora, mas demonstrou que alguém na liderança entendia a situação e tinha a ousadia de lidar com ela.

CORAGEM

“A coragem,” disse Churchill, “é a primeira das qualidades humanas porque, como foi dito, é a qualidade que garante as demais.”[513] Churchill esperava que aqueles mais próximos a ele incorporassem tal coragem e resistência. Em 1940, quando lançaram bombas em Londres, Churchill acrescentou um “comentário irônico” em um discurso confidencial: “Aprenda a se acostumar com isso. As enguias se acostumam a trocar a pele”.[514]

As visitas de Churchill às áreas bombardeadas envolveram muita coragem porque sempre havia o perigo de ele ser assassinado quando estava em público. No entanto, enquanto caminhava entre as ruínas e conversava com pessoas que haviam perdido entes queridos, casas, negócios e muito mais, sua coragem lhes era transmitida. Churchill levantava os dedos no sinal do V da vitória e demonstrava à nação como ser corajoso sob fogo.

DETERMINAÇÃO

Nas mentes de muitos britânicos, Winston Churchill personificava um “buldogue”. Ele próprio admirava o combativo animal. “O focinho do buldogue foi achatado para que ele possa respirar

sem largar [a presa]", disse.[515] De fato, a determinação de Churchill foi implacável quando outros pressionavam pelo apaziguamento e até se rendiam. Essa qualidade de caráter também inspirou a nação a não afrouxar o cerco a Hitler até que ele fosse derrotado.

Lewis Broad, em sua biografia de Churchill, relata a situação que ele enfrentou quando assumiu a liderança do governo britânico:

> Nunca um PM assumiu o cargo em tal momento. A *blitzkrieg* veio como um tornado. Cada mensagem trazia notícias de desastre na Holanda, na Bélgica e na França. Os alemães estavam devastando tudo diante deles. Eclodiram em Ardenas. Era o caminho mais curto para Paris.[516]

"Se você está atravessando o inferno, não pare" é uma citação frequentemente atribuída a Churchill, embora não haja indicação de que ele a tenha de fato pronunciado. Ainda assim, reflete sua obstinada determinação de conduzir a nação para o outro lado do infernal caminho por onde naquele momento viajava. "Para a derrota, há apenas uma resposta – a vitória", ele proclamou.[517]

Churchill reuniu a nação para que todos continuassem inspirando-se na longa história dela: "Perseverem em direção aos objetivos que brilham para nós por toda a sabedoria e a inspiração do passado".[518] De fato, um de seus lemas era "Precisamos apenas da KBO". KBO significava "Keep Buggering On", ou seja, continue arrastando-se mesmo quando está cansado demais para correr.[519]

Churchill uma vez perguntou a uma de suas dedicadas secretárias, Elizabeth Nel, se estava cansada. Quando ela respondeu que não, Churchill retrucou: "Precisamos seguir em frente como os cavalos de guerra, até cairmos".[520]

Churchill inspirou-se em Moisés do Antigo Testamento. Interpretando Êxodo 3-4, ele escreve:

> Deus falou a Moisés da Sarça Ardente. Ele lhe disse: "Você não pode deixar seus compatriotas em cativeiro. Morte ou liberdade! Melhor o deserto do que a escravidão. Você deve voltar e libertá-los… Não mais que eles sejam acorrentados na casa da servidão… Eu lhe darei poder sobre-humano. Não há nada que o homem não consiga fazer, se assim desejar com determinação. O homem é o epítome do universo. Todos se movem e existem como resultado de sua vontade invencível, que é a Minha Vontade".[521]

Churchill diz que a sarça ardente estava "agora certamente na constituição de Moisés".[522] Tal espírito de fogo estava na "constituição" de Churchill também, o que contribuiu de modo significativo para sua capacidade de "manter a calma e seguir em frente".

EQUILÍBRIO MORAL

"Desde seus primeiros anos, Churchill incorporou uma visão moral de vida", escreve Steven Hayward.[523] Ele não excluiu o comportamento pessoal da reflexão da moralidade, embora não fosse um idealista romântico como os utopistas que negaram a natureza caída da humanidade.

Ele sabia que manter o equilíbrio moral era um elemento essencial para os indivíduos e suas sociedades. "Civilização", disse ele, "é o estado da sociedade quando forças morais começam a escapar da tirania das forças físicas."[524] Nesse ponto, Churchill refletiu a visão da Bíblia sobre a

lei, que o apóstolo Paulo diz servir como "guardiã" para manter as coisas sob controle até que os princípios possam ser internalizados.[525] A lei impõe necessárias restrições ao nosso comportamento para a segurança e o bem-estar da sociedade. Para Churchill, era clara a necessidade de equilíbrio moral: "A vida humana é apresentada a nós como uma simples escolha entre o certo e o errado".[526]

Em seu ensaio sobre Moisés, Churchill reflete sobre as promessas do faraó, as quais revelam a falta de equilíbrio moral do líder egípcio. Todos os dias, quando Moisés aparecia diante dele, o faraó "endurecia o coração e recolhia de manhã o que tinha prometido na noite anterior".[527] Churchill sabia que não podia se equivocar; que precisava manter o equilíbrio da integridade. Ele podia ser astuto, o que contribuiu para a percepção de alguns de que não era confiável. Naquele momento, porém, a vontade da nação em pressionar dependia da confiabilidade dele.

OTIMISMO REALISTA

Sir Charles Wilson era o médico pessoal de Churchill e conhecia bem a disposição dele. Portanto, atribuiu a resistência de Churchill ao seu "temperamento dinâmico".[528]

Esse "dinamismo" levantou muitos na Grã-Bretanha e para além dela. O otimismo de Churchill era confiável porque se baseava na realidade. Por exemplo, quando a guerra emergiu em janeiro de 1940, ele disse: "Certamente, é verdade que estamos diante de probabilidades matemáticas, mas isso não é novidade em nossa história".[529] E, em outro momento: "A ameaça da adversidade é um fator necessário para estimular a autoconfiança".[530]

PREVISÃO

Churchill deu ao povo a sensação não só de que conseguia olhar para o passado por meio das lições da história, mas também de que tinha uma visão clara do presente e poderia espreitar o futuro com antecedência. Ele calculava as situações presentes com base em precedentes históricos e impactos futuros.

A capacidade de previsão de Churchill originou-se de sua filosofia pessoal: "Plante um jardim onde você possa se sentar quando os dias de escavação estiverem concluídos".[531] Portanto, ele estava preparando sua nação não apenas para derrotar o inimigo no presente, mas também para preservar a qualidade de vida das pessoas a longo prazo. A vitória estaria incompleta, a não ser que o povo pudesse desfrutar os frutos. Churchill pretendia conduzir sua gente por todo o caminho, semeando o jardim, por assim dizer, para filhos, netos e bisnetos.

PERSPECTIVA

Churchill aprendeu muito pintando. Ao estudar a perspectiva na arte, ele viu a aplicação desses princípios à vida em geral: "A glória da luz não pode existir sem suas sombras".[532] Essa atitude ajudou a Grã-Bretanha e os aliados a perseverarem com esperança.

A perspectiva de Churchill também foi aguçada pelo seu senso histórico: "O futuro é incognoscível, mas o passado deve nos dar esperança".[533] Sua paixão por esse tipo de

perspectiva se revelou em uma advertência que deu a um jovem estudante: “Estude história, estude história. Na história se encontram todos os segredos da arte de governar”.[534]

Churchill lidou com questões muito complexas, mas também tinha grande apreço pelas pequenas coisas, como se lê nas palavras do profeta Zacarias, do Antigo Testamento: “aqueles que desprezam o dia das pequenas coisas”.[535] Churchill exercia uma influência tranquilizadora, porque sua equipe e o povo britânico sabiam que pouca coisa lhe passava despercebida. E também aprenderam que ele podia ler nas entrelinhas e discernir os significados reais por trás de pomposas declarações diplomáticas, ameaças de guerra e estatísticas infladas.

Churchill era o tipo raro de líder em quem os três elementos essenciais da liderança combinavam: *visão*, *estratégia* e *tática*. Houve muita coisa que ele perdeu e avaliou erroneamente, mas houve outras que discerniu de modo correto. Em 1933, quando Churchill ainda não mais era valorizado por muitos no *establishment* britânico, o ex-primeiro-ministro e líder do Partido Liberal, David Lloyd George, referiu-se a ele como:

> o mais notável e desconcertante enigma de sua época… Sua mente fértil, sua coragem indiscutível, sua incansável atividade e seu estudo aprofundado da arte da guerra teriam feito dele um membro útil de um Gabinete de Guerra.[536]

Esse “estudo minucioso da arte da guerra”, associado ao discernimento, permitiu a Churchill ver o potencial do tanque como uma arma. Embora não o tenha inventado, com certeza contribuiu para o seu desenvolvimento. De fato, durante a Primeira Guerra Mundial, “o interesse natural de Churchill por aparelhos científicos se aprofundou”.[537]

Pessoas altamente visionárias às vezes fracassam porque negligenciam considerar detalhes e fatos ocultos, que podem se diluir em seu pensamento geral. Churchill, porém, percebeu que “os véus do futuro são levantados um por um, e os mortais devem agir dia após dia”.[538] Tal perspectiva impede ao visionário ser surpreendido por coisas que podem passar despercebidas.

A perspectiva também é vital para conter o pânico sob pressão. “Quando o perigo está longe, podemos pensar em nossa fraqueza; quando está perto, não devemos esquecer nossa força.”[539]

Churchill acreditava que a perspectiva, auxiliada pelo discernimento, formaria o quadro completo para o sucesso. “A vida é um todo”, disse ele, “e o bem e o mal devem ser aceitos juntos.”[540] A visão, contudo, deve sempre se basear na realidade, porque até mesmo as “maiores negligências ou fracassos do homem podem lhe trazer o bem. Até mesmo suas maiores conquistas podem atuar de modo nocivo para ele”.[541]

AGILIDADE

Na juventude, sobretudo quando mudou de partido político, Churchill era visto como inconsistente. Sem dúvida, ocorreram momentos nessa fase em que tal alegação carregava alguma verdade. No entanto, em vez de se tornar indigesto e inflexível conforme amadurecia, ele continuou a incorporar a importância da flexibilidade e da adaptabilidade.

“Na corrida da vida”, ele disse, “sempre é preciso pular as cercas quando elas aparecem.” A mudança era uma coisa boa, ele pensava. “Progredir é mudar, então ser perfeito é ter mudado com frequência.”[542] Churchill talvez tenha sorrido um pouco quando escreveu essas palavras.

No entanto, suas frustrações aumentaram quando ele não conseguiu persuadir o Parlamento e o primeiro-ministro – antes Stanley Baldwin e depois Neville Chamberlain – a mudarem as políticas em relação a Hitler e a rearmarem a Grã-Bretanha à medida que a ameaça nazista se intensificava.

Em 2 de maio de 1935, Baldwin fez uma confissão no Parlamento que aturdiu Churchill. O líder britânico revelou que os alemães tinham alcançado a paridade aérea com a Grã-
-Bretanha – e o primeiro-ministro havia prometido seis meses antes que nunca permitiria que isso acontecesse.

Churchill levantou-se para retrucar. E deu ao Parlamento uma rápida lição de história:

> Faço uma pausa para pedir ao Comitê que considere o que esses fatos significam e quais são as consequências. Confesso que as palavras me faltam. Em 1708, o Sr. Secretário St. John, por uma calculada indiscrição ministerial, revelou à Câmara que a batalha de Almanza fora perdida no verão anterior porque apenas 8 mil tropas britânicas de fato estavam na Espanha, das 29 mil que haviam sido votadas pela Câmara dos Comuns para esse serviço. Quando um mês depois essa revelação foi confirmada pelo governo, documenta-se que a Câmara ficou em silêncio por meia hora; nenhum membro desejou se pronunciar ou quis fazer um comentário diante de tão espantosa notícia. E, entretanto, esse evento foi insignificante se comparado ao que enfrentamos agora.[543]

Churchill compreendeu a importância de ser ágil o suficiente para "pular as cercas", e angustiou-se com a intransigência do governo, a inabilidade de enxergar a realidade das ameaças da Alemanha nazista e a falta de flexibilidade necessária para agir.

Quando finalmente se tornou primeiro-ministro, ele sabia que precisava agir com rapidez para mudar a política britânica para o *status* de tempo de guerra – e esperava que não fosse tarde demais.

COMPAIXÃO

Apesar de suas frustrações tanto com a liderança de seu país antes da guerra quanto com seus adversários ao longo de sua carreira política, Churchill compreendeu a importância da compaixão. Essa qualidade de caráter também inspirou seus compatriotas a "manter a calma e seguir em frente", sobretudo diante da deslealdade e da acusação.

Churchill foi um homem de compaixão, o que lhe permitiu atuar com sucesso com seu Gabinete de Guerra de coalizão, embora a navegação nem sempre fosse suave. Justamente quando ele chegou ao poder, seus alertas mais sombrios se tornavam realidade, e a relutância de tantos para levá-lo a sério foi exposta. "Nenhum homem na terra tem hoje tão boa razão para dizer, eu avisei", observa René Kraus. "Ele nunca disse isso."[544]

Havia boas razões para Churchill demonstrar tal compaixão. "O ódio desempenha o mesmo papel no governo que os ácidos na química", disse ele.[545] Esse entendimento regeu as ações de Churchill depois que os alemães foram derrotados, e isso pode ter salvado a Europa de repetir a situação catastrófica criada pelo Tratado de Versalhes depois da Primeira Guerra Mundial. "Como triunfamos, podemos ser misericordiosos; como somos fortes, podemos nos dar ao luxo de ser generosos."[546]

DESCANSO

Entre 1940 e 1945, Churchill teve o mais exigente e estressante cargo do mundo. Era devastador e cansativo, e ainda assim ele prosperou. Sua energia atuou como um elemento reconfortante para o próprio povo e para as nações que lutaram ao seu lado. Apesar de ter sido atropelado por um carro em Nova York em 1931, sofrido um ataque cardíaco em 1941, e contraído pneumonia enquanto visitava a frente norte-africana em 1943, Churchill foi capaz de continuar.

E viveu até os noventa anos.

Um de seus segredos era entender a importância do descanso. Tantos líderes, ao que parece, tentam impressionar os outros com agendas sobrecarregadas, como se o mundo inteiro fosse entrar em colapso se fizessem uma pausa e descansassem. Churchill não precisava impressionar ninguém, começando por si mesmo. Assim, agendou passar um tempo longe de Londres, em Chequers, o retiro rural dos primeiros-ministros britânicos, o qual a filha dele, Mary, chamava de "um verdadeiro paraíso… longe das tempestades exteriores. Chartwell, a casa da família de Churchill na região rural de Kent, era seu local preferido para relaxar. Ele sentia que 'um dia longe de Chartwell [era] um dia perdido'".[547]

Mary Soames descreve seu pai descansando durante uma visita em 1942 à casa do presidente Franklin Roosevelt em Hyde Park, Nova York: "Papai expôs uma visão encantadora… deitado de costas em um pedaço de sol… Deitei-me perto dele e olhamos para o céu muito azul e as folhas verdes dançando contra ele… salpicadas de sol".[548]

Tal relaxamento aliviou a mente sobrecarregada de Churchill, que começou a meditar nas cores que usaria se estivesse pintando a cena: "[Ele] comentou sobre a sabedoria de Deus em ter feito o céu *azul* e as árvores *verdes*. 'Não seria nem de perto tão bom se fosse o inverso'".[549]

Churchill acreditava que cultivar "um hobby e novas formas de interesse é… uma política de suma importância para um homem público".[550] Ele descobriu seu amor pela pintura como um hobby aos quarenta anos. "A pintura veio em meu socorro em um período muito penoso", disse ele.[551] Churchill relatou como, depois de deixar o Almirantado em 1915, ele continuava ainda membro do Conselho do Gabinete de Guerra do primeiro-ministro. No entanto, sobre a súbita mudança de ritmo da intensidade do Almirantado para as "funções estritamente limitadas de um conselheiro", ele diz: "me deixou ofegante".[552] Além disso, Churchill também sentiu "grande ansiedade e nenhum jeito de aliviá-la" enquanto ouvia as discussões e observava os acontecimentos relativos à Primeira Guerra Mundial em uma posição em que ele "sabia tudo e não podia fazer nada".[553]

Então, em um domingo no campo, ele pegou uma caixa de pintura que pertencia aos filhos, experimentou mexer com ela e decidiu "adquirir na manhã seguinte um equipamento completo para pintura a óleo". Anos depois, ele se lembrou daqueles dias com as seguintes palavras: "a Musa da Pintura veio em meu socorro – por caridade e por cortesia".[554]

A tarde ociosa que passou no Hyde Park com Mary, pensando em Deus, no céu e nas cores, pode ter parecido trivial diante das complexas questões que seriam o principal assunto de sua conversa posterior com Franklin Roosevelt. No entanto, aquele momento com a filha mostrou como a mente de Churchill se expandiu para a verdadeira dimensão da realidade e encontrou calma ali. Nesse âmbito, ele foi capaz de arcar com o quase insuportável fardo de liderar a sua nação em tempos de guerra e perseverar até que a vitória fosse alcançada.

Churchill (discurso de chanceler, Universidade de Bristol, Inglaterra, 2 de julho de 1938), in James, Robert Rhodes (ed.). *Winston S. Churchill: His Complete Speeches, 1897-1963*. Nova York: Chelsea House, 1974, v. 6, 5991.

Cohen, Roger. "The Great Unraveling". *New York Times*, 15 de setembro de 2014. Disponível em: <www.nytimes.com/2014/09/16/opinion/roger-cohen-the-great-unraveling.html?r=0>.

Ibid.

Ibid.

Soames. *A Daughter's Tale: The Memoir of Winston Churchill's Youngest Child*. Nova York: Random House, 2011. p. 141.

A Luftwaffe era o ramo aéreo da Alemanha nazista desde 1933 no papel e desde 1935 na prática. Antes de ser usada como um componente-chave na Segunda Guerra Mundial, esta Força Aérea participou na Guerra Civil Espanhola, onde adquiriu experiência. (N.T.)

Ibid, pp. 142-143.

A história da campanha "Mantenha a calma e siga em frente" está disponível em: <www.keepcalmandcarryon.com/history>.

Hughes, Stuart. "The Greatest Motivational Poster Ever?" *BBC News Magazine*, 4 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/magazine/7869458.stm>.

Walker, Susannah. *Home Front Posters of the Second World War*. Oxford: Shire Publications, 2012. p. 45.

Veja Provérbios 29:18.

"Boris Johnson debate The Churchill Factor". *Churchill Central*, 21 de maio 2015. Disponível em: <www.churchillcentral.com/timeline/video/boris-johnson-discusses-the-churchill-factor>.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. pp. 6-7.

Churchill. "Blood, Toil, Tears and Sweat" (discurso na Câmara dos Comuns, 13 de maio de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/blood-toil-tears-and-sweat>.

O Domingo da Santíssima Trindade é o primeiro domingo após o Pentecostes no calendário litúrgico cristão ocidental, e o domingo de Pentecostes no cristianismo oriental. O Domingo da Trindade celebra a doutrina cristã da Trindade, as três Pessoas de Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. (N.T.)

Churchill. "Be Ye Men of Valour", transmitido pela BBC, 19 de maio de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/be-ye-men-of-valour>.

Colville. *The Churchillians.* Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1981. p. 157.

Howarth, T. E. B. (ed.). *Monty at Close Quarters: Recollections of the Man*. Londres: Leo Cooper, 1985. p. 86.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 18.

Ibid, p. 15.

Lukacs. *Churchill: Visionary. Statesman. Historian [Churchill – Visionário, Estadista, Historiador]*. New Haven, CT: Yale University Press, 2002. pp. 17-18.

Churchill (discurso do Prêmio Nobel de Literatura), in The Nobel Prize Library. Nova York: Helvetica Press, 1971. p. 183.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 20.

Ibid, p. 12.

Também chamados de Sibilinas Cristãs, nome dado a um conjunto de oráculos, de origem pouco definida, mas com um carácter claramente judaico-cristão, que tiveram larga difusão desde o período anterior à cristianização do Império Romano até finais da Idade Média. (N.T.)

Churchill, "Air Parity Lost" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 2 de maio de 1935). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/air-parity-lost>.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 14.

Ibid, p. 13.

Ibid.

Broad, Lewis. *Winston Churchill: The Years of Achievement*. Nova York: Hawthorn Books, 1963. p. 41.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 15.

Ibid, p. 18.

Ibid, p. 20.

Nel. *Mr. Churchill's Secretary*. Nova York: Coward-McCann, 1958. p. 35.

Churchill. *Amid These Storms: Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 288.

Ibid.

Hayward, Steven F. *Churchill on Leadership: Executive Success in the Face of Adversity*. Nova York: Gramercy Books, 2004. p. 152.

Ibid.

Gálatas 3:24-26.

Hayward. *Churchill on Leadership: Executive Success in the Face of Adversity*. p. 150.

Churchill. *Amid These Storms*. *Thoughts and Adventures.* p. 290.

Wilson, Charles McMoran. *Winston S. Churchill: The Struggle for Survival, 1940-1965*. Londres: Heron Books, 1966. p. 38.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 299.

Ibid, p. 12.

Churchill. *Amid These Storms*. *Thoughts and Adventures.* p. 313.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 14.

Ibid, p. 18.

Ibid.

Zacarias 4:10.

War Memoirs of David Lloyd George: 1916-1917. Boston: Little, Brown, 1934. p. 25.

Jablonsky, David. *Churchill, the Great Game, and Total War*. Nova York: Routledge, 2013. p. 61.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 15.

Ibid.

Ibid, p. 20.

Ibid, p. 17.

Ibid, pp. 12-13.

Churchill. "Air Parity Lost" (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 2 de maio de 1935). Disponível em: <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1930-1938-the-wilderness/air-parity-lost/>.

Kraus. *Winston Churchill: A Biography*. p. 102.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 18.

Ibid, p. 20.

Soames. *A Daughter's Tale: The Memoir of Winston Churchill's Youngest Child*. p. 217.

Ibid. p. 254.

Ibid. Itálicos no original.

Churchill. *Amid These Storms*. *Thoughts and Adventures.* p. 298.

Ibid, p. 302.

Ibid, p. 307.

Ibid.

Ibid.

Churchill e a natureza da liderança

Agora, com a ajuda de Deus e com a convicção de que somos os defensores da civilização e da liberdade, vamos perseverar até o fim.

**(WINSTON CHURCHILL,
1º DE OUTUBRO DE 1938)**

Se vemos semelhanças entre a época de Churchill e a nossa, então devemos ser capazes de examinar seu estilo de liderança para *insights* sobre o tipo de liderança de que precisamos hoje.

> A história de Churchill… é sobre a indomabilidade do espírito humano. Os pontos de vista dele talvez soem horrivelmente fora de moda hoje, mas em seu caráter essencial ele é uma fonte de eterna – e talvez crescente – de inspiração.[555]

Os atributos de caráter que estabilizaram e fortaleceram Churchill, permitindo-lhe inspirar seu povo a "manter a calma e seguir em frente", também foram primordiais em seu estilo de liderança.

> Um estadista em contato com o curso de acontecimentos e ansioso para manter o navio de estado em equilíbrio e seguir uma rota estável pode apoiar todo o seu peso ora de um lado e ora do outro… Um estadista deve sempre tentar fazer o que acredita ser o melhor a seu país a longo prazo, e não pode ser dissuadido de atuar precisando se divorciar de um grande corpo de doutrina ao qual ele anteriormente aderiu com sinceridade.[556]

Agora, examinemos como esses elementos da personalidade de Churchill atuaram quando ele liderou a Grã-Bretanha e os aliados durante a grande batalha pela sobrevivência da civilização cristã.

Os críticos de Churchill durante o período que ocupou assento no Parlamento britânico sem um cargo oficial no governo nunca poderiam imaginá-lo como primeiro-ministro. Consideravam-no uma piada. E de fato ele era, mas de um modo que não compreendiam. Quando examinamos como Deus pode ter preparado Winston Churchill para uma época como a que ele enfrentou, é útil lembrar que Deus muitas vezes desconcerta nossa maior sabedoria e usa a pessoa menos provável que podemos escolher.

> Não costumamos pensar na Bíblia como um livro engraçado, provavelmente porque há muito tempo é lida em tons pomposos e estentóricos… Mas, se você a ler com o olhar de uma história em quadrinhos, será forçado a admitir que ela é repleta de alguns momentos sublimemente ridículos…
>
> Pense em Isaías, que correu nu no deserto por três anos; Jeremias, o oleiro resmungão… usando um jugo de boi no pescoço; Jonas, o relutante profeta… na barriga do [peixe].
>
> […] Pense em Pedro, o pescador de remanso desastrado e tagarela… ou em Zaqueu, o cobrador de impostos… Se você estivesse redigindo um roteiro, escolheria esses personagens como os heróis?
>
> Há três coisas que geram o humor: uma sensação de incongruência, uma atitude irreverente,

> despreocupada e repentina ou surpresa. Qualquer Deus que escolha um carpinteiro de uma pequena cidade de Nazaré como Seu redentor do universo certamente tem um senso de incongruência.[557]

Winston Churchill se enquadra nessa categoria de "incongruência" – um lembrete perpétuo de que Deus tem senso de humor e que Seus caminhos não são os nossos. De fato, "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes".[558]

Temos explorado as incongruências da vida que formaram o caráter de Churchill e o preparam para o seu destino. O estilo de liderança não pode ser separado do caráter de uma pessoa. A essência precede a função; o que *fazemos* vir à tona surge *de quem somos*. Maurice Hankey, secretário do Gabinete durante a Primeira Guerra Mundial, lembrou o impacto da personalidade de Churchill durante esse período difícil:

> Devemos muito daquela época à coragem e à inspiração de Winston Churchill, que, sem medo diante das dificuldades e das perdas, determinou um exemplo contagiante… Sua atitude resoluta sensibilizou seus companheiros.[559]

LIDERANÇA, O ESTILO DE CHURCHILL

Isso nos leva a uma questão vital: Deus colocou um "Churchill" entre nós em nossa época de turbulências, quando mais uma vez a sobrevivência da civilização judaico-cristã está em jogo?

Aqueles na Europa com suficiente visão do contexto histórico podem lamentar a devastação das culturas que semearam o mundo com altos ideais. Americanos com amplo discernimento se preocupam com a perda de liberdades fundamentais que antes eram uma referência para as pessoas oprimidas em todos os lugares do mundo. Além disso, os ataques à civilização ocidental agora não vêm da guerra convencional, com frentes, fronteiras estabelecidas e armas que podem ser superadas. A batalha contemporânea é espiritual, moral e filosófica. Com frequência, uma guerrilha de intangíveis. As linhas de frente invadem todas as instituições. Constituem uma batalha que envolve anarquia, terrorismo, visões de mundo distorcidas e comportamentos deturpados. As tropas de assalto não fazem prisioneiros. Há um pressentimento de cataclismo, uma angústia muitas vezes indefinível, e as pessoas estão à procura de líderes que nos mostrem o caminho a seguir.

Tal estado de coisas exige certa qualidade de liderança. O estilo de Churchill exemplifica o que é hoje necessário em todo o mundo.

PRECISAMOS DE LÍDERES COM SENSO DE PROPÓSITO

"Levanto os meus olhos para os montes e pergunto: De onde me vem o socorro?"[560] Em seu momento de angústia, o rei Davi examinou as encostas do monte Sião e o cume do monte Moriá, inspirando-se nos símbolos primários da herança de sua nação e destino. Outros teriam erguido os olhos para os lugares elevados onde os ídolos haviam sido erguidos. No entanto, se era o monte Sião ou um local pagão, o verdadeiro lugar da esperança estava no próprio Deus.

A chave para a eficácia de David como líder não se centrava apenas na visão, mas no próprio processo de erguer os olhos. Elevar nossa visão alinha nosso foco com significado e propósito

transcendentais, sem os quais se torna inviável um senso de destino. Churchill tinha a perspectiva vertical que lhe permitia ver o significado grandioso das coisas por quais lutava no plano horizontal.

Portanto, Churchill acreditava no destino de sua nação e da civilização cristã antes de acreditar no próprio destino. Sabia que seus horizontes pessoais estavam inseridos no contexto de um objetivo maior: a preservação de uma civilização que já havia dado muito ao mundo. Essa visão do próprio destino no contexto de um propósito maior foi o que o impediu de se tornar um tirano quando recebeu poderes sem precedentes como líder da guerra na Grã-Bretanha.

No atual fervor multicultural da sociedade ocidental, vozes emergentes têm começado a questionar se a civilização judaico-cristã merece um futuro. Outros já o declararam nulo e sem efeito. De acordo com a doutrina da equivalência, cada sociedade apresenta igual valor e benefício, simplesmente pela virtude de ser (ou pelo número da população), e nenhuma civilização deve ousar afirmar-se superior em qualquer aspecto.

Compreendemos as preocupações que surgiram da era do destino que impulsionou o imperialismo britânico e a hegemonia hemisférica e global americana. No entanto, agora vivemos em uma era de hipercorreção; equivalência é uma visão tão distorcida quanto o pior dos impulsos imperialistas. O complicado fato da vida em nosso mundo caído e perigoso é que sempre haverá poderes dominantes. Nossa época não difere de toda a história anterior, exceto em um aspecto: as capacidades de escravatura e destruição são muito maiores em nosso mundo atômico entrelaçado à Internet. Portanto, o fator crucial é a qualidade da nação – sua visão de mundo e seus valores – que vira uma hegemonia global. Será que os imensos poderes atuais serão usados com propósitos destrutivos ou com o desejo de ajudar a garantir a paz e a prosperidade e preservar os melhores valores para todas as culturas?

A Grã-Bretanha, os Estados Unidos e outras nações que há muito são repositários de valores que aprimoram a civilização precisam de líderes que acreditem nos méritos da cultura ocidental/cristã e em seu destino.

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE RECONHEÇAM O DOADOR DO DESTINO COMO MAIOR QUE ELES MESMOS

Um senso de responsabilidade para com Deus impede que o destino nacional se deteriore no bruto imperialismo.

Churchill era um homem consciente de Deus, alguém que acreditava ter um chamado divino. E sentia-se responsável perante Deus pela execução desse papel. Tão poderoso era no reino das questões humanas, que a sensação de necessitar prestar contas a alguém era maior que ele – maior até que a monarquia britânica –, revelando-se um fator importante em sua humildade.

PRECISAMOS DE LÍDERES FOCADOS NO LONGO PRAZO

Churchill liderou a partir do raro equilíbrio entre a impiedosa realidade de um lado e a confiável esperança do outro. Assim, demonstrou como os líderes visionários podem avaliar seus sofrimentos atuais pelo valor dos resultados que desejam para o futuro.

Jesus demonstrou esse mesmo equilíbrio nos dias e nas horas que antecederam a sua crucificação. Quando disse a Seus discípulos que havia chegado a hora de Ele ir a Jerusalém e

“sofrer muitas coisas”, Pedro “começou a repreendê-lo”.[561] Jesus, porém, imediatamente repreendeu a miopia de Pedro. Jesus via a cruz e seu horror, mas também a Sua ressurreição e ascensão, e declarou que o sacrifício valeria a pena.[562]

Sempre que Churchill tinha de apresentar os fatos ao povo britânico, ele o fazia com esperança. As pessoas aprenderam que podiam confiar nele para lhes contar a verdade, enquanto, ao mesmo tempo, direcionavam os olhos para a esperança de vitória. A confiança de todos se ampliou: Churchill poderia levá-los ao caminho de regresso à pátria porque esse era o foco dele.

Em 13 de maio de 1940, em seu primeiro discurso no Parlamento depois de se tornar primeiro-ministro, Churchill pronunciou a famosa frase: “Não tenho nada a oferecer além de sangue, labuta, lágrimas e suor”. Então veio o contrapeso inspirador: “Mas assumo minha tarefa com entusiasmo e esperança. Tenho certeza de que nossa causa não fracassará”.[563]

Roger Parrott, presidente da Belhaven University, descreve o ponto de vista necessário aos líderes transformacionais:

> A visão de curto prazo não funciona, mas continuará a permear nossa sociedade, direcionar nossas ações e ser o padrão de excelência para o “sucesso” até que líderes efetivos, visionários e determinados nos puxem de volta para uma visão de longo prazo que vise a um valor duradouro.[564]

Falando com a equipe da embaixada dos EUA na Etiópia sobre “várias correntes conflituosas da modernidade que estão se unindo para tornar as coisas ainda mais desafiadoras” na África, John Kerry, secretário de Estado durante o segundo mandato do presidente Barack Obama, disse:

> Alguns acreditam que as pessoas deveriam ser capazes de… viver de acordo com sua interpretação de alguma coisa que foi escrita há mais de mil, dois mil anos atrás. Acho que não é dessa maneira que a maioria das pessoas quer viver.[565]

No comentário de Kerry, ele essencialmente descarta a visão de longo prazo – que valoriza as lições da história e a riqueza da cultura advindas da fé religiosa e dos valores sagrados de longa data – por meio da expressão “não é dessa maneira que a maioria das pessoas quer viver”. No entanto, se não valorizarmos essas coisas, tudo o que nos resta é a “visão de curto prazo”, que, como Parrott observa, está desprovida de “valor duradouro”.

A “visão de curto prazo” na Grã-Bretanha nos anos 1930 não levou a sério as advertências de Churchill sobre as intenções finais de Hitler. Churchill emergiu como o líder “efetivo, visionário e determinado” que às vezes tinha de puxar os outros de volta para uma visão de longo prazo, com todos os seus terrores e desafios.

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE POSSAM VINCULAR O FUTURO COM O PASSADO E O PRESENTE

Uma característica da nossa época é a desconsideração ou o desdém pela história. Os acadêmicos desconstrucionistas,[566] infundidos com os princípios do existencialismo – ou, pior ainda, do niilismo –, têm treinado a nova geração para ver a história como algo sem sentido ou sem importância. Para outros, ela representa um passado facilmente reescrito e comprimida no molde dos tempos modernos.

Entretanto, Churchill foi um verdadeiro historiador. Ele não se contentava com uma visão da história como nada mais do que um conjunto de datas, lugares e nomes. Ao contrário, entendia-a como um repositório de tesouros. Conforme contemplava Londres durante a Blitz, ele a chamou de "esta forte Cidade de Refúgio, que consagra os títulos de propriedade do progresso humano e tem profunda consequência para a civilização cristã".[567]

Vencer a batalha pela nossa civilização exige líderes que conheçam e respeitem o melhor de sua herança histórica e acreditem que vale a pena salvá-la.

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE DIRÃO A VERDADE, INDEPENDENTEMENTE DE PARECEREM RIDÍCULOS

"A maior lição da vida é a de que, às vezes, até os tolos têm razão", disse Churchill.[568] Ele aprendeu essa lição do modo mais difícil.

Em 1938, seus insistentes avisos sobre a ameaça alemã levaram outros no governo a atacá-lo e ridicularizá-lo. Àquela altura, o primeiro-ministro Chamberlain se cansara da opinião de Churchill e estava farto das constantes críticas dele à inação do governo. No entanto, em dois anos, a visão e a sabedoria de Churchill seriam amplamente confirmadas.

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE TENHAM A CORAGEM DE PAGAR UM PREÇO ALTO PELO BEM DE TODOS

Em 25 de março de 1938, Churchill se levantou no Parlamento para desafiar a política de desarmamento que o governo britânico havia seguido desde o final da Primeira Guerra Mundial. Ele percebia claramente não só as intenções veladas de Hitler, mas também a vulnerabilidade da Grã-Bretanha. O resultado da política de desarmamento fora que uma única nação, a Alemanha, aumentara seus arsenais enquanto a Grã-Bretanha progressivamente se desarmara. Rearmamento foi um dos muitos pontos de discussão de Churchill em relação à descrença de Neville Chamberlain. Chamberlain estava convencido de que os persistentes apelos de Churchill pela força militar apenas intensificariam o desejo de Hitler de guerrear.

Sabe-se bem que Churchill não era rico e, assim, dependia da renda de seus livros e de sua coluna no *Evening Standard*. No entanto, no dia seguinte ao discurso que pronunciou em 25 de março, ele recebeu uma carta de R. J. Thompson, editor do *Evening Standart*: "É evidente que suas opiniões sobre relações exteriores e o papel que este país deveria desempenhar são totalmente opostas às nossas".[569] Thompson sumariamente exonerou Churchill de sua coluna, o que representou um tremendo golpe para ele em particular e para suas finanças.

Churchill, financeiramente quase falido, viu-se em uma situação difícil. Assim, investiu os lucros de seus livros e discursos em ações americanas e perdeu tudo no *crash* de 1929 em Wall Street. A renda do *Evening Standard* lhe permitira permanecer no Parlamento, amenizar suas dívidas e sustentá-lo enquanto completava seus livros sobre a família Marlborough.

Portanto, confrontado com a falência, Churchill precisou fazer uma escolha: ou ficar no Parlamento e continuar a se pronunciar, o que causaria contínuas dificuldades financeiras para a sua família, ou deixar o centro de ação no Parlamento e buscar uma função como jornalista – como um observador, em vez de um formador de opinião. A situação o deixou aborrecido.

No entanto, finalmente ele começou a escrever para o *Daily Telegraph* de Londres em uma experiência de seis meses, que depois se tornou um compromisso ininterrupto. Nas páginas do *Telegraph*, que tinha leitores predominantemente conservadores, Churchill continuou a lutar contra o governo. Logo, ficou claro que as únicas pessoas que discordavam dele eram as do governo. Seus leitores o adoravam. Catorze meses depois, ofereceram a Churchill melhores condições com o *Daily Mirror*, e ele começou a escrever uma coluna maior e mais proeminente.

A coluna no jornal garantiu-lhe uma renda, mas ele ainda enfrentava dívidas crescentes. Seu único ativo era a casa da família em Chartwell, e sabia que a venda da propriedade lhe permitiria continuar a luta contra o governo sem medo de represálias financeiras. Desolado com a possibilidade, Churchill pagou por uma página inteira no *London Times*, colocando Chartwell à venda. Sabendo o quanto eu (Jonathan) amo Chartwell, só posso imaginar a dor do meu bisavô ao ver o anúncio. Vender Chartwell representaria para ele o sacrifício final pelo rei e pelo país.

Churchill acreditava que vender sua casa "poderia merecer um parágrafo discreto no Londoner's Diary do *Times*".[570] Em vez disso, ocorreu um vil exemplo daqueles que usam a mídia para vender as próprias pautas. Lorde Beaverbrook, que possuía tanto o *Evening Standard* quanto o *Daily Express* e que também estava alinhado com Chamberlain quanto à questão do apaziguamento, publicou uma reportagem que "conseguiu insinuar que Churchill era irresponsável" e estava "leiloando sua casa enquanto tentava sabotar os orçamentos parcimoniosos de Chamberlain".[571] O *Times* foi ainda mais cruel. Como o jornal pegou o dinheiro de Churchill para o anúncio, publicou simultaneamente um artigo completo na primeira página informando ao mundo que Churchill estava vendendo sua casa. O artigo incluía informações pessoais sensacionalistas, o que irritou Churchill.

Constrangido, ele se aproximou de Brendan Bracken, um dos seus mais leais aliados. Churchill entendia pouco de finanças, ao contrário de Bracken, que o ajudou a resolver a embaraçosa crise da dívida, a qual se tornara um assunto para muito falatório. Churchill propôs que deixaria o Parlamento enquanto se concentrava em gerar uma renda melhor, mas Bracken horrorizou-se com a ideia de que Churchill não mais continuaria sua luta no Parlamento – sobretudo desde que a Áustria havia recentemente caído sob o domínio da Alemanha. Bracken com rapidez abordou *Sir* Henry Strakosch, que se sentiu feliz em emprestar a Churchill o dinheiro de que ele precisava, nas condições de reembolso que Churchill havia proposto. Strakosch teria dado a Churchill o dinheiro, mas este, um homem honrado, acharia errado aceitar uma quantia tão grande sem retorno para o doador.

Strakosch administrou as ações compradas de Churchill por três anos e fez investimentos para pagar a dívida em nome de Churchill. A única condição de Churchill era que não se acumulassem mais dívidas. Strakosch honrou o acordo, o que ajudou bastante Churchill, permitindo-lhe continuar sua postura no Parlamento contra a política de apaziguamento de Chamberlain. Embora todo o episódio tenha desencadeado um grande gasto pessoal, Churchill continuou obstinado em sua determinação de ver a Grã-Bretanha tomar o rumo certo em reação ao rearmamento alemão.

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE ENXERGUEM AMEAÇAS REALISTICAMENTE, MAS NÃO COM HISTERIA

Churchill, conforme vimos, entendeu a ameaça da Alemanha nazista porque se abasteceu de informações. Estava armado com dados estatísticos quando procurou sensibilizar o Parlamento para o perigo crescente. No entanto, embora sentisse com intensidade a urgência da situação, Churchill avaliou cuidadosamente suas palavras.

Quando o primeiro-ministro Baldwin confessou, em 22 de maio de 1935, que estava “completamente errado” e “completamente enganado” em relação às previsões futuras quanto ao poder aéreo alemão, as emoções de Churchill transbordaram. Quando chegou sua vez de falar, ele envidou todos os esforços na retórica.

> Pela primeira vez em séculos não estamos totalmente preparados para repelir ou retaliar uma invasão. Isso para a população das Ilhas é surpreendente. Pânico, de fato! A posição é a inversa. Somos os filhos incrédulos e indiferentes de séculos de segurança por trás do escudo da Marinha Real, que ainda não conseguiu acordar para as condições terrivelmente transformadas do mundo moderno.[572]

Churchill sabia que o modo de evitar a histeria e o pânico viria por meio de uma avaliação sincera da situação, seguida pelo projeto de como reagir diante da crise e pela execução.

Em cinco anos, Churchill seria o líder do país enquanto aviões de guerra nazistas – cujo ritmo de construção Baldwin lamentavelmente calculara mal – incendiavam cidades britânicas. Churchill precisou recorrer às suas habilidades como orador não apenas para contar às pessoas os fatos, mas também para acalmá-las, até mesmo ao se esquivarem das bombas, dormirem nos túneis do metrô e lamentarem as perdas dos entes queridos.

A histeria teve início em 1939, quando pessoas que viviam no sul da Inglaterra, ao longo do Canal, foram instruídas a queimar seus mapas, garantir suprimentos alimentares e tomar outras medidas para evitar que invasores nazistas aproveitassem a superioridade. Quando Churchill se tornou primeiro-ministro, em maio de 1940, multidões das ilhas Britânicas estavam terrivelmente atemorizadas. Quando ele foi para as rádios em seu novo papel de liderança, a voz ressonante de Churchill teve um efeito calmante, até mesmo quando precisou transmitir notícias angustiantes.

"Embora o equilíbrio", disse ele, "às vezes fosse difícil de atingir, é muito melhor em algumas situações vivenciar antes um sentimento de pânico, e então ficar bem calmo quando as coisas acontecem, do que estar extremamente calmo antes e entrar em pânico quando as coisas acontecem”.[573]

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE NÃO NECESSITEM DE HOLOFOTES

O ego de Churchill foi formado por meio de provações e desafios. Sua arrogância inicial era notável. Basta lembrar a carta que escreveu à mãe depois da Batalha de Omdurman, na qual disse: “Não acredito que os deuses criariam um ser tão potente como eu para um final tão prosaico”.[574]

No entanto, a fornalha da adversidade em que Churchill entrou nos anos seguintes afastou essa arrogância e produziu humildade. Parte de sua eficácia como primeiro-ministro era que ele se via como alguém do povo – nem melhor nem pior. Isso entusiasmava seus apoiadores e os fazia amá-lo. Muitos presumem que a indiferença é própria de um líder, mas Churchill acreditava no contrário. Na crise da guerra, ele percebeu ser necessária sua presença reconfortante entre o povo ansioso da Grã-Bretanha.

A origem da vitória da Grã-Bretanha sobre Adolf Hitler talvez esteja no contraste entre arrogância e humildade. “O orgulho vem antes da destruição”, diz Provérbios 16:18. O orgulho estava no âmago da postura dos nazistas: orgulho de Hitler como líder, orgulho da raça, orgulho do direito ao domínio mundial. De fato, como vimos, o apelo de Hitler à sua nação estava em superar a humilhação provocada pelo Tratado de Versalhes. Em certo sentido, Hitler e os nazistas viviam todos ancorados no orgulho.

Churchill, por outro lado, falava com sinceridade das fraquezas a superar, das dificuldades a serem enfrentadas e da quase impossível tarefa de vencer a guerra. Ao fazê-lo, ele e o povo britânico que o apoiava provaram que “Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes”.[575]

PRECISAMOS DE LÍDERES QUE RECONHEÇAM A DIFERENÇA ENTRE AUTORIDADE E PODER E QUE ATUEM NESSE CONHECIMENTO

Durante o ano que se seguiu ao fracasso do Acordo de Munique e ao início da guerra, Churchill continuou firme com Neville Chamberlain. No entanto, teve todas as oportunidades para criticar a liderança de Chamberlain ou para trazer à tona os fracassos do passado. A qualquer momento, poderia ter dito: “Eu avisei”. Mas não disse. Churchill não era um homem como Hitler, que recorria o posto para o próprio benefício. Churchill serviu de fato àqueles que representava. As pessoas que esperaram ver o confronto entre Churchill e Chamberlain depois da mudança na liderança devem ter se desapontado muito ao testemunhar os dois trabalhando juntos como se antes nada tivesse acontecido. A guerra precisava ser enfrentada e vencida – isso era tudo que importava. O momento exigia magnanimidade, e Churchill demonstrou por suas ações que acreditava nisso.

Churchill provou ao povo britânico e aos seus companheiros parlamentares que o haviam julgado mal. Em 1939, todas as acusações contra Churchill foram substituídas pelo maior respeito. Churchill reconstruiu com rapidez a confiança perdida quando mudou de partido político em 1904 e depois em 1924. Restabeleceu a confiança nele antes destruída pelo desastre de Galípoli em 1915 e pela necessidade econômica de restituir a Grã-Bretanha ao padrão de excelência em 1925. No início da guerra, ele serviu à vontade do primeiro-ministro, concentrou-se em seu trabalho e ofereceu seus melhores conselhos.

O segredo da liderança de Churchill centrava-se em sua compreensão instintiva da diferença entre poder e autoridade, como já vimos. Em vez de usar sua crescente influência para liderar um golpe, Churchill se submeteu à autoridade e alcançou o poder. “Finalmente, tive a autoridade de dar diretrizes em todos os sentidos”, escreveu mais tarde sobre sua nomeação como primeiro-ministro.[576] O verdadeiro poder é concedido apenas àqueles sob autoridade. Churchill manteve-se sob a autoridade de Chamberlain e, portanto, conseguiu ser confiável no poder.

Hitler era simplesmente alguém autoritário que, no final, teve de se esconder em um covil subterrâneo. O único poder que ele deixou se manifestou em seu suicídio. Churchill, por outro lado, continua a falar com a autoridade que molda a liderança mesmo nos dias atuais.

PRECISAMOS DE LÍDERES MADUROS O BASTANTE PARA SUPERAR OS FRACASSOS DO PASSADO

Há uma faixa estreita em que todos nós podemos atuar com notável excelência. Ela é circunscrita pela identidade e pelo propósito de nossa intenção de Deus; os dons que Ele nos deu para realizar nosso propósito; nossos talentos funcionais e nossas habilidades que se prestam à tarefa; e a qualidade da nossa essência interior, que é formada pela nossa maneira de reagir às provações e aprender com elas.

Winston Churchill entrou definitivamente em sua "zona de excelência" pessoal quando o rei o convocou ao Palácio de Buckingham e lhe pediu que formasse um novo governo e liderasse a nação durante a guerra. Nesse momento, Churchill percebeu que as dificuldades e os sucessos anteriores o haviam preparado para aquilo. O intuito que ele havia sentido quando adolescente em Harrow; o despertar do dom de exortação em sua extraordinária capacidade de falar; o aprimoramento de suas habilidades de liderança; e o endurecimento de seu caráter ao lidar com a rejeição, o fracasso e os próprios "pecados constantes"; tudo se uniu em uma grande confluência. Ele precisou superar imensos desafios que afetavam seu caráter e sua reputação, mas até mesmo tais dificuldades contribuíram para levá-lo à sua zona pessoal de excelência.

Anteriormente, vimos como o jovem Winston superou suas limitações educacionais aproveitando-se de um intervalo na ação para ler e estudar depois que chegou à Índia a fim de se juntar ao seu regimento. E, no entanto, essa ampla gama de conhecimentos teria se revelado inútil sem que ele tivesse a sabedoria de entender e aplicar os princípios que aprendeu. A superação de suas dúvidas sobre Deus durante o tempo em que permaneceu na Índia levou Churchill à "fundação da sabedoria", que é "temor [reverência e respeito] do Senhor".[577]

"A sabedoria clama em voz alta nas ruas", diz Provérbios 1:20, e "ergue a voz nas praças públicas." A sabedoria de Churchill, conquistada pelo conhecimento e aprendizado advindos de suas decepções e fracassos, trovejou na Câmara dos Comuns, nas ruas e na grande praça pública.

Raramente na história todos os elementos da grandeza convergiram com tanta rapidez e com tamanha perfeição em um momento crucial, como ocorreu com Winston Churchill. Conforme o livro de Provérbios diz:

> [Deus] reserva a sensatez para o justo; como um escudo protege quem anda com integridade,
> pois guarda a vereda do justo e protege o caminho de seus fiéis.[578]

Como os capítulos anteriores mostraram, o caminho de Winston Churchill foi tão extraordinariamente preservado que se revela uma proteção milagrosa do próprio Deus. O papel de Churchill era, de fato, proteger "a vereda do justo". Agora, mais de setenta anos depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, não estamos gozando dos frutos desta civilização apenas por causa da sorte. Pelo contrário, nós os desfrutamos porque Deus interveio na história por meio de um homem notável: Winston Churchill.

Os exemplos de Churchill e de sua época podem nos dar esperança em nossa atual conjuntura. Se Deus esteve envolvido na história humana daquele período, estejamos certos de que Ele está guiando seu curso também hoje.

Johnson, Boris. *The Churchill Factor [O fator Churchill]*. Nova York: Riverhead Books, 2014. p. 326.

Churchill. *Amid These Storms: Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. pp. 39, 45.

Currier, Jonathan. "God's Joke Book". *Day 1*, 21 de julho de 2013. Disponível em: <http://day1.org/5013-gods_joke_book>.

1 Coríntios 1:27.

Hankey, Maurice, citado em Hayward, Steven F. *Churchill on Leadership: Executive Success in the Face of Adversity*. Nova York: Gramercy Books, 2004. p. 115.

Salmos 121:1.

Mateus 16:21-22.

Mateus 16:21-28.

Churchill. “Blood, Toil, Tears and Sweat” (discurso na Câmara dos Comuns, Londres, 13 de maio de 1940). Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/blood-toil-tears-and-sweat>.

Parrott, Roger. *The Longview: Lasting Strategies for Rising Leaders*. Colorado Springs: David C. Cook, 2009. p. 13.

Bier, Jeryl. “Kerry on Religion: ‘Not the Way I Think Most People Want to Live’”. *The Weekly Standard* (blog), 5 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.weeklystandard.com/jeryl-bier/kerry-on-religion-not-the-way-i-think-most-people-want-to-live>.

O desconstrucionismo é um movimento pós-moderno poderoso, muito adotado em grandes universidades e junto da elite intelectual, e a sua influência permeia todas as áreas da nossa cultura. Segundo alguns estudiosos, este movimento deu origem ao tribalismo, ao politicamente correto, à reconstrução da imagem, ao multiculturalismo e à guerra cultural, e tornou-se um caminho para destruir os valores tradicionais. (N.T.)

Churchill. “War of the Unknown Warriors”, transmitido pela BBC em 14 de julho de 1940. Disponível em: <www.winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/war-of-the-unknown-warriors>.

Churchill, em um discurso de sessão conjunta no Congresso dos Estados Unidos, em 26 de dezembro de 1941.

Citado in Faber, David. *Munich, 1938: Appeasement and World War II*. Nova York: Simon & Schuster, 2008. p. 190.

Manchester. *The Last Lion [O último leão]: Winston Spencer Churchill, Alone, 1932-1940*. Nova York: Random House, 1988. p. 300.

Ibid.

Langworth. (ed.) *Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations [A sutileza bem-humorada de Winston Churchill. Suas grandes tiradas]*. p. 262.

Ibid, p. 484.

Gilbert. *Churchill: A Life [Churchill: uma vida]*. p. 82.

Tiago 4:6.

Churchill. *The Gathering Storm [A aproximação da tempestade]*. p. 667.

Provérbios 9:10.

Provérbios 2:7-8.

Ajuda e esperança para nossa época

Neste sábado, o povo britânico lamenta um grande Davi como a figura enterrada com a pompa e a recompensa de um grande patriarca do Antigo Testamento… Ele era um novo rei Ciro… Surgiu como um herói, o mais importante naqueles meses de 1940, quando o futuro da decência humana estava em jogo, e quando o judaísmo e o cristianismo permaneciam do mesmo lado, que era o lado encarnado por ele… [Churchill] foi bem-sucedido: por causa de sua firmeza e – permita-me dizer – por causa da vontade de Deus, da qual, como todo ser humano, ele era apenas um instrumento. Churchill certamente não era santo, não era um homem religioso e tinha muitas falhas. Entretanto, foi assim que aconteceu.

(JOHN LUKACS)

Iniciamos nossa pesquisa sobre a vida e a época de Winston Churchill com o objetivo de descobrir "alguma coisa oculta" por trás de seu singular papel na história do mundo. No final das contas, descobrimos um testemunho não tanto da espiritualidade de Churchill, mas da soberania de Deus. Nestas páginas, esforçamo-nos para mostrar não as crenças pessoais de Churchill sobre Deus, mas que Este, em Sua sabedoria, usou esse ser humano comum para propósitos extraordinários.

Fomos finalmente unidos por nossa crença de que Deus recorreu a Churchill na hora crucial para que assumisse uma posição resoluta e, assim, preservasse o futuro da civilização cristã para as gerações vindouras. Dessa forma, Churchill ocupa lugar no *ranking* daqueles que surgiram em momentos-chave da história para defender e preservar as civilizações.

Uma sucinta e reconhecidamente incompleta pesquisa mostra que estes líderes eram com frequência improváveis candidatos a uma obra heroica: Moisés, gaguejando no caminho da libertação de seu povo enquanto tentava controlar sua ira; Ciro, o rei persa, libertando os judeus do exílio para retornar a Jerusalém e reconstruir o Templo; Abraham Lincoln, desprezado e muitas vezes derrotado, assumindo o papel de Grande Emancipador; e Winston Churchill – às

vezes sem discernimento e insight, aparentemente caprichoso e tagarela na juventude –, tornando-se, mais tarde, o resoluto campeão que venceu a ameaça nazista à humanidade.

Se Deus vem intervindo ao longo da história por meio de indivíduos com falhas, isso nos dá esperança para nossa vida e para o terrível momento pelo qual estamos passando hoje.

E SE?

Alguns se perguntam o que poderia ter acontecido se Winston Churchill nunca tivesse nascido ou se não surgisse no palco da história mundial no exato momento em que isso ocorreu.

O biógrafo de Churchill (e ex-prefeito de Londres) Boris Johnson, por exemplo, fornece um cenário para um "universo sem Churchill":

> [Se nós] tirarmos Churchill da equação… deixamos o destino da Grã-Bretanha e do mundo nas mãos de Halifax, Chamberlain e dos representantes dos partidos Trabalhista e Liberal. Eles teriam negociado com Hitler, como o Ministro das Relações Exteriores estava propondo? Parece esmagadoramente provável…
>
> Foi Churchill – e apenas Churchill – que tinha feito da resistência aos nazistas sua missão política…
>
> Se você acabasse com a resistência britânica em 1940, estariam criadas as condições para um desastre irreversível na Europa.[579]

Por mais interessantes que sejam essas especulações, uma questão mais intrigante sob nosso ponto de vista é: *Por que Winston Churchill?* Por que esse homem em particular apareceu no momento certo no palco da história para se tornar a antítese de Adolf Hitler e salvar a civilização cristã?

Acreditamos que a vida de Churchill seja um exemplo de como Deus se envolve dinamicamente em acontecimentos humanos ao intervir em momentos críticos para guiar o curso da história em direção ao seu *telos* – seu objetivo final, propósito ou meta. Acreditamos que Churchill intuitivamente percebeu que tinha um destino vinculado a um propósito histórico maior e que sua vida em certos instantes foi preservada porque, como disse a seu guarda-costas, Walter Thompson, ele tinha "importante trabalho a fazer".

O PROPÓSITO DA HISTÓRIA

Jesus ensinou que o propósito da história é o progresso e a plena manifestação do Reino de Deus no mundo. Em uma de suas grandes mensagens apocalípticas, Ele disse a Seus seguidores: "este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim" [*telos*].[580] O objetivo final da história terá sido alcançado.

Jesus fez essa profecia naquele contexto histórico, falando sobre o tempo de Daniel, os dias de Noé, as estações da sublevação na natureza e a constância de "guerras e rumores de guerras".[581] Há um ritmo para a revelação do Reino de Deus na história, que é o progresso seguido de resistência por meio de esforços humanos para construir impérios rivais. Talvez Churchill, conhecendo a Bíblia como conhecia, tenha enxergado o sonho de Hitler relativo ao Terceiro Reich como um desses impérios rivais ao Reino de amor, graça, bondade, paz e alegria de Jesus.[582] Ele reflete sobre temas semelhantes em seu *Thoughts and Adventures* [*Pensamentos e Aventuras*]:

> Muitos séculos se passaram antes que o Deus que falou na Sarça Ardente Se manifestasse em uma nova revelação, a mais antiga de todas as inspirações do povo hebreu: como o Deus não somente de Israel, mas de toda a humanidade que desejava servi-Lo; um Deus não só de justiça, mas também de misericórdia; um Deus não só de autopreservação e sobrevivência, mas também de compaixão, autossacrifício e amor inefável.[583]

ONDE ESTÁ DEUS?

Apesar da convicção de Churchill de que Deus intervém na história, muitos que sofreram nos campos de concentração de Hitler se fizeram uma pergunta diferente: *Onde está Deus?* Afinal, aparentemente, de dentro do arame farpado, Nietzsche estava certo quando declarou que “Deus está morto”.

Não se pode responder de modo casual a tal dor espiritual e psíquica. E a questão persiste hoje. Onde está Deus?

Quando perguntado em uma entrevista de 1968 se ele estava afirmando que Deus havia de fato morrido, o doutor Thomas Altizer, um dos principais defensores da teologia "Deus está morto", explicou que não estava se referindo à morte como a entendemos, mas ao sentido existencial de uma sensação da “ausência” de Deus.[584] Sua ideia parecia ser uma forma extrema de deísmo – que Deus, o Criador, a Causa Primeira, havia se distanciado tanto do mundo que poderia estar morto. Deus não estava engajado com a história, mas deixara as coisas para a humanidade. Alguns outros teólogos de "Deus está morto" veem essa ausência como um elemento central – até mesmo uma necessidade – do amor de Deus. Se Ele nos criou para sermos livres, então precisa se afastar para que sejamos verdadeiramente livres.

Aqueles que buscam a intervenção direta de Deus na história humana como prova de Sua existência um dia terão todas as evidências de que precisam, embora não da maneira que desejam. Enquanto isso, em Sua inescrutável e infinita sabedoria, Ele tem escolhido trabalhar com seres humanos frágeis e falíveis para alcançar Seus propósitos. Portanto, mesmo que milhões padecessem nos campos de morte nazistas, aparentemente sem esperança, Deus, presente e ativo, trabalhava por meio de pessoas como Churchill para trazer a libertação. De fato, até mesmo antes de Hitler e seu regime assassino chegarem ao poder, Deus estava preparando aqueles que derrubariam os tiranos, restaurariam a paz e cumpririam a vontade Dele.

O próprio Churchill observou a intervenção oportuna de Deus nas questões históricas. Em *Thoughts and Adventures* [*Pensamentos e aventuras*], ensaio sobre Moisés, ele registra como os egípcios “procuraram deter o aumento de homens israelitas” em seu meio. A “solução final”, recorrendo a uma frase de Hitler, era abater os bebês do sexo masculino. “Havia, evidentemente, no momento, uma intensa tensão entre o princípio da vida judaica e a implacável força da consagrada civilização egípcia”, observou Churchill. “*Foi nesse momento que Moisés nasceu*.”[585]

Aqui, mais uma vez, vemos o conceito de “um momento específico” ou um instante importante, aqueles cruciais na história que ocorrem em relação ao propósito e ao plano de Deus. O tempo cronológico envolve o tique-taque do relógio ou a progressão do calendário. Épocas memoráveis referem-se a períodos de oportunidade especial ou relevante. Desse modo, a Escritura fala de épocas e *estações*. Dentro dos ciclos do tempo cronológico (isto é, os limites da história humana), Deus interage com a humanidade em momentos-chave para manter o curso histórico que finalmente chegará ao destino pretendido: a revelação completa do Reino dos Céus.

No entanto, Ele permite que ocorram variações no desdobramento da história em benefício da liberdade humana.

Ainda assim, em toda sequência cronológica, há uma progressão rumo ao momento importante identificado por Jesus em Mateus 24 – o ponto culminante da história cronológica e da revelação completa do Reino de Deus. Tudo o que acontece na história, seja pela vontade intencional de Deus (as bênçãos que chegam às pessoas e às nações), seja pela vontade permissiva de Deus (que, de novo, faz concessões à liberdade humana), está relacionado àquele fantástico fim, ou objetivo, da história.

O IMENSO RIO

Pense no movimento de um rio imenso como o Nilo, que se derrama por mais de 6 mil quilômetros do coração da África para o Mediterrâneo. Embora as contracorrentes e os redemoinhos às vezes se movam contra a corrente principal, nada altera seu curso central. Os marinheiros podem seguir contra a poderosa corrente, mas são levados finalmente rio abaixo até o mar.

Em relação à liberdade humana, a vontade permissiva de Deus nos permite que conduzamos a nós mesmos, nossas nações, nossas instituições e nossa cultura, contra a corrente, mas mesmo assim ainda estaremos no fluxo globalizante da história que inevitavelmente nos levará ao Grande Encontro com Cristo no final dos tempos. Como o Senhor da história, Deus não permitirá que qualquer ocorrência ao longo do fluxo cronológico afunde nossas embarcações. Ele sempre eleva alguém que nos resgatará, agarrará o leme e nos levará de volta à corrente principal. Assim, o profeta Daniel escreveu:

> Louvado seja o nome de Deus para todo o sempre;
> a sabedoria e o poder a ele pertencem.
> Ele muda as épocas e as estações;
> destrona reis e os estabelece.[586]

Todo libertador humano que apareceu ao longo da história é simplesmente um tipo do Grande Libertador que virá ao ponto de destino da história para instaurar o governo do Reino de Deus com "justiça, paz e alegria no Espírito Santo" em todos os lugares.[587]

Portanto, há um padrão histórico claro na Bíblia que se movimenta através das interações cruciais de Deus com Seu povo – um relacionamento em que todos podem escolher entrar. O "ciclo das nações" está especialmente evidenciado no livro Juízes.

1. Uma nação se fundamenta em valores e princípios centrados em Deus (Juízes 2:7). Durante o tempo de Josué e os líderes que de imediato o sucederam, a nação de Israel desfrutou um período de verdade. Sua cultura baseava-se em um sólido sistema de crenças cujos valores formavam o consenso para as principais instituições que sustentavam a infraestrutura social. Em nossa sociedade contemporânea, o exemplo mais evidente dessa fase está nas inscrições bíblicas e nas referências a Deus em antigas edificações públicas (que muitos grupos poderosos agora querem declarar inconstitucionais e eliminar).

2. Segue-se uma fase de "lapso de memória" (Juízes 2:10). Quando o antigo "regime de valores" morre, emerge um novo.[588] Muitas vezes, um novo consenso se forma em torno de

valores que são estranhos aos do regime anterior. Nos Estados Unidos e em outras nações ocidentais, essa fase começou na década de 1920 e intensificou-se na década de 1960.

3. Conforme a lembrança de Deus como fonte das bênçãos nacionais desaparece, há uma época de rebelião (Juízes 2:11-12). Elites culturais influentes rebelam-se contra a visão já estabelecida e suas verdades, incluindo-se aí seus valores subjacentes, e assim uma massa crítica de outras pessoas na sociedade se une a elas.

4. Em seguida vem o fogo do refinador (Juízes 2:14-15). As consequências da rebelião diante dos caminhos de Deus recaem sobre a sociedade. A ruína das instituições estabilizadoras da sociedade, como a família e os centros de culto, torna-se a conflagração que começa a queimar o próprio cerne da civilização.

5. Essa crise desencadeia um desejo de lembrança, e a recuperação começa a se espalhar entre as pessoas perspicazes da sociedade (Juízes 3:9). Os profetas surgem na fase inicial deste período, evocando as pessoas ao retorno dos valores fundamentais. A princípio, eles são perseguidos, mas, depois, são ouvidos por legitimadores suficientes para que se inicie uma lenta restauração.

6. Uma multidão crítica de líderes e a população se arrependem ***e*** buscam ***transformar a si mesmas, suas instituições e sua nação de volta a Deus e à Sua verdade revelada (Juízes 10:15-16; 2 Crônicas 7:14).*** Arrependimento significa uma mudança radical de direção. No contexto bíblico, significa voltar a Deus e a Seus caminhos. Em uma sociedade fundamentada inicialmente em princípios judaico-cristãos biblicamente revelados, a comunidade remanescente é a faceta essencial da sociedade cujo arrependimento abençoa o conjunto.

7. Os ventos do avivamento começam a soprar através do cenário nacional (Juízes 5:1-3). Um número substancial de pessoas na sociedade se une ao movimento de arrependimento e volta às crenças e aos princípios fundamentais. Em meados da década de 1940, o avivamento começou a se agitar nos Estados Unidos. Durante toda a década de 1950, as igrejas locais com frequência lotavam para revivicações que se prolongavam por até duas semanas. O ministério de Billy Graham sensibilizou milhões em todo o mundo.

8. Há uma restauração dos princípios do Reino de Deus entre muitos na cultura (Juízes 5:9-11). Reverenciam-se de novo as verdades fundamentais da sociedade; há uma volta do respeito pelas instituições que promovem os valores iniciais, e restaura-se a cultura às suas raízes. Em 1740, durante a era do Grande Despertar, Benjamin Franklin escreveu a seguinte reflexão após uma visita do evangelista George Whitefield:

> Foi maravilhoso ver a mudança nos costumes de nossos habitantes. Do sentimento de negligência ou indiferença à religião, parece que todos se tornavam religiosos; assim, não se podia andar pela cidade à noite sem ouvir salmos cantados por diferentes famílias em todas as ruas.[589]

9. A terra tem "descanso" até que apareça uma nova geração que se esqueça de Deus (Juízes 3:11). Descanso não é a mesma coisa que um desconforto nacional. Pelo contrário, é um período caracterizado por estabilidade, paz, produtividade e prosperidade. Os anos 1950, focados na recuperação e na restauração, expandiram-se pelo Ocidente e em muitos outros lugares. "Uma nação sob Deus" foi acrescentada ao compromisso americano de fidelidade em 1954. Na Alemanha, um esforço massivo transformou livros escolares e outras ferramentas que os nazistas usaram para semear seu veneno na sociedade. A Alemanha Ocidental tornou-se uma das nações

mais prósperas do mundo. E então veio a década de 1960, e outro "lapso de memória" recomeçou.

O TEMA DESTRUIDOR-LIBERTADOR

Dentro desses ciclos da história, observamos outro tema bíblico: o destruidor-libertador. O livro do Apocalipse se refere a um ser apocalíptico no final dos tempos, chamando-o de "Apoliom, o Destruidor".[590]

Embora Hitler não fosse a figura prevista no Apocalipse, era com certeza o rosto de Apoliom em seu tempo, "possuído por uma personalidade demoníaca".[591] O apóstolo João, em seus escritos, fala do "espírito do anticristo, que… agora já está no mundo".[592] O apóstolo Paulo parece identificar esse ser espiritual como o "perverso".[593]

Portanto, o espírito anticristo se manifesta por meio da história em todos os que procuram minar a paz, a ordem e o bem-estar da civilização. Muitos intérpretes da Bíblia acreditam que esse espírito será encarnado em um tirano, no final dos tempos. Até aí, Hitler e outros como ele aparecerão ao longo dos ciclos históricos das nações, ameaçando seu desmoronamento, conforme observado em um capítulo anterior. É por isso que o filósofo católico Dietrich von Hildebrand se referia com frequência a Hitler como um anticristo.

No entanto, em todos os períodos conturbados (fases históricas em que parece que o propósito histórico de Deus está prestes a ser desfeito por razões humanas), um libertador surge. Will Durant escreve sobre "heróis da história", e David Aikman, sobre "grandes almas". Com certeza é isso que John Lukacs tem em mente quando se refere a Winston Churchill como "uma grande figura parecida com Davi" e um novo "rei Ciro". Todos os libertadores humanos que salvaram o mundo e suas sociedades do mal, da tirania e da ameaça de extinção levam ao Libertador final, Jesus Cristo.

Sob o nosso ponto de vista, Winston Churchill foi um libertador preparado e trazido para o cenário humano por meio de um ato soberano de Deus a fim de neutralizar o trabalho de Adolf Hitler, que manifestou o poder sombrio que ele adorava e do qual era agente em seu histórico momento e em seu âmbito geográfico. Não tentamos retratar Churchill como um religioso pietista. No entanto, ele era um líder determinado e cooperador com um senso intuitivo do propósito de Deus. Conforme mostramos, Churchill evoluiu no entendimento de que o próprio Deus determinou seu destino. Ele é um exemplo maravilhoso de como Deus "olha para o coração", não para "a aparência exterior".[594]

UMA NOVA "CRISTANDADE"

Tanto Churchill quanto Hitler acreditavam que havia momentos propícios que determinavam a ocorrência de eventos definidores do destino. No entanto, ambos diferiam bastante em sua visão dos judeus e do seu lugar na história.

Para Hitler e a eugenia nazista, o sangue judeu enfraqueceu a espécie humana, subverteu a ascensão da superioridade ariana e precisava ser eliminado. Churchill, por outro lado, entendia que, por intermédio dos judeus, haviam se estabelecido os alicerces para as "formas mais elevadas da sociedade humana".[595] Em *Thoughts and Adventures* [*Pensamentos e aventuras*], ele escreve: "Esta tribo errante, em muitos aspectos indistinguível de numerosas comunidades

nômades, compreendeu, e proclamei uma ideia de que todo o gênio da Grécia e todo o poder de Roma foram incapazes".[596]

Em sua época, Churchill percebia o Ocidente beneficiando-se dos valores da civilização judaico-cristã, mas não via a "civilização cristã" como propriedade exclusiva do Ocidente. Hoje, em razão da transferência do centro do cristianismo mundial para o Sul global, é ainda menos correto associar "civilização cristã" e "civilização ocidental". Segundo o historiador religioso Philip Jenkins,

> Cristandade… pode também ressurgir [uma referência cultural primária] no Sul [global] cristão – como uma nova ordem transnacional em que identidades políticas, sociais e pessoais são definidas principalmente por lealdades religiosas.[597]

A visão e o fervor internacionalistas de Churchill fizeram que não considerasse a si mesmo ou a sua missão elementos restritos à sobrevivência das sociedades ocidentais. Ele buscou a preservação delas como uma difícil experiência de princípios que beneficiariam o mundo inteiro. Embora, como todos os mortais, Churchill tenha sofrido preconceitos – sobretudo na juventude –, ele acreditava de fato que o Império Britânico era importante para o progresso do que hoje seriam as chamadas "nações em desenvolvimento".

Churchill compreendia a si mesmo como um instrumento da intervenção de Deus, e por isso pressentiu a missão de salvar a "civilização cristã" da ameaça nazista. Nesse aspecto, aqui está a nossa esperança para o tempo cataclísmico em que vivemos: O mesmo Deus que trouxe Winston Churchill (e outros libertadores) ainda governa a história, e Ele tem um libertador – ou libertadores – também para nossa estação.

Talvez até seja o Libertador definitivo.

A "ESQUISITICE" DE CHURCHILL

"Que esquisito Deus escolher os judeus", brincou o jornalista britânico William Ewer. O poeta Ogden Nash disse ter retrucado: "Não foi esquisito; os judeus escolheram Deus". Também podemos dizer, à luz do que vimos da vida de Winston Churchill: "Que estranho Deus escolher Churchill".

Na verdade, esquisito para Churchill às vezes era estranho para a própria classe e a visão de mundo dela. Por um lado, ele tinha uma perspectiva de esperança diferente de muitos de seus contemporâneos. "O progresso material", disse ele, "em si mesmo tão esplêndido, não atende a qualquer das necessidades reais da raça humana."[598] O desenvolvimento futuro, "apesar de adquirir formas que agora não podemos conceber, ou, ainda que possa expandir as capacidades do homem, [não pode] trazer consolo para sua alma". No entanto, o simples fato se refere "à melhor esperança de que tudo dê certo".[599]

Ainda que enfrentando muitas atribulações e cometendo erros, Churchill tornou-se a fonte de ajuda e esperança para todo o povo. Ele era um orador e não um pregador, mas, por intermédio de suas orações e de seus exemplos de vida, foi capaz de fomentar "a razão da esperança que há em vocês", recorrendo a uma expressão do apóstolo Pedro.[600] Frequentemente ele retornava à verdade em uma das Escrituras que Elizabeth Everest havia incutido nele:

> Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade.

> Por isso não temeremos, embora a terra trema e os montes afundem no coração do mar, embora estrondem as suas águas turbulentas e os montes sejam sacudidos pela sua fúria.[601]

Como Deus foi um "auxílio sempre presente na adversidade" para Winston Churchill, então assim Ele será para nós. A promessa não vale apenas para primeiros-ministros e presidentes, mas para todos os que, humildes, buscarem a ajuda de Deus. Por meio do profeta Isaías, Deus diz: "Habito num lugar alto e santo, mas habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito".[602]

Winston Churchill tinha todos os motivos para ser arrogante, mas aprendeu a contrição nos perigos e nas humilhações pelos quais passou. São necessárias inúmeras tentativas para que a maioria de nós sucumba à tentativa de usurpar o "lugar alto" de Deus, e assim, ao contrário, nos posicionemos para receber Sua ajuda e esperança. Isaías também nos lembra de que "o povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz".[603] Churchill descobriu que quanto maiores as trevas, mais luminosa será a luz.

A fonte do que *Sir* Charles Wilson denominou "flutuabilidade" de Churchill surgiu da visão de mundo judaico-cristã que ele assumiu, a qual o sustentou durante todo o caminho até o fim. Apesar das tristezas e desafios que enfrentou, a jornada foi cheia de significado e propósito, empreendida com exuberância e sempre com esperança.

Parece apropriado permitir a Churchill a palavra final, ensinando-nos e inspirando-nos nestes tempos de perigo e escuridão, como fez com as pessoas de sua época:

> Vamos nos contentar com o que tem acontecido conosco e agradecer por tudo do que temos sido poupados. Vamos aceitar a ordem natural em que nos movemos. Vamos nos reconciliar com o misterioso ritmo de nossos destinos, entendendo que devem estar neste mundo de espaço e tempo. Vamos valorizar nossas alegrias, mas não lamentar nossas tristezas. A glória da luz não pode existir sem as sombras. A vida é um todo, e o bem e o mal precisam ser aceitos juntos. A jornada, bem agradável, tem valido a pena – como de costume.[604]

Johnson. *The Churchill Factor [O fator Churchill]*. Nova York: Riverhead Books, 2014. p. 22-24.

Mateus 24:14.

Mateus 24:6.

Romanos 14:17.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 294.

Doutor Thomas Altizer, entrevista com Wallace Henley.

Ibid, p. 284. Itálicos acrescentados.

Daniel 2:20-21.

Romanos 14:17.

Regime de valores é uma expressão usada por William Strauss e Neil Howe em *The Fourth Turning* (Broadway, 1997) para descrever as elites do *establishment* que instauraram precedente cultural e consenso.

Franklin, Benjamin. *Autobiography of Benjamin Franklin [Autobiografia de Benjamin Franklin]*. Filadélfia: J. B. Lippincott, 1869. p. 253.

Apocalipse 9:11.

Shirer. *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany*. p. 5.

1 João 4:3.

2 Tessalonicenses 2:8-9.

1 Samuel 16:7.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 292.

Ibid.

Jenkins, Philip. “The Next Christianity”, *The Atlantic*, 1o de outubro de 2002. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2002/10/the-next-christianity/302591/>.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 280.

Ibid.

1 Pedro 3:15.

Salmos 46:1-3.

Isaías 57:15.

Isaías 9:2.

Churchill. *Thoughts and Adventures [Pensamentos e aventuras]*. p. 19.

AGRADECIMENTOS

Um livro da magnitude como *Deus e Churchill* exige muito mais do que nossos conhecimentos e habilidades poderiam abarcar. Somos gratos às pessoas cujos esforços foram essenciais para a conclusão deste projeto. Agradecemos a Deus por despertar em Jonathan a ideia para estas páginas, semeando uma fascinação por Churchill em Wallace décadas atrás, e, em seguida, unindo-nos. O encorajamento e a tolerância de nossos cônjuges enquanto trabalhamos longas horas pesquisando e escrevendo merecem nossos mais profundos agradecimentos.

Especialmente sem a cuidadosa pesquisa de *Sir* Martin Gilbert, junto com a de outros estudiosos e escritores de Churchill, nossa missão se tornaria impossível.

Greg Johnson, nosso agente literário, rapidamente incorporou a paixão por *Deus e Churchill* e nos encorajou sempre a "nunca dar o braço a torcer". Jan Long Harris, editor da Tyndale Momentum, expandiu nossa ideia de comunicar a dimensão espiritual de Churchill a um público tão amplo quanto possível. Sarah Atkinson, diretora de aquisições, e Jillian Vande Wege, editora de aquisições, conheciam as perguntas certas para destacar elementos que, de outra forma, talvez negligenciássemos. Nancy Clausen, diretora sênior de marketing, e Cassidy Gage, gerente de marketing, surpreenderam-nos com a concepção de levar *Deus e Churchill* a um amplo público leitor. O trabalho de Sharon Leavitt como gerente sênior de comunicações nos ajudou a manter *links* com toda a equipe da Tyndale. O editor sênior Dave Lindstedt trouxe sua competência profissional para a edição do manuscrito, e, juntamente com o *copyeditor* associado Kevin McLenithan, nos ajudou a aprimorá-lo e moldá-lo. O diretor de arte Stephen Vosloo e sua equipe enviaram excelentes ideias e energia criativa para o design gráfico do livro. Também somos gratos a Nancy Tighe, assistente administrativa de Wallace, por suas contribuições nos bastidores do projeto.

SOBRE OS AUTORES

Jonathan Sandys é um orador público internacional sobre a vida, a época e a liderança de seu bisavô, *Sir* Winston Churchill. Nos últimos dez anos, ele tem se empenhado para dar continuidade ao legado de Churchill e mantê-lo vivo para as futuras gerações.

Enquanto ministrava palestras nos Estados Unidos e na Europa, Jonathan se convenceu da necessidade de reconquistar o espírito de "nunca se renda!" de Churchill, trazendo-o à nossa época – o mesmo espírito que seu bisavô incutiu na Inglaterra, na Europa e na América durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 2010, ao ler sobre as muitas experiências que quase resultaram em tragédia, e de vida ou morte de Winston Churchill, Jonathan começou a perceber um padrão que lhe despertou algumas dúvidas: Como tudo aquilo foi possível? Como Churchill sobreviveu? Havia alguma coisa mais do que sorte ou coincidência nos acontecimentos da vida de Churchill? Essas questões se tornaram a base da pesquisa de Jonathan com Wallace Henley para *Deus e Churchill*: *Como os propósitos divinos marcaram a vida desse grande líder e a História.*

Jonathan lançou um *blog – Never Surrender!* (Nunca se renda!) – focado nas lições de vida de seu bisavô, no qual também traça paralelos entre os acontecimentos de ontem e de hoje.

Jonathan e sua esposa, Sara, organizam *tours* denominados "A Grã-Bretanha de Churchill", levando os visitantes aos bastidores de muitos locais que foram relevantes na vida de Winston Churchill. Eles moram em Houston, Texas, com o filho, Jesse.

Siga Jonathan on-line:

Blog: http://churchillbulletin.com
Facebook: http://facebook.com/wscspeaker
Twitter: http://twitter.com/jonathansandys
LinkedIn: http://linkedin.com/in/jmesandys

Para uma citação diária de Sir Winston Churchill, visite <http://twitter.com/churchillquote>.

Wallace Henley fez carreira no jornalismo, na política, no universo acadêmico e na igreja. Essa trajetória lhe proporcionou envolvimento direto com muitos dos principais acontecimentos do mundo moderno, desde o movimento pelos direitos civis dos anos de 1960, passando pela turbulência da Casa Branca na era Nixon e as guerras culturais contemporâneas, um assunto frequente das colunas de Henley no *Christian Post*.

A paixão de Henley por aprender sobre Churchill começou enquanto trabalhava na Casa Branca. Henley é pastor associado sênior na segunda Igreja Batista de Houston, com 67 mil membros. Ele é casado com Irene há 53 anos e tem dois filhos, seis netos e um bisneto.

www.gruponovoseculo.com.br

#Novo Século nas redes sociais